OS DIÁRIOS DE LANGSDORFF

Volume I

Rio de Janeiro e Minas Gerais

8 de maio de 1824 a 17 de fevereiro de 1825

Organizador

DANUZIO GIL BERNARDINO DA SILVA

Editores

BÓRIS N. KOMISSAROV

HANS BECHER

PAULO MASUTI LEVY

DANUZIO GIL B. DA SILVA

MARCOS P. BRAGA (In Memoriam)

OS DIÁRIOS DE LANGSDORFF

Volume I

RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS

8 de maio de 1824 a 17 de fevereiro de 1825

organizador

DANUZIO GIL BERNARDINO DA SILVA

editores

BÓRIS N. KOMISSAROV
HANS BECHER
PAULO MASUTI LEVY
DANUZIO GIL B. DA SILVA
MARCOS P. BRAGA *(In Memoriam)*

co-edição

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LANGSDORFF
CASA DE OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ
EDITORA FIOCRUZ

apoio

FUNDO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE/
MINISTÉRIO DE MEIO AMBIENTE,
RECURSOS HÍDRICOS E AMAZÔNIA LEGAL

1997

AIEL - **Associação Internacional de Estudos Langsdorff**
endereço para correspondência
R. Meteoro, 106 - Jardim do Sol
13085-835 - Campinas SP - Brasil

Editora Fiocruz
endereço para correspondência
R. Leopoldo Bulhões, 1480 - Térreo - Manguinhos
21041-210 - Rio de Janeiro RJ - Brasil

Casa de Oswaldo Cruz
endereço para correspondência
Av. Brasil, 4365 - Manguinhos
21040-360 - Rio de Janeiro RJ - Brasil

Tiragem: 2.500 exemplares

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA FACULDADE DE
BIBLIOTECONOMIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS - PUCCAMP

D529
v.1

Os Diários de Langsdorff / org. Danuzio Gil Bernardino da Silva; tradução Márcia Lyra Nascimento Egg e outros; editores: Bóris N. Komissarov e outros. - Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.
3v.: il.

Conteúdo: v.1 Rio de Janeiro e Minas Gerais - v.2. São Paulo - v.3. Mato Grosso e Amazônia.
ISBN 85-86515-02-7
1. Expedição Langsdorff. 2. Langsdorff, Georg Heinrich, 1774-1852. 3. Expedições científicas ao Brasil. 4. História do Brasil. I. Silva, Danuzio Gil Bernardino da.

CDU - 910.4(81)
CDD - 508.81
981

Índice para Catálogo Sistemático:

Expedição Langsdorff	508.81
Expedições científicas ao Brasil	508.81
História do Brasil	981

equipe técnica

ORGANIZAÇÃO

Danuzio Gil Bernardino da Silva

EDITORES

Bóris N. Komissarov
Hans Becher
Marcos Pinto Braga *(In Memoriam)*
Danuzio Gil B. da Silva
Paulo Masuti Levy

TRADUÇÃO, REVISÃO E COTEJAMENTO

Márcia Lyra Nascimento Egg
Victória Naméstnikov El Murr
Guilherme Mendes Conceição
Maria Pontes S. Campos Rodrigues
Sátia Marini
Miguel Araújo de Matos
Jordino A. dos Santos Marques
Hans Becher
Renate von Rappard
René F. Egg Jr.

DIGITAÇÃO E REVISÃO

Washington Tadeu Proença
Maria Estela Rafael de Góes
Armando Maeno
Dirce Cesar
Adriana de Góes Coelho
Diamantino C. de Magalhães
Marisa Aparecida Martins Maeno

FOTOS E ILUSTRAÇÕES

Celso Palermo
Tennyson T. Takeda
Tereza Cristina Florence Goedhart
Cláudio Luiz Palermo

INDEXAÇÃO

Ana Rosa Cloclet

PROJETO GRÁFICO

Cia Aluminis Editora
Daniele Zandoná
Washington Tadeu Proença
Luciene Teixeira Maeno

Diretoria da AIEL

Presidente: Bóris Komissarov
Coordenador de Estudos e Projetos: Danuzio Gil Bernardino da Silva
Coordenador Administrativo: Hans Becher
Coordenador Financeiro: Paulo Masuti Levy
Coordenador Santos: Birgit S. Fenzel
Coordenador Petrópolis: Antonio E. A. Taulois
Coordenador Rio de Janeiro: Carlos Francisco Moura
Coordenador Niterói: Francisco T. Albuquerque
Coordenador Belo Horizonte: Beatriz R. de Magalhães
Coordenadores Regionais São Paulo: Victória Naméstnikov El Murr
Lúcia Ferreira Riedel

Este livro é dedicado a Georg Heinrich von Langsdorff, ao seu trabalho científico e ao significado deste, para a cultura brasileira.

Agradecimentos

Tantas pessoas, instituições e governos colaboraram com este empreendimento que a simples menção de alguns, fatalmente, incorreria na injustiça de não citarmos muitos.

Do Governo Imperial Russo, que no primeiro quartel do século XIX financiou as pesquisas de Langsdorff, à Academia de Ciências Russa de São Petersburgo que conservou o seu acervo; do Império Brasileiro que autorizou e auxiliou em suas viagens, ao Governo Brasileiro, que hoje, através do Ministério de Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal patrocina esta obra; milhares de pessoas, instituições, universidades, empresas privadas colaboraram, cada qual à sua maneira, para que estes diários fossem publicados, e mais que isso, auxiliaram a abrir definitivamente as portas do grande e importante acervo de documentos, ainda inéditos, da Expedição Langsdorff. Este acervo, se constituirá num expressivo painel cultural, histórico, econômico, ambiental e social do Brasil da primeira metade do século XIX.

Inúmeros os pesquisadores e colegas a agradecer e um em especial a lembrar, Marcos Pinto Braga, nosso companheiro de ideais, de quem com carinho lembramos nesse momento, pela sua importância fundamental nessa luta.

É importante ainda agradecer a todas as empresas privadas que auxiliaram nesse projeto, ficando aqui, no agradecimento especial ao Diretor Presidente das empresas SIEMENS, Dr. Hermann H. Wever, uma homenagem a todos os que acreditaram e investiram em nosso trabalho.

À valorosa equipe de tradutores, pesquisadores e artistas, voluntários ou remunerados que dedicaram tempo de suas vidas para tornar realidade esta publicação.

Aos associados que com seu trabalho fizeram nossa AIEL crescer e ser, a cada novo dia, uma entidade cultural e científica mais respeitada.

A Fundação Oswaldo Cruz, através da Casa de Oswaldo Cruz, nosso parceiro de primeira hora nessa luta, bem como da sua editora, co-patrocinadores e partícipes desta aventura.

Ao Fundo Nacional de Meio Ambiente, e sua equipe, que com seu decisivo apoio, viabilizaram esta obra.

Longe de terminar na publicação desses volumes, nosso trabalho continuará ainda por muito tempo, na divulgação e publicação de todo o acervo e dos resultados das pesquisas.

Langsdorff e a Fiocruz

Paulo Gadelha - Diretor da Casa de Oswaldo Cruz

O percurso entre a produção de registros documentais pela expedição de Georg Heinrich von Langsdorff ao Brasil, no primeiro quartel do século XIX, e sua abertura ao público pesquisador na então União Soviética a partir de 1930 e, somente agora no Brasil - quase no final do século XX -, parece querer repetir a dimensão heróica que caracterizou a própria realização daquela atribulada viagem científica.

Se, no caso russo, este caminho envolveu o desaparecimento por mais de cem anos, tanto dos diários, em parte publicados neste volume, como dos demais documentos, sua vinda para o Brasil resulta, principalmente, do trabalho dedicado de Boris Komissarov e Marcos Pinto Braga. Foram eles que lideraram na URSS o trabalho meticuloso de identificação, catalogação e produção de reproduções micrográficas dos materiais trazidos ao nosso país pela Associação Internacional de Estudos Langsdorff (AIEL), no final da década de 80.

A busca de parceiros que permitissem duplicar a coleção de microformas, de modo a possibilitar sua permanência, preservação e uso no Brasil, além da expectativa de realizar projetos acadêmicos e editoriais suscitou o encontro dos profissionais da AIEL com a Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, centro de pesquisa e documentação nos campos da história da ciência biomédica e da saúde.

Chamou-nos a atenção, em nossos primeiros contatos, o contraste entre a relevância do material reunido e a visibilidade que as iniciativas da AIEL alcançavam junto aos meios institucionais e à imprensa, e as dificuldades em conseguir o apoio necessário, inclusive para as tarefas urgentes de preservação da coleção.

A identidade de propósitos entre nossas instituições levou-nos, de imediato, a estabelecer uma ação conjunta voltada para a duplicação do acervo e a garantia de condições para sua acessibilidade. Hoje, a Casa de Oswaldo Cruz mantém sob sua guarda, disponíveis à consulta, entre outros materiais que integram a Coleção AIEL, cópias da totalidade dos documentos reunidos pela expedição ou a ela associados, a produção científica de seu líder e demais participantes, assim como material secundário sobre a trajetória de G. H. von Langsdorff recentemente

produzido.

Desde o início de nossas atividades conjuntas, sonhávamos com um projeto acadêmico e editorial à altura da significação desse conjunto de fontes. Portanto, foi grande nossa satisfação quando Bóris Komissarov e Danuzio Gil Bernardino da Silva anunciaram a realização de um rigoroso e abrangente trabalho visando publicar os Diários de Langsdorff relativos a sua Expedição no Brasil. Como um caminho natural, naquele momento firmamos nova parceria, de maior fôlego, apoiando a publicação dos primeiros volumes. Nossa expectativa é a de participar mais ativamente na edição dos próximos.

Apresentação

Danuzio Gil Bernardino da Silva

Até o presente momento, conhecíamos a História da Expedição Langsdorff ao interior do Brasil, através da publicação de uma das variantes das anotações de Hércules Florence e pelos trabalhos publicados de diversos cientistas, principalmente nossos colegas, Bóris Komissarov e Hans Becher.

Conhecíamos também muitas fantasias e mitos sobre esta viagem e tudo o que nela aconteceu.

Por isso, é bom conhecer a aventura, pela visão de quem a planejou, organizou e desenvolveu.

Georg Heinrich von Langsdorff foi um daqueles homens cuja presença, importância e significado continuam a repercutir, mais de um século após sua morte.

Acreditamos que a publicação destes diários, servirá para demonstrar o verdadeiro papel de Langsdorff na história e na cultura brasileiras.

É importante destacar que estes diários, são apenas uma pequena parte do conjunto de documentos que compõe o acervo da Expedição Langsdorff.

O primeiro volume dos diários, refere-se às viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais e o segundo à São Paulo, vindo agora a público. O terceiro, referente a Mato Grosso e Amazônia deverá ser lançado em 1997/1998.

Para que isso pudesse acontecer, um trabalho imenso foi realizado:

1. a recuperação, na forma de microfilme, dos acervos brasileiro e russo, da documentação pesquisada e gerada pelos integrantes da Expedição Langsdorff;

2. o trabalho de organização e preservação desse acervo em instituições públicas;

3. a realização de convênios internacionais e nacionais de suporte à pesquisa;

4. a tradução e o cotejamento dos manuscritos.

Enfim, um trabalho de décadas, envolvendo uma infinidade de pesquisadores em vários países.

A publicação dos Diários de Langsdorff é, não somente o resgate de uma história única e significativa para a cultura brasileira, mas uma necessidade científica; pois é por seu intermédio que poderemos conhecer um pouco mais de toda essa magnífica documentação e desenvolver uma série de pesquisas nos mais diversos campos da ciência.

Como todo diário, é composto de anotações, observações e fragmentos do cotidiano. E é exatamente essa visão fragmentar que compõe um mosaico de sua época.

A primeira vez que li estes diários, não pude deixar de sentir-me um intruso, observando por sobre os ombros, a maneira nervosa e ao mesmo tempo exigente da escrita de Langsdorff. Era como se olhasse a intimidade de suas anotações. Mas essa sensação logo deu lugar a certeza da necessidade de nosso trabalho.

Quando Langsdorff dirige-se a nós, seus leitores, em suas anotações, com certeza pensava em pessoas que no futuro teriam acesso e leriam seus diários. São várias as passagens onde ele refere-se a seus prováveis leitores, tecendo considerações sobre diversos assuntos.

São essas passagens, acredito, romperam minha angústia inicial de estar violando a integridade de um documento íntimo de outra pessoa, a sensação de estar olhando por sobre os ombros de quem escrevia, perscrutando sua intimidade.

Não é tão simples para um historiador coordenar um trabalho destes, nem organizá-lo para publicação, nem tão fácil controlar um inevitável orgulho por realizá-lo. Os documentos, diários, anotações, trabalhos científicos, acervos iconográficos, botânicos, etnográficos, zoológicos, de naturalistas que visitaram o Brasil no Século XIX, são ainda hoje fonte de referência para inúmeras pesquisas.

Muitos destes documentos foram publicados ainda no século XIX, e outros em nossos dias, constituindo um importante acervo sobre o Brasil. A documentação gerada pela Expedição Langsdorff, se constitue hoje, numa das últimas coleções de documentos "clássicos" sobre a história do Brasil, ainda inéditos. E a pequena contribuição que apresentamos, é no sentido de preencher esta lacuna.

Nossa expectativa, como já observamos, é de que estes diários,

sirvam como ponto de partida para que muitos pesquisadores desenvolvam suas pesquisas com este acervo, hoje disponível na forma de microfilmes na AIEL, FIOCRUZ, UNB e UNICAMP.

O acervo como um todo, e estes diários são uma pequena amostra disto, interessam aos mais diversos pesquisadores: botânicos, antropólogos, zoólogos, historiadores, sociólogos, economistas, etnólogos, linguistas, geólogos, ecólogos, geógrafos, entre outros.

Tendo em vista essa diversidade, cabem algumas considerações importantes.

Convidamos alguns colegas de variados ramos da ciência para colaborar, comentando, e preparando uma visão crítica destes documentos. Esta colaboração expontânea gerou algumas notas no primeiro volume, além de algumas breves, mas importantes considerações. Este trabalho, ampliado, resultará num quarto volume somente dedicado a artigos com análises críticas dos diários e de outros documentos que compõe o acervo.

Julgo particularmente importante, uma análise crítica e um estudo comparativo do ponto de vista ambiental desta documentação, em função da importância de suas informações sobre ecossistemas hoje degradados.

Logo após as notas, que nossos colegas pesquisadores e tradutores prepararam, segue entre parênteses, as iniciais de seu autor: (JRS) João Renato Stemahnn, (NT) Nota dos Tradutores, (SFMF) Silvia F.M. Figueiredo, (GCC) Geraldo Ceni Coelho, (H.B.) Hans Becher.

Como Langsdorff era médico de formação, suas informações botânicas, por vezes apresentavam erros de grafia, que foram corrigidos pelo nosso colaborador Prof. João Renato Stemahnn.

Os comentários e notas sobre botânica, foram realizados pelo Prof. Stemahnn e pelo Prof. Geraldo Ceni Coelho.

Comentários e notas sobre a questão da mineralogia, couberam a Profa. Silvia F. M. Figueiredo.

A série de notas produzidas por nossos colaboradores, por não fazer parte do original dos diários foram colocadas no final da obra.

É importante também, apresentar alguns detalhes do projeto gráfico.

Procuramos ilustrar o texto dos artigos introdutórios (informações

e comentários atuais que não fazem parte do corpo dos diários), com fotos P/B de locais e objetos de Minas Gerais, pertencentes ao universo espacial de 1824-25 (Igrejas, chafarizes, etc), por onde passou a Expedição Langsdorff.

Este ensaio fotográfico, ajudará o leitor, já nas páginas introdutórias, a se familiarizar com o ambiente descrito nos diários.

No corpo dos diários, colocamos uma série de fragmentos de ilustrações da época, realizadas pelos pintores contratados por Langsdorff: Rugendas, Taunay e Florence. Estas ilustrações estão na forma de fragmentos e pequenos trechos, como poderá observar o leitor, e não fazem parte do corpo original dos diários.

Langsdorff, no transcorrer dos diários, frequentemente refere-se a mapas, anotações e anexos, que apesar de não fazerem parte deste volume, encontram-se a disposição dos pesquisadores na AIEL, FIOCRUZ, UNB, UNICAMP.

No final do presente volume, é apresentado o único trecho dos diários, que Langsdorff elabora literariamente, e que nos dá uma significativa pista de como ele pensava redigir seu texto para publicação.

É preciso ainda dizer, que de uma maneira ou de outra, sentimo-nos solidários aos infortúnio vividos pelos membros dessa Expedição.

Inimagináveis foram os problemas e dificuldades encontradas para a realização deste trabalho. O tempo foi muitas vezes nosso inimigo.

A necessidade de um trabalho criterioso e o mais fidedigno possível, levou a Associação Internacional de Estudos Langsdorff a cercar-se de competentes profissionais, pagos e voluntários, de diversas partes do Brasil, além da Alemanha e Rússia.

É preciso destacar a dedicação e competência profissional de todos, e homenageá-los.

As competentes equipes de tradução, revisão e cotejamento, coordenadas pela Dra. Victória Naméstnikov El Murr, minha querida colega e amiga, e pela tradutora Márcia Hegg, uma das mais competentes profissionais que conheci, e que sem dúvida tornou esta publicação possível.

Os profissionais que elaboraram este belo projeto gráfico, que

dignifica e valoriza a qualidade das informações textuais.

Os colegas Boris Komissarov, Hans Becher e Paulo Masuti Levy pela sua competência profissional e dedicação à nossa Associação.

Os companheiros que já se foram, entre eles: Plínio Guimarães Moraes, Plínio Florence e Marcos Pinto Braga, nosso companheiro de Diretoria e fundador da AIEL.

As Universidades e Instituições que nos apoiaram em nossa caminhada e que tiveram importante papel no resgate dessa documentação para o Brasil, como a UNB, a UNICAMP, a FIOCRUZ, a UFF, a UFMT, a Universidade Estatal de São Petersburgo, entre outras.

As prefeituras das cidades de Magé, Campinas, Chapada dos Guimarães, entre tantas outras, que sempre nos acolheram e acreditaram em nossos projetos.

A Fundação Cultural de Barbacena. As Empresas SIEMENS e Vale do Rio Doce, entre outras, que sempre nos auxiliaram.

E importantíssimo destacar, a Academia de Ciências Russa, que conservou este magnífico acervo, e o Fundo Nacional de Meio Ambiente, que acreditou na importância desse projeto para a ecologia e para a cultura brasileiras.

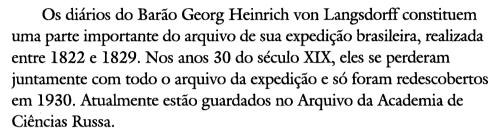
Aos colegas que colaboraram com artigos para esta publicação, em especial a Dra. Miriam Moreira Leite, que muito nos honra ao prefaciar esta obra.

Falando como organizador desta publicação, digo que procuramos realizar um trabalho cuidadoso e cercado de critérios profissionais. Estamos cientes de que nosso trabalho pode conter falhas, e portanto, abrimos a AIEL para todas as sugestões, colaborações e críticas construtivas. Elas são estimuladas e serão bem vindas. Procuraremos atender às críticas pertinentes nas próximas edições.

Enfim, entregamos agora aos leitores e pesquisadores, o resultado de um grande trabalho coletivo, fruto do ideal de alguns e do sonho de muitos.

As Viagens de Pesquisa de Langsdorff pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais

Hans Becher
Bóris N. Komissarov
Marcos Pinto Braga

Os diários do Barão Georg Heinrich von Langsdorff constituem uma parte importante do arquivo de sua expedição brasileira, realizada entre 1822 e 1829. Nos anos 30 do século XIX, eles se perderam juntamente com todo o arquivo da expedição e só foram redescobertos em 1930. Atualmente estão guardados no Arquivo da Academia de Ciências Russa.

Esses diários compõem-se de 26 cadernos de diferentes formatos e tamanhos, abrangendo 1.388 páginas. Não resta qualquer dúvida quanto à sua autenticidade: alguns contêm a assinatura de Langsdorff, e a letra dos textos é a mesma usada em conhecidas correspondências do cientista.

Langsdorff escreveu esses diários no campo, em circunstâncias dificílimas. Graças ao uso de tinta indelével, uma composição de pedra-infernal, goma-arábica e fuligem de pinheiro, grande parte dos diários está em boas condições. Só os textos escritos nos versos, para os quais ele utilizou tinta de matizes vegetais, estão borrados ou apagados. As observações escritas a lápis estão descoradas.

Trata-se de uma leitura difícil, tendo em vista que os diários foram escritos em alemão e em ortografia arcaica, vigente àquela época. Neles encontram-se desde frases acavaladas a abreviações. Existem também páginas escritas em português e em inglês e palavras isoladas em português, latim, línguas indígenas e francês. Além disso, Langsdorff utiliza freqüentemente abreviações e ortografias numa mistura de diversos idiomas. Igualmente complicada é a leitura das frases escritas nas entrelinhas.

Os diários brasileiros de Langsdorff têm início no dia 8 de maio de 1824 e terminam em 20 de maio de 1828, isto é, desde a partida para Minas Gerais até o momento dos terríveis ataques febris durante a viagem com seus companheiros pelo rio Juruena. Esses foram os primeiros sintomas da doença que, mais tarde, provocaria a perda total

da memória. A partir de 20 de maio de 1828, cessam os registros em diário, conforme ele mesmo relata em sua carta de 18 de maio de 1829, dirigida a Karl Nesselrode, Ministro das Relações Exteriores da Rússia.

É importante registrar que Langsdorff já havia escrito diários antes dessa data inicial de 8 de maio de 1824, e que existem lacunas no período mencionado. Supõe-se que ele tenha escrito um diário no período de setembro a dezembro de 1822, por ocasião de sua viagem a Nova Friburgo, considerando-se que ele menciona, em um manuscrito, o fato de não ter feito nenhuma anotação em diário no período de 9 de dezembro de 1822, dia de seu regresso dessa viagem, a 8 de maio de 1824. Todavia, essa suposição não pôde ser confirmada totalmente, pois, em correspondência oficial de 6 de abril de 1823, a Nesselrode, ele registra que, em conseqüência de uma doença, “nem conseguia redigir o diário”.

Durante o período de sua permanência no Rio de Janeiro, de 17 de fevereiro a 26 de agosto de 1825 e de 22 de fevereiro a 05 de abril de 1826, Langsdorff preparou-se para novas viagens, mas não escreveu mais em diário. As primeiras páginas do Caderno nº 21 contêm a letra de Wilhelmine von Langsdorff, que assumiu os registros que abrangem o período de 05 de abril a 20 de junho de 1826. Resta saber se Wilhelmine é a autora do manuscrito ou se seu marido lhe ditava o texto. Durante sua permanência em Mato Grosso, de novembro de 1826 a junho de 1828, Langsdorff só fazia anotações detalhadas quando se ocupava com pesquisas de campo. No entanto, todos os lugares visitados nessa região estão minuciosamente registrados, de forma que dispomos, atualmente, da principal parte dos diários de viagem escritos por Langsdorff no Brasil, durante os anos de 1824 a 1828.

Em 1936, o filólogo V. A. Egerov foi convidado por Noema Sprintsin para transcrever os textos dos diários. Ele foi o primeiro cientista a assumir essa árdua tarefa, tendo se encarregado dos diários das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Nos anos 40 e 60, Maria Krutikova examinou os textos decifrados por Egerov e finalizou o trabalho em todos os demais diários. Nos anos 70, Dimitrij E. Berthels leu cuidadosamente todos os textos mais uma vez, fazendo as devidas correções.

A publicação dos Diários na língua portuguesa foi possível graças a uma série de fatores. Senão vejamos:

Há 20 anos, existe uma bem-sucedida cooperação alemã-russo-brasileira no âmbito dos Estudos Langsdorff. Ela teve início em 1974 com o I° Seminário Internacional de Langsdorff, na outrora cidade de Leningrado, hoje São Petersburgo, para o qual foi convidado o Sr. Boris N. Komissarov, sócio-fundador e presidente da Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Em 1988, teve lugar o II° Seminário Internacional, em São Paulo, em 1990; o III°, em Hamburgo; e, em 1992, o IV°, em Petrópolis. Além disso, surgiram várias publicações, que contribuíram para que as pesquisas de Langsdorff tivessem grande repercussão nos respectivos países.

O primeiro volume abrange os diários de 08 de maio de 1824 a 17 de fevereiro de 1825, dedicados à viagem de pesquisa nas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais (Cadernos n°s 1 a 17). O segundo volume reporta-se ao período de 26 de agosto de 1825 a 22 de novembro de 1826, em São Paulo (Cadernos n°s 18 a 20 e parte do Caderno n° 21). O terceiro volume começa em 22 de novembro de 1826 e termina em 20 de maio de 1828, período em que percorreu as Províncias de Mato Grosso e Amazonas (parte do Caderno n° 21 e Cadernos n°s 22 a 26). O quarto volume conterá comentários e artigos científicos com análises sobre os assuntos abordados nos diários: história, etnologia, botânica, zoologia, mineralogia, história da Medicina e diversos outros ramos da Ciência.

O presente volume abrange a viagem do Rio de Janeiro até a região limítrofe de Diamantino, em Minas Gerais. Gostaríamos de registrar o importante auxílio da Sr^a^ Renate von Rappard, tataraneta do Barão Georg Heinrich von Langsdorff, a quem dedicamos nossos agradecimentos.

Texto originalmente escrito para uma primeira edição alemã dos Diários de Langsdorff, que ainda não foi publicada

As Relações Diplomáticas e Comerciais entre Rússia e Brasil na Época de Langsdorff

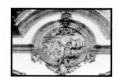
Bóris N. Komissarov

Diferente de outros cientistas e naturalistas que durante o século XIX viajaram, descreveram e reuniram coleções científicas no Brasil, Langsdorff também exercia funções consulares e diplomáticas no Rio de Janeiro, a serviço do governo russo.

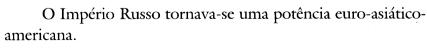
Por iniciativa de Petr I, no final do Século XVII, começaram reformas radicais na Rússia. Essas reformas, é importante destacar, possibilitaram mais tarde o êxito da carreira russa de Langsdorff, assim como de sua expedição científica pelas Províncias de Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Pará; iniciativas financiadas pelos imperadores Aleksandr I, e posteriormente Nikolaii I.

Essas reformas reestruturaram a política interna e externa, e todos os domínios da cultura; em função dela surgiu um novo exército e foi construída a frota marítima russa.

Saindo vencedora das guerras com a Suécia, a Rússia fixou-se nas margens do mar Báltico. Foi no tempo de Petr o Grande, que a Rússia proclamou-se Império e construiu a sua nova capital, São Petersburgo. Dessa forma, a Rússia tomava um contato mais estreito com a Europa, sua arquitetura, pintura, música, literatura, ciência, manufaturas, artesanato, construção de navios, com os seus diversos modos de vida, costumes e línguas. Para a Rússia dirigiram-se holandeses, alemães, ingleses, franceses e italianos, com o seu espírito empreendedor.

O processo de assimilação da cultura ocidental também aproximou a Rússia da América, essa "enorme colônia da Europa".

No século XVIII, tendo a Rússia, conquistado a Sibéria e ocupado o Extremo Oriente, tinha sob seu domínio terras no Alasca e possuía algumas ilhas adjacentes.

Em 1799 foi fundada a Companhia Russo-Americana, que controlava imensos territórios no Noroeste do Continente Americano. Surgia assim a América Russa.

O Império Russo tornava-se uma potência euro-asiático-americana.

Até o início do século XIX, o Brasil não tinha para a Rússia grande importância econômica e política. Isso não quer dizer que os russos ignorassem por completo este país. Nas edições russas do século XVIII, o tema Brasil esteve presente com certa regularidade. Havia dados sobre o Brasil em manuais e livros para crianças, dedicados à Geografia e História; na imprensa, onde se publicavam matérias da imprensa holandesa, alemã e inglesa; nos livros com descrições de viagens de Charles de La Condamine, Georg Anson, James Cook, e, finalmente, nas obras traduzidas de literatura artística que se poderiam denominar "Robinsoniade".

O primeiro russo a visitar o Brasil, que se tem notícia, foi Nikifor Poluboiarinov (1763). Nikifor era oficial inferior da frota militar e praticante no navio inglês "Speaker". Mas não passou muito tempo e a Rússia desembarcava no Brasil seus numerosos representantes.

Desde 1803 começaram as regulares viagens de circunavegação dos navios russos, que tinham como um dos objetivos, ligar São Petersburgo com a América Russa. A baía do Rio de Janeiro tornou-se a escala constante e predileta neste percurso. Os interesses de navegação não tardaram em combinar-se com os comerciais, além dos políticos, que fizeram que a Rússia, finalmente, voltasse seu olhar para o Brasil.

Em 1807, Alexsandr I assinou com Napoleão o Pacto de Tilsit e uniu-se ao bloqueio continental da Inglaterra. Interromperam-se então, as tradicionais ligações econômicas russo-inglesas, de grande importância para a Rússia; cessou a exportação para a Inglaterra de cereais e ferro russos, e a importação dos produtos tropicais efetuada pelos ingleses. Nestas condições a Rússia tentou ativar o comércio com os países da Ásia, com os Estados Unidos, com as repúblicas da América do Sul, então em guerra com a Espanha, e, é claro, também com o Brasil, onde estava estabelecida desde 1808 a corte dos Bragança.

Um partidário do desenvolvimento do comércio com o Brasil era o conde Nikolai Rumiantsev, que ocupava desde 1809, o posto de Chanceler do Império. Com o começo da guerra de 1812, São Petersburgo e Rio de Janeiro eram participantes do mesmo campo estratégico-militar, o anti-napoleônico. Para a capital brasileira foi enviado como Ministro Plenipotenciário Fedor Pahlen, e estabelecido o Consulado Geral, que Langsdorff assumiu em 1813.

Os representantes russos eram, então, muito populares no Rio de Janeiro.

"O êxodo dos franceses de Moscou, - escrevia Pahlen a Rumiantsev, - tinha já preparado os espíritos para a vitória dos exércitos russos, mas os seus êxitos superaram em tal medida, todas as esperanças, que o júbilo popular aqui era, provavelmente tão grande como na Rússia". No teatro São João representava-se um drama com tema da história da Rússia - "Pedro o Grande e Catarina".

Langsdorff fazia o possível para fomentar o comércio dos mercadores russos no Brasil. Ele escrevia que lá encontrariam ferro, lona, resina, breu (pez), cordame de navio. Traçou ainda, uma proposta de gráfico (horário) para os navios mercantes russos que partiam desde os portos bálticos até o Rio de Janeiro. Em 1814-1815, os primeiros a chegar trazendo mercadorias, foram o "Suvorov", que pertencia a Companhia Russo-Americana, o "Patriarkh", o "Henry" e o "Dvina" enviado de Arcangel pelo poderoso comerciante Wielhelm Brandt, o "Json" de Riga, o "Petr" de Narva.

Quatro alunos da Escola Comercial de São Petersburgo, faziam estágio junto ao Consulado Geral no Rio de Janeiro, e exigiam muitos cuidados de Langsdorff. Um deles, Petr Kielchen, demonstrava grande capacidade e interesse para os negócios. Langsdorff começou a criar uma rede de estabelecimentos consulares no Brasil. Em Salvador recebeu o cargo de vice-cônsul Francisco Ribeiro Pessoa, e em Nossa Senhora do Desterro (hoje Florianópolis-SC) Duarte de Souza.

Também compartilhava o ideal do desenvolvimento do comércio com o Brasil, o cônsul-geral da Rússia na Ilha da Madeira, Franz Borel. A Capitania de Pernambuco entrava no seu distrito consular. Em 1816, graças a ele, estabeleceu-se, no Recife, o consulado russo dirigido por Joaquim Monteiro.

Depois da partida de Pahlen em 1814, Langsdorff exerceu também as funções de encarregado de negócios. A estréia diplomática do cônsul-geral prolongou-se até maio de 1815, quando ele foi substituído por Alekseii Sverchkov, o qual se tornou, rapidamente, um favorito da Corte dos Bragança.

Até início de 1816, Langsdorff ainda não fazia planos futuros de sua vida no Brasil, mas depois tudo mudou. Em dezembro de 1815, foi criado o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve. Na corte já não se falava sobre o regresso à Europa. O Rio de Janeiro deveria ficar, por um tempo indefinido, a capital dos Bragança. O Brasil tornava-se assim, a segunda pátria de Langsdorff.

Em 1816, Langsdorff comprou a Fazenda da Mandioca, localizada ao fundo da baía da Guanabara (hoje município de Magé-RJ).

Uma excelente biblioteca, maravilhosas coleções de objetos naturais, e principalmente, o afável dono, atrairiam para a Mandioca, e para a sua casa no Rio de Janeiro, muitos homens de ciência europeus, e também os participantes das viagens de circunavegação russas.

Desde junho de 1817, até setembro de 1819, Langsdorff voltou a exercer também as funções de encarregado de negócios, já que o novo embaixador, Petr Balk-Polev, que havia chegado em outubro de 1816, mostrou-se incapaz de cumprir esta missão.

Por falta de experiência diplomática, Balk-Polev apoiou abertamente a posição pró-espanhola na contenda entre Rio de Janeiro e Madri ligada com Banda Oriental. Também não revelava nenhum interesse pelo comércio russo-brasileiro, agravando as relações com o poderoso ministro Antônio Araújo (conde Barca), além disso, violou grosseiramente a etiqueta numa audiência com D. João VI. Finalmente Balk-Polev foi acusado de desacato e, junto com Sverchkov, então conselheiro da missão, abandonou o Rio de Janeiro.

O novo dirigente da representação diplomática russa na capital brasileira foi Fedor Tuyll van Seroskerken, homem inteligente e culto. Porém em maio de 1821, ele partiu para Europa acompanhando a Corte.

O único representante russo no Rio de Janeiro passou a ser o aluno de Langsdorff, Kielchen, nomeado vice-cônsul ainda em 1818. O próprio Langsdorff tinha embarcado para a Rússia, com o objetivo de organizar sua Expedição.

Em março de 1822, acompanhado dos futuros participantes da Expedição e de quase duas dezenas de famílias de artesãos alemães, Langsdorff voltou ao Brasil. Planejava instalar essas famílias em suas terras na Fazenda da Mandioca. Essa experiência de Langsdorff foi uma das pioneiras na introdução de imigrantes estrangeiros no Brasil, ainda naquela época, um país escravocrata.

Langsdorff compreendia perfeitamente que os dias do regime colonial no Brasil estavam contados. "Me parece que já está muito próximo o tempo em que o Brasil se separará para sempre da Metrópole, - escrevia para São Petersburgo no mês de julho. - Dá-se conta demais da sua grandeza e os seus habitantes nunca mais consentirão ser governados pelas idéias exaltadas das Cortes portuguesas".

Langsdorff simpatizava com a independência brasileira e propôs, em agosto, ao ministério russo de negócios estrangeiros, adiar a Expedição e tomar sobre si, como antes, as obrigações diplomáticas.

A 7 de setembro soou o Grito do Ipiranga, e a 12 de outubro o Príncipe regente Dom Pedro foi proclamado Imperador. O governo de São Petersburgo considerou este ato como uma sublevação contra Dom João VI. A Rússia não reconheceu o novo Império. No Rio de Janeiro encontrava-se somente o ministro da Áustria, junto a esposa de Dom Pedro, Dona Leopoldina, filha do Imperador Franz I. Langsdorff tratava de evitar contatos com o governo brasileiro, desejando dedicar-se exclusivamente à Expedição. Mas ele não se atrevia a sair da Província do Rio de Janeiro. No Brasil desencadeava-se a luta pela independência. Na Bahia, Maranhão, Pará, também em Montevidéu, que então pertencia ao Brasil, ainda encontravam-se guarnições portuguesas.

Em setembro - dezembro de 1822 a Expedição explorou as imediações de Nova Friburgo. Em 1823, as excursões com fins científicos só se efetuavam nas localidades adjacentes a Mandioca. Langsdorff continuava a evitar contatos com os representantes da administração brasileira, fazia o possível para não aparecer na capital. Para viajar pelas regiões do interior, entretanto, era necessário obter uma permissão especial do governo, ajuda para receber crédito, privilégios alfandegários, etc.

Além disso, no Rio de Janeiro estavam em conflito o governo de José Bonifácio, que representava os interesses dos brasileiros, principalmente intelectuais e fazendeiros, e a corte imperial, que refletia as pretensões dos portugueses, na sua maioria pessoas próximas a Pedro I, funcionários e comerciantes. O próprio imperador ocupava uma posição ambígua, aderindo ora a uma, ora a outra parte.

Em 1822, quando as Cortes de Lisboa insistiam na conservação do estatuto colonial do Brasil, o Imperador apoiava-se nos patriotas brasileiros. Mas em junho de 1823, quando sofreram derrota os constitucionalistas portugueses, Dom Pedro I começou a inclinar-se para o campo oposto.

Em julho José Bonifácio foi demitido, em novembro dissolvida a Assembléia Constituinte, e o ex-primeiro ministro, junto com os seus irmãos, teve que abandonar o país. Langsdorff admirava José Bonifácio como político e homem de ciência - minerólogo, e era por ele auxiliado na

realização da sua tentativa de colonização alemã na Mandioca. Estes acontecimentos políticos fizeram Langsdorff adiar a sua viagem.

Ao mesmo tempo, aumentava o prestígio da Rússia na corte de Pedro I. Compreendia-se que a situação na Europa era definida, em alto grau, por Aleksandr I, fundador da Santa Aliança. Uma após outra foram liquidadas as revoluções na Itália, na Espanha, e finalmente em Portugal. O Rio de Janeiro desejava contatos políticos com São Petersburgo, que no entanto, mantinha-se na sua antiga posição.

Criou-se assim uma situação favorável, em que Langsdorff, interessava muito ao governo brasileiro.

Em 1824, ele considerou finalmente, ser possível empreender a viagem ao interior do país e recebeu o apoio necessário do Imperador brasileiro. Mas naquele tempo a situação financeira e política no Brasil restringia a escolha do itinerário. Não havia dinheiro para a investigação da Amazônia. Na fronteira Sul não cessavam conflitos militares com os uruguaios. As províncias do Nordeste, estavam em oposição ao Governo. Langsdorff escolheu então a Província de Minas Gerais.

Depois da viagem, a Expedição retornou para a Mandioca em fevereiro de 1825. Pouco depois o ministro do Exterior Luís José de Carvalho e Melo comunicou a Langsdorff que Luís de Souza Dias fora designado para a Rússia como encarregado de negócios, e pediu-lhe cartas de recomendação. Esta ação unilateral pôs numa situação difícil o cônsul-geral da Rússia, mas Langsdorff decidiu não recusar a sua ajuda ao ministro.

O isolamento internacional do Brasil terminava. O reconhecimento do jovem Império na Europa, teve lugar em 1825. Quem desempenhou o principal papel neste processo foi a Inglaterra, que gozava de tradicional influência na Corte dos Bragança. A 30 de abril de 1824, o filho menor do Rei de Portugal, o príncipe Dom Miguel, provocou, em Lisboa, um levante contra o seu pai. A Inglaterra apoiou Dom João VI, evitando que ao trono de Portugal subisse Dom Miguel, conhecido pelas suas tendências anti-inglesas, e o levante foi derrotado.

Os ingleses esperavam que depois da morte do seu pai, Dom Pedro reunisse nas suas mãos as coroas portuguesa e brasileira, e em Lisboa, tal como nos anos 10, o poder pertencesse a Junta de Regência, dependente de Londres. Para realizar esse projeto era preciso reconciliar o pai e o filho primogênito, elaborando um pacto luso-brasileiro. O

Pacto foi assinado a 29 de agosto de 1825 por intermédio do diplomata inglês Charles Stuart.

Portugal foi o primeiro a reconhecer o Império Brasileiro. Depois, em outubro, reconheciam-no também a Inglaterra e França, e em dezembro, a Áustria. A Rússia, entretanto, não demonstrava interesse em modificar a sua atitude face ao Rio de Janeiro.

Langsdorff recebeu uma severa reprimenda por sua carta de recomendação, e Souza Dias nunca chegou a São Petersburgo. O Imperador russo desejava conservar no Brasil o Consulado geral, até certo momento, longe do governo de Pedro I. Naquela situação, o melhor, para evitar os problemas, seria continuar a Expedição. Dessa forma os recursos para as suas despesas foram triplicados, passando de 10 para 30 mil rublos por ano.

A partir de setembro de 1825 a Expedição Langsdorff já se encontrava pesquisando a Província de São Paulo. A direção do Consulado geral na capital brasileira foi novamente concedido a Kielchen.

Em abril de 1826 em Porto Feliz, onde Langsdorff e os seus companheiros terminavam os preparativos para a viagem fluvial até Cuiabá, chegaram importantes novidades políticas. A 10 de março de 1826 morreu Dom João VI, e Pedro I era agora também Rei de Portugal, com o nome de Pedro IV. Mas era impossível conservar as duas coroas. A 29 de abril, Dom Pedro introduziu em Portugal a Carta Constitucional; a 2 de maio abdicou do trono português a favor da sua pequena filha Maria da Glória. Fazendo-a maior de idade ela deveria casar-se com seu tio Dom Miguel. Entretanto em Lisboa o poder pertencia a Regência dirigida pela filha do Rei falecido, Dona Isabel Maria.

Também chegaram notícias sobre os acontecimentos do fim de 1825 na Rússia: morte de Aleksandr I e a sublevação anti-governamental em São Petersburgo, cujos participantes (depois chamados “dezembristas”), desejavam realizar radicais reformas políticas.

Langsdorff não aprovou a tentativa de golpe de estado. Ficou preocupado com a vida do novo Imperador, mas esperava que Nikolaii I continuasse o financiamento da Expedição.

Antes de partir para Mato Grosso, Langsdorff conseguiu dinamizar a atividade das representações consulares russas no país. Em Recife, no lugar de Monteiro trabalhava como cônsul Agostinho Gaudino de Barros, mas ele precisava de uma patente nova. Em

setembro de 1825, Langsdorff estabeleceu um vice-consulado em Santos, a sua frente o vice-cônsul da inglaterra, o negociante William Whitaker. Mas, como ficou claro mais tarde, a reputação deste mercador estava longe de ser impecável, e a sua designação foi anulada em abril do ano seguinte.

O porto de Santos, então em intenso desenvolvimento, recebendo anualmente cerca de 150 navios, atraia a atenção de Langsdorff. Passando por lá, ele recolheu dados estatísticos detalhados sobre os artigos de venda e os preços. Como novo vice-cônsul em Santos foi nomeado Friedrich Fomm, que era ao mesmo tempo vice-cônsul das cidades hanseáticas.

Já em Cuiabá, Langsdorff recebeu de Kielchen a notícia da venda da Mandioca ao Estado, terminando assim uma história de dez anos desta extraordinária fazenda. Não seria justo ignorar o seu papel no desenvolvimento das relações russo-brasileiros. É possível falarmos de um "tempo da Mandioca" na história das relações entre Rússia e Brasil.

Entre os visitantes que Langsdorff recebeu nesta Fazenda figuravam dezenas de representantes da Rússia. Entre eles estavam, por exemplo, os primeiros descobridores da Antártida Mikhail Lazarev e Faddeii Bellingshausen, os destacados líderes da frota russa Mikhail Vasil'ev, Ferdinand Wrangel, Leontii Hagemeister, Login Heiden, Vasilii Golovnin, Otto Kotzebue, Fedor Litke, Fedor Matiushkin, Pavel Nakhimov, Semen Unkovski, Gleb Shishmarev. Litke foi mais tarde presidente da Academia de Ciências de São Petersburgo e um dos fundadores da Sociedade Geográfica Russa. Langsdorff recebeu o conhecido astrônomo Ivan Simonov, o célebre físico Emilii Lenz, futuro reitor da Universidade de São Petersburgo, Kirill Khlebnikov, a quem chamavam "Cronista da América Russa", e outros participantes, instruídos e ávidos de conhecimentos, membros das viagens de circunavegação: os oficiais da frota Alekseii e Andreii Lazarev, Pavel Novosilskii, Semen Janovskii, o médico Petr Ogievski, o tradutor Akhiles Shabel'skii, o literato dezembrista Dmitrii Zavalishin. Todos eles buscavam conhecer o Brasil por intermédio e com a ajuda de Langsdorff, aproveitando as suas explicações, ouvindo os seus relatos, examinando as coleções dos objetos naturais recolhidos por ele.

De regresso à Rússia, muitos de seus visitantes publicaram as suas impressões sobre o visto. Surgiu toda uma "literatura

marítima", que deve a Langsdorff, a riqueza cativante das páginas dedicadas ao Brasil. Graças a ele o Brasil tornou-se muito mais compreensível e próximo para os russos. Sua contribuição foi considerável para o processo da aproximação dos povos dos dois países.

Realizava-se também o prognóstico de Langsdorff quanto a aproximação política russo-brasileira. No fim de 1826, a Rússia começou, finalmente, a inclinar-se a reconhecer o Brasil. As causas foram várias. O agravamento das contradições russo-turcas obrigava São Petersburgo a melhorar as suas relações com a Inglaterra, e, em particular, não opor resistência ao seu desejo de consolidar o estatuto internacional do Brasil.

A Áustria, que inicialmente não reconhecia a Carta portuguesa, começou a mostrar-se mais tolerante, aproximando-se da posição de Londres, que logo aprovou as ações de Dom Pedro I depois da morte de seu pai. A opinião de Viena, o seu principal parceiro na Santa Aliança, era essencial para a Rússia. O governo russo era atraído também - e isto era um dos motivos mais importantes - pela perspectiva de estabelecer contatos comerciais com o Brasil. Tanto mais, que a conjuntura no mercado internacional era, nos meados dos anos 20, desfavorável para os mercadores russos. Para Dom Pedro I, que desejara acelerar o reconhecimento do Brasil, prevaleciam os motivos políticos. O estabelecimento de relações diplomáticas com o Grande Império do Norte deveria consolidar a monarquia no Brasil, onde era forte o movimento republicano, apoiado pelos países vizinhos.

Desde o início de 1827, em Viena e Londres, os diplomatas brasileiros e russos iniciaram negociações sobre o estabelecimento de contatos entre Rio de Janeiro e São Petersburgo. E em Janeiro do ano seguinte o embaixador Russo na Inglaterra conde Liven comunicou ao ministro brasileiro Marquês de Itabaiana que finalmente teve lugar o reconhecimento do Brasil pela Rússia.

Langsdorff preparava-se então para partir de Diamantino para Porto Velho no Rio Preto, e começar depois a navegar rumo ao Amazonas. A importância científica da Expedição era constatada pelos vastos materiais coletados. O significado político da atividade do Cônsul Geral consistia, como já mencionado, aos olhos do Ministério de Negócios Estrangeiros, no fato de Langsdorff ter a possibilidade de evitar qualquer tipo de contato com o Governo do Brasil ainda não

reconhecido no mundo.

Agora isto já não era mais necessário e Langsdorff poderia voltar ao Rio de Janeiro. Mas a má sorte quis que ao mesmo tempo acabasse a extraordinária Expedição. Como se sabe, em maio de 1828, nas margens do rio Juruena, o diplomata-cientista foi vencido por uma doença incurável.

Em novembro de 1829 chegou ao Rio de Janeiro o primeiro Ministro russo na Corte de Dom Pedro I, Borel (Barão Palença). Borel havia servido na ilha da Madeira, e depois em Lisboa, conhecia perfeitamente a economia do mundo luso-brasileiro, era um partidário da necessidade de desenvolvimento do comércio com o Brasil e autor do projeto do tratado comercial russo-brasileiro. Ele continuou o trabalho iniciado por Langsdorff. Borel renovou as representações consulares russas. Em Salvador no lugar do velho Ribeira Pessoa apareceu Ch.Wusherev com o seu ajudante, procedente de Riga, Proctoritsy; em Desterro no lugar de Souza, que passou ao serviço do estado, veio Robert Trompowsky; no Rio de Janeiro, Kielchen era auxiliado por Karl Ferdinand Balk.

Continuavam as visitas dos navios mercantes russos. Na segunda metade dos anos 20 - começo dos 30, os navios de Brandt "Arcangel", "Brandt i syn" ("Brandt e filho"), e também o "Courier", que pertencia a casa comercial de K.Schmidt em São Petersburgo, não só navegavam entre os portos dos dois países, mas praticavam navegações de cabotagem, ao longo da costa brasileira.

Em janeiro de 1830 as obrigações de ministro brasileiro em São Petersburgo foram concedidas ao Marquês de Rezende, que cumpria funções análogas em Paris; e no ano seguinte o Brasil foi representado na Rússia por Gaspar Lisboa na qualidade de encarregado de negócios.

No curso do primeiro terço do século XIX, o Brasil, que para a Rússia era uma possessão desconhecida e exótica da coroa portuguesa, tornou-se em seu único parceiro político e econômico na América do Sul.

A contribuição de Langsdorff, foi muito importante nesta maravilhosa transformação.

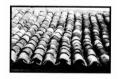
Notas Botânicas

João Renato Stemahnn

A publicação dos diários de Langsdorff oferece a nós, leitores, a oportunidade de mergulhar em mais uma aventura de um naturalista, no Brasil do início do século XIX. Assim como Saint-Hilaire, Spix e Martius, Pohl, Príncipe de Wied-Neuvied, Langsdorff também registrou as impressões de sua viagem ao interior do Brasil. A apresentação dos diários na sua forma original nos obriga a viajar no mundo privado dos pensamentos do autor, o que sem dúvida alguma torna a leitura muito mais interessante - e desprovida do julgamento prévio que as mãos de terceiros impõem, obrigatoriamente a qualquer obra.

Antes de comentar as notas botânicas aqui apresentadas, é importante ressaltar alguns aspectos que possam passar desapercebidos ao leitor e que considero importantes para uma melhor compreensão.

Devemos estar cientes que Langsdorff era médico de formação e, apesar de seu conhecimento em diversas áreas, não era um botânico. Por esse motivo, um jovem botânico alemão, Riedel, foi convidado a participar desta expedição e das subseqüentes que vieram a ser realizadas, ficando incumbido da coleta e registro das espécies vegetais encontradas durante a expedição. As plantas medicinais, foram, então, em termos botânicos, o foco de seus registros. Langsdorff, em diversas passagens, descreveu o uso de espécies medicinais utilizadas pela população e pelos índios brasileiros, e ressaltou a importância do uso de plantas medicinais numa região completamente destituída de assistência médica ou farmacêutica. Algumas espécies, como a raiz-preta, o jaborandi, a ipeca continuam, até hoje, sendo importantes e empregadas na medicina popular brasileira. Langsdorff sabia da importância de coletar amostras destas espécies para a sua correta identificação, e não media esforços para colecioná-las.

Digno de destaque é o relato sobre a tentativa de coletar uma amostra de ipeca, *Cephaelis ipecacuanha*, uma espécie medicinal usada em intoxicações, como vomitivo, muito comercializada na época. Langsdorff relatou a certo momento: "Tive dificuldade para fazer as pessoas compreenderem de que eu queria a planta com todas as folhas e

a raiz, possivelmente em flor e com semente". Neste episódio, ele conta que percorreram a floresta por quatro horas e conseguiram coletar uma única planta. Sobre esta espécie, ainda, relata o quão rara ela estava se tornando devido a coleta indiscriminada. Este talvez seja um dos mais antigos registros mostrando uma preocupação com a possibilidade de extinção de uma espécie vegetal no Brasil.

Talvez poucas pessoas saibam como é realizado o trabalho botânico em campo, que nesta expedição esteve aos cuidados de Riedel. A base do trabalho é a coleta de amostra das plantas em flor e/ou em fruto, pois a classificação das plantas é realizada principalmente através da análise de características florais. As amostras de plantas devem ser prensadas entre papéis absorventes (mata-borrões), e o processo de secagem consiste em trocar constantemente os papéis úmidos pelos secos. Os papéis úmidos, por sua vez, precisam ser secos para poderem ser reutilizados durante a viagem, o que era em geral realizado junto ao fogo. Por esse motivo, e não somente pelo conforto, podemos entender um pouco melhor a preocupação diária relatada por Langsdorff na obtenção de abrigo para o pernoite ou mesmo a longa permanência num mesmo local. As coleções, botânicas e zoológicas, eram sem dúvida alguma os produtos mais preciosos da expedição e demandavam cuidados especiais durante toda a viagem, até serem remetidas para algum lugar seguro, como a Fazenda Mandioca, de sua propriedade. Os riscos de perdê-las eram constantes, como durante a travessia de rios, períodos de chuva excessiva, extravio das mulas com as cargas, roubos, etc. É difícil, entretanto, termos uma noção exata da dimensão das dificuldades enfrentadas pelos viajantes.

Os sistemas de classificação utilizados à época, como os de Linneu e Jussieu, foram construídos baseados principalmente na flora européia, que é pobre se comparada com aquela encontrada nos trópicos. A cada nova remessa de plantas da região tropical, novos grupos de plantas eram descritos, e por esse motivo fascinava a idéia de realização de expedições naturalistas e a coleta das espécies da flora de regiões desconhecidas, como aquela do interior do Brasil. O aporte de novos conhecimentos na área da botânica gerado pelas expedições foi sem dúvida imenso no período da primeira metade do século XIX, especialmente na área da taxonomia.

Muitas das amostras de plantas coletadas por Riedel durante a expedição de Langsdorff foram descritas para a ciência pela primeira vez

na grandiosa obra iniciada pelo botânico alemão, Martius, denominada *Flora Brasiliensis*. As amostras examinadas nesta obra são muitas vezes tipos nomenclaturais das espécies descritas, ou seja, o documento ao qual o nome de uma espécie está permanentemente associado. As amostras coletadas por Riedel, em sua maioria, encontram-se depositadas no herbário de São Petersburgo, na Rússia, e continuam sendo utilizadas por botânicos do mundo inteiro e citadas nos estudos taxonômicos.

O caminho percorrido pela expedição cruzou diferentes formações vegetais como a floresta atlântica, a floresta estacional semidecídua, o cerrado e os campos rupestres e de altitude. Nem sempre os termos utilizados para denominar estas formações vegetais foram estes, mas foi possível interpretar o tipo vegetacional pela fisionomia descrita, pelas espécies características e pela região de ocorrência. O leitor irá encontrar, também, em diversos momentos, comentários a respeito da influência da altitude, da temperatura, das geadas e do vento, na fisionomia da vegetação e distribuição de algumas espécies. Dentre as formações vegetais percorridas, os campos rupestres na região da Serra do Cipó (Serra da Lapa) foram os que mais impressionaram os viajantes, sobretudo pela sua riqueza florística e exuberância de formas ali encontradas. Em certo momento, tamanha foi a diversidade encontrada, que Langsdorff quase não acreditou no que viu e comentou: "As espécies de *Melastoma, Vellozia, Barbacenia*, especialmente *Eriocaulon* e *Malpighia*, reproduzem-se aqui de forma fantástica, inacreditável, que deixa as pessoas enfeitiçadas, sem querer acreditar no que os olhos vêem. Seriam realmente novas formas de *Vellozia, Rhexia, Melastoma?*".

Se na época, pouca ou nenhuma importância era dada à conservação e ao manejo dos recursos naturais, em diversos momentos Langsdorff manifestou sua preocupação a esse respeito. Isso pode ser notado especialmente quando ele relatou o dano causado ao solo pelo uso indiscriminado do fogo, a destruição das florestas até o topo dos morros, a necessidade do plantio de algumas espécies florestais, a devastação causada pela mineração desordenada, entre outras passagens. Sobre a mineração, que tanto ouro e diamante extraiu, e riquezas deu ao governo português, constatou em diversos momentos a sua quase indissociável relação com a miséria do povo que nela trabalhava. Estes exemplos demonstram sua forte percepção para problemas ambientais surgidos àquela época, problemas estes que não foram em sua maioria

resolvidos até hoje em nosso país.

Finalmente, gostaria de comentar algo sobre as notas botânicas apresentadas. Elas formam uma tentativa de atualizar as informações contidas no texto original. As espécies citadas diversas vezes no texto foram comentadas apenas na primeira citação. O uso aparentemente excessivo de nomes científicos apresentados nas notas, com o nome da família botânica da espécie entre parênteses, procurou informar com mais precisão a identidade das espécies, uma vez que o nome popular, como poderá ser visto no texto, pode referir-se a diversas espécies e variar de região para região (como o jaborandi, por exemplo). Além disso, diversos nomes científicos citados por Langsdorff estão desatualizados. Isso significa que muitas espécies que pertenciam a um determinado gênero, hoje pertencem a outro, e o nome antigo não é mais utilizado, ou em seu novo conceito não inclui as espécies brasileiras, por exemplo. Tais informações, apesar de pouco significado terem para um leitor leigo, poderão ser de extrema importância para pesquisadores que porventura venham a utilizar os registros etnobotânicos contidos nestes diários.

As Descobertas Recentes da Genealogia de Georg Heinrich von Langsdorff

Francisco Tomasco de Albuquerque

O Barão GEORG HEINRICH VON LANGSDORFF (conhecido na Rússia como Grigory Ivanovitch Langsdorff), nasceu na Alemanha, em Wollstein, no Hesse renano, um lugar então pertencente a Nassau-Usingen, em 18.04.1774 e faleceu com 78 anos completos, igualmente na Alemanha, na cidade de Freiburg, em Breisgau, no dia 29.06.1852.

Era filho de Johann Gottlieb Emilius von Langsdorff, Intendente-Mor ou Prefeito *(Oberschultheis)* de Wollstein e Vice-Chanceler do Supremo Tribunal de Kalrsruhe, no Grão-Ducado de Baden, e de sua 1a.mulher Anna Katharine Friederike Koch.

Estudou nos ginásios de Buchsweiler e de Idstein e completou seus estudos na Universidade de Göttingen, onde aplicou-se particularmente no estudo das ciências naturais e da medicina, doutorando-se em Medicina aos 23 anos de idade.

A trajetória da vida de Georg Heinrich von Langsdorff vem sendo estudada e divulgada através de uma bibliografia em crescimento constante nos últimos anos.

Era membro da Academia Imperial de Ciências de S.Petersburgo e de várias sociedades científicas de diversos países, além de:

Conselheiro de Estado da Rússia;

Cavaleiro da Ordem Russa de S.Wladimir;

Cavaleiro da Ordem de Santa Ana de segunda classe;

Comendador da Ordem do Leão de Zahringen de Baden;

Cavaleiro da Ordem do Mérito Civil da Baviera;

Cavaleiro da Águia Vermelha da Prússia.

Segundo o genealogista da Família na Alemanha, Ludwig Langsdorff (*Geheimem Justizrat und Oberlandesgerichtsrat i.R. in Düsseldorf* - Conselheiro privado da Justiça e do Tribunal Estadual de Düsseldorf), em sua obra *Geschichte von Familie Langsdorff* (História da Família Langsdorff), impressa em tipo gótico alemão por Von

Lippert & Co. G.m.b.H., em Naumburg am Saale, Alemanha - a 1a. Parte em 1928 (de 1550 até 1850) e a 2a. em 1931 (de 1337 até 1900) - o Barão GEORG HEINRICH VON LANGSDORFF, com uma mulher não identificada na bibliografia existente a respeito de sua família, teve o seguinte filho:

I.1- KARL GEORG VON LANGSDORFF nascido em Rennerod, Alemanha, em 21.12.1809 e falecido em Mannheim, Alemanha, em 15.12.1893. Veio para o Brasil com seu pai e estudou na antiga Academia Militar Imperial. Mais tarde, retornou à Alemanha, matriculando-se na Universidade de Heidelberg, onde se formou em Medicina em 1837. Retornou, então, ao Brasil, tendo clinicado no Rio de Janeiro e no Porto da Estrela (Vila de Inhomirim). Em 1839 aparece como membro da "Sociedade Germânia" do Rio de Janeiro. Em 1840 retornou definitivamente para a Alemanha.

Na publicação "Registro de Estrangeiros 1831-1839", Vol.50 - 1962, do Arquivo Nacional, constam as seguintes informações a seu respeito:

"*Langsdorff, Carlos Jorge de* - Alemão - 15.11.1838 - Col.417 - Vol.5 - fl.207v = Barca de vapor "Paquete do Norte", na viagem para Santos e escalas. Passageiros = ... Carlos Jorge de Langsdorff... Allemão" ;

- " *Langsdorff, Carlos* - Alemão - 24.11.1838 - Col.415 - Vol.2 - fl.257v = Passageiros vindos na Barca de vapor "Paquete do Norte" - Entrada em 24.Nov.bro 1838 = ... Carlos Langsdorff - Allemão";

" *Langsdorff, Carlos Jorge de* - Alemão - 05.07.1840 - Col.417 - Vol.7 - fl.28 - Parte para Hamburgo, Bca.Dinamarqueza "Orion" = Carlos George Langsdorff - Prussiano - Estg.27 de Junho".

Casou-se em Durrheim, Alemanha, em 1850 com FRIEDERIKE MULLER , deixando descendência.

Consoante ainda o referido genealogista Ludwig Langsdorff e os acréscimos aduzidos pelo Professor Bóris Komissarov no livro: ***A Expedição Científica de G. I. Langsdorff ao Brasil 1821-1829***- Edição MEC-SPHAN pró Memória - Brasília, 1981; e pelo Professor Hans Becher através de seu livro: ***O Barão Georg Heinrich von Langsdorff - Pesquisas de um Cientista Alemão no Século XIX*** - Editora da UnB, 1990, o Barão GEORG HEINRICH VON LANGSDORFF casou-se em 1as núpcias em São Petersburgo, na Rússia, em 22.09.1812, com FRIEDERIKE LUISE VON SCHUBERT que se assinava, na Rússia,

como Frederika Fiodorovna Langsdorff, nascida em São Petersburgo em 17.01.1791 e ali falecida em 10.11.1842. Era filha de Friederich Theodor von Schubert, Astrônomo e Conselheiro da Côrte russa do Czar Alexandre I.

Desse casamento teve o casal, comprovadamente, duas filhas:

I.2- WILHELMINE VON LANGSDORFF nascida no Rio de Janeiro, por volta de 1815. Assinava-se, na Rússia, como Vilguelmina Egórovna Langsdorff. Foi batizada em 11 de maio de 1815, na Christ Church of England, localizada na época no centro do Rio de Janeiro (atual Igreja Episcopal Anglicana do Brasil - Rua Real Grandeza, 99 - Botafogo), no Livro 1º- de Batismo, pg. 277, nº- 28, com o nome de: *"Frederica Guilhermina Theresa, born in Rio de Janeiro, daughter of Georg Henry & Frederica von Langsdorff - Consul General to the Emperor of Russia - Knight of St. Anne 2nd Class"*.

I.3- ELISE VON LANGSDORFF nascida no Rio de Janeiro, por volta de 1817. Assinava-se, na Rússia, como Elisabeta Egórovna Langsdorff. Foi batisada em 02.01.1820, na Christ Church of England, no Livro 1º- de Batismo, pg. 278, nº- 31, com o nome de: *"Elizabeth Victoria Frederica Gualberta, born in Rio de Janeiro, daughter of Georg Henry & Frederica von Langsdorff - Consul General to the Emperor of Russia - Knight of St. Anne 2nd Class"* .

Como Friederike Luise não suportasse o clima do Brasil, eles se separaram em 1819 e em 1820 retornou à casa de seu pai em São Petersburgo com suas filhas.

Mais tarde, suas filhas casaram-se e deixaram descendência na Europa.

O Barão GEORG HEINRICH VON LANGSDORFF casou-se então, em 2as núpcias, na Alemanha, por volta de Outubro de 1821, com sua prima WILHELMINE VON LANGSDORFF nascida na Alemanha em 10.12.1801 e falecida em Freiburg, Breisgau, Alemanha, em 03.12.1871. Era filha do Major Karl Ludwig Alexander von Langsdorff e Johanna Katharina Decker.

Desse casamento teve o casal os seguintes filhos:

I.4- GEORG VON LANGSDORFF nascido na Fazenda da Mandioca, Vila de Inhomirim, RJ, em 14.07.1822 e falecido em Menz'schen Stift, na Alemanha, em 26.12.1921, com 99 anos e 5 meses de idade.

Estudou nas Universidades de Freiburg e Heidelberg, formando-se

em Odontologia.

Deixou uma bem detalhada "*Memória*" de sua vida muito movimentada e cheia de acontecimentos, contendo preciosas informações sobre a intimidade da família de Langsdorff durante o tempo em que viveu na Fazenda da Mandioca, em Inhomirim e no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro.

Casou-se na Alemanha com AMALIE WISCHEF filha do burgomestre de Freiburg, Karl Wischef. Deste casamento deixou descendência.

I.5- HEINRICH ERNST VON LANGSDORFF dado erroneamente pelo genealogista da família na Alemanha, Ludwig Langsdorff, como nascido em Hamburgo, Alemanha, em 1823 e falecido em Sta. Rita do Rio Negro (atualmente Euclidelândia, distrito de Cantagalo), RJ, em 14.08.1875. Não obstante não termos ainda localizado o assentamento de seu batismo, não nos restam mais dúvidas de que Heinrich Ernst tenha nascido mesmo no Brasil, muito provavelmente no Rio de Janeiro, não em 1823 e sim em 1816, conforme constatamos no Livro de Confirmações *(Konfirmationregister)* da Comunidade Evangélica Luterana de Nova Friburgo, RJ.

Casou-se com ELVIRA ANTONIA DE ROURE. Constituiu-se este casal o tronco de uma numerosa e luzida estirpe brasileira.

I.6- WILHELM VON LANGSDORFF nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 12.12.1824 (batisado em Freiburg, Alemanha, em 1830) e falecido na Alemanha em 22.09.1880.

Foi um grande comerciante e empresário, diretor da firma J.C.Ritter, em Trieste, na ocasião, território austríaco.

Casou-se com MARIE SEIPELT filha de Anton Seipelt, chefe da casa J.C.Ritter. Deste casamento deixou descendência.

I.7- ALEXANDRINE VON LANGSDORFF nascida em 1826, ao que supomos, em Mato Grosso, durante a grande Expedição que seu pai realizou pelo interior do Brasil. Deve ter falecido em criança ou solteira, pois não detectamos mais nenhuma outra informação posterior na bibliografia existente.

I.8- HEINRICH VON LANGSDORFF nascido no Rio de Janeiro, RJ, em 26.08.1827 e falecido em Freiburg, Breisgau, Alemanha, em 16.09.1897.

Dedicou-se, por toda sua vida, à atividade de fotógrafo profissional.

Casou-se com MARIE WISCHEF irmã de sua cunhada Amalie Wischef. Deixou descendência.

I.9- ADOLPH WILHELM VON LANGSDORFF nascido em Antuérpia, na Bélgica, em 31.07.1830 e falecido em Freiburg, Breisgau, Alemanha, em 29.03.1891.

Após ter servido às forças armadas de Baden, formou-se Farmacêutico, em Freiburg.

Casou-se em Hochst am Main, Alemanha, em 11.10.1859, com ANNA MAUSSER , filha do farmacêutico Nikolaus Mausser.

A Descoberta sobre Heinrich Ernst von Langsdorff

HEINRICH ERNST VON LANGSDORFF - O genealogista Ludwig Langsdorff, em sua obra genealógica ***Geschichte der Familie Langsdorff*** (História da Família Langsdorff), consta Heinrich Ernst, erroneamente como nascido em Hamburgo, Alemanha, no ano de 1823 e falecido em Santa Rita do Rio Negro-RJ, em 14.08.1875, com apenas 52 anos de idade.

Os registros sobre Heinrich Ernst von Langsdorff contidos na obra do genealogista da Família, Ludwig Langsdorff, publicado o 1º- Volume em 1928 e o 2º- Volume em 1931, são extremamente lacônicos, resumindo-se na seguinte frase :

"Der zweite Sohn aus der zweiten Ehe des Weltumseglers war der im Jahre 1823 in Hamburg geborene Heinrich Ernst von Langsdorff, der 1855 ein Brasilianerin heiratete und als Stammvater eines der beiden brasilianischen Zweige der Familie am 14.8.1875 in Santa Rita do Rio Negro starb".

Traduzindo: "*O segundo filho do segundo matrimônio do circunavegador, Heinrich Ernst von Langsdorff, nasceu em Hamburgo em 1823 e em 1855 casou-se com uma brasileira, tornando-se assim um dos dois troncos brasileiros da Família, tendo falecido em 14.8.1875, em Santa Rita do Rio Negro*".

Todas as investigações e pesquisas posteriores objetivando a localização do assentamento de batismo e consequente determinação

precisa da data, do local de nascimento e do nome da verdadeira mãe de Heinrich Ernst von Langsdorff realizadas pelos Professores Bóris N.Komissarov e Hans Becher nos arquivos de Hamburgo, na Alemanha, e por nós nos arquivos paroquiais do Rio de Janeiro, Inhomirim, Nova Friburgo e Cantagalo resultaram infrutíferas, pois não conseguimos localizar, até o momento, a documentação esclarecedora deste ponto duvidoso.

A distância que separava, no tempo e no espaço, o genealogista Ludwig Langsdorff de seu parente Heinrich Ernst, certamente o teria impedido de desenvolver adequadamente o levantamento de seus dados genealógicos básicos, assim como de suas atividades profissionais e os de seus descendentes no Brasil. Por esses motivos - a menos que surja , no futuro, alguma documentação nova e esclarecedora - somos de opinião que o genealogista Ludwig Langsdorff tenha se equivocado, ou tenha sido erroneamente informado por seus parentes quanto à data, quanto ao local de nascimento e quanto à progenitora de Heinrich Ernst von Langsdorff. O mais certo é que ele tenha nascido mesmo no Brasil, pois não há notícia da presença de seus pais na Alemanha no ano de 1823.

Esparsas informações recolhidas no repositório da memória dos membros mais idosos deste ramo da familia, passadas de geração em geração, nos dão conta de que o Barão von Langsdorff, assoberbado por suas múltiplas atividades (viagem de ida e volta a S.Petersburgo, na Rússia, e Alemanha; tentativa frustada de estabelecimento de colonos alemães na Fazenda da Mandioca, em Inhomirim, RJ; viagem científica às Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais; exercício das funções consulares; segundo matrimônio com o nascimento de novos filhos) o teriam levado a confiar a guarda e a educação de seu filho menor Heinrich Ernst aos cuidados do Pastor Luterano alemão Friedrich Oswald Sauerbronn, o qual, como é sabido, liderou a vinda para a Vila de Nova Friburgo de 342 colonos alemães luteranos, em 1824.

E foi precisamente no Livro de Confirmações *(Konfirmationregister)* da Comunidade Evangélica Luterana de Nova Friburgo, com assentamento lançado e firmado pelo próprio *Pfarrherr* (Pastor) Friedrich Oswald Sauerbronn, que localizamos as seguintes anotações:

Konfirmationregister

Livro de Confirmações da Comunidade Evangélica Luterana de Nova Friburgo, RJ.

Pfarrherr (Pastor): Friedrich Oswald Sauerbronn

Konfirmand (confirmando): Heinrich Langsdorff

Vater (Pai): Heinr.Langsdorff

Alter (Idade): 13

Datum (Data): Ostern (Páscoa) 1829 den 19ten. April (19 de Abril)

Ora, se em 19 de abril de 1829, Heinrich Ernst von Langsdorff contava com 13 anos de idade, então ele teria nascido realmente em 1816 e não em 1823 conforme julgava Ludwig Langsdorff, por ocasião da elaboração de sua obra genealógica. Aliás, esse autor, ao final da 1a. Parte de sua obra, no Capítulo denominado "Verzeichnis der lebenden Mitglieder der Familie, geordnet nach dem Stammbaum von 1906" (Relação dos membros vivos da Família organizada conforme a Árvore Genealógica de 1906), registra significativamente: "Die Beziehungen zu den französischen und den beiden brasilianischen Zweige der Familie sind noch nicht wieder angeknüpft". (As relações para com o ramo francês e com ambos os ramos brasileiros da Família não estão ainda restabelecidas), o que significa não estar ele, na ocasião, de posse de elementos genealógicos fidedignos relativos a Heinrich Ernst, filho do Barão von Langsdorff e a seu primo Heinrich August Wilhelm von Langsdorff, vindo com ele para o Brasil com apenas 17 anos de idade e que se casou, mais tarde, em Campo Belo, MG, constituindo o segundo ramo da Família Langsdorff no Brasil.

D.Clemente Maria da Silva Nigra, monge e sábio beneditino, alemão de nascimento, fundador e diretor, por muitos anos, do Museu de Arte Sacra da Bahia, a convite e sob o patrocínio financeiro do grande Jornalista Assis Chateaubriand, criador dos "Diários Associados", estudou a fundo todas essas questões relativas à presença, atuação e influência do Barão von Langsdorff no Brasil, tanto sob o ponto de vista científico e artístico, quanto sob o ponto de sua vida pessoal, tendo realizado, para tanto, inúmeras viagens à então União Soviética e à Alemanha, assim como pelo interior do Brasil, pelos lugares visitados por Langsdorff em suas muitas expedições científicas. Em Junho de 1966, publicou D.Clemente da Silva Nigra, na Revista "O Cruzeiro", dentre outros, um artigo intitulado "A História dos Nobres Langsdorff no Brasil", no qual afirma: - "Com a morte dos dois chefes Langsdorff no Brasil, acabou-se também a correspondência alemã com os seus

numerosos primos e parentes na Europa. Assim, o autor da ***História da Família Langsdorff*** (Ludwig Langsdorff), em 1950, ao enumerar todos os seus membros vivos na Alemanha, França e América do Norte, lamentou que nada pôde dizer dos dois troncos brasileiros, por faltarem informações já perto de cem anos!".

A partir, portanto, da constatação documentada de que Heinrich Ernst não nascera em 1823 e sim em 1816, duas ilações evidenciam-se de imediato:

1- Ele não seria filho do Barão von Langsdorff com sua 2a. mulher e prima Wilhelmine von Langsdorff, como julgava o genealogista Ludwig Langsdorff, pois àquela data (1816) eles sequer haviam se encontrado. O que só se deu quando, já divorciado de sua 1a. mulher Friederike Luise von Schubert, ao retornar de sua segunda viagem a São Petersburgo, na Rússia, no segundo semestre de 1821, Langsdorff passou por sua terra natal na Alemanha (Lahr, Breisgau e Karlsruhe), para visitar seus parentes alí residentes.

2- Heinrich Ernst seria filho, portanto, de Langsdorff com sua primeira mulher, a russa de origem alemã, Friedericke Luise von Schubert, cuja seqüência de filhos seria então:

I- Wilhelmine von Langsdorff, ou Vilguelmina Egórovna Langsdorff (na Rússia), ou Frederica Guilhermina Theresa (como batisada no Rio de Janeiro), nasc. Rio de Janeiro RJ, por volta de abril de 1815 e bat. 11.05.1815;

II- Heinrich Ernst von Langsdorff, ou Henrique Ernesto Langsdorff, nasc. Rio de Janeiro RJ (?), por volta do 1º- trimestre de 1816 e batisado (?);

III- Elise von Langsdorff, ou Elisabeta Egórovna Langsdorff (na Rússia), ou Elisabeth Victoria Frederica Gualberta (como batisada no Rio de Janeiro), nascida no Rio de Janeiro-RJ, por volta do 1º- trimestre de 1817 e batizada em 02.01.1820.

Com a separação do casal, em 1820, as filhas Wilhelmine e Elise teriam seguido, com a mãe, para São Petersburgo, na Rússia e o garotinho Heinrich Ernst, então com 4 anos de idade, teria ficado no Brasil, com Langsdorff.

Essa hipótese, a mais viável, explicaria o fato de Wilhelmine von Langsdorff, ao retornar à Alemanha, em Abril de 1830, com sua prole e em companhia do Barão von Langsdorff - com as faculdades mentais

afetadas pelas doenças contraídas na grande Expedição pelo interior da Amazônia - não ter levado com eles o enteado Heinrich Ernst, já então um rapaz de 14 anos de idade e plenamente adaptado à vida longe de seus familiares, na Vila de Nova Friburgo, região serrana fluminense.

Fosse qual fosse, porém, o objetivo desse gesto extremo, o fato é que, volvidos os anos, podemos constatar hoje quão fecundos foram os benefícios alcançados pelo Brasil, através do amálgama das ações positivas e das virtudes cívicas e morais demonstradas de forma inequívoca e tão expressiva por sua numerosa e esclarecida descendência.

Algumas Considerações sobre a Obra

Silvia F. de M. Figueirôa.

"É impossível fazer uma viagem confortável nesse país". Com essa frase, Langsdorff encerra o texto desse diário ora saído a público; mais precisamente, *a versão para publicação* das notas de seus diários de viagem, texto que encerra o presente volume. Para nós, no entanto, ela pode ser o ponto de partida para uma série de reflexões visando compreender o papel e a contribuição que ele próprio, e vários outros naturalistas, tiveram para a cultura brasileira em geral e, particularmente, a científica, ao invés de, como fez um tipo de historiografia das ciências do Brasil, meramente saudá-los como "pais" de algum campo do conhecimento.

O diálogo com esse recado a outros interessados em percorrer o Brasil poderia iniciar-se com uma pergunta: se tudo era tão incômodo, se as condições eram tão difíceis (como se percebe em suas anotações), por que ele mesmo, e muitos mais, não deixaram de percorrer o país ao longo de tantas décadas? O que os fez prosseguir? As respostas, sem dúvida, prendem-se a muitas ordens e fatores, e aqui nos deteremos naqueles mais propriamente científicos. Quando Langsdorff, lamentando a ausência de uma carta geognóstica do país, questiona *"não é estranho que o Imperador da Rússia se interesse mais pelas riquezas naturais do Brasil do que o próprio Imperador do Brasil?"* pode estar fornecendo uma chave para a resposta. Como já bem salientado por Barnes & Shapin (1979), o Naturalismo científico e a difusão das ciências naturais caracterizou-se tanto como um estilo de pensamento quanto como uma ideologia explicitamente estruturada, articulada à expansão capitalista das sociedades que se industrializavam e necessitavam de recursos naturais como matérias-primas e fontes energéticas.

Por parte do governo local, sintonizado de alguma forma com as mudanças que se processavam na Europa, o interesse pelos recursos naturais brasileiros foi constante e intenso. Por parte de outras nações, o interesse não foi menor, pelo contrário. A sempre mencionada leva de naturalistas que circulou pelo Brasil a partir da abertura dos portos é uma clara demonstração. Dessas viagens resultou vasta literatura,

freqüentemente contendo informações científicas, já adequadamente qualificada por outros *de "historiografia do imperialismo"*.

Devidamente contextualizadas no momento de ascensão dos modernos impérios, de nascimento de jovens nações independentes na América Latina e de implantação do sistema capitalista, as viagens e coletas feitas por naturalistas no Novo Mundo adquirem um significado que engloba e ultrapassa o interesse exclusivamente científico, sendo a Ciência ferramenta que engloba e ultrapassa o interesse exclusivamente científico, sendo a Ciência ferramenta necessária ao desenrolar do jogo político-econômico. Evitando, contudo, análises unilaterais, é importante destacar que o governo, português inicialmente, e brasileiro em seguida, empregou diversas vezes esses naturalistas para que também coletassem para o *Museu Nacional*. Esse foi o caso, por exemplo, de Freyreiss e Sellow, ambos pensionários de Portugal ao mesmo tempo em que eram sustentados pelos governos prussiano, inglês e sueco a fim de coletarem para os museus de Berlim, Londres e Upsalla, respectivamente.

Ao mesmo tempo, boa parte desses naturalistas chegava ao início de suas carreiras científicas, a fim de construí-las a partir do trabalho aqui realizado, inclusive. Dada a exuberância da natureza e as ainda poucas investigações, o "Novo Mundo" no qual o Brasil se incluía era um campo aberto a descobertas e à fama possível. O exemplo de von Humboldt, que se tornou internacionalmente reconhecido **após** sua expedição, se constituiu num paradigma de comportamento de vários naturalistas.

Os naturalistas estrangeiros, além dos estudos e coletas que efetivamente fizeram, tiveram papel significativo na institucionalização das ciências naturais no Brasil sob o ponto de vista da representação, na medida em que constituíram, por serem provenientes de centros científicos importantes, em **modelos** a serem seguidos ou buscados.

Cabe lembrar, entretanto, que as relações entre naturalistas locais e estrangeiros nem sempre foi unívoca, nem isenta de contradições, já que havia (e sempre haverá) diferentes modelos de ver, "sabidos de cor" (Sussekind, 1990). Embora desejassem o reconhecimento por parte da Europa, considerado pela comunidade científica brasileira como de fundamental importância, os cientistas locais, que exerciam atividades científicas nas diferentes instituições da época (*Museu Nacional*, Escolas Profissionais, repartições públicas), detinham conhecimento sobre a

natureza e a sociedade brasileiras e, como ele, julgavam os trabalhos dos estrangeiros, acusando mesmo alguns deles de "charlatanismo científico", ou de não partilharem suas volumosas coletas com as instituições locais. No caso preciso de Langsdorff, em 1852 o botânico Joaquim da Silva Maia afirmava que ele remetera *"copiosa quantidade de mamíferos, aves e répteis" bem como "a coleção meia classificada que possuía de animais da Europa"*. Por sua vez, o então diretor do *Museu Nacional* João da Silveira Caldeira, *"tomou a liberdade"* em 1825 de propor ao *governo "que se digne a mandar o dito naturalista* [Langsdorff] *que V. Excia, espera de seu amor elas ciências queira enriquecer este estabelecimento nacional com remessas dos produtos que coligir em suas longas viagens"*. E em 1828 o Diretor seguinte, frei Custódio Alves Serrão, afirmava que *"não se acha documento de que este viajante tenha ainda satisfeito as bem fundadas esperanças do governo"* (cf. Livro de Ofícios do Museu Nacional, 03/09/0825 e 30 [sic]/02/1828).

Ainda pouco explorada, a vertente de investigações sobre as percepções obrigatoriamente divergentes - e mesmo conflitantes - de "locais" e "de fora" pode enriquecer em muito as ciências humanas, em geral, e a história das ciências em particular, ao reenquadrar e redimensionar os relatos dos viajantes pelo cotejo de visões distintas.

O Diário de Langsdorff é ainda revelador de um cotidiano das expedições científicas, tantas vezes omisso quando da publicação dos livros de viagens e, mais ainda, dos textos científicos, tidos como necessariamente "objetivos" e, portanto, expurgados de tudo que possa cheirar a subjetividade. Apenas para mencionar um aspecto, os conflitos internos entre os membros estão explícitos e são ilustrativos: a princípio com Rugendas, mas depois, mais sutilmente, com Riedel e Ménétriès. É comovedor seu retorno solitário, quando nem mesmo a cadela Frugalla, que o acompanhava fielmente desde a fazenda mandioca, tampouco quis segui-lo.

O conhecimento da obra de outros naturalistas também aparece, ainda que seja para discordar de Auguste de St. Hilaire quanto ao sertão, ou de John Mawe quanto à disponibilidade de boas hospedarias.

O presente volume, que felizmente inaugura a série de traduções dos diários de Langsdorff, permitirá a um público mais amplo, seja de leigos, um mergulho rico através de suas lentes num pedaço da história do Brasil.

Langsdorff e Santa Catarina

Victoria Namestnikov Ell Murr

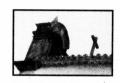
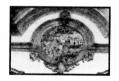
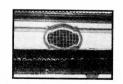
Nos últimos encontros, relativos a Langsdorff, pouco se tem lembrado do seu primeiro contato com a Terra Brazilis - nas Regiões de São Miguel e da Ilha de Nossa Senhora do Desterro - ocorrido quase um quarto de século antes de assumir o cargo de Plenipotenciário do Governo Imperial Russo, junto à Corte Portuguesa no Rio de Janeiro.

Cientista persistente, pesquisador incansável, consegue, após vencer inúmeros obstáculos, aparentemente intransponíveis, tomar parte da primeira viagem de circunavegação russa, comandada por Kruzenstern.

Em fins de 1802, atingidos por uma borrasca, as duas naus aportam nas proximidades de São Miguel, contrariando as leis da Colônia, para conserto de mastro avariado e reabastecimento dos estoques de água doce.

Impedidos de prosseguir viagem, vários membros da expedição, entre eles Langsdorff, passam a estudar o meio circundante, na medida de suas possibilidades. Nessas plagas, é efetivada pelo cientista alemão, à serviço da Rússia, uma das maiores descobertas do século. As experiências de Langsdorff, repetidas várias vezes, por ordem de Kruzenstern, demonstraram que o plâncton é constituído de organismos vivos microscópicos e luminosos, purificadores das águas oceânicas. Tal teoria chocou-se contra tudo o que era preconizado pelos maiores cérebros europeus, segundo os quais, a luminiscência do plâncton proveria de matéria orgânica em decomposição. Rússia e Alemanha, nas costas catarinenses do Brasil, mudavam o rumo da ciência...

A permanência dos viajantes, por cerca de dois meses em São Miguel, onde troncos de árvores cortadas à minúsculas distâncias da praia forneceram mastros novos, não se resumiu a isto. Os materiais escritos, desenhos e mapas, foram produzidos em imensa quantidade. Diários e cadernetas de campo contém informações valiosíssimas relativas aos habitantes da Região de São Miguel e da Ilha do Desterro.

Usos, costumes, tradições e falares, são registrados. Encontram-se dicionários de línguas indígenas dos aborígenes. Desenhos retratam paisagens, construções, figuras humanas, exemplares botânicos e zoológicos, muitas vezes acompanhados de minuciosas descrições e

comparações.

Convém destacar o nível cultural da tripulação, elevado a ponto de torná-la capaz de oferecer sua contribuição, em registros epistolares e diários.

Salta aos olhos, o encantamento de todos relativo à beleza paisagística, a riqueza e variedade na incidência de exemplares ictiológicos e a transparência da água oceânica.

Ocorre à memória um curioso episódio, a briga de Langsdorff com seus colegas, apartada por Kruzenstern. A causa? O desejo do primeiro, em subtrair da alimentação geral, um peixe até então desconhecido e merecedor de estudos exigidos pela ciência, em oposição aos demais, desejosos de incluí-lo no cardápio. Idealismo e materialismo imediatamente em choque...

É de extrema dificuldade a compreenção da existência de um material tão vultuoso, imenso tanto na quantidade, quanto na qualidade, colhido num espaço de tempo tão curto, cerca de dois meses.

Não se deve esquecer a descrição das fortificações militares, da precariedade das armas, do comportamento hospitaleiro das autoridades e dos moradores europeus e indigenas.

Mas de que valeria toda essa documentação, descrições, mapas, desenhos, herbáreos, sem um estudo crítico e ao mesmo tempo aprofundado. Mais que isso, um estudo atual e comparativo das regiões percorridas por Langsdorff.

Tenho a felicidade de conhecer profundamente a região onde tudo isso ocorreu em Santa Catarina, e esse local, registrado nas documentações descritas, que já fazem parte dos anais da História, ainda hoje é belo. Falo de Bombinhas, pequeno município emancipado em 1993.

É preciso ver também, com olhos críticos, a devastação sofrida pela Mata Atlântica, os pequenos espaços que resistem heroicamente à especulação imobiliária, mas ao mesmo tempo ver na hospitalidade e na cultura local, os mesmos atrativos que tanto encantaram nossos visitantes de 1802. Aspectos da cultura e dos hábitos locais, como alimentar-se de pirão d'água (farinha de mandioca com água fervida), feijão cozido com peixe, ouvir as narrativas de velhos pescadores, muitos dos quais já faleceram (Seu Antenor, mostrando-me em confiança, para evitar sua destruição, os sambaquis desconhecidos da grande maioria,

Tio Reinaldo, contando com grandes doses de suspense a pesca da garoupa), comprovar o hábito de lavar os pés antes de dormir por causa do bicho-de-pé, relatado por ocasião de uma cirurgia efetuada por Langsdorff num tripulante.

Conversar com Mãe Tila, com a saudosa mãe Dade - descendente direta do velho Mafra, conselheiro do Império.

Nadar nas águas de Bombinhas, sentindo os numerosos cardumes de peixes, é como integrar passado e futuro, ao mesmo tempo em que nos faz refletir: Por que motivo Langsdorff, tornando-se Ministro Plenipotenciário do Império Russo, e percorrendo milhares de quilômetros na sua famosa expedição pelo interior do país, não faz qualquer referência, até onde é do meu conhecimento, a um local que tantas e tão fortes impressões causou em sua juventude?

Um pouco do passado, um pouco do futuro-presente de Langsdorff, levaram-me a unir e entender o experiente e sofrido ser humano do final da década de 1820, com o jovem entusiasta, brilhante e e persistente do início do século XIX.

Prefácio

Miriam Moreira Leite

Estes 17 cadernos escritos de 8/5/1824 a 17/2/1825, durante a expedição organizada por Georg Heinrich von Langsdorff às províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais são reveladores e expressivos de inúmeras condições do trabalho científico no século XIX e de conhecimentos de História Natural e Economia Política elaborados pelo seu autor. Não fornecem, porém, ao leitor as dimensões trágicas de seus empreendimentos.

O diário de campo costuma ser um instrumento de trabalho científico, realizado com vistas à elaboração de relatórios completos e minuciosos ou da publicação de livros, através do desdobramento da continuidade e do inter-relacionamento dos dados anotados apressadamente, como lembretes, e da organização lógica de seu conteúdo para um público mais amplo, mesmo que conserve a forma atraente do diário. Escrito para uso próprio, o diário de campo conserva a espontaneidade do pensamento ingênuo, que não entra em confronto com o leitor. A ausência de um público dispensa uma comunicação mais cuidadosa e mais conforme às convenções lingüísticas e científicas.

Desde o século XVIII, em instruções aos naturalistas-peregrinos, as autoridades coloniais portuguesas recomendavam, com meticulosas cautelas, o registro diário de atividades e descobertas, bem como a revisão semanal dos registros para aperfeiçoamento dos mesmos. Fonte de conhecimento e de indicações de recursos econômicos disputados pelas potências européias, esses diários eram peças valiosas e segredo de Estado.

O caráter imediato, fragmentário e descontínuo do diário de campo exige, freqüentemente, uma análise extra-textual, para melhor compreensão da interação entre o sujeito e o objeto, entre o observador e o observado, capaz de dar significado aos indícios e dados registrados, cuja ordem cronológica importa apenas para os contratos de trabalho estabelecidos sem precisar com quem o autor está dialogando, as circunstâncias da produção desses registros ou os resultados que prevê. Constituem um repositório fiel e condicionado pela formação sócio-econômica e cultural do cientista, sem o condicionamento de um possível público leitor.

Estas páginas escritas por Langsdorff fogem do modelo de diário de campo, dadas algumas características da personalidade de seu autor - a tenacidade, a compulsividade e a auto-confiança. Além dessas motivações pessoais, podem ser extraídos de uma análise extra-textual conflitos da geração mais jovem com a mais

velha, conflitos entre o homem e a mulher, entre o que se considera civilizado e aquele que ele considera primitivo, e os tempos do pensamento e o da ação.

Uma passagem de Saint Hilaire muito citada, descreve a impressão que lhe causou o naturalista: "Na companhia do Senhor Langsdorff, a pessoa mais ativa e incansável que jamais encontrei em minha vida, eu aprendi a não perder um só minuto durante as viagens, a não dar importância às privações e a suportar com alegria diferentes incômodos. Meu companheiro andava de um lado para outro, preocupava-se, chamava um, fazia observações a outro, comia, escrevia seu diário, punha em ordem coleções de borboletas, e tudo isso a um só tempo. Seu andar era apressado, e, encontrando-se à frente, a cabeça e os braços pareciam recriminar o resto do corpo de sua lentidão. Falava tão depressa que sua respiração era entrecortada, tal como acontece depois de um longo percurso".

Já na viagem de circunavegação, (1803-1806) um dos companheiros de trabalho confessou: "A constante pressa desse homem me irrita". E quando Kruzenstern lhe pediu que efetuasse observações horárias da pressão, temperatura e umidade atmosférica, Langsdorff não dormia, e quando dormia, interrompia o sono a cada hora para anotar a indicação dos aparelhos. Suas vigílias eram aproveitadas para a continuidade das pesquisas sobre a luminescência do mar como releva a biografia escrita por Boris Komissarov, baseada em pesquisas nos arquivos de São Petersburgo.

Essa premência faz com que atropele o próprio tempo que o diário de campo precisaria para chegar ao público. Dirige-se a ele no terceiro caderno dizendo: "Quem ler este meu diário, escrito rápida e diariamente durante a viagem e perceber hoje uma outra tinta, deve saber que, no caminho, expremi alguns bagos de Cestram no meu pequeno tinteiro, que já estava seco". Ou adiante. "A quem me lê agora, seja jovem ou velho, recomendo: com armas, todo cuidado é pouco. Com que sentimentos terríveis eu viveria os poucos anos de vida que ainda me restam, se, por imprudência, eu tivesse matado o rapaz com o tiro?" Tinha então cinqüenta anos, que poderia significar a esperança de vida no início do século XIX, mas podem ter um significado subjetivo da redução de seu tempo para realizar suas aspirações, como em seu desabafo em janeiro de 1825: "Quem vai me pagar o tempo perdido e o transtorno que foi ter que ficar esperando, com meus animais de carga, sob o sol escaldante do meio-dia, quando eu já poderia estar chegando a Brumado entre 10 horas e 11 horas ou até mais longe?"

Suas instruções aos membros da expedição no que se refere às tarefas também salientam a excepcionalidade de caráter de seu diário. Quando indicou Riedel como seu eventual substituto instruiu-o a manter um diário das ocorrências dos trabalhos dos companheiros e que levasse em conta de que se tratava de uma expedição científica e que era preciso cuidar bem das coleções, "não pelo dinheiro mas pela consci-

ência" quando, em suas minuciosas informações sobre a região diamantina de Minas Gerais, declara que desejava ardentemente examinar as jazidas de diamantes do ponto de vista geológico mas queria extrair diamantes e informou-se a respeito do lugar próprio".

Nas pesquisas a arquivos russos e alemães, Boris Komissarov pode resgatar a promoção jornalística das viagens de Langsdorff, encontrando trechos de carta do cientista ao pai dizendo que esperava "produzir algo grandioso, especial, para concretizar as justas esperanças, não só da Rússia, mas de toda a Europa". O acúmulo de funções oficiais, como as de Cônsul do Czar de todas as Rússias no Rio de Janeiro às de naturalista viajante proporcionava-lhe essa possibilidade de divulgação de seu trabalho e a ampliação de sua sede de realização, saber e poder.

Suas ânsias ilimitadas de nada deixar escapar foram documentadas por Ferdinand Denis, Luccock e Henderson, tendo, por sua vez, informado a Academia de São Petersburgo sobre as atividades de pesquisadores como Maximiliano de Wied-Neuwied Eschwege, Sellow e Freyreiss, Martius, Pohl, Natterer, Mikan e Schott, que hospedou, na sua qualidade de Cônsul na fazenda Mandioca. Seu plano de pesquisa da natureza, da população e da economia do Brasil apoiou-se e desafiou esses empreendimentos científicos anteriores e uma auto-confiança crescente levou-o a declarar que não iria repetir os percursos de seus antecessores. Após ter conseguido amplos recursos, isenções e proteção política, graças à sua posição oficial, comenta seu plano de viagem a Goiás, Mato Grosso, Maranhão, Pará, Pernanbuco, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro nestes termos: "O plano desta viagem amadureceu há muito tempo, e agora não tenho o direito de duvidar da possibilidade de sua realização, uma vez que este empreendimento científico *depende única e exclusivamente de mim*. Não tenho limitações de tempo ou de qualquer tipo de instruções".

O diário vem pontilhado de conselhos práticos referentes a métodos de trabalho do solo, saneamento de pântanos, plantio de matas, recuperação dos trabalhos de extração de minérios e prevenção de doenças, mapas e estatísticas aproveitando de imediato os resultados de suas observações e pesquisas na vida prática. Apresenta também a sugestão da criação de uma Universidade Brasileira em Minas Gerais, tornando o diário uma sucessão de planos de grande alcance pontilhado por afirmações do senso comum, como no caderno 10: "O número de escravos tem diminuido de 30 a 50 anos para cá. Muitos velhos morreram, outros ainda vivem, mas praticamente incapacitados para o trabalho, sendo que a maioria nasceu aqui (os crioulos). Particularmente estranho aqui (Casa Branca, MG) é ver, entre as crianças, muitas mulatas, uma prova incontestável do relacionamento dos brancos com as negras, um fato pouco natural". Ou no caderno 15, quando atribui a calma de Minas Gerais numa situação de grande agitação política ao fato dos habitantes terem ocupa-

ção e pelo governo não ter tomado medidas rígidas, concluindo quase em seguida "Mais uma vez comprovo aquilo que sempre disse: compensa trabalhar com operosidade e dedicação".

Médico já com renome na Europa, Langsdorff foi sempre muito requisitado nos lugares aonde chegava. Embora estivesse viajando na condição de naturalista-zoólogo da expedição, atendeu muitos doentes, interessou-se pelas doenças locais e pelas plantas medicinais encontradas ou em uso. Tanto durante o exercício de suas funções de cônsul, estabelecido na fazenda da Mandioca, no Rio de Janeiro, como durante as expedições científicas, nunca deixou, de enviar às Academias de Ciências os resultados de suas pesquisas e classificações.

Durante 1824 e 1825, aparece um primeiro lamento do não reconhecimento de seus esforços. Observa que pensara que na idade madura receberia o agradecimento dos governantes do Brasil por ter chamado sua atenção para a importância das melhorias, mas nada aconteceu em resposta às suas informações.

Através do diário faz reflexões sobre o diário de campo, o percurso e o desenvolvimento do projeto, em que uma análise das implicações pode ser feita pela observação inquiridora, pela análise dos diários e pesquisas dos outros participantes da expedição. Durante muito tempo só se teve acesso ao belíssimo diário de Hércules Florence e mais tarde ao de Ludwig Riedel. Mas não foram encontradas reflexões sobre a situação ambígua em que se posicionava, com relação à política brasileira, nos casos de rivalidade pessoal e de fidelidade ao financiador dos projetos, deixando de levar em conta a ligação entre o texto e o contexto político e econômico implícitos de suas ações. A freqüente ambiguidade entre a dedicação à ciência e à glória pessoal ou nacional que neste diário começa a transparecer nunca aparece explicitada.

Em 3 de outubro de 1824 reflete: "Estranha a vida do viajante! Hoje cedo estávamos numa hospedaria suja, desconfortável e extremamente cara, onde me cobraram, por dia, entre 5.000 e 6.000 réis, isto é, 1,50 luízes; à tarde, estamos numa casa bem decorada, mobiliada com todo requinte, com vasos de porcelana francesa, flores e gravuras em cobre, e onde qualquer desejo nosso é satisfeito com a maior presteza, como se fosse uma ordem. Se se encontrasse tal recepção em todo lugar, certamente mais pessoas se sujeitariam aos demais transtornos de uma viagem pelo Brasil. E mais adiante afirma: "É impossível fazer uma viagem confortável neste país!"

O viajante tem de esperar dias a fio a volta de animais perdidos e fujões, desidratando e passando fome e sede, convivendo com a destruição, a dispersão e a perda de sua bagagem, instrumentos e material colhido, a falta de mapas e guias, ameaçado sempre pela falta de papel para secagem das plantas e pelo ataque de insetos.

Langsdorff já não está mais tão imune aos incômodos da viagem como na descrição de Saint Hilaire quando escreve: "Entrei novamente naquele caminho terrível e repugnante, onde às vezes eu tinha a impressão de estar afundando numa poça de lama. Posso dizer, sem exagero, que vi animais recarregados darem três ou quatro passos e caírem novamente no lodaçal".

Neste diário de campo, a referência aos seus 50 anos como fim da vida e o comentário indignado ao conflito e despedida de Rugendas (22 anos), que tinha sido contratado na Alemanha como pintor da expedição, já perturbam a segurança e onipotência do herói... "Após ter distribuído todas as tarefas - eram mais ou menos 8 horas - decidi deixar a tropa e cavalgar *totalmente sozinho*, sem nem mesmo um negro. É realmente uma grande falta de sorte minha: estou sempre envolvido com pessoas que, no início, enquanto acham que precisam de mim, são modestas e civilizadas, mas que, depois, acabam degenerando. Más companhias pervertem bons costumes. Rugendas estragou Ménétriés e Riedel."

Em alguns pontos do diário já anotara que Rugendas se adiantava com Ménétriés, aguardando os outros, ou retornando depois de algum tempo, ou então que Ménétriés e Riedel ficavam com Rugendas e deixavam-no seguir somente com Rubtsov. No fim do caderno 11 e início do 12, (out. e nov. de 1824) registra a explosão final. Aqui, o texto revela além do conflito entre os jovens e o homem maduro, a rebeldia dos subordinados às imposições do chefe que incorpora a expedição e representa o Tzar de todas as Rússias. "Rugendas se intrometeu para defender Ménétriés, batendo com o punho fechado em cima da mesa, pretendendo, com isso, dar mais força ao seu discurso, tudo isso na presença do Padre João Marques. Com toda discrição, chamei-lhe a atenção para o seu comportamento, fazendo-lhe ver que ele não se encontrava numa pousada, mas em companhia de gente civilizada. "Onde o senhor está, respondeu ele, não existe convivência civilizada". E continuou. "Para mim não importa se o senhor é cavaleiro da ordem de um Rei ou de um Imperador da Rússia, pois vou-lhe dizer mesmo assim que o senhor é um cachorro!" Os registros do dia 2 de novembro especificam melhor a situação.

"Como eu estivesse profundamente abalado com aquela conduta tão incivilizada, deixei para executar a decisão que imediatamente tomei somente quando estivesse com o sangue frio. Hoje, depois de muita reflexão e de uma noite de insônia, escrevi a carta anexa àquele jovem imprudente de 22 anos, que ofendeu, de forma grosseira, um senhor de 51 anos.// Hoje ainda houve muitas controvérsias quando tentamos fazer nossa prestação de contas. Que dia desagradável!"// Vide anexos diversos:// Ao Sr. Moritz Rugendas: //Considerando que o senhor, já algumas vezes, se comportou de forma profundamente imoral em relação a mim, chefe da Expedição de Sua Majestade o Imperador de todas as Rússias; e que, ontem, dirigiu, contra a

minha pessoa, os xingamentos mais grosseiros, esquecendo-se, portanto, da consideração que me deve pela minha idade, posição e dignidade, participo-lhe que o senhor está dispensado de todas as obrigações para comigo, pelo que devo lhe solicitar que entregue todo o material pertencente à expedição, bem como os desenhos feitos para a mesma. Ainda hoje lhe pagarei o dinheiro necessário para a viagem ao Rio de Janeiro bem como o saldo da remuneração que lhe é devida.// Nossos conceitos de sentimento de honra são tão diferentes, que o julgamento de um jovem artista me é tão indiferente quanto o seu comportamento em relação a mim em várias oportunidades, ***uma vez que ele e o Heinrich se candidataram para uma colocação na cidade do Rio de Janeiro. Da mesma forma, é-me indiferente o fato de o senhor ter retirado, às escondidas, de minhas cartas pessoais palavras soltas e desconexas e as ter divulgado, de forma parcial e distorcida, entre pessoas alheias ao nosso trabalho***.// Insultos grosseiros merecem desprezo. Tenha uma boa viagem! O senhor deve tomar o caminho por Ouro Preto, onde vai receber o seu passaporte (escreverei a Sua Excelência o Senhor Presidente nesse sentido).// Quando chegar ao Porto de Estrela, queira mandar para a Mandioca a mula que lhe for dada para a sua viagem.// Incumbirei o Vice-Cônsul de Sua Majestade o Imperados de todas as Rússias, o Sr. Kielchen, de receber, no Rio de Janeiro, os desenhos anteriormente feitos para a expedição.// N.B.: as considerações e citações acima sublinhadas referentes a comportamento imoral foram retiradas.

Ao Sr. Vice-Cônsul P. Kielchen, entre outros esclarecimentos escreveu: "Reza o nosso contrato, que, há muito ele já vinha quebrando diariamente, e cujo original mandarei buscar na Mandioca para entregar ao senhor, que todos os croquis e desenhos feitos por ele tanto na viagem anterior como nesta, assim como todas as tintas, pincéis, lápis, tintas a óleo, papel, etc., terão que ser entregues ao nosso Governo.// Aquele senhor fez muitos desenhos, mas não os entregou. Como sei das dificuldades e transtornos de um processo judicial contra ele trará ao senhor, poderei, pelo menos, exigir-lhe o cumprimento de uma outra cláusula do contrato, qual seja a que determina que ele faça uma declaração por escrito, na forma contratual, comprometendo-se a não divulgar e nem permitir a ninguém que divulgue os croquis feitos durante a viagem, até que eu tenha publicado meus escritos de viagem".

As observações e reflexões feitas a respeito dos escravos e das mulheres surpreendem. No dia 14 de julho de 1824 registra o seguinte: "Várias vezes admirei-me em ver o quanto se conseguia fazer nas fazendas com tão poucos escravos. Eu não conseguia entender, pois também procuro manter meu pessoal trabalhando com eficiência. Mas finalmente descobri o motivo: quando se pergunta o número de escravos, aqui consideram-se só os homens, ou seja, aqueles que trabalham na roça ou no campo. As mulheres são todas empregadas na casa e nos afazeres domésticos

como, por exemplo, levar o milho para a moenda, cozinhar milho e comida para os porcos, ocupar-se da cozinha, da roupa, fiar e tecer algodão, espalhar o feijão de rícino, cozinhar óleo, fazer farinha de milho, dar comida às galinhas, etc. Langsdorff percebera um viés machista que tem falsificado os estudos estatísticos até recentemente.

Interessou-se e revelou-se nos registros sobre diversidade de usos e costumes. Registra os recolhimentos femininos que encontra, em sua função de educar meninas e castigar mulheres levianas, que incluem escravas em sua população ocupada não só em orações, mas na confecção de flores, conservas, confeitos, doces e cerâmica. Da diferença do tratamento dado aos escravos fazendo uma comparação chocante: "O velho João, de 74 anos, que comprou um há oito dias, trata-os, no início, como às crianças da casa. É porque", disse ele, "primeiro eles precisam criar amor por seus senhores, pois, assim, nunca fogem, o que, de resto é comum acontecer.// em Kamchatka, quem quer ter um bom cachorro deve fazer o mesmo. Deve ele mesmo alimentá-lo e chamá-lo pelo nome, principalmente enquanto ele está comendo, e ficar ao seu lado até que ele termine de comer, para que o cão fique conhecendo bem o seu senhor e benfeitor, isto é, aquele que lhe dá de comer para que trabalhe".

Às vezes, as observações sobre as mulheres, as famílias e a longevidade da população mineira são reveladoras mais do cientista que das questões observadas. "Informaram-se hoje, pelas redondezas da casa de João Marques - três ou quatro hóspedes pernoitaram aqui, e indaguei sobre a idade avançada das pessoas - que, há pouco tempo, morreram pessoas de 120 e 116 anos. Deram-me quatro ou cinco nomes de pessoas com idades superiores a 100 anos: a maioria é de mulheres, e os homens de idade avançada geralmente são portugueses europeus.// Antigamente, antes da vinda do Rei de Portugal ao Brasil, os portugueses e as primeiras famílias mantinham-se isoladas dos mestiços luso-brasileiros. Os portugueses consideravam uma vergonha casar-se com membros de famílias luso-brasileiras. Ainda hoje, muitas famílias procuram se manter puras, evitando perder o sangue nobre com casamentos mistos. Em nunhum país vi tantos casamentos entre parentes consangüíneos próximos (primos com primos, tios com sobrinhas) como aqui. Esse certamente é o motivo por que se proíbe o contato e relacionamento do sexo feminino com estranhos; somente os parentes próximos têm acesso à família". (...) "Aristocratas, donos de terras e funcionários civis e militares de Portugal achavam-se tão superiores aos brasileiros recém-chegados de famílias desconhecidas, que o casamento com tais famílias era considerado uma ofensa ao sangue europeu português. Casamentos desse tipo nunca foram permitidos e, quando aconteciam, provocavam discórdias familiares.// Faço essa observação porque Saint Hilaire considerava a mistura de europeus com brasi-

leiros (em Minas) um elemento de formação do caráter".

E quase no final desta expedição, em fevereiro de 1825, acrescenta ao diário: "No entanto, tenho me esquecido de mencionar uma outra circunstância e uma curiosidade psíquica que contradiz totalmente uma afimação amplamente aceita.// As meninas, em geral, estão prontas para o casamento antes das nossas: freqüentemente elas se casam aos 13 ou 14 anos. Elas costumam menstruar muito cedo e são muito fertéis. As mulheres, pelo menos na região de Minas que visitei, envelhecem, têm filhos e menstruam até perto dos 60 anos. A ética me proíbe de citar nomes. Várias vezes vi - ou ouvi falar - de pessoas casadas, com 30 ou 35 anos, já com famílias constituídas, convivendo com irmão e irmãs de um ano de idade, filhos da mesma mãe. Em outras palavras: mulheres com 40 anos de casadas que ainda são férteis".

O livro de Hans Becher sobre as pesquisas do cientista Georg Heinrich von Langsdorff, publicado pela Editora Universidade de Brasília, em 1990, com seus fac-símiles de documentos e cronologias aponta para os desenlaces fatais da grande expedição ao interior do Brasil, encetada após aquela registrada neste diário: o suicído de Hasse, o afogamento de Taunay, as alucinações, os mosquitos, as febres e a fome que reduziram o corpo da expedição a um bando de homens trôpegos, desvairados e desestruturados, tentando inutilmente resistir às violências naturais de um lugar que denominaram de Buraco do Inferno, em Porto Velho, às margens do Rio Preto.

A leitura deste diário e dos trabalhos sobre o seguinte nos trazem à tragédia de Prometeu, castigado por ter dado aos homens o dom da razão (a luz, o fogo), o aliado supremo na luta contra a natureza, permitindo que resistissem cegamente contra a morte, perdendo o lampejo divino de aceitação da mortalidade.

A atuação do médico Langsdorff nos sertões, suas preocupações com as doenças e sua cura, com a longevidade encontrada em Minas Gerais, o trabalho sobre as propriedades terapêuticas da cainca gloriosamente anunciada ao pai, sua fertilidade e preocupação com a fertilidade e a educação das jovens que encontrou na viagem, a onipotência e a soberba de sua atuação e escritos, num desafio às convenções sociais e às limitações naturais de tempo e trabalho, mergulham-no em depressão diante das incompreensões e da falta de reconhecimento. Não estava preparado para os fracassos sucessivos de suas iniciativas. Acreditava firmemente que sua tenacidade, dedicação e inteligência superariam todos os obstáculos.

A pressa de Langsdorff justificava-se.

O vigésimo sexto caderno do diário da Grande Expedição permaneceu inacabado.

ANOTAÇÕES DIÁRIAS DAS VIAGENS REALIZADAS POR G. I. LANGSDORFF[1] PELAS PROVÍNCIAS DO RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS NO PERÍODO DE 8 DE MAIO DE 1824 A 17 DE FEVEREIRO DE 1825

Caderno nº 1 - folhas 1-34
8 de maio a 12 de junho de 1824

Partida da Mandioca em 8 de maio de 1824.
Tempo bom. Até José Dias, no meio da serra.
Os animais de carga estavam bastante carregados.

Tarde da noite, chegaram o Sr. Freytag[2], com um bom cavalo, e Francisco, com uma carta de padrinho do Padre Correia (Antônio Tomás de Aquino Correia).

09/05

No dia 9, foram buscar uma sela de carga na Mandioca. Fizeram-se observações com o barômetro. Tempo bom. Bastante fresco à noite. Ao meio-dia, chegou, com a sela de carga, a mula que havia sido despachada hoje cedo, e, em seguida, tomaram-se efetivamente as providências para a nossa partida. Sobretudo, acondicionaram-se novamente as caixas mais pesadas, distribuindo-se melhor o peso. Retiraram-se os objetos pesados de várias caixas, e usou-se um novo animal para o carregamento, o que deixou o nosso tropeiro mais satisfeito.

As alças de ferro de duas caixas tinham se partido durante a caminhada de ontem e por isso foram substituídas por cintas de couro. Embora todos os nossos animais tivessem sido ferrados ontem cedo, vários deles perderam suas ferraduras na estrada calçada da serra da Estrela[3], de forma que o tropeiro ficou ocupado a manhã inteira com a ferração dos animais.

NB: Barômetro quebrado.

Mais ou menos à 1h, tudo estava pronto - estavam acabando de carregar os últimos animais. José Dias mandara preparar uma boa comida para nós.

Agora, com todos os animais já carregados, tomamos o caminho já conhecido. Era por volta de 1h. Passamos por Córrego Seco, Tamarati, Samambaia, também chamada Belmonte, e, lá pelas 4h da tarde, tendo passado por caminhos bons, chegamos à fazenda do Padre Antônio Tomás de Aquino Correia[4].

Nas baixadas úmidas, animando a paisagem, havia uma planta chamada *Cassia*[5], com flores amarelas, e, nas capoeiras, havia a *Rhexia*[6], com suas grandes flores lilases.

A casa do Padre Correia fica num terreno aberto, onde se vêem, enfeitando o seu centro, duas figueiras americanas[7] com cerca de 40 pés de altura. Ao meio-dia, elas dão uma sombra completamente fechada de 40 passos de largura. O que é curioso nessas duas árvores é que elas foram fincadas ali há mais ou menos 50 anos para servirem de ombreiras para um portão de jardim, mas acabaram brotando, formando galhos, que cresceram se entrelaçando e que hoje parecem sair de um único tronco. Perto da casa, achamos uma *Phlomis*[8] e uma *Datura Stramonium*[9], ambas em flor. A propósito, agora a vegetação está quase morta.

À noitinha, por volta de 7h30, serviram-nos um bom jantar: arroz, carne e couve. Em vez de pão, recebemos farinha de milho (torrada) - não era fubá. Ficamos com sede, mas, como lá não se podia conseguir uma garrafa de vinho nem por todo dinheiro, tivemos que nos contentar com água. Toda comida tinha sabor forte, pois era temperada com pimenta-de-caiena (*Capsicum*[10]) e alho.

Recebemos esteiras e cobertores e ficamos bem instalados na hospedaria.

10/05

De madrugada, fazia 10°Reaumur[11]. Mandamos vir nossos animais - felizmente encontramos todos. Tivemos que lançar mão da provisão de mantimentos que havíamos trazido, pois teríamos que esperar muito tempo pelo café da manhã. E partimos em boa hora para Sumidouro. No caminho, passamos por Ponte, Olaria, Magé e outros locais. Os carrapatos são uma verdadeira praga.

11/05

Ficamos na casa do Sr. Francisco Caetano, onde fomos muito bem recebidos. Desde a nossa última estada, haviam adquirido mais gatos, de forma que, desta vez, não vimos nenhum rato-de-barriga-branca.

Hoje cedo, o filho do dono da casa foi, com uma tropa, até a Mandioca. Através dele, mandei ordens para que me enviassem um barômetro *Panznersch*, levassem de volta o *J. Bancks* e mandassem mais um negro. Os barômetros ingleses são muito caros e não prestam.

NB: Não havia ovos em toda a fazenda.

Como não há pastos em Sumidouro, mandamos nossos animais meia légua adiante. De manhã, até as 10h, eles ainda não haviam chegado, embora eu tivesse despachado junto dois negros, que deveriam dormir lá e trazer os animais de volta de manhã cedo. Já era meio-dia, e eles ainda não estavam lá. Mandei, então, mais um negro, sendo que o próprio tropeiro já tinha ido para ajudar na busca. Por volta de 1h, todos, afinal, foram encontrados. Só pudemos partir depois de 2h.

O caminho margeava o agitado rio Piabanha e vários ranchos - de meia em meia hora passávamos por um. Os maiores estabelecimentos eram o do Padre Secretário e o do Capitão Fagundes, sendo que esta última fazenda fica no sopé de uma montanha, não muito longe de um riacho que atravessa a mata e se precipita sobre as rochas. Depois de transpor o morro, alcançamos Pampulha, onde chegamos pouco antes do anoitecer. Calculou-se que estaríamos a 2½ léguas de Sumidouro; a nós pareceu ser mais longe. Achamos uma venda, onde tentaram, de todas as formas, nos fazer pagar mais pelas mercadorias. Lá tudo estava mais caro do que na própria cidade. O lugar era cercado por montanhas. Aqui há uma ferraria.

12/05

Felizmente, hoje trouxeram nossos animais todos juntos, depois de passarem a noite toda vigiando-os; assim, puderam ser logo alimentados e carregados. Por volta de 9h, estávamos todos prontos para a viagem. Os animais, alguns recém adquiridos, caminharam melhor hoje; deram-nos trabalho apenas quando encontramos outra tropa ou quando passávamos pelos vários ranchos. A região por onde passamos é selvagem e de floresta virgem[12], com exceção de alguns lugares, onde se viam plantações, capoeiras e roças. Precisamos subir e descer alguns morros íngremes, de onde pudemos ver troncos magníficos que, elevando-se de vales profundos, chegavam a subir mais alto do que a estrada, que já estava numa altura de 100 pés.

Pouco antes da fazenda Cebola, do Guarda-Mor Leandro Barbosa[13], vimos outra figueira americana, mais bela e com um tronco mais grosso ainda do que o da anterior; para abraçá-la eram necessárias 6 ou 7 pessoas. A extensão de seus galhos era apenas 3 ou 4 passos inferior à da outra.

Chegamos, então, à fazenda Cebola, pertencente a um tal Coronel Barbosa. O local é extremamente bonito e acolhedor. Mais ou menos de meia em meia hora, passávamos por ranchos e vendas. De Pampulha, para Joaquim Mariano, para Cebola, do Guarda-mor Leandro Barbosa. Então, para a fazenda Lage, Padre Paulo, ou Ribeirão; Fazenda Boa Vista, onde há caetê[14]; Cruz, onde há três ranchos. Chegamos, então, à fazenda Governo. Lá fomos mal recebidos pelo arrendatário da taberna. Ele ficou ofendido porque, primeiro, nós nos preocupamos com o abrigo dos animais e com nossa bagagem e, depois, com nossa hospedagem. Lá havia uma venda, uma hospedaria e um rancho grande, onde pernoitamos.

No caminho e em suas cercanias, havia muitos insetos, como lagartas e borboletas. Depois da nossa chegada, às 2h, conseguimos capturar alguns belos exemplares.

Na venda não achamos quase nada: nem ovos, nem arroz, nem toucinho; somente um vinho ruim, bananas boas e milho para os animais. Pagamos 2 patacas por 5 alqueires de milho[15]. Nesta época, é possível achar milho novo, que deve ter sido plantado em julho ou agosto e colhido só agora, junto com o feijão. Provavelmente, o milho amadurecera mais cedo, mas, como era o costume, deixaram-no secar no pé, esperando que o feijão de março também estivesse maduro, para, então, serem colhidos juntos.

13/05

Foi uma serena noite enluarada, nem de longe tão fria como as anteriores. É que a região é consideravelmente mais baixa, pois já estávamos nos aproximando do rio Paraíba. Felizmente, nossos animais foram encontrados todos de manhã, de forma que pudemos partir em boa hora.

O Sr. Rubtsov pôs-se cedo a caminho, para chegar rapidamente ao local da travessia do rio Paraíba e poder, assim, instalar-se para o seu trabalho de observação. Os Srs. Riedel e Rugendas o acompanharam; o Sr. Ménétriès e eu ficamos com a tropa. O caminho ora subia morro, ora descia. Depois de meia hora de caminhada desde o local de partida, chegamos à grande e importante Fazenda Governo, onde há canaviais, bangüê[16] e alambique.

Lá havia muitas casas, que, juntas, davam ao local uma aparência de povoado. O proprietário, homem rico, morava a maior parte do

tempo na cidade. Todas as terras nos arredores, numa área de várias léguas, pertencem à fazenda, que abriga muitos habitantes. Nele vêem-se mais capoeiras do que mata virgem. Vários caminhos levam daqui até o rio Paraíba, o maior da Província do Rio de Janeiro. De Governo ao Paraíba são aproximadamente 2½ léguas.

Partimos às 9h e chegamos às 12h. Na margem esquerda do rio, há um passadouro e um registro, onde cada viajante tem que apresentar passaporte e pagar impostos, que são empregados na construção de estradas, bem como na manutenção das já feitas. Aqui é basicamente um posto de inspeção, destinado à revista de viajantes vindos do interior de Minas e ao controle do contrabando[17] de ouro em pó e em barra e de diamantes. Essas medidas parecem ser apenas formais, pois, na verdade, elas não atendem ao seu fim último. Só são inspecionados realmente os suspeitos ou as pessoas denunciadas. De fato, como seria possível revistar a carga de centenas de mulas que passam por ali diariamente?

O Sr. João Frederico Credé, um jovem de Frankfurt, casara-se há poucos dias com a filha de um funcionário que trabalha no Paraíba. Quando ele soube, através do Sr. Rubtsov, da minha chegada, veio ao meu encontro ainda deste lado do rio. Por cortesia de compatriota, ele cuidou da nossa hospedagem e avisou as pessoas da nossa chegada, de forma que, efetivamente, fomos muito bem recebidos.

No caminho, vimos muitas borboletas. Hoje, para o Sr. Riedel se oferecia uma vegetação diferente, pois a que se viu até agora apresentou pouca variação em relação à da Serra dos Órgãos[18]. No Paraíba, descobrimos uma nova espécie de *Hirundo*. Quebrou-se a nossa chaleira de ferro fundido; portanto, ferro fundido não serve para este tipo de viagem.

As pessoas que estão empregadas aqui são: um comandante (um capitão militar inválido) com 20 a 24 homens; o fiel, quer dizer, a pessoa encarregada da inspeção das barras de ouro provenientes de Minas e que expede um documento com o qual as barras de ouro são levadas para o Tesouro, no Rio de Janeiro; o provedor, que examina os passaportes, e o secretário; vários cabos que revistam todas as mulas que vêm de Minas Gerais ou vão para lá. Na travessia do rio (Paraíba), na estrada calçada da Serra da Estrela, e na ponte em construção (sobre o rio Paraibuna), pagam-se, para cada mula, 370 réis e, para cada pessoa, 250 réis, inclusive os negros. Segundo me garantiram, passam por aqui, em média, por mês, 2.000 pessoas e 4.000 mulas, o que resulta, portanto, numa considerável receita para o Estado. Antigamente, uma parte desse pessoal estava instalada no rio Paraibuna, mas, pouco antes da conclusão das obras da ponte nova, todos foram transferidos para cá.

Hoje, vasculhamos os arredores. Todos estavam ocupados. Hoje cedo, as formigas destruíram toda a minha coleta de ontem. Fui imprudente em deixar a caixinha no chão. A caixinha com a coleta de hoje foi pendurada em local bem alto. Às vezes, o rio sobe bastante.

15/05

Preparamo-nos para a partida hoje. Deixei o terceiro barômetro inglês aqui com o Sr. Credé, para que ele o envie oportunamente à Mandioca; e levei comigo o francês, que parece atender muito mais às nossas necessidades.

Nossas mulas, que haviam descansado dois dias e meio, novamente nos deram muito trabalho. Duas jogaram suas caixas no chão. Uma

caixa de insetos foi destruída. Três mulas fugiram para o mato sem ninguém perceber. Depois de muito procurar, e com grande perda de tempo, finalmente encontramos uma delas, que estava na lama e na água. Era a que tinha a caixa onde estavam as minhas roupas e meus papéis. Em uma das caixas havia entrado um pouco de água, que estragou um livro e papéis de desenho; a outra ainda estava seca.

Nossa jornada de hoje não foi longa. Deixamos o rio Paraíba somente às 2h da tarde e chegamos às 5h em Farinha, duas léguas adiante. O caminho passa dentro da mata e sobe um morro, que uma rápida consulta ao barômetro atesta ter 1600 pés. De cima da serra, tem-se uma bela visão panorâmica do vale do Paraíba.

O caminho é pitoresco e belíssimo; floresta densa com grande variedade de árvores, de canas de bambu, novas espécies de plantas; lindas *Lobelia*[19], um novo tipo de *Polypodium*[20], *Malpighiaceae*[21], etc.

Farinha localiza-se no meio da floresta, cercada de montanhas. Ficamos felizes por ter chegado aqui antes do anoitecer. Encontramos lugar no rancho. Há uma venda ruim. O pasto também é ruim; na verdade, não há pasto para nossos animais e há poucos mantimentos. Só não passamos aperto porque tínhamos trazido conosco galinhas, feijão, etc. Foi muita sorte conseguirmos ainda comprar milho a 4 patacas cada saco. Pernoitamos no rancho.

Durante o dia, ao longo do caminho, vimos várias colunas altas e grandes: eram ninhos de formigas brancas, *Termes*[22], sobre as quais terei oportunidade de falar mais adiante.

16/05

Com o tempo sempre bom, passamos a noite no rancho. De ma-

nhã cedo, mandamos nosso pessoal até a mata para procurar os animais. Durante a noite, sete deles apareceram no rancho. Foram presos e amarrados.

O Sr. Rubtsov queria partir bem cedo para o rio Paraibuna, mas teve que se demorar mais, devido à ausência dos animais. Enquanto isso, todos estavam ocupados em procurá-los. Acabamos tendo um dia inteiro de descanso, pois três dos nossos animais haviam se perdido.

Casualmente, verificou-se que, de uma das caixas que caíram na água ontem, havia escorrido água durante a noite. Examinei ambas as caixas; passei o dia todo secando meus papéis. Foi um dia bastante desagradável.

NB: Em São João del Rei perguntar por Chiquinho na hospedaria, por causa do aluguel de uma casa; e mandar os animais para a Chácara das Águas, de Bento José de Bastos.

17/05

À noite, duas das mulas que haviam fugido na noite anterior voltaram ao rancho. Pouco depois chegaram vários outros animais nossos que haviam sido deixados, ontem à tarde, no pasto. Quando amanheceu, faltavam-nos de novo duas mulas, ou seja, aquela de ontem e uma outra de hoje. O pessoal foi mandado de novo para procurá-las.

Pode-se imaginar facilmente como deve ser desagradável sair da cama quente, de manhã cedo, e entrar no mato úmido. Que vida triste a do tropeiro, ou arrieiro, e a do camarada!

Depois de uma longa espera, voltaram todos sem ter resolvido nada. Faltavam, ainda, dois animais. De um deles, soubemos que tinha

sido visto no caminho para o Paraíba. Mandou-se um negro ir procurá-lo também. Por volta do meio-dia, ele chegou montado na mula. Ainda faltava uma. Como não podíamos mais prosseguir hoje, mandamos o tropeiro, de mula, ao Paraíba, para deixar avisado lá que estava me faltando um animal e para deixar afixado um bilhete. Mandei-o também verificar se, por acaso, o animal não estava no pasto de lá, devendo retornar na mesma noite. Mas ele não veio. Como já havíamos perdido muito tempo, de manhã cedo, mandei que aprontassem os animais e fossem para o rio Paraibuna e para Vargem, três boas léguas. Sem o tropeiro, eu me surpreendi ao ver o meu pessoal carregar as mulas já com tanta habilidade.

18/05

Recomeçamos nossa viagem mais ou menos às 9h, mas, tão logo os animais deixaram o rancho, houve uma reviravolta: uns correram em disparada, outros tomaram um caminho lateral, outros ainda correram para o pasto, e nós não tínhamos nem mãos nem pessoal suficiente para mantê-los em ordem. Ainda por cima, no momento em que nos afastamos, veio uma outra tropa grande, o que contribuiu para piorar mais ainda toda aquela desordem e confusão.

Depois de muito trabalho e de ter recarregado alguns animais, retomamos finalmente a nossa caminhada. Algumas cabanas miseráveis e mato foi tudo o que vimos. Logo chegamos à estrada que foi construída depois da nova ponte sobre o rio Paraibuna. Tudo ainda é muito selvagem. Numa distância de 20 a 30 passos à direita e à esquerda, vê-se a mata derrubada e queimada; aqui e acolá já se vê capoeira crescida[23]; e, isolados, ranchos recém-construídos.

Tivemos que subir alguns morros mais íngremes, sobretudo já nas proximidades do rio Paraibuna. Com tempo bom e seco, o caminho estava relativamente bom, o que aliviou as dificuldades de nossos animais novos. Todavia, em tempo de muita chuva, ele deve ficar extremamente ruim, quase intransitável. A mim me parece que se poderia ter feito um caminho muito melhor e mais confortável. Segundo informações colhidas, eu soube também que a doença do inspetor da estrada, no momento em que se abria o caminho, teria contribuído muito para que se fizesse uma estrada mais longa e desconfortável, a fim de garantir trabalho para mais pessoas e por mais tempo.

Finalmente, de 9h até aproximadamente 2h da tarde - normalmente se faria em três horas - percorremos duas léguas e alcançamos a ponte sobre o rio Paraibuna, concluída há alguns meses. Antes, era necessário atravessar o rio algumas léguas mais abaixo, onde ficavam a travessia principal e um segundo Registro. Ali tinha que se pagar diversos impostos. Desde que a ponte ficou pronta, fundiram-se os dois Registros no Paraíba, de forma que aqui, agora, se passa sem pagar.

A ponte tem 400 palmos de comprimento e 30 ou 40 palmos de largura e apresenta uma estrutura bastante peculiar. Embaixo, ela tem cinco pilares de pedras, com suportes de ferro pontiagudos voltados para cima. As distâncias entre as colunas são desiguais, uma vez que estão assentadas sobre as rochas existentes no rio. Apoiadas sobre esses pilares, estendem-se vigas de uma espessura incomum, e, sobre elas, de uma coluna a outra, correm longas vigas transversais. A ponte está assentada sobre esse vigamento, com sua bela balaustrada e cobertura. Alguns técnicos criticaram-na por ter sido feita tão baixa, o que a expõe ao perigo de desabamento em função das enchentes do rio.

De qualquer forma, a ponte é bonita; dificilmente existe obra pa-

recida no Brasil. Conta-se até que o Imperador teria dito que não existe, em toda a Europa, uma obra como essa. Sua construção durou dois anos e meio, e diz-se que ela teria custado 250.000 cruzados[24]. O rio corre comprimido entre as rochas e, impetuoso, forma cachoeiras, por assim dizer, embaixo da ponte.

Mesmo com nossos animais já cansados, ainda tivemos que fazer uma boa légua e chegamos, finalmente, por volta das 4h, a Vargem, uma grande fazenda, por onde se chega novamente ao caminho antigo para Minas.

Esqueci-me de registrar que me resfriei em Farinha e tive fortes dores na omoplata direita. Venho sofrendo muito há três dias, principalmente hoje. À noite, apliquei um emplastro vesicatório[25], que teve o efeito desejado. Ainda bem que eu trouxe remédios de toda espécie. Na manhã seguinte, senti-me relativamente bem e agora estou suportando melhor as dores e a ardência do emplastro. O tropeiro ainda não voltou.

19/05

Seis de nossos animais estavam faltando de novo hoje de manhã, em parte por causa da minha indisposição, em parte devido à ausência do tropeiro. Na falta dos animais, tivemos que ficar novamente aqui, um lugar onde não podemos comprar quase nada, pois nele não há vendas.

Finalmente, perto do meio-dia, chegou o tropeiro, sem animal. Somente tarde da noite é que acharam as mulas perdidas. Já era noite. Os negros tinham ficado o dia quase todo sem comer, procurando os animais. Uma parte dos animais foi levada para um outro pasto, e os

últimos encontrados passaram a noite amarrados.

NB: Sem mantimentos, feijão, etc.

20/05

Felizmente, conseguiu-se reunir os animais de manhã cedo; todos foram achados em tempo, de forma que, às 9h, já estávamos a caminho.

Depois de caminharmos meia légua, passamos por uma boa venda e um rancho, que, como local de parada, era melhor do que Vargem. Chamam este lugar de Rocinha, que quer dizer uma roça pequena ou terra cultivada, um conceito bastante genérico que se ouve freqüentemente por aqui.

NB: Por toda parte, grande destruição provocada pelas formigas-carregadeiras.

Chegamos, então, à Paróquia de Simão Pereira, onde se vêem a igreja, a casa paroquial, uma ferraria e um rancho. A paróquia compreende cerca de 3.000 almas. Só é estranho que a igreja esteja totalmente isolada, sem nenhuma casa por perto. Isso ocorre de vez em quando por aqui.

A região por onde passamos hoje era bastante estéril e não oferecia nada de interessante. A mata, caminhos ruins e uma vegetação sem nada de especial nos cercavam. À beira da estrada, de vez em quando, vêem-se casas habitadas miseráveis e outras não habitadas mais miseráveis ainda.

Seguimos, então, durante algum tempo, a margem esquerda do rio Paraibuna, que roncava ao passar pelas rochas, quebrando, assim,

um pouco a monotonia da viagem.

Mais ou menos à 1h, depois de percorrer 2½ léguas, chegamos a Matias Barbosa. Trata-se de uma passagem, um posto alfandegário entre Rio de Janeiro e Minas Gerais, onde se pesam todas as mercadorias vindas das duas direções. Ali pagam-se os mesmos 5% para cada 100 unidades de peso. Paga-se muito pelos produtos de ferro, secos e molhados, artigos de seda, instrumentos agrícolas. Também se paga alto imposto alfandegário pelos negros.

NB: Aqui deve-se inserir o que e quanto foi pago.

As cartas precisam ir abertas, pois as seladas custam 100 réis, enquanto que as abertas não custam nada.

Anteriormente, havia aqui um destacamento de cavalaria, encarregado de inspecionar os mineiros por causa do contrabando e que representava um grande obstáculo para o comércio. Até que, em 1821, quando esteve em Minas, o Príncipe Regente convenceu-se das desvantagens dessa guarda e a transferiu para outro lugar onde ela fosse mais útil.

Queríamos ficar aqui, pois nossos animais estavam mal-alimentados, mas é difícil imaginar a pobreza e a miséria das pessoas que vivem aqui. Havia uma venda miserável, mas nela não havia quase nada a não ser algum vinho; nem sequer farinha de milho. Não havia quartos, enfim, nenhuma possibilidade de ficarmos aqui. Fomos, então, para Ribereiro, um lugar bonito e agradável. No caminho, vimos muitos bandos de borboletas. Fizemos uma boa coleta delas.

Tivemos um bom almoço com carne de porco fresca. Passamos a noite e, de manhã, pagamos 24 patacas - cerca de 2 luíses[26].

21/05

Faltava, de novo, uma mula, de forma que só pudemos partir entre 9h30 e 10h. O caminho era muito mais ameno e interessante do que o de ontem. Chegamos primeiro à Fazenda Ribeirão, muito bem situada; depois passamos por várias casas pequenas e rocinhas, por Buraco Fundo, pelo Morro do Repentido, sobre o qual se erigiram várias cruzes[27], e chegamos a Marmelo. A cada meia hora via-se um rancho pequeno. Em Marmelo, pernoitamos de novo no rancho. Lá não havia nada para comprar - felizmente, havíamos trazido mantimentos; com muito custo, conseguimos comprar um pouco mais de feijão seco.

O dia foi como todos os anteriores. Consegui uma coleta bastante farta de borboletas, tanto em qualidade quanto em quantidade, principalmente no Morro do Repentido.

Ainda antes de 2h, paramos para que o Sr. Riedel pudesse fazer seu trabalho com as plantas e cada um de nós, as suas atividades. À noite, estava bastante frio, e, no entanto, a temperatura era de 13°R - já há vários dias, as manhãs estavam a 10°R. Os animais tiveram um pasto relativamente bom.

Foram os seguintes os lugares por onde passamos: Fazenda Ribeirão, Rancho da Viúva ou Joazal, Buraco Fundo, Rosinha de Medeiro, Medeiro, Marmelo, Alto do Marmelo ou Repentido Marmelo, onde pernoitamos; Campo de Boiadas, onde existe uma capela; Juiz de Fora, ¾ de légua; Devita, ¼ de légua; Tapera, ¼ de légua; Alcaide-Mor, 1 légua; Ribeirão, ½ légua; e Entre-Morros, 1 légua.

22/05

Felizmente, todos os animais foram encontrados relativamente cedo, e, em seguida, preparamo-nos para partir. Logo tivemos que subir um morro alto. A manhã estava serena, e, do cume mais alto, tivemos uma vista lindíssima da região atrás de nós. Avistamos várias casas e estabelecimentos que não havíamos visto antes.

Em todos os arredores já haviam feito roçados extensos, para o que derrubaram florestas até o topo das montanhas, o que não ocorre em outras regiões, onde sempre se deixam de pé as árvores existentes nos cumes.

Entramos, então, na mata fechada, onde um nevoeiro espesso provocava uma friagem úmida desagradável. A vegetação oferecia pouca ou quase nenhuma variação, e ainda era muito cedo para se poder ver alguns insetos.

Em toda a caminhada de hoje subimos e descemos morros. Os caminhos estavam tão bons que nossos animais avançaram bastante. Praticamente de meia em meia hora, encontrava-se um estabelecimento, onde normalmente havia um rancho e uma venda. Por volta de 2h, chegamos a Entre-Morros, onde se pode encontrar uma boa fazenda, várias casas e uma boa venda. Hoje percorremos mais do que 3½ léguas (uma légua são aproximadamente 5Km). Infelizmente, tivemos que dormir em rancho aberto. As mulas precisavam de um bom pasto. A captura de insetos hoje foi medíocre, mas, mesmo assim, consegui alguns exemplares bastante raros.

Hoje cedo, em Marmelo, fazia 9°R.

O Sr. Riedel achou muito pouca variedade de flora da Serra dos Órgãos. À noite e de manhã, havia um nevoeiro bastante úmido; todos os papéis estavam úmidos.

23/05

Nossos animais chegaram um pouco tarde, mas vieram todos sem exceção, de forma que pudemos partir por volta de 9h. Hoje havíamos nos proposto fazer uma jornada curta, pois o Sr. Rubtsov desejava medir as distâncias do sol e da lua, e o Sr. Riedel, remover todas as suas plantas[28].

Na primeira meia hora, o caminho passava por uma bela cachoeira, mas, como havia mato extremamente denso por todos os lados, impedindo o acesso a ela, o Sr. Rugendas não teve condições de fazer nenhum croqui do lugar. Nas imediações, havia uma magnífica *Ruellia*[29] em flor. Chegamos, então, ao local de escalada de um morro íngreme na direção de Antônio Moreira, um vale cercado, coberto de relva; de lá para Queiroz, para Rocinha de Queiroz, para José Fernando e, finalmente, depois de uma caminhada de 2 léguas, chegamos a Estiva, que significa ponte feita com troncos e galhos de árvores. Do alto de algumas elevações, descortinamos de novo uma vista panorâmica, de onde pudemos constatar que estávamos num planalto. As montanhas já não são tão íngremes, mas mais onduladas, e a mata fica mais rala e pobre em troncos largos. A própria vegetação adquire outro aspecto. Observamos bosques inteiros de taquaras, quer dizer, bambus. Muitos *Solanum*[30] e *Compositae*[31] (*Syngeestbäume*); *Cecropia*[32] e, de vez em quando, também algumas que ainda não havíamos observado. Várias *Lepidoptera*, mas muito poucas *Coleoptera*. De pássaros, nada que chamasse particularmente a atenção.

A região é mais ampla, aberta e mais cultivada. De meia em meia hora, achava-se uma cabana, um rancho ou uma venda. Todas as fazendas nestas vizinhanças têm meia légua de largura à beira da Estrada Real e 3 léguas de profundidade, isto é, 1½ légua à direita e à esquerda

da estrada principal. Foi dessa forma que se dividiram, desde os tempos mais remotos, todas as terras. De vez em quando, proprietários vizinhos vêm se estabelecer aqui, de forma que as terras, que praticamente não foram demarcadas, estão quase todas sob processo judicial.

Por toda parte, as formigas grandes são um flagelo.

Há pobreza em todo lugar. O viajante é sempre enganado, além de não poder adquirir nada com dinheiro, nem sequer os mantimentos mais comuns. Há alguns dias, pudemos comprar, aqui e ali, um pouco mais de feijão e milho. Leite não se acha em lugar nenhum; ovos, raramente. A cachaça está mais de duas vezes mais cara do que no Rio - a garrafa custa 160 réis (um franco). Em muitos lugares, não se acha nem aguardente. A garrafa de vinho custa 1,5 patacas. Neste ano, houve total escassez de feijão. O saco de milho custa 4 patacas.

24/05

Muita neblina, mas não tão fria como em Entre-Morros. O pasto era bom, e, por volta de 9h, reiniciamos nossa viagem. Desta vez, as mulas seguiram sem nos causar incômodos. A região apresenta poucas variações. Numa distância de 3 léguas, passamos pelos seguintes lugares, isto é, pelas seguintes casas, cabanas ou ranchos: de Estiva para Azevedo, onde há uma venda; Coqueiros ou Luiz Antônio, onde há muitas palmeiras e ingás[33], algumas formando belos conjuntos; Sobradinho, um vale grande; Rocinha do Engenho, onde mora um capitão, o Capitão José Nunes; muitas casas bonitas; um vale plano e extenso; uma venda e a grande fazenda Chapéu d'Uvas; Freguesia da Assunção, com poucas casas - são 368 chaminés de lareira; Taboves, onde há uma grande ponte feita de troncos de árvores; França, Pinhei-

ro, Luiz Ferreira, onde há uma serralheria; uma venda; uma pequena capela; e, então, para Bom Retiro, onde encontramos bom alojamento numa casa, bons campos, venda e pasto.

O caminho de hoje ofereceu-nos pouco proveito, embora tenhamos visto mais pássaros do que de costume, destacando-se entre eles araras, papagaios e tucanos. Pouquíssimos insetos e borboletas, pois o dia estava chuvoso - o sol saíra já perto do meio-dia.

Havia muita miséria por toda parte. Praticamente não havia nem os mantimentos mais comuns. As pessoas abastadas tinham sua capela nas próprias terras, com extensão de 10 léguas. Mas não havia leite em casa, nem ovo. Tudo estava incrivelmente caro.

Nesta manhã, os animais vieram na hora certa. Estávamos bastante satisfeitos com a nossa pousada. Depois de um longo tempo, conseguimos de novo, finalmente, um quarto razoavelmente arrumado.

25/05

Fizemos hoje, novamente, três boas léguas, mais precisamente de Bom Retiro até Pinhão Novo. Passamos pelos seguintes lugares: Tejuco, Coqueiros, Samambaia, Pedro Alves, Rocinha de Pedro Alves, Rocinha de João Gomes, Capela de João Gomes, córrego Boa Vista, córrego das Saudades, Pinhão Velho, Samambaia, Soledade, Pinhão Novo, onde pernoitamos.

Perto de João Gomes, fiz uma boa coleta de borboletas, especialmente várias espécies da *Zygaena*, que se encontravam sobre as flores azuis de um *Eupatorium*[34], assim como diversas espécies de borboletas diáfanas.

26/05

Em Pinhão Novo, havia bom alojamento e pasto cercado. De Pinhão Novo para Mantiqueira. Pelo caminho, muitas *Termes* em ninhos de altura descomunal. Boiadeiro - Engenho de João Gomes. Muitas casas - Valo Batalha, Confisco; uma boa venda, pasto cercado. Bordo do Campo, de 3 a 4 léguas.

Pouco a pouco, a região se modifica. No lugar das florestas de troncos altos, surgem outras mais baixas. As taquaras, ou bambus, se amiúdam e cobrem todo aquele trecho do caminho, assim como as *Araucaria*[35], que já podem ser vistas entre as árvores de folhas caducas. Os montes são menos íngremes, os caminhos, relativamente bons. A região fica mais aberta, seja em função do cultivo mais intenso - que, no entanto, quase não se vê - seja porque a floresta naturalmente assumia o aspecto de capoeira.

Finalmente, chegamos a Batalha e, de lá, a Confisco, onde a natureza, a vegetação adquire uma aparência diferente.

Pouco antes de se chegar aos campos, vêem-se muitas *Araucaria* (uma espécie de pinheiro). Os campos apresentam uma vegetação bastante variada, de forma que o Sr. Riedel teve um dia muito feliz, apesar das suas dores nas pernas.

O caminho oferecia pouco conforto: é difícil encontrar até os mantimentos mais comuns, e, quando se encontram, só a preços incomuns. Os hospedeiros tentam, de todas as formas, enganar os viajantes. Em todas as vendas, havia prostitutas. Quando se lhes pergunta que tipo de atividade fazem, elas respondem, sem rodeios, que estão ali para entreter os viajantes. À noite, seja na venda ou entre os tropeiros, ouvem-se sempre pessoas tocando violão, às vezes bem, às vezes mal.

Enquanto isso, aquelas moças, na sua atividade profissional, tentam seduzir os viajantes. Elas dançam danças obscenas, cantam canções de baixo calão, deixam que se lhes sirva vinho ou cachaça, fumam tabaco, para, logo em seguida, através de outro talento, se mostrarem simpáticas e prestativas.

A temperatura normal de manhã e à noite é de 12°R. Em Bordo do Campo, há muitas casas, algumas grandes, e uma capela, todas remanescentes de grandes riquezas de outrora, quer dizer, de antes dos tempos da Inconfidência, isto é, há 36 ou 38 anos.

27/05

Ficamos em Bordo do Campo, porque o Sr. Riedel tinha muitas plantas para acondicionar. Os demais saíram em excursão. Eu fiquei.

Hoje cedo, escrevi, com toda pressa, a carta n. 9 para a Mandioca. Saíram, então, todos em excursão, cada um com suas tarefas. O Sr. Riedel tinha grande volume de plantas para acondicionar. O astrônomo Rubtsov não pôde fazer suas observações por causa do tempo chuvoso.

Pássaros, insetos, plantas, tudo é novo e diferente do que se vê nas florestas. Embora seja outono, há muitas plantas florescendo. São plantas que crescem nos campos, a 3.000 pés do nível do mar. Também as gramíneas diferem daquelas nas baixadas; são mais apropriadas e propícias aos animais, de forma que, agora, nossas mulas estão engordando visivelmente e se encontram em melhores condições do que antes. A quantidade de insetos diminui cada dia, na medida em que a estação mais fria avança. De manhã, às 7h, fazia apenas 7°R. Estava extremamente frio.

28/05

Assim que trouxeram todos os animais, partimos, por volta de 9h, para a Fazenda de Barbacena. A distância é de aproximadamente 2 léguas. O caminho é péssimo, com subidas e descidas, e muito pedregoso. Os fragmentos de quartzo tornam a caminhada muito incômoda.

Nas baixadas crescem pequenos bosques com muitas *aroeiras*[36]. Em alguns pontos nos campos limpos vêem-se árvores isoladas e uma porção de *Spogenssiste [?]* arbustivos, principalmente *Hyptis*[37], *Eupatorium* e *Melastoma*[38], algumas delas verdadeiras plantas ornamentais. Vêem-se, espalhadas e isoladas, cabanas e casas juntamente com pequenas plantações, e passa-se por outras. Há miséria por toda parte.

Depois de 1½ légua, chegamos ao Registro velho, que fica às margens do rio das Velhas, que nasce nesta região, onde é ainda incipiente. Há várias casas e uma capela, que dão ao lugar o aspecto de aldeia. O local é agradável e alegre, e as casas têm quase todas um aspecto simpático.

Fizemos uma parada perto do último rancho antes de Barbacena, quer dizer, na casa de José Ribeiro - esse é o nome do primeiro proprietário, mas o atual tem outro nome.

Conseguimos um alojamento relativamente bom, pelo menos era um quarto assoalhado, seco e coberto e com varanda. Tínhamos decidido permanecer aqui alguns dias e visitar os campos a partir daqui, onde poderíamos trabalhar mais livremente e mais à vontade do que na vila, onde, às vezes, a curiosidade ingênua das pessoas incomoda. Estávamos a apenas meia hora da aldeia propriamente dita e nos vimos obrigados a mandar alguém ir lá buscar alguns mantimentos.

29/05

De manhã cedo, recebemos a visita de um alemão chamado Casimir - na verdade, ele é da Alsácia, perto de Pfalzburg. Ele soube de nossa chegada ainda ontem à noite e veio ter conosco hoje cedo, para nos dizer que já havia avisado ao dono da propriedade onde ele trabalha que iria nos convidar para ficar lá, onde ele nos havia preparado um bom alojamento.

Logo depois do café da manhã, reiniciamos nossa viagem para a fazenda, para ver *in loco* a pousada oferecida.

30, 31/05

Através do Sr. Tausch, que encontramos, enviei as cartas n°s 10, 11 e 12 para a Mandioca e mandei o higrômetro quebrado.

Desde Bordo do Campo, quase não tenho visto insetos. A estação deles parece já ter passado.

Asseguraram-me que os índios envenenam suas flechas, besuntando-as com a menstruação das mulheres e levando-as ao fogo. Dizem que é um segredo dos índios.

Aqui em Minas, dá-se ao ouro em pó uma bela cor dourada clara, queimando-se as penas de uma perdiz e passando-se a fumaça daí resultante por uma peneira fina ou assoprando-se essa fumaça, com a ajuda de um canudo, sobre o ouro em pó. É uma coisa muito conhecida nesta terra.

Hoje o Sr. Rubtsov e eu acertamos os barômetros e os deixamos bem ajustados. A diferença entre eles era de apenas 7 pés.

A Igreja da Boa Morte, em Barbacena, foi construída com um tipo de pedra-sabão firme e rústico, proveniente de muitas léguas daqui. A pedra é maleável o suficiente para ser trabalhada e, por isso, permite que se ganhe com ela muito dinheiro, com um trabalho leve. Já há 9 anos que se pede esmola na Igreja para a sua construção.

Barbacena. José Teixeira da Fonseca Vasconcelos é o Presidente da Província de Minas Gerais.

1, 2, 3/06

Meia légua a Nor-noroeste, existe uma grande e boa pedreira de um tipo de quartzo branco e poroso, material de que é feita, em parte, a Igreja da Boa Morte. Todas as grandes pedras esculpidas para o portal, janelas, cantos e colunas são em pedra-sabão[39] ou calcário rústico, que é fácil de ser trabalhado. Ele é encontrado perto de Bordo do Campo e em outros locais afastados, e trazido com altos custos.

A grande Igreja da Boa Morte foi construída através da coleta de esmolas, quer dizer, à medida que se conseguia juntar o suficiente para se prosseguirem as obras durante algumas semanas. Mas agora não há dinheiro, e, enquanto isso, os operários descansam.

A três léguas de Barbacena, no caminho para São João del Rei, existe uma montanha de calcário, de onde se retira esse mineral para a Igreja. Com a pedra-sabão acima referida, fabricam-se panelas de cozinha, grandes e pequenas, que são torneadas sobre uma roda. Como é sabido, o calcário é da mesma natureza do asbesto incombustível, e me garantiram que essas panelas com quase meia polegada de espessura podem ser usadas por 30 a 40 anos. Nosso anfitrião Alferes José Simpliciano (aspirante-a-oficial), comandante do lugar e seleiro, asse-

gurou-nos que ele tem uma que já está em uso há 20 anos em sua casa. Uma panela como essas custa, dependendo do tamanho, 2, 3, 5 e 6 patacas, que correspondem a 6 luíses ou 2 táleres[40].

05/06

Decidiu-se partir para São João del Rei. O arrieiro só chegou entre 9h e 10h com os animais. Segundo soubemos mais tarde, ele havia bebido a noite inteira e carregado os animais com muita gritaria, pois estava bastante embriagado.

As mulas novas, das quais levamos duas, caminhavam até relativamente bem, mas logo depois ficaram bravas e derrubaram uma caixa no chão; deram muito o que fazer. O arrieiro não estava em condições de fazer nada e atrasou-se uma meia hora de Barbacena.

Depois de falar com nosso hospedeiro e com outras pessoas conhecedoras da região, tomamos a decisão de fazer apenas uma excursão a São João del Rei e São José, observar todas as particularidades dessa área e voltar, passando por Arraial do Prado, para Barbacena; lá, então, queremos ir, via Rancho das Mercês (ou das Mortes), visitar os Coroados e outros índios. Por isso, deixamos várias bagagens e três bestas de carga e viajamos somente com cinco delas.

O caminho passava por campos enfeitados de florzinhas. Percebemos logo que já não era mais a grande Estrada Real, pois, com exceção de algumas casas isoladas que vimos na primeira légua, de uma certa distância da estrada, não encontramos nem vendas, nem ranchos, nem habitantes.

Só depois de percorrer 2 léguas é que chegamos à Fazenda do Faria, onde fomos recebidos com muita atenção. Havíamos trazido mantimentos frescos da cidade, de forma que não precisávamos de mais

nada a não ser um quarto de dormir, o que nos foi oferecido.

O Sr. Riedel e o Sr. Ménétriès provavelmente tinham se perdido hoje, o que é muito comum acontecer nos campos. Eles não chegaram na Fazenda do Faria, cujo proprietário é o Alferes Manoel Ferreira. Sua fazenda é bem administrada. Ele a comprou há oito anos, a prestações, por 8.000 cruzados, sendo que hoje ele a poderia vender já por 20.000. Ao lado da residência, há uma capela com palmeiras ao redor, formando um belo conjunto.

06/06

De manhã, às 8h, estávamos a caminho. Cerca de uma légua adiante, o Sr. Rugendas adiantou-se na cavalgada, deixando para trás a tropa, o Sr. Rubtsov e eu.

O caminho era bastante montanhoso e pedregoso, com lascas pontudas de quartzo, que provocavam muitas dores nos pobres negros, que andavam descalços. Percorridas 2 léguas, passamos perto de Barroso, uma grande fazenda situada num lugar agradável, perto de um ribeirão, sobre o qual passa uma ponte muito perigosa. Depois de 1½ légua, chegamos, com risco de vida, ao ribeirão Caieiro, que vai dar no rio das Mortes.

Aqui há um forno de calcário ainda incipiente. Um tipo de pedra calcária rústica, de cor cinza azulado, foi descoberto nos arredores. Um português bem idoso construiu esse forno, pensando na construção da Igreja da Boa Morte, em Barbacena. O calcário foi levado daqui para o Paraibuna para a construção da ponte. Se conduzido com mais habilidade, seria um bom empreendimento. Mas há pouca madeira nas redondezas; e como se trata de um forno de calcário, pude, então, facil-

mente concluir que o bom homem não entende absolutamente nada do assunto. Além do mais, ele admitiu que, volta e meia, as pedras saem ainda cruas do forno. O fogo já durava 9 dias, e ele queria apagá-lo hoje, embora, no seu interior, só estivesse ardendo um pouco. A abertura dianteira do forno tinha, como no estilo gótico, mais de 5 pés de altura. Pois bem: em lugar de fechar essa abertura dianteira e cobrir o forno, o operador queria retirar a brasa e apagá-la - foi para esse fim que o forno fora instalado perto de um riacho.

Depois de viajar de 8h30 da manhã até aproximadamente 3h da tarde, chegamos à fazenda de um tal Lourenço Pinto. Dele não recebemos, assim como muitos outros, nenhuma demonstração de hospitalidade, pois ele nos mandou, depois de lhe pedirmos pousada, a uma venda miserável, onde havia alguns mulatos, velhos e jovens, mas onde não havia a menor condição de alojamento. Felizmente, havia nas proximidades, tal qual na propriedade de Lourenço Pinto, um rancho pobre, onde pernoitamos. Essa fazenda - ou a região - chama-se Invernado, ao invés de Hibernado, que quer dizer invernado ou frio. De fato, essa baixada era realmente extensa e aberta, mas também muito pantanosa e fria. Miseráveis e em ruínas estavam também as poucas cabanas de alguns agregados do proprietário do rancho. Mas, de manhã, achamos aqui aguardente comum - cachaça -, alguns ovos e leite, e o auxílio de um negro prestativo, o único habitante da cabana próxima.

Às 8h da noite fazia 10°R. De manhã, às 6h30, fazia 6° e estava nublado.

Um jardim abandonado, porém cercado, serviu de pasto para nossos animais à noite. De manhã cedo, eles foram reunidos, alimentados e carregados, de forma que hoje, pela primeira vez, sem arrieiro, estávamos a caminho antes das 8h. O arrieiro é um dos cinco que ficaram

para trás e não foram mais tarde.

Hoje estavam faltando no nosso grupo o Sr. Riedel e o Sr. Ménétriès, desde anteontem, e o Sr. Rugendas, desde ontem.

Em Barbacena, contaram-nos que há uma gruta impressionante nas proximidades de São João del Rei, ou, mais precisamente, do rio Elvas. Calculei que encontraria, às 12h, nesse lugar, conforme combinado, meus companheiros de viagem, e, a partir de Invernado, cavalguei na dianteira. O Sr. Rubtsov, que realiza suas tarefas regular e devidamente e que dá corda no seu cronômetro às 12h, era o único que ficara com a tropa e acompanhara os negros.

Através de um caminho relativamente bom, na maior parte em declive e plano, passando por campos que ofereciam alguma variedade em termos de árvores e vegetação, cheguei, depois das 10h, ao rio Elvas, não longe do ponto onde ele desemboca no rio das Mortes. Deparei-me aqui também com uma ponte em péssimo estado, que atravessei a cavalo, com perigo de vida - é realmente imperdoável um Estado civilizado deixar uma ponte nessas condições tão ruins. Ela tem de 15 a 20 pés de altura, é estreita, sem qualquer balaustrada. Consiste de algumas vigas (3) sobre as quais colocaram-se pequenos troncos e galhos de árvores, dispostos transversalmente e cobertos com um pouco de terra e areia, de tal forma que quase se pode ver a altura da ponte por entre uma vara e outra. Em alguns pontos, no entanto, há partes bem descobertas, quer dizer, buracos, que chegam a tomar a metade da ponte, que já é bastante estreita; e são buracos tão largos que as mulas mal conseguem saltar. Com isso, o forasteiro corre sempre o perigo de cair, junto com a mula, do alto da ponte no rio, que, nesta estação do ano, certamente não está muito fundo.

Como ainda era cedo - 10h30 da manhã - e como aqui perto de

uma venda, depois de vários dias, eu voltei a ver algumas borboletas, resolvi subir e soube que meus companheiros de viagem haviam pernoitado aqui e ido para a gruta. Depois de uma boa meia hora, peguei um guia para me levar também lá. Cheguei por volta das 12h e encontrei os Srs. Riedel, Ménétriès e Rugendas.

Esse fenômeno extraordinário da natureza consiste de um grande rochedo, situado numa espécie de planície, formado de pedra calcária grossa e de cor azulada (em tudo semelhante àquela de Barroso) e totalmente coberto de pequenos arbustos. Em seu interior, toda a rocha está como que rachada em muitas direções, formando uma porção de grutas, grandes e pequenas, algumas delas apresentando formas estranhas: aqui, uma igreja ou capela com um pequeno púlpito; lá, passagens subterrâneas, que conduzem a grandes galerias.

Como já foi dito anteriormente, a rocha é de pedra calcária. No entanto, dentro dela, vêem-se apenas poucas estalactites opacas e escuras, de cor cinza esbranquiçado. Em outras cavernas parecidas, elas são normalmente mais brilhantes.

Por volta de 1h, chegou um grupo de senhores de São João del Rei e aqui fizeram um piquenique na Segunda-Feira de Pentecostes, para o qual trouxeram farto suprimento em arroz e carne. Eram muito gentis, tanto que nos convidaram e acabaram sendo nossos guias e acompanhantes.

Deixamos a gruta aproximadamente às 2h e alcançamos a Vila de São João del Rei por volta de 5h, onde tivemos o prazer de encontrar o Sr. Rubtsov e nossa tropa, que haviam chegado lá há mais ou menos uma hora.

Nossos guias fizeram um desvio e nos trouxeram, primeiro, a Nossa Senhora do Matozinhos, uma espécie de subúrbio da vila, onde a mai-

oria dos ricos tem uma casa de campo e um parque. Foi realmente impressionante a visão que tivemos, quando deixamos uma paisagem monótona e avistamos, de repente, um vale aprazível, bastante cultivado e bem localizado, onde o viajante, maravilhado, pode ver *Araucaria*, laranjeiras, palmeiras e outras árvores. A igreja e as casas pintadas de branco faziam um contraste agradável com as várias tonalidades de verde, formando um quadro pitoresco.

São João del Rei fica num vale estreito, mas que se alarga logo abaixo, e é banhado por um ribeirão, rio d'Água Limpa. Para Oeste, vêem-se montanhas rochosas altas e abruptas, devastadas pela lavagem do ouro em tempos passados. Para Leste, campos em suave elevação ou colinas. Para Nordeste, um vale bastante extenso, cercado pela Serra de São José, o Campo de Marçal Casado, onde o Marquês de Pombal queria construir a cidade. Na parte sudoeste da cidade, nas vertentes devastadas dos morros, há uma jazida de ferro, quer dizer, mineral ferruginoso.

Cultiva-se o linho e faz-se tecido de ótima qualidade, até adamascado, apenas por diletantismo. Chamaram-nos especialmente a atenção as várias igrejas, não menos de doze, algumas delas ainda não concluídas.

As freguesias dessa comarca, ou desse distrito, eram as seguintes:

1. Bambuí
2. Piumhi
3. Tamanduá
4. São José
5. Parte de Congonhas
6. Queluz
7. Itabirava
8. Prados
9. Barbacena
10. Simão Pereira
11. São João del Rei
12. Lavras do Funil
13. Nossa Senhora das Dores de Parto
14. Nossa Senhora do Carmo do Rio Claro
15. São Sebastião da Ventania
16. Jacuí
17. Cabo Verde
18. Campanha
19. Baependi
20. Carrancas
21. Ajuruoca
22. Pouso Alto
23. Itajubá

24. Santana de Sapucaí
25. Ouro Fino
26. Caman do Cosa (Camanducaia)
27. Esta freguesia está sujeita à Justiça de S. Paulo, Franca.
São freguesias novas:
28. Ipitipola
+ Nossa Senhora do Patrocínio de R. Verde das Caldas
+ Douradinha
+ Freguesia das Alfenas
+ Freguesia de Mandu
S. João dividida em 3 c. S. João
29. Conceição
30. Nossa Senhora do Bom Sucesso
+ do Bispado de São Paulo
Os termos ou vilas dessa comarca são:
A - Tamanduá
B - São José
C - Queluz
D - Barbacena
E - São João del Rei
F - Baependi
G - Campanha da Rainha
H - Jacuí
NB: A grande cachoeira de Paulo Afonso fica no rio São Francisco.

Preços de mercado	Réis
¾ de libra36 de pão	80
1 alqueire de milho	480-560
1 alqueire de feijão preto	450-640
1 libra de carne de gado	30
1 arroba37 de toucinho	1920-2000
1 alqueire de arroz	1500
1 alqueire de farinha de milho	750-800
1 alqueire de farinha de mandioca	900
ovos (3-4)	40
1 galinha	240
1 frango	100
carne de porco fresca, traseiro	750
lombo de porco salgado	240
1 arroba de açúcar (=15Kg)	1200
mascavo	900
azeite de mamona, 1 garrafa	450
1 dúzia de lâmpadas38	300
1 arroba de farinha de milho	3600
vinho do Porto	480-560
vinho de Figueira	300-320
1 alqueire de sal	3000
1 arroba de fumo (folha de tabaco não existe)	2100
1 medida, 4 garrafas de cachaça	160-240
aluguel de casa por mês	1200-4000
1 libra de pólvora	4000
aluguel de um negro por dia	160
aluguel de um negro por mês	400

Na Comarca de São João del Rei, mais precisamente, na serra perto de Ibipiruna (ibi ou ipi é uma raiz comestível), quer dizer, na conjunção dos rios Grande e das Mortes, existe mais variedade de metais e minerais, entre outros, amianto bastante puro e fino, estanho, minério rico em ouro e uma grafita especial, que aqui se coloca no cadinho para fundir o ouro e é bem rentável. O lugar fica a 5 ou 6 léguas de São João del Rei.

O Juiz de fora, José Cesário Miranda, que é, ao mesmo tempo, intendente da fundição de ouro, foi muito gentil comigo: levou-me a conhecer todas as dependências do edifício do Governo. Entre outras coisas, ouvi e vi que todas as receitas e pagamentos do Estado são feitos em moedas cunhadas em cobre. Diariamente, vêem-se várias pessoas ocupadas em contar essas moedas pequenas, que, em seguida, são empacotadas em sacos de 100.000 réis, cada um pesando 2 arrobas (ou 64 libras). Esse dinheiro, no entanto, é enviado para Vila Rica de três em três meses, sendo que, no último trimestre - janeiro, fevereiro e março - a soma importou em cerca de 52 contos de réis[44]. Cada mula carrega, no máximo, 8 arrobas, portanto, 400.000 réis. Assim, eram necessárias 130 mulas para transportar esse dinheiro para Ouro Preto. Se o Governo gasta, com cada besta, cerca de 10.000 réis no transporte de 400.000 réis, imagina o que ele não perde no transporte de 52 contos de réis!

Como se poderia evitar esse prejuízo? Talvez criando-se um banco, ou talvez reduzindo-se o volume ou mudando o material das moedas cunhadas, ou mesmo o seu valor convencionado.

Hoje em dia, nesta comarca, tem-se extraído muito pouco ouro[45], mas a indústria e a agricultura prosperam por aqui: há tabaco, algodão e tecelagem, açúcar, café, destilaria de aguardente, pecuária, principal-

mente criação de porco e gado; toucinho, feijão, milho, arroz. Além disso, quase todos os frutos europeus se desenvolvem bem aqui: maçãs, nozes, batatas, castanhas, etc., os mesmos que vimos no pomar de São João Batista Machado. Dá até uvas, embora com dificuldade, na medida em que elas amadurecem no tempo das chuvas e apodrecem logo em seguida. As laranjeiras desenvolvem-se bem por toda parte e ficam bastante carregadas, de forma que, ao contemplá-las, não posso me furtar o pensamento de como seria proveitoso cultivá-las apenas para a produção de bebida alcoólica, quer dizer, vinho de laranja. Um laranjal, em comparação com um vinhedo com as mesmas proporções, certamente renderia mais, principalmente numa região onde a garrafa de vinho comum custa de 1 a 1,5 réis. Mas, aqui, quem possui algumas dúzias de laranjeiras não sabe o que fazer com as frutas. Nem mesmo os porcos querem comê-las - como único alimento, elas são aguadas demais.

A população da Vila de São João é, segundo declara o Juiz de fora, de 4.200 lareiras e entre 24.000 e 25.000 almas.

As fontes termais de Caldas, perto de Ouro Fino, merecem especial atenção. São José está em franca decadência. Não existe lá um único advogado, principalmente desde que se erigiram, no termo dessa cidade, três vilas: Tamanduá, Queluz e Barbacena. A melhor solução para a Vila São José seria transferir-se para lá um juiz sob cuja competência estivessem essas três novas vilas. Atualmente, o morador de São José precisa ir a São João para as causas menores. Além disso, pouco a pouco, todos os habitantes brancos acabaram se mudando. O lugar é habitado apenas por mestiços, pretos, mulatos e outros, e é muito pobre.

O terreno em volta está tão revolvido que é quase impossível cultivá-lo.

Caderno nº 2 - folhas 35-48
12 a 18 de junho de 1824

12/06

Coronel Francisco de Paula Barbosa, um garimpeiro de Sabará.

Preparamo-nos para a partida e pedimos a conta. Para nosso espanto, soubemos que devíamos uma soma monstruosa, apesar de termos feito o máximo de economia e de termos consumido, diariamente, cinco pessoas, uma garrafa de vinho. A conta deu um total de 38.000, embora eu tivesse mandado trazer, principalmente para os negros, a maior parte do pão e dos mantimentos. A roubalheira nas tabernas tinha se estendido, assim, na pessoa do Sr. Lázaro, da Europa para o interior do Brasil. Foi uma excelente lição para nós: no futuro, passaríamos a combinar o preço com antecedência e a pagar por dia.

Um dos meus negros, que, em cinco anos, nunca ficara doente, contraiu a bouba, uma doença africana que dizem ser contagiosa e parecida com a sífilis. Achei melhor levá-lo para ser tratado no hospital do que carregá-lo doente, comigo. Pouco antes de partir, encontrei-me casualmente com um capitão de ordenanças da Vila de São João, o Sr. Carlos Eugênio de Sousa Ferraz, e falei-lhe a respeito do meu pesar. Disse-lhe que eu preferia vender o negro do que arcar com mais despesas ainda, pois o hospital custa 9.800 réis por mês, a viagem de volta custaria entre 4.000 e 6.000, e eu ainda perderia, de qualquer forma, o trabalho de um homem para a viagem. Por isso, decidi que seria melhor vendê-lo, e ele me pagou imediatamente o valor, sem dúvida pequeno, de 150.000 réis em prata.

Partimos às 2h da tarde e atravessamos a ponte sobre o rio das Mortes. Várias pontes nesta comarca foram arrendadas, de forma que as pessoas das vizinhanças precisam pagar pedágio para passar por elas. Um viajante paga 240 réis para si e para seu animal, e uma mula carregada, 160 réis. Isso dificulta o comércio e a comunicação. Miudezas e produtos agrários e agrícolas, como ovos, galinhas, couves, verduras, frutas, etc., praticamente não podem ser fornecidos aos mercados.

O rio das Mortes fica aproximadamente a menos de meia hora da Vila de São João e poderia ser navegado por canoas grandes. Todavia, os habitantes das margens desse belo rio não têm permissão para percorrê-lo de barco por algumas horas: eles têm que pagar o pedágio da ponte. Como consta da portaria imperial ou do passaporte que eu posso passar livremente em todo lugar, então, não precisei pagar nada.

Os Srs. Ménétriès, Rubtsov e eu ficamos para trás com a tropa. De manhã, os Srs. Riedel e Rugendas já cavalgavam na frente. Com meus companheiros, cavalguei pelo Campo do Marçal Casado, uma planície bastante extensa, na qual o Marquês de Pombal queria construir o paço imperial português; e cheguei, após uma hora, à fazenda com o mesmo nome, que outrora pertenceu a um homem rico, mas que agora está em decadência.

Daqui tomamos o caminho para Vila Rica, ou Cidade de Ouro Preto, e para a Fazenda do Rio da Pedra, quase ao pé da montanha de São José. Pedimos um guia para Água Santa, quer dizer, para a fonte termal que existe nas vizinhanças, e que alcançamos depois de um quarto de hora. A fonte brota de uma rocha e logo produz em torno de 6 polegadas de água. À sua frente, há um pequeno tanque de pedra, grande o suficiente para uma pessoa tomar banho dentro dele.

Às 4h da tarde, com um tempo sereno, a temperatura externa era

de 17,5°R. A temperatura da água aqui era de 23°, enquanto que, em outro pequeno riacho cinco ou seis passos adiante, ela estava em 10°. A água da fonte termal é cristalina, sem qualquer ressaibo ou resíduo. O estranho é que, quando se bebe ou se sente o contato, quer dizer, quando se mergulham as mãos na água, o calor que se sente não é tão forte. Vários doentes acometidos de dores reumáticas se sentiram bem melhor depois que tomaram banho nessas águas, mas é difícil fazer o tratamento, dada a ausência de abrigos nas redondezas.

Depois daqui, subimos e atravessamos a montanha de São José e alcançamos a fonte por volta de 6h da tarde, onde nossos companheiros de viagem e a tropa já haviam chegado há muito tempo. À noite, por causa da festa de Santo Antônio do dia seguinte, vimos muitos fogos nas ruas. Soltaram foguetes na frente de algumas igrejas, até às 9h.

13/06

Enquanto os habitantes do lugar se ocupavam com os grandes festejos religiosos, nós aguardávamos o guia que havíamos solicitado ao juiz ordinário. Esse só apareceu perto de 10h, depois de assistir à missa. Depois de fazermos observações no lugar com um de nossos barômetros n. 3, dirigimo-nos para a montanha situada a leste, onde achamos uma diferença de altura de 1.060 pés entre o lugar e a montanha.

A abundância em ouro foi o primeiro motivo para o estabelecimento nesta região. É difícil ter uma idéia dos absurdos e da devastação que se cometem aqui nas escavações do ouro. É como se morros e vales tivessem sido rasgados e despedaçados por uma tromba d'água. A sede de ouro está tão enraizada nas pessoas que muitas delas, ainda

hoje, continuam a investir contra as partes ainda intocadas dos morros, revolvendo e escavando a terra a esmo. Elas jogam na loteria; preferem passar fome na expectativa duvidosa de achar ouro vivendo na ociosidade do que buscar, através da atividade agrícola, um sustento seguro e prazeroso.

Encontrei o proprietário de uma fazenda dando ordens para dois negros - mais do que isto ele não tinha. Ele se aproximava deles dizendo as seguintes palavras: "Deus dê prosperidade e bom êxito ao seu trabalho!" Depois de explicar-lhes onde e a que distância deveriam conduzir a água para empurrar a terra, revolvê-la ou arrastá-la, ele voltava passeando para casa e dizendo: "Deus dê prosperidade ao seu trabalho!" A todas as objeções que eu lhe fazia, ele respondia sempre com o argumento de que tinha esperança de poder ganhar muito com pouco trabalho.

14/06

Ontem e hoje, fizemos ainda algumas amizades interessantes. Recebemos de um comerciante, que é também capitão, um mapa de toda a Província de Minas Gerais, e ele prometeu conseguir-nos também a relação de habitantes da freguesia.

As plantas de ontem foram todas acondicionadas. O Sr. Rubtsov fez observações; Rugendas desenhou; Ménétriès e eu fomos caçar e não voltamos muito satisfeitos: agora quase não há insetos aqui.

Todas as manhãs, tínhamos um nevoeiro espesso entre 8° e 11°, que só se dissipava entre 10h e 11h.

As laranjas e tangerinas desenvolvem-se melhor aqui e ficam mais doces, principalmente quando esfria ou cai geada sobre elas. É por isso

que se preferem elas a outras espécies. Elas permanecem nos galhos por muito tempo, ao contrário das laranjas-da-china e das seletas, que caem tão logo amadurecem. Tanto em São João como aqui, os cidadãos ricos costumam plantar muitas laranjeiras em seus jardins.

O comerciante João Antônio, capitão em São José, é bastante prestativo, assim como o Capitão Manoel Pereira dos Santos Vianna, comandante da vila.

A Igreja matriz e muitos outros edifícios são de taipa em São João, mas outros são de tijolos grandes, secados ao vento, com dois palmos de comprimento, um de largura e um de altura. São feitos no próprio local, de barro umedecido e bem misturado. A fôrma tem uma alça em forma de cruz.

Aqui em São João há uma fábrica de chapéus, cuja matéria-prima principal é a lã de ovelha, a 400 réis a libra. A criação local de gado ovino é pequena, e os habitantes não sabem como aprimorar a raça. Dizem que, se não forem tosquiadas, as ovelhas perdem sua lã espontaneamente depois de seis meses. Os espanhóis não fazem assim. As ovelhas nunca são lavadas.

15/06

Partida de São José para a Fazenda de Hipólito e Jacinta T. P. de Mello, na Fazenda das Pontas do Morro. Ofereceram-nos especial acolhida. Meia hora depois, prosseguimos até a casa do Sr. Hipólito, que nos acolheu com muita hospitalidade. Cavalos, criação de gado vacum, porcos, plantações e lavação de ouro.

O café tinha um gosto estranho, proveniente do toucinho com o qual era torrado ou queimado.

16/06

Pela primeira vez, experimentamos a hospitalidade brasileira. Fomos acolhidos por rostos amáveis, recebemos boas camas e pudemos nos estender nelas. Ontem tivemos um lauto jantar, hoje cedo, um desjejum parecido, com um bom e velho vinho do Porto. Nossos empregados cozinhavam para si próprios, mas receberam gratuitamente todos os mantimentos, assim como nossas mulas.

Logo após o café da manhã, acompanhamos o dono da casa até o pico mais alto, que fica a uma hora da sua casa. A vista é bastante extensa e o pico, extremamente alto. O barômetro acusou 25.710 polegadas inglesas.

A região era extremamente seca, mas algumas plantas raras floresciam. O Sr. Ménétriès fez uma boa captura, conseguindo vários pássaros novos. Insetos, praticamente não se via nenhum.

Companheiros diários são os carrapatos miúdos, uma espécie de *Acaru* ou *Ricinus*, que são terrivelmente incômodos. As larvas aparecem no inverno, principalmente nos campos de pastagem. Elas crescem pouco a pouco, são devoradas por pássaros e insetos, de forma que, no verão, estão grandes e raras. Elas crescem em cavalos, burros, vacas e outros animais e ficam com o mesmo tamanho e forma do *Ricinus* - por isso recebem o nome de *ricinus*.

Quando da demarcação das fazendas, como eu disse acima, cavaram-se grandes covas como linhas demarcatórias, que o gado dificilmente consegue saltar. Elas têm 11 palmos de largura por 8 a 9 de profundidade. Um negro tem que trabalhar, diariamente, uma braça e meia, isto é, quinze palmos do mesmo comprimento.

Para picadas de cobra venenosa, dizem que há um remédio infalí-

vel: a raiz de *Rubus*[46], triturada e misturada com água. A cascavel aparece muito nos campos; dizem que sua picada deixa a pessoa cega na hora.

O tampo da mesa da casa de nosso anfitrião tinha três palmos e meio de largura. Hoje não existe mais aquela árvore (*Cedron*)[47]. Dizem também que a raiz do algodoeiro é muito boa para picadas de cobra.

Nosso anfitrião planta cânhamo[48] e fabrica, em sua casa, tecidos de linho finos e de boa qualidade. A urdidura é em linho e a tecedura, em algodão. Fazem-se os fios numa roda de fiar à moda européia. A linhaça é semeada e ceifada duas a três vezes por ano.

Perto de Pontas do Morro, existem arenito e mó finos, pedra calcária, quartzo, ferro e antimônio, argila de todo tipo, além de tabatinga, ou seja, caulim.

Partida de Pontas do Morro e de São José.

Passando por colinas áridas, parcialmente erodidas, chegamos, em meia hora, ao Arraial dos Prados (do prazer, da comodidade), embora este nome se refira apenas a tempos passados, quando havia a garantia de conforto com a grande quantidade de ouro que se achava por aqui.

O lugar fica numa bacia profunda cercada de morros de pedra e de montes rasgados por grandes barrancos. O lugarejo tem uma igreja grande e rica e algumas casas bem graciosas. Nas redondezas, existem várias capoeiras pequenas. Daqui decidimos ir até Cachoeira, fazenda da Cachoeira, onde só chegamos por volta de 3h da tarde. O caminho passa por montes e colinas e por vários vales pequenos. Em toda parte, em menos de meia hora, encontramos habitações e estabelecimentos grandes e pequenos. Nas cercanias de Prados, para o sul, há extensas capoeiras, como em vários outros pontos de nosso caminho de hoje.

Perto de Cachoeira, há muitos desmatamentos, como em outros lugares. Antigamente, havia, por toda parte, florestas virgens de grande altura.

Não encontramos ninguém em casa. Precisamos esperar que o proprietário voltasse da missa da Festa de *Corpus Christi*.

Fomos recebidos muito friamente; precisamos ser até um pouco atrevidos para conseguir entrar na casa. Mas, pouco a pouco, a frieza se desfez, e conseguimos comprar milho e um leitão e, finalmente, alguns colchões feitos de palha e farinha de milho.

Como em outros lugares, tampouco aqui foi possível ver as criaturas femininas. Foi somente a gritaria das crianças que nos fez pensar que deveria haver um segundo sexo na casa.

17/06

De manhã, após havermos tomado o desjejum, demos ao dono da casa, por falta de moedas pequenas, uma moeda de 3 patacas, ou seja, 960 réis, ao invés dos 900 réis devidos, pedindo-lhe que aceitasse os 60 réis pelo incômodo que lhe havíamos causado. Foi então que ouvimos, pela primeira vez, uma expressão amigável e um "muito obrigado".

Após percorrermos uma légua, chegamos a Lontras, uma fazenda às margens de um riacho relativamente forte, do mesmo nome, que deságua no rio das Mortes a algumas léguas daqui e que forma, exatamente neste local, lindas cascatas.

As casas da fazenda estão melhor situadas do que as anteriores, na medida em que aqui há muito mais bosques (capoeiras) do que em outros lugares dos campos. De repente, é como se estivéssemos numa

floresta virgem.

Às 2h da tarde, alcançamos a fazenda do Capitão-Mor, tendo passado por algumas cabanas onde vi laranjeiras carregadas, mais do que outras que vi antes em algum lugar. Quase não se via a folhagem; de longe, pensei que fosse uma árvore como a *Cassia*, por exemplo, totalmente florida.

Embora o Capitão-Mor não estivesse em casa, seu filho nos recebeu com o máximo de hospitalidade. Nós, nosso pessoal e mulas, fomos servidos com fartura. Depois de nosso banho quente de pés, conforme o costume local, recebemos também camas excelentes.

O filho falou-nos muito a respeito da nova descoberta de uma mina de ouro. Um pobre homem tinha uma plantação, pequena mas produtiva, e dois escravos. A conselho de amigos, resolveu fazer uma experiência com garimpagem de ouro e se saiu bem. Mas foi muito imprevidente: não cuidou de garantir seus direitos de lavra em sua sesmaria. Alguns vizinhos souberam que ele havia encontrado ouro, ou uma data - assim se chama o direito dos exploradores de ouro. Foram chegando uns após outros, de forma que o homem perdeu quase toda a sua sesmaria.

Ouvimos também a história de um moleiro que tinha um vizinho explorador de ouro que lhe tomou a água para o seu moinho. Outro tinha um vizinho que, muito astutamente, a pretexto de explorar ouro, lhe tomou a água para mover um moinho de cana-de-açúcar, sem nunca ter achado ouro.

No rio das Mortes e nos pequenos riachos das redondezas, existem os seguintes peixes: tubarana, piau, curumatã - às vezes, grande - papa-terra, pirapitinga. Em outros riachos encontramos: dourados, mandins e piracanjubas.

As províncias dividem-se em comarcas. Estas têm um ouvidor, um corregedor, um juiz de fora, que serve de intendente e juiz de órfãos. As comarcas dividem-se em termos ou vilas. Estas têm juiz ordinário, alcaide no civil e crime, que serve de presidente da Câmara. Esta se compõe de três vereadores, um procurador e um secretário e é constituída pela pluralidade da população. Qualquer termo tem, ademais, um capitão-mor, cujas funções são auxiliar a Justiça, cuidar das estradas, administrar os recrutamentos onde os coronéis de segunda linha não têm essa ocupação; dirigir as listas da população, mapas geográficos, demarcação de distritos, estabelecimentos de lavras e engenhos, arrecadar os subsídios voluntários, cujo serviço é feito pelos comandantes dos distritos.

18/06 a 29/06

De 18 a 29 de junho, estivemos em Barbacena. Escrevi relatórios, mandei para o Rio de Janeiro as coleções feitas até aqui.

Exemplo estranho de incesto entre irmãos: duas criaturas deformadas e raquíticas a quem se impôs uma vida miserável. Elas existem como que por um castigo de Deus, como exemplos vivos da monstruosidade e outras coisas.

Caderno nº 3 - folhas 49-73
29 de junho a 10 de julho de 1824

29/06

Desde a última viagem para cá, os animais ficaram relativamente mansos. Por iniciativa do arrieiro anterior, quatro mulas, então acostumadas ao trabalho, não nos acompanharam até São João del Rei: ficaram descansando aqui. Mas agora deviam retomar o trabalho, pois havíamos marcado a partida para hoje. É difícil imaginar o trabalho, o esforço e os incômodos que tivemos que agüentar com nossos animais hoje. Era como se eles nunca tivessem trabalhado antes. Um após o outro foi derrubando a carga, depois de todo o trabalho que quatro homens tiveram para carregá-los. Eles se empinaram, deram coices e arrebentaram as correias de várias malas.

Foi somente por muito favor que conseguimos que ferrassem novamente nossos animais, pois hoje era dia de São Pedro e, por conseguinte, um grande feriado. Além do mais, aqui, por acaso, seria um dia de muitos festejos, pois ontem chegou o Bispo da Província de Minas Gerais (que, em geral, reside na Cidade de Mariana), sob o repicar de todos os sinos e acompanhado de seis soldados e vários sacerdotes, para aqui ministrar crismas e primeiras comunhões. Havia muitos anos que nenhum bispo vinha aqui. Por isso ele estará muito ocupado nos próximos dias, com jovens e velhos também - é o que se pode esperar, pois, há alguns dias, em outra paróquia onde esteve, ele crismou, entre outros, um senhor de 92 anos.

Retornou hoje o cunhado de nosso anfitrião hospitaleiro, José

Simpliciano, depois de uma viagem de 14 dias a Descoberta Nova, onde ele possuía uma ou duas datas. Fora para lá por causa da lavação de ouro, com mais três pessoas, e, em 14 dias, trouxe 3 oitavas[49] de ouro em pó.

No final, tendo em vista que as mulas novas estavam todas cansadas de trabalhar, assim como as velhas estavam cansadas de viajar carregadas, não nos restou outra alternativa senão carregar, mais uma vez, as mulas novas com pedras e dar ordens no sentido de permanecermos de novo em Barbacena.

30/06

Assim, nossa partida só pôde ser marcada para hoje, 30 de junho, sendo que os preparativos foram feitos bem cedo. O arrieiro novo, Bernardo, chegou dizendo que estava doente. A despeito disso, ajudou no carregamento. Com muito esforço, conseguimos deixar, finalmente, a Vila de Barbacena por volta de 9h30.

A cidade toda estava na rua e na igreja, pois o bispo já começara a celebrar as primeiras comunhões e as crismas.

Na verdade, apenas duas das oito mulas nos deram trabalho no caminho com o carregar e descarregar. Às 2h da tarde aproximadamente, chegamos à Fazenda de Pombal (proprietário: Alferes Manoel Ferreira Pinto), distante duas léguas da Vila de Barbacena.

Aproximamo-nos novamente da mata virgem, onde, logo em seguida, encontramos toda a variedade possível de natureza. Em lugar de campos, havia bosques, e neles grande quantidade de pássaros e plantas desconhecidos nos campos.

No caminho, deparamo-nos com uma multidão de pessoas, principalmente crianças, que se dirigiam para a vila, com seus parentes, em procissão, para serem crismadas.

Durante a caminhada, abateram-se várias espécies de pássaros, algumas novas; a região, toda ela estava pobre de insetos (NB. Nesta estação).

Ao chegarmos, encontramos o Sr. Manoel Ferreira Pinto, com toda sua família, pronto para viajar para Barbacena. Nesse meio tempo, porém, ele nos recebeu com hospitalidade, entregou a nós e a um escravo toda a casa, lamentando apenas (e nós mais ainda) não estar deixando um mínimo de mantimentos. Não havia milho para nossas mulas, de forma que lançamos mão dos víveres que havíamos trazido.

À noite, ainda chegou uma tropa grande com mantimentos, todos destinados a Descoberta Nova. Fora os mantimentos, traziam tecidos de algodão, faiança inglesa e objetos diversos, movidos pelo espírito especulativo.

Meu arrieiro reclamou muito, à noite, principalmente de pontadas no músculo intercostal. Por isso, apliquei-lhe, imediatamente, um emplastro vesicatório.

01/07

Hoje foi um dos dias mais desagradáveis da viagem. Tive que vender o único negro (João) que sabia mais ou menos lidar com os animais, por causa da bouba (uma doença que provoca erupção cutânea) - acho que já falei sobre isso antes. Ficaram ainda muitos, mas nenhum deles sabe carregar um animal. O resultado disso foi que, de 8h da manhã até mais ou menos 2h da tarde, havíamos feito aproximada-

mente meia hora de caminhada e, no fim, fomos obrigados a voltar, cansados e fracos, tanto homens como animais.

O arrieiro que eu havia deixado para trás hoje cedo por estar doente (segundo ele alegou), e em quem eu havia aplicado o emplastro vesicatório sobre o peito, para grande surpresa minha, descobri, quando de meu regresso a Pombal, que havia voltado para a vila. Ele já tinha recebido, adiantadas, 41 patacas e pareceu ser um homem muito correto - agora sei que era o contrário. À tarde, após ter chegado novamente à casa de Manoel Ferreira, dirigi-me em seguida à cidade para reclamar.

No estabelecimento em que nos encontrávamos, não podíamos comprar o mínimo necessário, nem por todo dinheiro do mundo. É realmente estranho e incompreensível como as pessoas vivem aqui no campo. Não há vinho, nem galinha, nem sequer sal, aguardente, milho ou toucinho na taberna e em nenhum outro lugar, de forma que fui obrigado, logo após a minha chegada, a mandar alguém ir buscar milho para os animais, que, desde ontem à noite, estão sem comer milho, isto é, aveia.

O Sr. Rugendas saiu cavalgando na frente hoje cedo. O Sr. Riedel o seguiu. Os Srs. Ménétriès e Rubtsov ficaram. Então, mandei este último para avisar ao Sr. Riedel que eu havia retornado, e o Sr. Ménétriès cavalgou para Barbacena, com uma carta, para buscar um tropeiro.

Aqui na Fazenda do Pombal há muita pedra-sabão bruta, com a qual o proprietário faz vasilhas de cozinha, de muito boa qualidade. A fazenda fica junto à nascente do rio das Mortes.

Depois de meu regresso à fazenda, fui caçar e abati uma dúzia de pássaros, alguns deles, com bastante prazer, especialmente um lindo oríolo.

02/07

Para falar a verdade, hoje eu estava indeciso, sem saber o que fazer. Nesse meio tempo, refleti sobre a situação de nossos animais novos e sobre a falta de arrieiro. Finalmente decidi deixar que carregassem as mulas novas e as mandei na frente por enquanto, onde o Sr. Riedel está, três quartos de légua. Dessa forma, ele receberia papel para a secagem de suas plantas, e as mulas se distrairiam com o trabalho. O Sr. Rubtsov as acompanhou, e combinamos que, se tudo corresse como queríamos e se os animais chegassem lá em tempo, então, o pessoal e os animais deveriam voltar, e eu iria em seguida com os animais dóceis. Eles só voltaram às 2h; achei melhor ficar aqui esperando o Sr. Ménétriès juntamente com o novo tropeiro. Amanhã, então, seguiremos viagem com todos os animais.

A manhã foi utilizada para a empalhação dos pássaros abatidos ontem. Alexander e Constantin ocuparam-se disso ou em abater outros pássaros.

Hoje tive oportunidade de me convencer mais ainda da sobriedade das pessoas daqui. Sua alimentação é a mais frugal e simples possível.

De manhã, pouco antes do nascer do sol, fazia +2°R. Geou ontem e hoje de manhã; conseqüentemente, zero grau.

Depois de muito pesquisar, consegui encontrar, finalmente, numa terceira casa, seis ovos e duas galinhas por meia pataca cada uma.

03, 04, 05/07

Geou de manhã e fez +2°R. Muito nevoeiro na Fazenda do Pom-

bal. No dia 3, mandei carregar todas as mulas, o melhor que pude, e acompanhei minhas mulas até a Fazenda do Capoteiro, três quartos de légua daqui (Pombal), onde os Srs. Riedel, Rubtsov e Rugendas estavam esperando por mim e pelo novo tropeiro. Por volta de 2h, eu mal havia chegado quando apareceu também o Sr. Ménétriès e, um pouco mais tarde, o novo tropeiro, que, no entanto, se ofereceu para ficar apenas até arranjarmos um outro.

O dia de hoje já tinha quase terminado, e ainda não havíamos encontrado, na Capoteiro, nem lugar, nem conforto, nem mantimentos de qualquer espécie. Propus, então, aos meus companheiros de viagem, que aqui não tinham nada com que se ocupar, que cavalgassem, nesse meio tempo, mais 1¾ légua, até a Fazenda do Capitão Antônio Joaquim da Costa, e esperassem lá por mim e pela bagagem. Enquanto isso, dirigi-me, a conselho de pessoas abalizadas, a Registro Velho, cerca de uma légua, para buscar capim (hoje é dia 3). Um certo Capitão Antônio Ferreira Pinto, pai do Manoel Ferreira Pinto, de Pombal, prometeu ajudar-me amanhã na restauração das selas de carga. Com efeito, esse digno senhor de 72 anos de idade, que viajou em mulas durante toda a sua vida, apresentou-se, juntamente com um de seus escravos, que entende bastante do assunto, na manhã seguinte, cedo, e trabalhou, por puro altruísmo, durante todo o dia, até quase 9h, ajudando a refazer todas as cangalhas. Depois cavalgou até a sua fazenda Serra-Abaixo, e o Sr. Ménétriès e eu voltamos a Pombal, onde encontramos, pelo menos, abrigo melhor do que em Capoteiro.

João da Cruz é filho de José da Cruz, morando na mesma Cruz das Álvares.

No dia 5, finalmente, de manhã e em boa hora, encontramos, ao

chegar em Capoteiro, as cangalhas já colocadas e tudo pronto para a partida, inclusive o desjejum.

O tropeiro novo demonstrou ser bastante trabalhador e atento, o que comprova perfeitamente o ditado que diz que vassoura nova varre bem.

Tendo sido carregadas com cuidado, as mulas caminharam perfeitamente bem, e chegamos, por volta de 1h, à grande fazenda do já citado Sr. Capitão Antônio Joaquim, que não estava em casa - há vários meses sua mulher administra a propriedade.

A região, ou as montanhas por onde temos caminhado há alguns dias, pertencem à Serra da Mantiqueira, mais precisamente à sua parte mais alta. Bem perto de Capoteiro, nasce o rio das Mortes e forma, logo adiante, uma bela cascata. Esse rio corre na direção sudoeste. Nem meia légua adiante, após transpor o vértice da montanha, caminha-se morro abaixo, numa descida bem íngreme, donde vem o nome que se dá à região que fica embaixo: Abaixo-da-Serra. Das vertentes dessa montanha, entre Capoteiro e a Fazenda do Capitão Antônio Rodrigues Ferreira, nasce o rio da Pomba, que corre para leste, indo desaguar no rio Paraíba.

Na fazenda do Capitão Antônio Joaquim da Costa, fomos maravilhosamente recebidos por sua mulher. Ela mandou preparar-nos um farto almoço e, à tarde, contou-nos sobre sua criação de porcos.

A atividade comercial principal desta fazenda consiste na criação de porcos e na plantação de milho, esta última necessariamente ligada à primeira. O milho prospera muito bem aqui: normalmente ele dá 150 por 1. A lavoura na fazenda é feita por 20 escravos. Nela plantam-se geralmente de 15 a 16 alqueires com 20 escravos e colhem-se de 9 a 10 carretas, cada uma comportando de 10 a 15 alqueires. O grande celeiro que havia lá estava lotado, não podia comportar toda a colheita.

No inverno, a operação é melhor e menos arriscada do que no verão, quando vários leitões morrem, principalmente as femeazinhas.

2) Tão logo são castrados, os leitões são separados de suas mães e vão formar um grupo especial. Durante o dia, eles ainda vão com as mães para o pasto, mas, à noite, são levados para um local específico para a cevagem.

3) Quando já estão meio crescidos e cevados, os leitões são transferidos ainda para um outro setor, que consiste num pátio encerrado dentro de um galpão coberto, com duas portas, uma para o pátio e outra para um outro. De dia, eles caminham nesse pátio, onde, à noite, ficaram os porcos recém-castrados. À noite, estes vão para o setor onde ficaram, de dia, os porcos de engorda.

Em geral, há aqui 40 porcas-mães. Para esse número são suficientes três machos. Se forem mais do que isso, acabam brigando entre si, às vezes até à morte.

Depois de parir cinco ou seis vezes, as fêmeas são castradas e engordadas. Os machos são castrados no terceiro ano.

4) Eles são encerrados num galpão coberto e num pequeno pátio, onde dispõem de muito pouco espaço. Tanto no pátio como no galpão, onde ficam em tempo de chuva, eles recebem, de dia, milho seco para comer à vontade; à noite recebem milho cozido e esfriado; e, durante cinco meses do ano, ou seja, no inverno, folhas de inhame (ou taiobas)[50] cozidas misturadas com fubá, ou seja, farinha de milho, formando uma espécie de papa. Dizem que as folhas são mais nutritivas, ou que engordam mais do que as raízes.

À noite, eles são mantidos isolados num estábulo com um pátio pequeno e, de manhã, voltam para o pátio da abundância. Também à noite, os porcos n. 3 são levados para o pátio onde os n. 4 ficaram de

dia; comem o que estes deixaram, mas devem receber ainda mais alguma coisa. De manhã são todos alimentados com milho seco.

5) As porcas-mães prestes a parir são igualmente alimentadas separadamente, num pátio bastante amplo, com estábulos.

NB. Na Fazenda do Bom Retiro, que é administrada pelos filhos do Capitão-Mor, não existe essa mesma organização. Lá os porcos andam à solta, uns por cima dos outros, só que, à noite os leitões maiores são separados de suas mães. Os porcos de engorda propriamente ditos, quando têm de 15 a 17 meses, são isolados durante apenas três meses ou três meses e meio e especialmente cevados. Ali não recebem inhame, mas fubá e, às vezes, abóbora, que dizem engorda mais do que o inhame.

Porcos têm medo de pessoas estranhas. Eles precisam ser separados uns dos outros, principalmente os n. 3 e 4, pois eles brigam muito entre si e se mordem. À noite, são chamados, tangidos e, então, recolhidos num pátio especial, onde são separados nos grupos n. 1, 2 e 3.

Cada dois anos, eles gostam de trocar os machos e procuram um macho grande para uma fêmea pequena. Afirma-se que a castração deve ser feita sempre na lua minguante: morrem poucos por causa da operação.

Não há tanta organização na criação de porcos na propriedade do Capitão-Mor, embora ele também mande grande quantidade de banha para o Rio de Janeiro. Os porcos ficam misturados; somente os de engorda são selecionados.

Em Bom Retiro, os porcos de engorda recebem, somente duas vezes, fubá, isto é, farinha de milho, misturado com água quente, às vezes, milho cozido. Dessa forma, em quatro meses, eles ficam bastante gordos e dão, depois, de quatro a cinco arrobas de toucinho. Às vezes, os porcos jovens ficam também no campo à noite, principal-

mente em campos de milho; alguns são chamados de manhã para se alimentar.

Campo e entrada

Pátio **Pátio**

Cocho de ração

Passagem

grama **Passagem**

Estábulo para porcos de engorda durante o dia

Residência

Pátio para porcos de engorda durante o dia

Estábulo para porcas-mães com leitões e para secagem do milho

Pátio para porcos e galinhas

Estábulo

Pátio para cevagem de porcos, usado também para a noite

Jardim

Estábulo para animais de carga

Casa dos negros

Doenças dos porcos

De vez em quando, os porcos novos têm sarna 1) de leve e pequena ou 2) grande e purulenta. Esta é às vezes fatal, aquela não.

Os porcos mais velhos, principalmente as porcas-mães, podem contrair a solitária e normalmente morrem disso - inchaço do estôma-

go, tristeza, definhamento e morte.

A sarna é tratada com óleo de rícino. Besuntam-se vários porcos com ele, e, à medida em que se esfregam uns nos outros, eles vão melhorando.

Estranhei ver as porcas-mães daqui aceitarem espontaneamente alimentar os leitões nascidos, em épocas diferentes, de outras porcas; e os porquinhos de um a quatro meses disputarem entre si o peito de uma mãe.

No inverno, as vacas são levadas da fazenda para dentro do mato e alimentadas com palha de milho, pois, assim, elas dão muito leite.

06/07

No dia 6, deixamos a bem administrada Fazenda da Srª D. Domingas, ou do Capitão Antônio Joaquim, seu marido; e, meia hora depois, chegamos à fazenda do Capitão-Mor de Barbacena, que fica no meio de um vale estreito. O caminho é acidentado, com subidas e descidas íngremes. Alcançamos, então, a Fazenda Francisco Fernandes, no rio da Pomba. Logo adiante, abre-se um lindo vale extenso e raso, e, sobre uma colina vizinha, fica a residência de Fernando José de Almeida, uma fazenda bem localizada. Meia légua à frente, está a fazenda do Capitão-Mor de Barbacena e, mais um quarto de légua, Bom Retiro, uma venda e uma capela do mesmo proprietário. Chegamos a esse local por volta de 4h da tarde. Queríamos ir até a fazenda da Srª D. Ana, conhecida por sua hospitalidade, mas nossos animais não podiam continuar. Assim, ficamos em Bom Retiro, em cuja venda achamos aguardente; mas lá não havia nem milho, nem pasto nem outra coisa qualquer.

Como a fazenda não fica longe, cavalguei de volta e mandei que os animais também fossem para ali. Fui recebido muito gentilmente pelos dois filhos do Capitão-Mor.

O Capitão-Mor tem uma família numerosa: nove filhos vivos e sete filhas, mas sua mulher teve, ao todo, 25 filhos. Não é raro encontrar-se, nesta terra, famílias tão numerosas - basta tocar no assunto que logo surgem vários exemplos parecidos. Achamos estranho que os dois irmãos que administram a propriedade não soubessem responder ao certo quando casualmente lhes perguntamos quantos irmãos tinham. Os dois precisaram contar juntos, pois a maioria deles ou já são velhos, ou casados ou pais de família.

07/07

De manhã, havia muita neblina. Todos reclamavam do frio intenso de +8°R. De fato, eu também tinha a sensação de que estava muito mais frio.

Chamou-me a atenção o fato de não ter visto nenhuma negra numa fazenda com 20 escravos. Consultei o administrador, e ele me disse que vários eram casados, mas suas mulheres estavam na fazenda de Campos. A meu ver, esse sistema não é bom. Afinal, aqui parece imperar uma grande desorganização doméstica típica de solteirões; nota-se visivelmente a falta da presença feminina neste lar.

Os filhos do Capitão-Mor, homens de 30 a 38 anos, vivem uma vida miserável. Toda a sua alegria de viver está em ter alguns cavalos bonitos, bonitas selas com cobertura e ricas esporas de prata. Eles estão acostumados a consumir, aliás, como todos os outros agricultores, nada mais além daquilo que produzem normalmente em suas terras.

Tudo o que têm é feijão preto com toucinho e carne de porco salgada, um pouco de arroz e, raramente, uma galinha. Um pouco de couve, folhas de mostarda, cará[51], batata-doce ou mandioca são os vegetais que eles comem. No jantar, come-se sempre canjica, isto é, milho branco, ligeiramente quebrado e descascado, cozido em água sem sal.

Nas fazendas maiores, no almoço e no jantar, não se leva à mesa sequer aguardente: apenas água fresca e muito boa.

Só pudemos partir tarde da manhã (o Sr. Riedel e eu), pois sempre tínhamos que esperar pelo café da manhã. Por fim, numa fazenda, onde havia grandes cafeeiros carregados, serviu-se à mesa pipoca frita com banha, e comemos algumas laranjas. Nesta época, dá muita laranja em todos os lugares. Pena que não façam vinho de laranja por aqui.

Chegamos a Bom Retiro aproximadamente às 10h - na verdade, Mau Retiro - e precisamos esperar ainda uma hora até que os animais fossem carregados. Saímos, então, de lá somente às 11h. O sol ardia, e até 1h, só havíamos percorrido uma légua, ou seja, até a fazenda da Srª D. Ana. Os animais estavam tão fatigados (por causa do sol quente) que, seguindo o conselho do tropeiro, achei melhor ficar aqui, principalmente porque a hospitalidade da Srª D. Ana era conhecida há muito tempo e em toda parte.

Ela é uma senhora de aproximadamente 60 anos. Recebeu-nos com muita cortesia, amabilidade e certa curiosidade feminina - não durou muito tempo, já tínhamos conversado e trocado confidências, nós, sobre o nosso destino, e ela, sobre a história de sua vida. Soubemos, então, que, cinco anos após a aquisição daquelas terras, ela perdera seu marido e, há 15 anos, administra sozinha a propriedade. Ela só tem quatro filhos, mas muitos netos. Após a morte de seu marido, com os rendimentos da propriedade, pouco a pouco, ela comprou 12 escra-

vos, construiu um moinho de cana-de-açúcar e uma serraria e desfruta a produção abundante do solo fértil com raro dinamismo.

Ela está em toda parte, fiscaliza tudo ela mesma; é a primeira a começar a trabalhar e a última a deixar o trabalho. O que é mais estranho é que tudo isso acontece com uma mansidão e uma tranqüilidade muito raras nesta terra.

A uma légua daqui (em Bom Retiro), eu já disse que havíamos visto apenas escravos homens, dos quais dois estavam presos por terem fugido, o que ocorre raramente numa fazenda antiga com negros antigos, isto é, comprados não recentemente. Assim, para nós foi mais estranho encontrar, uma légua adiante, aqui na casa da Srª D. Ana, exatamente o contrário, isto é, somente mulheres e moças - os homens estavam todos no campo quebrando milho (esclarecimento em outro lugar).

A Srª D. Ana fez o casamento de todos os seus negros e deles recebeu vários crioulos, ou seja, filhos de negros nascidos aqui. Tão logo as meninas cresciam, ela cuidava de casá-las. Aí reside, seguramente, o motivo para tanta organização; essa conduta deveria ser norma geral.

O moinho de cana-de-açúcar dessa proprietária serve principalmente para fazer rapadura (uma massa, ou um pão, firme e engrossada, feita do melado produzido lá) e para destilar aguardente, sendo que a fabricação desta última é extremamente rendosa. Os tropeiros vêm para cá, mandam buscar o restilo (restilo é a aguardente destilada novamente da cachaça mais fraca)[52] e a cachaça de cabeça[53] e os levam para todos os cantos do país, o que lhes rende bom retorno em dinheiro.

Como aqui faltam cultura e civilização, artes e ofícios, é natural também que faltem artigos de primeira necessidade. Assim, por exem-

plo, falta o tanoeiro numa destilaria. Para guardar a aguardente, a boa senhora teve que recorrer a um artifício usado por seus antepassados, mais precisamente, troncos de árvores escavados, parecidos com canoas, firmemente tampados com uma tábua. Também caixas quadradas feitas de tábuas fortes servem para o armazenamento da aguardente. Elas são colocadas umas bem junto às outras, de forma que ficam bem calçadas e de pé, para melhor comodidade.

08/07

Embora quiséssemos partir cedo, de novo só pudemos fazê-lo mais tarde. Às 9h30, tudo estava pronto finalmente. A Srª D. Ana Cortes ainda mandou preparar-nos um lauto café da manhã. Não longe da casa de nossa acolhedora anfitriã, passamos da margem esquerda para a margem direita do rio da Pomba, que aqui já se alarga em 10 braças e, em alguns pontos, é relativamente profundo. Chega-se, primeiramente, a um vale aberto, coberto de capoeira de ambos os lados, isto é, recentemente cultivado. O caminho leva, então, a uma colina pequena, de onde se tem uma linda vista dos arredores cobertos de bosques. Logo depois alcança-se a primeira fazenda dos Cortes, filho da Srª D. Ana. O caminho propriamente passa mais à esquerda, de forma que não é preciso aproximar-se da fazenda; mas como todos os caminhos que levam de uma fazenda a outra são bastante trilhados e transitáveis, a maioria acaba se tornando leitos de estrada; o viajante pode perfeitamente se enganar e tomá-los pela estrada que leva ao Arraial das Mercês.

Chegamos, então, à Fazenda da Lagoa, uma fazenda ainda nova, com um rancho, a meia légua da propriedade da Srª D. Ana. O proprietário recebeu-me com cortesia e delicadeza e ofereceu-me sua casa. A um quarto de hora de lá fica outra grande fazenda do mesmo proprie-

tário, a Fazenda de Contenna, também chamada Fazenda da Lagoa e pertencente àquela. Hoje encontramos uma quantidade extraordinária de palmitos[54], que aqui naturalmente não são absolutamente apreciados. Em Barbacena, um único caule de palmito custa 40 réis e é muito cobiçado. As florestas são belíssimas e de troncos largos, e a maior parte do caminho, muito boa.

Da Fazenda de Contenna chega-se novamente à margem esquerda do rio da Pomba, que aqui fica cada vez mais forte. No tempo de chuva, este caminho parece ficar muito ruim. Logo adiante, sobe-se um morro, de onde se avista um grande vale e vê-se uma bacia ou depressão cercada de morros por todos os lados. Há capoeiras em toda parte, ou seja, vestígios de culturas. O solo parece ser extremamente fértil. Aqui vigora o ditado: "Pão de alho, terra de milho."

Perdemo-nos mais uma vez e tomamos um caminho secundário, por onde foi difícil passar, na medida em que era mata fechada e havia um tronco largo atravessado no caminho. Foi preciso contorná-lo, com muito esforço e dificuldade.

Chegamos, então, mais uma vez, a uma fazenda com engenho de açúcar e rancho, pertencente a um Antônio Machado e situada numa região acolhedora e aberta. Aqui faz-se rapadura.

NB. Nem açúcar nem aguardente - em geral, a razão dos engenhos.

Todas as casas desta região apresentam um aspecto acolhedor, pois todas são pintadas com tabatinga, ou seja, com barro branco, e cobertas com telhas côncavas vermelhas. Somente os mais inexperientes e pobres cobrem suas casas com palha, sapé (*Pennisetum*[55]). A cada quarto de hora ou meia hora, encontram-se casas, moradias de novos colonos, etc. Como pode chegar tanta gente em tão pouco tempo? Há aproximadamente dez anos, essas terras eram quase desabitadas. Hoje,

nestas terras, a maioria dos colonos antigos vende suas fazendas prontas, como, por exemplo, a Srª D. Domingas e a Srª D. Ana, e se mudam para a margem esquerda do rio Paraíba, que, há dez anos, era habitada por índios.

O caminho às vezes fica ruim. Tivemos que subir e descer montes grandes e seguimos pelo espinhaço de um morro extenso que se estende na direção lés-nordeste e de onde se tem uma boa visão, à direita e à esquerda, de ambos os vales profundos cobertos de capoeiras. Finalmente, percorridas duas léguas, chegamos ao Arraial das Mercês, situado no meio da floresta, cercado de morros por todos os lados.

Desde a nossa partida da Mandioca, em nenhum outro lugar tivemos que suportar tantos carrapatos como nos últimos dias, desde que entramos novamente em mata virgem. No fim da tarde, ficávamos cobertos deles; eles nos atormentavam a noite inteira. Entre outros, este era um motivo para o banho de pés. É uma verdadeira calamidade.

Arraial das Mercês é um povoado que deve o seu nascimento, há mais ou menos 25 anos, mais ao acaso do que a qualquer outro motivo especial. Proprietários de terra abastados ajudaram um padre a construir uma capela. Tão logo ela ficou pronta, eles acharam por bem construir para si uma casa ou uma pousada nas proximidades da capela, a fim de poderem assistir à missa e às festas da Igreja com mais conforto. Pouco a pouco, vieram também vendeiros, sapateiros, alfaiates e donos de mercearias, de forma que hoje, após 20 anos, existe ali uma aldeia no meio da floresta, totalmente rodeada de morros cultivados e habitada por aproximadamente 300 almas. As casas são quase todas de um andar só, de pau-a-pique, brancas por fora e com portas pintadas de vermelho, o que dá ao conjunto um ar alegre.

Durante cinco meses, eles eram obrigados a gastar as sementes de cultivo em forragem.

O proprietário possui cerca de 300 porcos, divididos em quatro grupos, a saber:

1) as porcas-mães com os leitões;

NB. Conservam-se as porcas-mães o maior tempo possível; diz-se que os leitões de porcas-mães idosas são mais viçosos do que os das jovens.

2) porcos jovens castrados;

3) porcos castrados meio crescidos e engordados;

4) porcos destinados ao abate imediato.

Na criação de porcos, deve-se cuidar para que os porcos machos sejam trocados a cada dois anos, o que quer dizer que se consegue uma criação totalmente nova. Um macho grande deve ser acasalado com uma fêmea pequena e vice-versa, machos pequenos com fêmeas grandes. Afirma-se que a criação fica mais viçosa.

Para a engorda, preferem-se os porcos chineses (aqui chamados canastras) a todos os outros. Embora sejam menores do que os outros, eles engordam logo, produzem mais banha e precisam de menos milho do que os outros. Um porco castrado, após 15 meses, foi posto na última engorda; em 18 meses, ou seja, três meses depois, engordou. Há porcos que produzem, isoladamente, de 16 a 18 arrobas de banha. Eles são vendidos por 30.000, conforme declarou o Sr. José Simpliciano.

1) As porcas-mães e os leitões andam livremente, o dia inteiro, no campo. Por volta de 5h da tarde, voltam para casa e vão para um galpão coberto de palha de milho e aberto dos lados, onde são cevados com milho seco. Os leitões ficam com as mães até serem castrados, depois de três a quatro meses.

No momento, encontramos a aldeia quase totalmente abandonada. Todos tinham ido a Descoberta Nova, da qual, há algumas semanas, temos ouvido falar diariamente.

A capela do lugar fica numa grande praça aberta. Pelas descrições que recebemos anteriormente, já havíamos feito dela uma excelente imagem, pois nos garantiram que ela era mais bonita do que a igreja-matriz, em Barbacena. Ela é pequena, de pau-a-pique; a capela interior é bem colorida, sobretudo de azul e vermelho, não totalmente desprovida de bom gosto, e o altar-mor tem várias peças douradas de valor.

A igreja-matriz, em Barbacena, é um templo grande, feito de pedra, mas, por dentro, pintada simplesmente de branco, sem enfeites ou dourados. Por isso, a pequena e clara capela daqui agrada mais do que aquela, em todos os sentidos, um templo grande e majestoso, enfeitado com torres.

A perversão dos costumes é tão grande aqui como em outros lugares e maior do que em Barbacena. O desleixo e a preguiça das pessoas superam qualquer expectativa. Com exceção de algumas bananeiras e laranjeiras, não se vê aqui, mesmo com este clima temperado e agradável e com este solo fértil, qualquer plantação, nem de verduras; com muito esforço, conseguimos capim para os animais mais necessitados. Entretanto, achamos vinho, aguardente, galinhas em abundância, em troca das últimas pratas; mas nenhum pão, pois, depois da nova descoberta, todos viajaram, sendo que muitos estão fugindo, há um ano, por causa da varíola, o que provocou grande devastação.

O lugar consiste, na verdade, de uma única rua e de uma linda praça aberta, onde fica a capela. Hoje à noite, pela primeira vez desde a nossa partida, tivemos chuva.

09/07

De manhã bem cedo, ainda sob o luar, mandamos trazer os animais, pois hoje queríamos ainda alcançar a Aldeia da Pomba, distante 4 léguas. Ontem à noite, choveu pela primeira vez desde a nossa partida da Mandioca. O céu ainda estava bastante nublado, o chão um pouco escorregadio, de forma que as mulas, de início, escorregaram muito. De resto, o caminho estava bom, apenas a depressão de alguns riachos na mata era de certa forma incômoda. Alguns desses riachos são grandes e todos desembocam no rio da Pomba, que, assim, vai se avolumando cada vez mais.

Estamos numa verdadeira mata costeira, que em quase nada ou em nada se diferencia daquela do Rio de Janeiro. As capoeiras contêm guaiabas[56], *Cestrum*[57], *aroeiras*, *Acacia mimosa*[58], samambaias em árvores e samambaias baixas, *Bauhinia*[59], *Solanum*, *Eupatorium*, etc., e as matas parecem produzir, mais ou menos, os mesmos tipos de madeira.

De meia em meia hora, ora à direita, ora à esquerda dos vales, encontram-se propriedades rurais, onde os produtos comuns são milho e feijão, sendo que a renda dos habitantes provém da criação de galinhas e porcos.

De vez em quando, chega-se a um rancho ou a uma pequena venda, sendo que, em todos os lugares, somos recebidos com educação. Os costumes aqui são menos pervertidos, e o viajante não é tão enganado como o é em geral na grande Estrada Real. A propósito, esta é também a grande estrada pela qual se vai da Cidade Imperial[60], principalmente na atual estação (quando os mantimentos estão mais baratos e os pastos, melhores), para o Rio de Janeiro.

NB. Quem ler este meu diário, escrito rápido e diariamente du-

rante a viagem, e perceber hoje uma outra tinta, deve saber que, no caminho, expremi alguns bagos de Cestrum no meu pequeno tinteiro, que já estava quase seco. Os habitantes deste lugar servem-se do sumo desses frutos, em geral, para marcar suas mochilas e para escrever; apenas com uma diferença: os bagos são cozidos com um pouco de pedra-ume.

Apenas a primeira metade do caminho - as primeiras 2 léguas ou 2½ léguas - era um vale estreito e um pouco acidentado. A segunda metade era bem mais aberta e acolhedora, em geral, uma região plana, o que tornava os caminhos tão bons que os animais percorreram as quatro léguas num tempo bom, ou seja, mais ou menos três horas.

Seguindo a informação que recebemos, não fomos propriamente até a Aldeia ou Freguesia do Mártir São Manoel, mas deixamos a grande Estrada Real um quarto de légua antes e nos hospedamos na casa do Alferes Vogado, a Casa de Vogado, onde fomos recebidos por uma velha senhora rodeada de vários netos e netas.

Seu filho, o verdadeiro proprietário, não estava aqui, mas em Descoberta Nova, assim como quase todos os habitantes das vizinhanças. A boa velha senhora teria, por esta e outras circunstâncias, como, por exemplo, o tamanho da minha comitiva e o grande número de mulas, motivo suficiente para nos negar hospedagem, mas ela não fez isso: ao contrário, recebeu-nos com hospitalidade, lastimando apenas não ter lugar suficiente nem meios para nos acolher e hospedar como desejava. Mas o que mais nos chamou a atenção foi que algumas das criaturas femininas que vimos sentadas trabalhando na varanda e as netas não fugiram nem se esconderam, como acontece em outros lugares, mas continuavam trabalhando e respondiam às nossas perguntas com simpatia e simplicidade.

Dentre elas, uma jovem amável, branca e de faces vermelhas, que

julguei ter entre 15 e 16 anos de idade, atraiu minha atenção: a Srª D. Manoela. Ela era forte, de constituição mediana, peito ondulado e tinha algo de juvenil, apesar do seu corpo robusto. Depois de uma maior aproximação e de algumas perguntas, fiquei sabendo que ela ainda não tinha 12 anos; foi a jovem dessa idade mais desenvolvida que vi até hoje. Muitas mulheres jovens casadas não são tão desenvolvidas.

À noitinha, veio o genro, que mora bem perto, pai dos muitos netos e da bela moça, e providenciou a nossa hospedagem.

Ao anoitecer, chegou ainda um outro estranho, de passagem por aqui, pedindo igualmente hospitalidade, que aqui é realmente muito grande: soubemos, na manhã seguinte, infelizmente muito tarde, que os bons homens nos haviam cedido seus próprios colchões de palha de milho e dormido no chão assoalhado duro. Poderíamos perfeitamente tê-los poupado desse incômodo, pois tínhamos nossas próprias redes de dormir.

Por falta de espaço, dormiram três num pequeno moinho, um na varanda e outro junto com os efetivos, em redes de dormir.

Havíamos decidido passar o dia aqui descansando e aqui nos preparar para cavalgar amanhã para Descoberta Nova, deixando aqui, no entanto, toda a nossa bagagem juntamente com o pessoal e os animais. Daqui, então, seguiríamos viagem para Vila Rica, passando por Presídio.

10/07

Daqui ou da paróquia que fica a meia légua daqui, havia dois caminhos para Descoberta Nova. O primeiro passava pela margem esquerda do rio da Pomba, que atravessamos mais abaixo, de canoa, onde os animais tiveram que atravessar a nado. Esse caminho é incô-

modo para animais de carga, na medida em que, após atravessar uma ponte, sobre a margem direita do Pomba, perto da capela, eles podem seguir seu caminho livremente, que, no entanto, segundo nos asseguraram, é muito pior. Por isso, vamos escolher o primeiro. As informações que colhemos, por enquanto, a respeito de nossa futura caminhada para Vila Rica foram as seguintes:

Percursos	**Léguas**
Da aldeia para São José de Chopotó	3
de lá para Padre José Pinto	3
de lá para Piranguinha	3
de lá para Catas Altas	1½
de lá para Espora	3
de lá para Arraial Lami	5
de lá para Chapada	5
de lá para Vila Rica	2½

Outro itinerário para ver o Sr. Guido Marlière[61] e os índios e para Vila Rica:

Da Aldeia da Pomba para Aldeia das Dores	3
de lá para Presídio	3
de lá para Santa Rita	3
Conceição do Turvo L.	3

Este caderno chega ao fim. Na outra página está a planta da chácara da Srª D. Dominga Eufrásia, a mais bem administrada que vi até hoje. Por isso, interrompo aqui e passo para um novo caderno.

Campo

Entrada

Pátio | Pátio

Estábulo

Residência | Estábulo dos porcos

Pátio | Pátio

Estábulo

Pátio | Residência dos negros

Jardim

a) Estábulo para porcos de engorda durante o dia.

b) Pátio para os mesmos.

c) Estábulo para os porcos de engorda durante a noite.

d) Pátio para os mesmos.

e) Estábulo para as porcas-mães.

Caderno nº 4 - folhas 74-95
10 a 17 de julho de 1824

10/07

Na fazenda do Alferes Antônio Ribeiro Vogado, fomos acolhidos em casa de gente boa (e uma jovem muito bonita).

Continuação:

À tarde, preparei-me para a excursão a Descoberta Nova - era minha intenção realizá-la. Como nos preveniram de que havia muitos ladrões, preparei minhas pistolas, que eu não usava nem limpava desde a minha partida da Mandioca e que, nesse momento, não estavam carregadas. Uma vez, em Barbacena, eu as estive observando e reparei que o gatilho e o fecho estavam enferrujados e não estavam se desprendendo bem. Aprontei-as hoje cedo e chamei o Constantin, um jovem que admiti em Barbacena como caçador e para depenar os pássaros. Ele ficou à minha frente enquanto eu lhe mostrava o que ele deveria limpar no fecho e no gatilho que não se soltava. Armei-o, apertei, e um tiro forte saiu do cano, atingindo diretamente o abdômen do rapaz. O meu susto, a minha afobação, a minha consternação eram tão grandes que nem posso dizer quanto. Meu corpo tremia, comecei a chorar, agarrei o rapaz e gritei: "Meu Deus! O que foi que eu fiz? Sou um assassino, nos meus 50 anos, um assassino!" Ele, porém, disse: "Não, não é nada! Acalme-se, não é nada!" Ele abriu sua camisa, e, de fato, inexplicavelmente, de início não vi nada, mas, logo depois, vi o orifício

ou o sinal de cinco pequenos grãos de chumbo do lado esquerdo do umbigo; pouco depois, apareceu também inchação e um pouco de sangue. Após um exame mais preciso, achou-se a outra parte de um tiro pequeno no bolso esquerdo do colete, onde o rapaz, que fora caçar de manhã, havia enfiado, de qualquer maneira, bolinhas de papel mata-borrão, que servem de munição para espingardas. Cinco grãos, entretanto, haviam certamente penetrado o abdômen, mas pareciam, pelo menos no momento, não oferecer perigo.

A onipotência e providência divina agiram aqui. Com o tiro, o cano da pistola pulou. Parece ter sido um tiro bem antigo que falhou, disparado na Mandioca, sem pólvora, com espoleta.

A quem me lê agora, seja jovem ou velho, recomendo: com armas, todo cuidado é pouco. Com que sentimentos terríveis eu viveria os poucos anos de vida que ainda me restam, se, por imprudência, eu tivesse matado o rapaz com o tiro?!

À noite, os Srs. Riedel, Rugendas, Ménétriès e eu fomos à Aldeia da Pomba, para passar a noite e poder partir de lá, de manhã bem cedo. O Sr. Rubtsov ficou para trás com toda a bagagem, por causa de seus instrumentos e observações.

A Aldeia da Pomba ficou aquém de nossas expectativas. É o lugar mais miserável que já encontramos até hoje. A igreja é uma das mais antigas da região e agora está em franca decadência. Como todas as outras, ela é de pau-a-pique e fica numa grande praça aberta e livre. O lugar tem várias ruas, as casas são pequenas e térreas e, neste momento, estão quase todas abandonadas pelos seus habitantes, que estão todos em Descoberta Nova. Um padre tem, bem perto da aldeia, um moinho de cana-de-açúcar e uma venda.

Nós nos informamos sobretudo a respeito de abrigo para os ani-

mais e, em lugar de capim, recebemos pontas de cana-de-açúcar, que alguns animais comem com gosto, outros, de forma alguma. Procuramos, então, em outra casa, o estábulo e, numa terceira, um quarto para nós. Depois compramos pão e carne e pedimos, neste último, que nos deixassem cozinhar em nosso alojamento. Foi preciso ir procurar colchões de palha em casas estranhas, em toda a cidade, e só encontramos dois. Nesse meio tempo, até que a comida estivesse cozida, conseguimos convencer uma alma caridosa, em outra rua, a nos fazer um pouco de café. Comprou-se o vinho na casa, mas a aguardente foi comprada em outra venda.

11/07

Depois de passar uma noite horrível, partimos no dia 11 bem cedo - às 6h15min já estávamos a caminho.

Tomamos o caminho usual na margem direita do rio da Pomba, onde chegamos por meio de uma ponte que fica perto da aldeia. Nós nos perdemos algumas vezes até finalmente encontrarmos o caminho certo. Entramos, então, na mata fechada, onde vimos vários atalhos, ora à direita, ora à esquerda, que levavam às fazendas - algumas delas conseguimos ver.

Depois de percorrermos 2 léguas, passamos próximo à grande fazenda de Antônio Dias. Como aconteceu em outros lugares, vimos aqui grandes varas de porcos andando na mata. Às 11h, depois de 5 léguas percorridas, paramos na casa do torneiro, comemos alguma coisa e retomamos, às 12h, a nossa cavalgada.

Dos muitos estabelecimentos que vimos, os de José e de Antônio Barbosa eram os mais primorosos.

Por volta das 5h, depois de passarmos pelas fazendas de Manoel Pimenta e de Manoel da Silva Pinto, alcançamos a nova e bela fazenda de Manoel Pereira da Silva, um velho alegre de 70 anos, com sete filhos crescidos, três filhas e muitos netos.

A maior parte do caminho era bastante montanhosa. Inicialmente, passamos por florestas espessas, mas, a partir de Antônio Barbosa, elas se tornaram mais abertas e acolhedoras por causa das numerosas roças e capoeiras. Nessa fazenda, encontra-se novamente o rio da Pomba e, por meio de uma canoa, pode-se passar para a margem esquerda, onde outro caminho leva à aldeia.

Seis léguas adiante, não pudemos mais prosseguir, pois nossos animais estavam muito cansados. Na casa de Manoel Pereira da Silva, pedimos abrigo e hospedagem, no que ele nos atendeu de forma muito hospitaleira. As principais fazendas por onde passamos hoje foram: a de Pedro Francisco, à nossa esquerda; Xavier, uma fazenda praticamente abandonada; Mendes, uma bela e grande fazenda, à direita, a 2 léguas da Aldeia Torneiro; antes, a de Antônio Dias ou Mendes.

As fazendas que vimos hoje foram: Pedro Francisco, situada no lado esquerdo; depois Xavier, uma boa fazenda, agora abandonada devido à morte do homem; Antônio Dias Mendes, uma rica e grande fazenda, a duas léguas de Aldeia Torneiro: boa terra e poucas pessoas; depois Antônio e seu irmão José Barbosa, próximo à margem do rio da Pomba, bem localizada. Fizemos a travessia com uma pequena canoa. Os animais precisaram nadar. Depois vimos a de Manoel Pimenta numa elevação e bem próxima à de Manoel da Silva Pinto; e, finalmente, a de Manoel Pereira da Silva, onde pernoitamos. Neste ponto, deixa-se o rio para trás. Depois vem a grande fazenda de Antônio e José Barbosa, bem localizada e administrada. A partir daqui, é só 1¼ légua até Des-

coberta Nova, a 8 léguas da grande Estrada Real para Vila Rica (Mantiqueira) e a 16 léguas para Paraíba, o baixo Registro.

Conforme o costume local, recebemos à noite o banho quente de pé e deitamos nossos esqueletos cansados num bom colchão de palha de milho, com direito a cobertas quentes de algodão tecidas lá mesmo.

12/07

Pela manhã, úmido, nublado, entre 11° e 12°R.

Os agricultores desta região geralmente têm muito milho em casa e já começam a roçar.

A floresta exige mais trabalho e esforço do que a capoeira, por isso os mais pobres se juntam aos poucos escravos e ganham alguma diária em troca de trabalho duro. As capoeiras só são capinadas em agosto e queimadas no início de setembro.

O milho cresce melhor nas capoeiras quanto menos elas forem trabalhadas, do que em solo de mata virgem. A cada três ou quatro anos, a capoeira é capinada; portanto, ela fica de dois a três anos sem ser plantada.

A região onde me encontro agora e a fazenda de Manoel Antônio de Oliveira são as mais férteis de que já tive notícia. Com cinco escravos, ele plantou 8 alqueires de milho e colheu 80 carretas cheias. Calcula-se aqui a colheita por carreta, cujo tamanho depende do estado das estradas. Na fazenda da Srª D. Domingas, as carretas eram de 15 alqueires, e aqui são de 20. Dizem que o feijão dá várias vezes. Para os viajantes é muito agradável viajar nesta época do ano. Por todo lugar os celeiros estão cheios, os campos de milho ainda estão cercados e

fornecem bom pasto para os animais. A estação é seca.

Toda esta região foi povoada por pessoas que antes moravam mais no interior, assim como Paraíba será povoado agora por pessoas da vizinhança do Pomba, como, por exemplo, as famílias do Capitão Antônio Joaquim, Capitão Leite e outras.

A família Barbosa, que mora próxima ao Pomba, veio há alguns anos de Remédios, bem como nosso hospedeiro, o Sr. Manoel Pereira da Silva, cujos 10 filhos adultos, ainda vivos, casaram nessa região, que, há 12 ou 14 anos, era toda povoada por índios. Nessa época, só havia aqui densas florestas; agora toda a terra é fértil.

Descoberta Nova será, da mesma forma, povoada graças a muitos outros estabelecimentos que virão. Aldeia da Pomba, Arraial das Mercês e outros já foram abandonados.

Nossos animais foram capturados mais cedo; até o velho de 70 anos levantou cedo para recolher seus animais. Ele mesmo toma conta de toda a fazenda. Deus me conceda essa mesma força para eu continuar mantendo minha casa!

Partimos às 8h e, por volta das 12h, chegamos a Descoberta Nova.

O caminho está bastante trilhado. Atravessamos florestas e capoeiras, assim como campos de milho, ora destruídos ora recém-colhidos, onde se vêem muitos cavalos e porcos pastando.

Depois de 1 légua, chega-se a uma fazenda, onde existem várias casas, grandes e pequenas, que dão ao lugar o aspecto de aldeia. Encontrei na vizinhança um morador dessa fazenda, denominada Pouso Alegre, e, como gosto de pesquisar a origem dos povoamentos, perguntei-lhe sobre suas relações familiares. Ele é um dos 13 filhos adultos de um pai (Famílias Dias e Teixeira), dos quais seis são homens e sete,

mulheres. Dois homens e duas mulheres vieram há 11 anos de Vila de Queluz. Todos são casados, possuem alguns escravos e trabalham essa faixa de terra de uma légua. Ele me disse que, se a família crescer na mesma proporção que a do seu pai, logo a fazenda e a terra serão pequenas demais para todos, e eles terão que se separar.

Nesta região, existem muitas onças; elas matam porcos, bezerros, ovelhas, etc. Há pouco atiraram e mataram uma onça preta.

Depois de duas horas e meia de cavalgada, alcançamos Descoberta Nova. A gritaria, os estrondos, a barulheira fez-nos perceber de longe que havia lá grande quantidade de pessoas.

Inicialmente, vimos a fazenda do verdadeiro proprietário e, depois, uma longa fileira de palhoças. São as casas dos mineiros (se é que posso usar essa denominação) e de pessoas que para cá vieram para praticar o comércio e aproveitar a oportunidade favorável.

Pedimos abrigo na primeira e na segunda casa, mas em vão. Depois passamos por entre as cabanas e vimos mercadorias jogadas entre estalagens, vendas e casas de jogos.

Toda a aldeia tinha o aspecto de uma feira com suas carrocinhas de comidas. Aqui, homens deitados em estacas fincadas na terra, em esteiras de palha; lá, uma mulher ou uma moça. Um tinha um prato de feijão com toucinho. Mais adiante, rodava-se uma agulha para decidir quem ganha e quem perde. Mágicos mostram sua arte; vinho, aguardente de cabeça, restilo e prazeres eram vendidos por toda parte. Comerciantes e, principalmente, vendedores estavam alojados no bosque.

Amarramos nossos animais igualmente nos troncos perto das capoeiras e visitamos as minas de ouro próximas, onde encontramos grande atividade. Um vale estreito e íngreme é, no momento, o principal ponto de ocupação. Velhos e jovens, grandes e pequenos revolvem a

terra[62]. Cava-se a camada superior de terra do barranco[63], chega-se, então, à pedra bruta mais superficial, o cascalho grande e, mais embaixo, o cascalho pequeno, misturado com argila, mica, fragmentos de cristais, de pedras quebradas, de minérios de ferro, etc. Toda essa massa, normalmente úmida, é amontoada junto a um pequeno riacho, a critério do lavador de ouro, e depois despejada nas "canoas" - "barcos" mais estreitos na frente e mais largos atrás - construídas uma após a outra[64]. Lá ela é remexida pelos negros, e, com esse procedimento, remove-se toda a terra fofa e barrenta, ficando, apenas, as pedras e o cascalho, que são oportunamente lavados. O ouro, então, deposita-se no fundo e ali permanece, até que se decida lavá-lo de forma especial.

Toda a lavação de ouro, pelo menos à que assisti até hoje, acontece sem nenhum método, ao Deus dará. E aqui principalmente, chegou-se à loucura. É certo que já se encontrou aqui ouro, até muito e ouro grande. Logo que a fama da descoberta se espalhou pela terra, vieram pessoas de todas as partes, de forma que hoje (após cerca de dois a quatro meses da descoberta) já se reuniram aqui quase 3.000 almas. Nem todos vieram para lavar ouro: alguns vieram para se divertir. Jogadores e beberrões, prostitutas e muitas pessoas que, de uma forma ou de outra, tentam ludibriar uns aos outros. Alguns vivem miserável e deploravelmente; outros gastam tudo ou perdem no jogo o que ganharam com a lavação.

Foi realmente muito estranho ver aqui pessoas que, há poucas semanas, talvez não possuíssem sequer um tostão e que agora lidam com táleres de prata como se fossem moedas de cobre. Nem mesmo o ouro tem valor. Pode-se dizer: como foi ganho, será desperdiçado. É como uma loteria; ninguém sabe avaliar o valor do ganho.

O que chama também atenção é que tantas pessoas de repente

tenham se aglomerado aqui, e o governo parece não ter tomado conhecimento disso; não recebeu nenhum tributo referente ao ouro já comercializado até agora.

Afirma-se, e parece que não estão exagerando, que se acharam aqui, nos últimos meses ou desde a descoberta, entre 30 a 40 arrobas de ouro (1 arroba = 15Kg.), e tudo desapareceu clandestinamente. Um chega, lava o ouro e vai embora; o outro, da mesma forma, e assim pode-se dizer que, aqui, mudam as pessoas diariamente.

As jazidas de ouro aqui na selva são novas e muito interessantes. A região tem a forma de uma caldeira e está situada bem mais abaixo do que a Serra do Antônio Velho, um velho índio que, dizem, deu o nome a essa montanha.

Pelo que tenho observado, em geral, o ouro aparece no sopé de montanhas altas, onde a água, em grandes inundações, de repente, depara-se com grandes rochas e tem que escoar para uma região mais baixa, adquirindo, assim, um fluxo consideravelmente mais forte.

Perto de São José, onde estavam as mais ricas lavras de ouro, as encostas da montanha são bastante escarpadas, abruptas como um muro, e não é preciso muita fantasia para se distinguir os diversos saltos e quedas d'água que existem nas suas vertentes.

Talvez seja interessante contar como se chegou a essa descoberta. Um agricultor muito trabalhador, que cultivava em sua fazenda açúcar, milho, feijão e café, descobriu, por acaso, um pouco de ouro em um pequeno riacho. Começou, então, a lavar o ouro, mas, como não entendia nada disso, consultou confidencialmente um mulato. Imediatamente, este espalhou a notícia da riqueza dessa descoberta, de forma que, em dois meses, correram para cá pessoas das mais distantes localidades da província. O agricultor perdeu praticamente toda a sua fa-

zenda, consumiu todas as suas provisões, acabou com suas plantações de açúcar, ficando, assim, totalmente arruinado. O mineiro aqui tem prerrogativa sobre o agricultor.

Depois de perambular algumas horas, de tomar vinho do Porto, comer queijo com pão na lavação, voltamos para o novo Arraial do Ouro Grosso. Como não encontramos hospedagem para nós e absolutamente nada para os animais, resolvemos regressar para a casa do nosso velho amigo Manoel Pereira da Silva, onde chegamos por volta das 5h e fomos recebidos amigavelmente.

Disseram-me que sua filha, residente a uma légua daqui, estava doente e pediram-me para ir visitá-la. Diagnostiquei nela o *supressio menstruum* e regressei cedo com seu marido para a casa do pai dela. Ele também me acompanhou até a Aldeia da Pomba, onde eu tinha os meus medicamentos. Dei-lhe o remédio que considerei adequado. Da casa de Manoel Pereira até a Aldeia da Pomba, também chamada Aldeia dos Índios, são 5 léguas.

Nossos animais só foram achados tarde no pasto, porque, pela manhã, estava muito nublado.

13/07

Quando a neblina se dissipou, depois das 9h, trouxeram os animais, e, às 10, retomamos nossa viagem. Só à noite, ao cair do sol, alcançamos a Fazenda do Vogado, onde encontramos os nossos companheiros, todos com saúde, especialmente Constantin. O tiro não lhe causou nenhum dano.

A uma pequena légua da aldeia, o rio Formoso encontra o rio da Pomba pela sua margem direita, sobre o qual corre uma ponte ruim,

quebradiça e alta. O rio é relativamente importante. Mais adiante, passa-se ainda por vários riachos pequenos, entre os quais o maior é o Passa-Cinco.

Nas florestas por onde passamos, vimos árvores majestosas, com alturas e dimensões raras, alguns primorosos jacatirões[65], admirados por todos os viajantes, até mesmo brasileiros. Um deles mal podia ser abraçado por cinco pessoas.

14/07

De manhã, em Vogado, estava mais frio do que o habitual: só 7°. Havia uma névoa úmida que, antes das 9h, já tinha se dissipado.

No momento, os poucos negros que há nessa fazenda roçam para poder tocar fogo em setembro e plantar milho. Várias vezes, admirei-me em ver o quanto se conseguia fazer nas fazendas com tão poucos escravos. Eu não conseguia entender, pois também procuro manter meu pessoal trabalhando com eficiência. Mas finalmente descobri o motivo: quando se pergunta o número de escravos, aqui consideram-se só os homens, ou seja, aqueles que trabalham na roça ou no campo. As mulheres são todas empregadas na casa e nos afazeres domésticos, como, por exemplo, levar o milho para a moenda, cozinhar milho e comida para os porcos, ocupar-se da cozinha, da roupa, fiar e tecer algodão, espalhar o feijão de rícino, cozinhar óleo, fazer farinha de milho, dar comida às galinhas, etc.

NB: Carta n° 18 enviada para a Mandioca.

O padre João Bonifácio Duarte Pinto, um homem muito educado, deu-me as seguintes instruções para a viagem: partindo daqui em direção a Presídio, deixa-se, depois de um quarto de légua, a estrada

grande que fica à direita e que leva a Campos dos Goitacases e toma-se a da esquerda. Mais adiante, mais ou menos depois de um quarto de légua, segue-se a estrada à direita, abandonando-se a da esquerda. Chega-se, sem risco de se perder, à fazenda de Antônio Rodrigues Gomes; de lá chega-se à Capela de S. José do Paraopeba, e, não muito distante, fica a fazenda do Capitão-Mor de Piranga, Antônio Januário, um homem hospitaleiro. No terceiro dia, chega-se a Presídio, a 10 léguas da Aldeia da Pomba. Em Presídio, deve-se procurar o Capitão Gonçalo, caso o Sr. Guido não esteja lá.

O padre está aqui há 12 anos. Ele contou-me que a igreja da aldeia foi construída há 54 ou 56 anos, principalmente para divulgar o cristianismo entre os índios. Ele é o terceiro padre e já dirige a igreja há 12 anos. No começo, ele encontrou na paróquia cerca de 5.000 almas, contando com os índios. Estes, porém, pouco a pouco foram sendo expulsos, particularmente por mineiros que aqui estabeleciam suas fazendas. Em 1816, o número de habitantes já era de 12.000 e, no final do ano passado, em 1823, cerca de 13.500 almas, incluindo brancos, mulatos, negros livres e escravos.

A freguesia conta com nove igrejas e capelas, pequenas e grandes, a saber:

1. Capela de Nossa Senhora das Mercês - Arraial das Mercês
2. Capela de Nossa Senhora das Dores do Turvo (rio)
3. Capela de Nossa Senhora da Conceição do Turvo
4. Capela de São José do Paraopeba
5. Capela de Santa Rita do Turvo
6. Capela de São José do Barroso
7. Capela de Santo Antônio do Porto Alegre d'Ubá

8. Capela de Nossa Senhora da Conceição do Rio Novo Acima

9. Capela de São João de Nepomuceno do Rio Novo Abaixo

Todas as capelas e terras do outro lado do rio da Pomba pertencem à Comarca de São João del Rei; e deste lado, à Comarca de Ouro Preto, Freguesia do Pomba.

As capelas deste lado do Paraíba, em Minas, devem pertencer justamente a esta freguesia; no entanto, existem algumas que são consideradas injustamente de Cantagalo, pois, neste caso, elas pertenceriam ao Bispado do Rio de Janeiro, apesar de se localizarem na Província de Minas Gerais. Essas e outras divisões e distribuições irregulares desse tipo encontram-se ainda em todas as fronteiras, de modo que é necessária uma reforma geral.

O padre assegurou-me ainda que, quando assumiu, há 12 anos, só existiam quatro capelas; as demais surgiram dessa época para cá. Assim pode-se prever, com toda a certeza, que ainda serão construídas mais capelas nas proximidades do rio Paraíba.

15/07

Nossos animais foram trazidos a tempo e carregados, de forma que, por volta das 10h, já estávamos a caminho, seguindo as instruções dadas pelo padre. Tivemos que passar pela Aldeia da Pomba e fomos de novo à casa do padre, com o intuito de lhe fazer ainda algumas perguntas. Foi assim que soubemos, por exemplo, que, em sua paróquia, não há agora nem 100 índios e que, na distância daqui até o rio Paraíba, cerca de 16 léguas, não existe nenhuma capela. Já há algum

tempo, apresentou-se aqui um padre itinerante de Cantagalo que rezava missas aos domingos, ora aqui, ora em outros lugares. Ele alegava que este distrito deste lado do rio Paraíba pertencia ao Bispado do Rio de Janeiro. Por isso o padre João Bonifácio havia se queixado, e com razão, já que é natural que esta parte que se situa em Minas pertença à freguesia próxima desta província e do distrito.

Mal tínhamos deixado a localidade e tomado o caminho à esquerda, conforme nos haviam indicado, deixando de lado o caminho grande à direita, quando descobrimos, com desgosto, ao chegar a uma fazenda após 15 minutos, que havíamos tomado o caminho errado. Pouco depois aconteceu o mesmo, de forma que, por precaução, contratei um guia que nos ajudou a seguir o caminho certo.

Por todo lugar, numa distância de meia légua, encontramos estabelecimentos à beira do caminho, ora à esquerda, ora à direita.

Depois de 2½ léguas, chegamos ao topo de uma montanha, ainda pretencente à Serra da Mantiqueira e denominada Bom Jardim. A partir daí o caminho é relativamente íngreme e em declive, até a grande fazenda de Antônio Rodrigues Gomes, onde também fomos acolhidos com muita hospitalidade.

Essa fazenda é recente como todas as outras: foi instalada há apenas 13 anos. A lavoura principal é a de cana-de-açúcar, donde se destila a aguardente, que é enviada para Descoberta Nova, Barbacena, São João, São José e outros lugares. O proprietário possui, ao todo, só 14 escravos e 9 filhos, sendo que apenas uma filha é casada, apesar de a maioria já ser crescida. Um filho acompanha a tropa, o outro é carpinteiro, um terceiro estuda, o quarto toca o gado e os outros dois, ainda pequenos, ajudam nos afazeres domésticos.

Boa argamassa para rebocar uma casa:

Misturar:

2 partes de terra vermelha

4 partes de estrume

12 partes partes de areia, tudo bem misturado.

Ou melhor ainda:

3 partes de areia

2 partes de estrume

1 parte de barro de cupim.

Distâncias	**Léguas**
João Cordeiro	2
Antônio Rodrigues	1
Domingas Mendes	¼
Capitão José Antônio	1
Capela São José	¼
Joaquim de Souza	½
Antônio Francisco	½
Sobradinho	½
Capela São Januário	¼
Capitão-Mor[de Piranga]	½

A cucúrbita do alambique de Antônio Rodrigues contém 40 barris. Três vasilhas para o mosto, cada uma para 80 barris. Cada cucúrbita cheia dá 6 barris de aguardente, e cada barril dá 8 canecas de litro.

16/07

Retomamos nossa viagem. Os animais chegaram tarde. Tínhamos que percorrer 4 léguas. A 1½ légua, mora o capitão do distrito, que dizem ser um homem muito instruído.

As lagartas atacam o milho, quando ele é plantado tarde e quando o tempo está muito seco.

Uma senhora nos recebeu aqui na fazenda de Antônio Rodrigues. Aparentemente, na ausência do homem, é ela que administra a fazenda. Ela tem uma filha casada e algumas solteiras; a de 16 anos é muito gentil. Ao contrário dos costumes e hábitos locais, elas não se escondiam. O pai é um português. As pessoas aqui são muito trabalhadoras e ativas; a moral ainda não está corrompida, por isso elas não têm vergonha de aparecer para os viajantes. Em Barbacena, onde reina grande degradação moral e indolência, as mulheres e moças ficam trancadas o dia todo dentro das casas, não aparecem nem à janela. Mas, logo que a noite chega, as ruas ficam cheias delas, e, apesar dos rostos cobertos por chales, são bastante assanhadas.

De manhã cedo, a filha mais velha, de 16 anos, ordenhava as vacas. Os bezerros, como em todo lugar por aqui, são amarrados na pata dianteira das vacas. Elas fornecem pouco leite, mas de boa qualidade - mais de três garrafas cheias.

Por causa da grande caminhada de ontem, os animais não queriam comer nem espiga de milho. Como eles chegaram muito tarde, dificilmente seria possível percorrer as 4 léguas programadas para hoje. O novo tropeiro, de quem gostei muito e de quem aceito sugestões quando se trata dos animais, disse que seria melhor deixarmos os animais descansar hoje e ficarmos na casa do comandante do distrito,

Capitão José Antônio. Chegamos lá depois das 6h e fomos recebidos.

O proprietário estava muito curioso para saber sobre o objetivo de nossa viagem e desconfiava de tudo que lhe contávamos, pois tudo lhe parecia inacreditável. Parecia-lhe impossível alguém possuir 8 mulas carregadas de caixas e não ter nenhuma mercadoria para vender. Perguntou-me o que os negros carregavam com tanto zelo. A resposta: "Instrumentos". "Ah!, disse ele, "deixe-me ver: são instrumentos que tocam!" Ele nunca ouvira falar de instrumentos astronômicos. Abriu-se a caixinha para lhe convencer de que ali estavam nossos relógios, ao que ele indagou se éramos relojoeiros. As palavras botânicos, naturalistas, museus, ele nunca havia ouvido em sua vida e não conseguia, assim, entender o objetivo de nossa viagem.

A fazenda é grande e tem de 2 a 3 sesmarias ou léguas. É uma das mais antigas da região: foi instalada há 22 anos pelo próprio capitão, que desde então a administra.

Encontram-se aqui várias casas boas. Um engenho de cana-de-açúcar, destilarias e cerca de 30 escravos, o que para o local é muito. A localização é agradável e bem escolhida, só que, como pudemos constatar meia hora depois de chegarmos aqui, ela carece de administração. O homem, em torno de 60 anos, queixou-se desses tempos caros, da desorganização e negligência dos escravos, e principalmente, da perda de sua esposa, que havia falecido há 6 meses.

Suponho que a mulher era a verdadeira administradora da fazenda e que sabia lidar melhor com os negros do que o velho pai e avô. Ele tinha cerca de 16 netos e 4 filhos, todos estabelecidos nas redondezas.

A cerca da plantação de cana-de-açúcar estava mal conservada, as cancelas ficavam abertas, e as mulas do proprietário entravam e causavam prejuízos. Os porcos ficavam no quintal. Muitos negros estavam

doentes e vários haviam morrido. Faltava uma boa administração.

Receberam-nos com um almoço hospitaleiro, apesar de ter sido o mais modesto e frugal de toda a nossa viagem, consistindo de um pouco de couve numa vasilha de canjica. De sobremesa serviram-nos bananas e laranjas. Nem um pedacinho de toucinho havia na couve.

NB: Era Sexta-Feira Santa.

À noite queríamos nos abastecer melhor, mas não conseguimos comprar em nenhum lugar nem galinha, nem ovos. No jantar serviram novamente folhas de couve cozidas.

Com minha cama em cima da mesa, passei uma noite muito melhor do que em muitos outros lugares, pois aqui certamente havia bem menos pulgas, ou praticamente nenhuma; elas me atormentam em casas mais asseadas. Será que as pulgas aqui não têm o suficiente para comer?

17/07

Pela manhã, pouca neblina, + 12°R.

Por volta das 9h, partimos e chegamos depois de um quarto de légua à Capela de São José, onde mora um padre. Havia poucas casas. Meia légua adiante, alcançamos a fazenda de Joaquim de Souza, cuja fachada era muito convidativa. Já de fora percebe-se toda a organização e conservação da fazenda, e que ela é bem administrada. De lá chega-se, meia légua depois, à casa de Antônio Francisco, e, mais meia légua, até Sobradinho. Até a Capela de São Januário é um quarto de légua, também chamada de Aldeia d'Ubá. Percorremos mais meia légua até a fazenda do Capitão-Mor de Piranga, onde chegamos às 3h da tarde.

Todo o caminho percorrido hoje era bastante bom. Com exceção de algumas descidas por encostas de colinas, o caminho era geralmente plano, em vales ora amplos, ora estreitos. As florestas eram altas, a terra, muito fértil e um pouco úmida. Milho, arroz, cana-de-açúcar, café, etc., prosperam muito bem. O algodão nem tanto; é comercializado em pouca quantidade e trabalhado, fiado e tecido pelas mulheres.

A Aldeia d'Ubá é pequena e insignificante, mas a redondeza é agradável, e o local parece crescer diariamente (considerando-se as muitas casas novas.). A Capela de São Januário foi construída há 6 anos, surgindo com ela a aldeia.

Fomos bem recebidos na fazenda do Capitão-Mor. Existe aqui um moinho muito bem trabalhado.

Conforme declaração dos habitantes locais, às vezes o rio Chopotó chega às vizinhanças de Sobradinho.

Na casa do Capitão-Mor, vimos vários quartos cheios de feijão preto com a vagem. Eles são armazenados dessa forma, aguardando-se o momento certo de debulhá-los. Todavia, é preciso muito espaço para isso.

Os carrapatos miúdos, que estão ficando cada vez maiores, nos atormentam mais do que nunca.

Desde ontem, tivemos oportunidade de ver alguns índios Coroado. Freqüentemente alguns são empregados na fazenda do Capitão-Mor. Eles se entregam à bebedeira de aguardente e vão sendo cada vez mais cercados e confinados pelos portugueses, até mesmo exterminados. Os poucos que ainda se vêem são civilizados, pelo menos batizados, e a maioria, vestida. Como índios típicos, vêem-se muito poucos Coroado. Os Puri, que vivem mais na vizinhança e nas praias do rio Pardo, são mais reservados e procuram se distanciar tanto dos portugueses quanto de outros índios. Dizem que são muito traiçoeiros e maus.

Caderno nº 5 - folhas 96-113
17 a 25 de julho de 1824

17/07

O Sr. Riedel fez alguns testes de linguagem com um Coroado. Eu não quis aproveitar a oportunidade, porque ele estava muito bêbado.

O clima aqui é muito ameno, e a terra muito fértil. Após 7h da manhã, nossos animais já estavam no pátio, um lugar bonito, plano e espaçoso. A disposição das casas é regular e prática.

Ontem, em Capela d'Ubá, recebemos a notícia, segura e desagradável, de que o Sr. Guido Marlière ainda não tinha retornado. Sua fazenda localiza-se a cerca de 3 léguas do lado de Sobradinho. Se tivéssemos certeza de sua presença na fazenda, teríamos ido daqui visitá-lo, sem nossa bagagem, a pé ou a cavalo. Mas, já que ele não está, vamos, então, para Presídio e de lá tomamos o caminho mais próximo para Vila Rica ou Cidade de Mariana.

As destilarias aqui são extremamente ruins, mas mesmo assim lucrativas. A intenção não é produzir uma aguardente pura e boa.

NB: Carta nº 19 enviada para Mandioca.

De forma geral, o caminho daqui para Presídio é bom, geralmente plano, apesar de se descer particularmente dois morros bem íngremes e de se subir um. Às 3h30 da tarde, já havíamos percorrido 3½ léguas e, quando chegamos a Presídio, confirmaram-nos que o Sr. Guido Marlière, o chefe dos índios, ainda estava na Cidade Imperial de Ouro Preto.

Presídio consiste de uma longa fileira de casas localizadas num vale, no sopé de alguns morros e de uma suave colina, sobre a qual está a capela de São João Batista. Ela foi construída, com a paróquia, há mais de 30 anos para a conversão dos índios. Nessa época, ninguém quis se estabelecer aqui, mas, há cerca de 10 anos, de repente, muitas pessoas, principalmente da região de São Miguel, depois de Catas Altas, mudaram-se para cá. Hoje essa freguesia, certamente bastante extensa e com muita área rural, já possui mais de 660 chaminés - só o local tem 360 casas. A localidade tem mais de 800 almas, talvez mais, pois as famílias são muito numerosas. Os principais produtos da agricultura são o milho e o feijão; depois vêm o café e a criação de porcos, cana-de-açúcar para a aguardente e, em especial, o comércio da *ipecacuanha*[66]. Os índios percorrem as florestas em busca dessa raiz, vendem-na e bebem até não terem mais dinheiro. Meio quilo de ipecacuanha custa aqui 3 patacas ou 1.000 réis.

À tarde, encontramos aqui muitos índios que vieram no domingo para a missa, todos bem vestidos e a maioria bêbada. Cedo, Rugendas, Riedel e Ménétriès cavalgaram na frente e fizeram alguns testes de linguagem, que pedirei emprestado. Aliás, espero conseguir com o Sr. Guido informações mais completas sobre a língua.

Uma casa inacabada, mas coberta, servia de rancho para guardar nossas malas e preparar nosso jantar. Muitas casas, cujos proprietários vivem na fazenda e só vêm por ocasião de festividades da igreja, estavam trancadas. Com muita dificuldade e favor, encontramos, em três casas diferentes, cinco sacos de palha, de maneira que nós mesmos nos alojamos.

NB: Nº 20.

19/07

A raiz da ipecacuanha só pode ser extraída quando as plantas possuem folhas, isto é, em abril, maio, junho e julho. Neste último mês, as plantas têm sementes e as folhas caem.

Os índios normalmente passam de 20 a 25 dias na floresta para arrancar a raiz, e cada um colhe cerca de meio quilo por dia ou uma arroba por ano. Quando retornam com as raízes e recebem o dinheiro, começam a beber e só param quando não possuem mais nada. No resto do ano, eles se ocupam com a pescaria e com a caça.

Todos eles são batizados e vivem em harmonia com os portugueses. Vão habitualmente à missa aos domingos, porque são induzidos a isso. Aliás, eles não querem saber nem dos portugueses nem da religião; depois da bebedeira, afastam-se para os bosques vizinhos, onde constroem pequenas cabanas e dormem em redes.

Os Coropó e Coroado são menos numerosos e são inofensivos, mas são todos ladrões. Os Puri, que moram mais para leste, vizinhos aos Botocudo, são ainda pouco civilizados, com exceção daqueles que moram a três léguas ao norte de Presídio, na vizinhança da propriedade de um certo Lucas.

Para mim era muito importante ver a verdadeira planta ipecacuanha (em português, poaia, e, para os índios Coroado, *mosqueta* ou *muchina*). Tive dificuldade para fazer as pessoas compreenderem que eu queria a planta com todas as folhas e a raiz, possivelmente em flor ou com semente. Mas, já que não encontrei ninguém que quisesse ganhar uma diária dessa forma, pedi ao nosso estalajadeiro, o Sr. L. Narcisso, que fez a gentileza de me acompanhar até à floresta. Das 10h às 2h da tarde, percorremos os bosques próximos - estávamos cobertos por mi-

lhares de carrapatos - e retornamos com uma única planta. Depois de muito esforço, consegui, através de terceiros, mais outras três, todas sem flor ou sementes.

Trouxeram-me um fruto, ou seja, uma semente chamada *sibota* ou *schipota*, um caroço de forma irregular e, como me disseram, o fruto de uma trepadeira, redondo, verde, de casca macia, que dizem ser muito útil em casos de cólicas. Raspa-se um pouco e bebe-se com água. O fruto contém de 6 a 8 sementes.

Hoje recebemos a informação de que os índios Puri estão nestas vizinhanças. Já que o Sr. Rubtsov não podia medir a distância da lua por causa do céu nublado, e como me interessava muito conhecer melhor a localização do Arraial de São João Batista, decidi ficar aqui no dia seguinte e mandar os Srs. Ménétriès, Riedel e Rugendas para a fazenda de José Lucas, para colher notícias sobre os índios Puri.

20/07

Pela manhã, muito nublado, +7°.

Nesse meio-tempo, colhi diversas informações sobre nossas longas rotas de viagem e sobre os rios e caminhos daqui para o Rio de Janeiro e das redondezas, e notei o seguinte:

O rio, ou seja, o riacho próximo a Presídio é muito grande na época das chuvas, mas agora é pequeno e inexpressivo. Chama-se Chopotó Novo, diferenciando-se de um outro rio do mesmo nome próximo a Piranga. O Chopotó Novo desemboca no Murié ou Burié. Este, por sua vez, no rio Preto, que se une ao rio Pardo, que desemboca no rio Glória, o maior deles, e que finalmente deságua no rio Paraíba.

O percurso de Presídio para a Cidade de Mariana:

Percursos	Léguas
de Presídio para Alto da Serra - fazenda de José Ferreira	2
até Paraíso - fazenda da Srª D. Antônia	2
até o arraial de Santa Rita	1
até Duas Barras - fazenda de Joaquim Gonçalves	2½
até Tapera - Fazenda do Capitão José Antônio De lá deve-se ir para o rio Piranga de canoa	1½
até Manoel Leite Viçoso, coadjutor	2½
até Ouro Fino	3
até Mainard	2
até Cidade de Mariana	2½
TOTAL	19

O mencionado percurso é o mais próximo e melhor, enquanto que, pelo caminho comum, são 22 léguas de distância. Poder-se-ia ir direto para Vila Rica, mas os caminhos são muito ruins, sendo necessário escalar morros altos e íngremes.

Se eu quisesse, com toda a minha tropa, desviar o caminho pela fazenda do Furriel[67] José Lucas, por causa dos índios, minha rota seria a seguinte:

Percursos	Léguas
Do Arraial de São João Batista até José Lucas	3
de lá até Ribeirão Vermelho	3
de lá até o Quartel	2
de lá até Santa Rita	1½

Para se ir de Presídio ou Arraial de São João Batista até o Registro do Paraíba ou Rio de Janeiro, percorrem-se os seguintes caminhos:

NB: São três:

O primeiro, passa por Porto do Mar de Espanha, às margens do rio Paraíba, passando por Sumidouro, onde se chega à grande Estrada Real. O segundo vai até Porto da Cunha, passando por Cantagalo, e é ruim. O terceiro vai até Lami, no rio Paraíba, e, rio abaixo, chega-se a Campos de Goitacases.

O melhor caminho é o seguinte:

Percursos	**Léguas**
De Presídio até Ubá	4
de lá até Freguesia do Pomba	5
de lá até Torneiro	3
de lá até S. João de Nepomuceno	1½
de lá até Roça Grande	1
de lá até Capela Nova de Santo Antônio	2
de lá até Rio Pardo	2
de lá até Ribeirão d'Angu	2
de lá até Terra Corrida	2
de lá até Ventureiro	2
de lá até José Joaquim Machado	2
de lá até Porto da Cunha	3

Esse é o novo Registro no rio Paraíba, e, de lá, toma-se a grande Estrada Real para Porto de Estrela.

Os Srs. Ménétriès, Riedel e Rugendas cavalgaram hoje cedo para José Lucas e provavelmente só vão se juntar a nós em Santa Rita.

A vegetação dessas regiões e das matas virgens se parece com a vegetação litorânea que já vimos, mas, há algumas paisagens diferentes. Por exemplo, há poucos dias, especialmente nas proximidades de Aldeia da Pomba encontramos, muito mais andaiaçu (*Joannesia vandelli*, ou fruto-de-arara)[68] nas capoeiras do que em outros lugares. Os frutos amadurecem nos galhos.

A semente do andaiaçu é oleosa; é uma cápsula que, como a do *Ricinus* ou *Jatropha*[69], contém três caroços e é suficiente para fornecer um ótimo purgativo[70]. Asseguraram-me - e esta é uma observação que devo ao falecido Ministro, comandante de Barca (mais conhecido pelo nome de Cavaleiro Araújo) - que o óleo espremido dessa semente é um ótimo secante, podendo ser utilizado na pintura a óleo com excelentes resultados, pois ele intensifica as cores e fornece um verniz permanente que se espalha sobre todo o quadro.

Na vizinhança de Sobradinho e Ubá, vê-se por todo lugar, e mais freqüentemente do que nas capoeiras, o urucu ou *Orlean*[71], cujas sementes, em outros lugares, são bastante comercializadas, tendo, inclusive, dado o nome a toda uma província. Aqui ele não é aproveitado de forma alguma: essas árvores tão úteis, tal como acontece com muitas outras, são derrubadas e queimadas.

A plantação de ipecacuanha está começando nos arredores deste arraial. Ela já se estende à região do Espírito Santo até Cabo Frio, portanto, nas florestas, até um determinado trecho de leste para oeste. Considerando-se que essas regiões, ano a ano, estão cada vez mais povoadas e cultivadas, com a destruição de matas virgens e até mesmo com o lento extermínio de índios, pode-se prever que, com o tempo, a ipecacuanha forçosamente vai se tornar cada vez mais rara. Dizem que o tempo de florescência começa com a estação chuvosa. Isso parece

bem provável, já que todas as plantas que consegui aqui eram jovens, ainda não estavam bem desenvolvidas.

O solo é bastante fértil. Na fazenda do Tenente Narcisso da Costa, vi enormes raízes doces de mandioca de 10 meses. Um tronco tinha 15 raízes. A terra é bem fofa, e as plantas estavam dispostas em fileiras de 6 a 8 pés de distância uma da outra.

Com toda essa fertilidade, naturalmente, estranhei ao ver, no arraial, poucos sinais de jardim; nem mesmo uma laranjeira ou uma bananeira. Alegaram que a quantidade de formigas criadas pelos índios é o principal empecilho para o crescimento das plantas.

É que os índios consideram o corpo da formiga fêmea no período da incubação um ótimo petisco e, por isso, fazem de tudo para aumentar a procriação anual de formigas. Dizem que, com essa finalidade, eles capturam as fêmeas quando elas estão chocando, arrancam-lhes as asas, que caem facilmente, e enterram a formiga-mãe em terra fofa, onde, em seguida, aparece toda a ninhada. Afirma-se que os corpos dessas formigas são muito oleosos e saborosos. Normalmente elas são cozidas com arroz, substituindo a manteiga ou a banha.

Em São Paulo, conforme me garantiram, as barrigas de formigas são vendidas habitualmente no mercado como alimento e comidas. Essas e as formigas brancas, as *Termes* (cupim em português), provocam muitos estragos. Voltarei a falar destas últimas numa outra oportunidade.

Em muitas regiões do Brasil, grandes faixas de terra ficaram totalmente improdutivas por causa das formigas. Por exemplo, nas regiões recentemente abandonadas pelos índios, no litoral próximo ao Espírito Santo, rio Doce, etc., elas procriaram tanto, com a ajuda dos índios, que se tornaram uma praga. Certamente dever-se-ia introduzir uma lei que punisse quem matasse os tamanduás, ou mesmo pensar numa for-

ma de aumentar sua reprodução.

O tropeiro ficou ontem e hoje ocupado com a ferração dos animais e com a arrumação das cangalhas - ele comprou as ferraduras e os cravos - para que pudéssemos prosseguir nossa viagem amanhã.

A vida aqui é muito barata. A seguir, os preços do mercado como comprovação:

1 alqueire de milho	320
1 alqueire de fubá	320
1 alqueire de farinha de milho	480
1 alqueire de farinha de mandioca	750
1 alqueire de feijão preto	640
1 alqueire de arroz	960
1 arroba de toucinho	1.500
1 arroba de lombo (metade de um porco)	450
1 arroba de carne de vaca (não se mata)	750
1 vaca de leite	12.000
um boi (de carro)	14.000
um cavalo	30.000
uma galinha gorda	120
um frango	40 - 60
um capão	4.000
jornal[72] de um escravo por semana	900
jornal de um bom carpinteiro	400
1 barril de 8 med. de aguardente de cana	1.280
1 arroba de açúcar branco	1.800
1 carga de rapadura (64 R)	1.800
1 libra de poaia	de 800 a 1.000

Vêem-se aqui mais cabras do que em qualquer outro lugar e toma-se seu leite. Existe também um número excessivo de galos, que provocam, de madrugada, uma barulheira ininterrupta. Não sei se foi por acaso ou se é comum, mas, pelo menos no meu alojamento, as pessoas acordavam muito cedo.

O governo deveria se preocupar prioritariamente com os caminhos e o transporte, ou seja, com veículos e carroças. Ele deveria incentivar todo capitão-mor para que estimulasse a introdução de carroças apropriadas, particularmente aqueles carros de madeira.

21/07

O único tipo de carroça conhecido aqui é aquele modelo pesado, com eixo fixo, usado pelos antigos romanos ou algerianos; suas rodas são fixadas ao eixo, e eixo e roda giram ao mesmo tempo; a carroça e todo o peso pressionam o eixo, o que resulta num barulho terrível; é tão pesado que são necessários, no mínimo, dois bois para se tirar a carroça do lugar.

As pessoas não conseguiam entender como é possível um carro puxado por dois bois carregar um grande tronco de árvore ou outra carga pesada. Aqui, uma lavoura comum dispõe normalmente de 20 a 30 bois para levar o milho e o feijão do campo para a casa. Como o agricultor ou proprietário de plantação de cana-de-açúcar se beneficiaria com a introdução de carros europeus!

Eu me esqueci de falar a respeito de um estranho costume local. Em casas comuns, sempre depois das refeições, oferece-se a cada pessoa uma bacia com água e uma toalha, fina ou rústica, e lavam-se as mãos. Esse hábito se deve talvez ao fato de os brasileiros geralmente

comerem com as mãos, seja rico ou pobre. Eles misturam a farinha de milho ou de mandioca com a sopa, molho ou caldo, pegam com as mãos um osso ou um pedacinho de carne, que eles cortam ou mordendo ou arrancando com os dentes. Por isso necessitam sempre lavar as mãos depois das refeições. Existem colheres e garfos de prata, mas, às vezes, só uma única faca para todos os convidados.

As pessoas aqui se permitem este luxo e dispêndio. Colheres e garfos de prata, até as pessoas mais modestas possuem; mesmo que não tenham mais nada de valor em casa, certamente possuirão alguns talheres. Na casa de proprietários ricos, as bacias de água e acessórios, travessas, etc., freqüentemente tudo é de prata ou, o que é mais comum, de estanho.

Nos últimos anos, trouxeram-se para cá tantas faianças inglesas que, hoje, elas podem ser vistas em quase toda parte. Um fabricante de faiança que entendesse profundamente do seu ofício, ou seja, escolher a terra, prepará-la e trabalhá-la, construir o forno e esquentar e soubesse administrar todo o tratamento da faiança, incluindo envernizamento e pintura, realmente faria fortuna aqui, principalmente na grande Estrada Real para o interior.

Praticamente em todo lugar encontra-se barro de excelente qualidade; em muitos lugares, até mesmo a pura terra de porcelana, conhecida aqui pelo nome de tabatinga, e que, na falta do cal, é utilizada para colorir e pintar de branco o interior das casas.

Para salgar a carne de porco e o toucinho e enviá-los secos e sem salmoura, utilizam-se os seguintes métodos: torra-se a pedra de sal numa vasilha, ou seja, põe-se o sal na brasa até que ele fique reduzido a um pó fino e, com ele, esfrega-se bem a carne, preferindo-se até fazer cortes transversais em intervalos de algumas polegadas, para que esse sal penetre no toucinho.

22/07

Como os três senhores não regressaram ontem, como era de se prever, dei ordens para partirmos.

O céu, como todos os dias, estava nublado, e a atmosfera carregada de neblina, que normalmente só se dispersava por volta das 9h. Pela manhã, 7h, +6°R. Apesar de nossos animais não terem trabalhado nesses últimos três dias, eles caminharam bem.

Nosso primeiro descanso deveria ser em Alto da Serra, 2½ léguas adiante. Inicialmente o caminho era plano, passando por densas florestas virgens, onde encontramos, mais ou menos de meia em meia légua, moinhos de açúcar em fazendas.

Depois de percorrermos aproximadamente 2 léguas, alcançamos o sopé da montanha e passamos por algumas cabanas. Inicialmente, o caminho tem uma leve inclinação, tornando-se, depois, um pouco mais íngreme até chegar à Fazenda do Alto da Serra. Indagamos e disseram-nos que era a Fazenda da Boa Vista. Apreciamos por alguns momentos o panorama maravilhoso. A área, de 8 a 10 léguas, é toda cercada por montanhas altas. A região é muito fértil; em seu centro localiza-se Presídio. Continuamos nossa viagem, na ilusão de chegarmos, depois de meia légua, ao topo da montanha, onde esperávamos encontrar uma fazenda. Mas não foi bem assim. A casa mais próxima fica do outro lado da montanha, numa fazenda distante uma légua de Boa Vista e pertencente ao vigário de Presídio. A fazenda está abandonada e destruída.

Uma pessoa que encontramos no caminho disse-nos que não encontraríamos ninguém na fazenda do padre, nem mesmo milho. Surpresa agradável tivemos quando encontramos, mais adiante, um ho-

mem livre com uma família numerosa (acredito que tinha 8 filhos pequenos, tendo o mais velho seus 11 anos). Ele nos ofereceu uma pousada pobre, mas acolhedora. Eles não tinham nada mais além de milho e um monjolo, isto é, um pilão para fazer farinha de pão ou pão. Nenhuma galinha, nenhum porco, portanto, nada de carne; nenhuma espingarda para usufruir da caça rica. Resumindo, nada; e o único homem se ocupava exclusivamente com a plantação de milho.

23/07

As mulas não podiam se espalhar ou se desgarrar de tão crescido que estava o mato. Logo cedo pela manhã, estavam todas reunidas por si só em frente à porta e muito bem alimentadas. Portanto, pudemos tomar cedo todas as providências para a nossa partida.

Nosso destino: Santa Rita. Disseram-me que seriam 2 léguas, mas são boas 2½ léguas. Partimos às 9h e alcançamos a capela de Santa Rita à 1h da tarde. Inicialmente, o caminho segue morro abaixo até a Fazenda João Geraldo; depois passa por floresta virgem e por caminhos menos ondulados até Paraíso, fazenda da Srª D. Antônia, onde vimos algumas bananeiras e um vale que se abria para vários lados. Deixamos a fazenda à nossa esquerda e pegamos um bom caminho na encosta de um monte. A partir daí, um excelente caminho levou-nos até Santa Rita, localizada num vale plano. Nos arredores de João Geraldo, encontramos as capoeiras cheias de fetos[73] (*Pteridophyta*)[74], nada além disso. Essa planta indica um solo ruim, esgotado e seco, onde nada mais cresce, nem mesmo o algodão, que requer um solo muito seco. Outras capoeiras, cobertas de verdes arbustos, oferecem boa produção de feijão e milho.

Pouco antes da capela de Santa Rita, passamos por um belo engenho - Engenho de Santa Rita - bem conservado, ao lado de várias casas. O conjunto tem aparência de aldeia; as casas são práticas e bem conservadas.

Junto à capela de Santa Rita, existem poucas casas e duas vendas. Ali fomos recebidos friamente; só a muito custo conseguimos hospedagem e abrigo.

Não é fácil analisar o caráter, os costumes e hábitos dos moradores locais.

Em São João del Rei, hospedamo-nos numa pousada (venda e estalagem), e, obedecendo ao costume local, quisemos nós mesmos preparar nossa refeição. O hospedeiro protestou, dizendo que lá não havia esse costume. Nós deveríamos apenas dizer o que gostaríamos de comer que ele providenciaria. Três dias depois, apresentou-nos uma conta exorbitante. Ele nos enganou habilmente.

Aqui resolvemos pedir uma estalagem. A princípio, não queriam nos dar de forma alguma, mas protestei. O estalajadeiro, querendo reparar seu comportamento, alegou que não dispunha de recursos para hospedar-nos como desejaria; e que, se tivesse sabido que queríamos apenas um rancho, ele não teria feito nenhuma objeção.

Como a lenha ficava longe, e nosso pessoal estava ocupado, pedi à cozinheira que nos preparasse galinha, que havíamos trazido, com arroz, em troca de pagamento, mas ela se negou a fazê-lo, alegando que não saberia prepará-la ao nosso gosto. Nós lhe pedimos, então, que a preparasse a seu modo e, assim, pudemos receber o nosso almoço. Como foi diferente o comportamento do nosso hospedeiro em São João del Rei!

Desde que estamos de volta a Mato Dentro, especialmente desde

a Aldeia da Pomba, as léguas desta região têm nos parecido mais longas do que em outros lugares. Hoje, finalmente, obtive uma explicação provável para isso. A maior parte das terras aqui foi tirada dos índios e logo dividida em sesmarias de meia ou uma légua, distribuídas aleatoriamente entre os habitantes. Cada um tratou de estender, o máximo que pôde, a légua ou meia légua que lhe coube.

24/07

A capela de Santa Rita fica num vale extenso entre duas montanhas cobertas de florestas. Ela foi construída há 40 anos nas terras do proprietário do moinho de cana. As capelas normalmente atraem novos colonos, artistas e artesãos, que aqui são sapateiros, alfaiates, ferreiros e eventualmente também um carpinteiro. Esta capela, porém, ficou muito tempo isolada, porque o proprietário fundador não quis ceder suas terras. Em função disso, as pessoas estabeleceram-se o mais perto possível, do outro lado de um pequeno córrego, distante da capela cerca de 10 minutos, na encosta de um morro bastante ingrato, que nem água potável oferecia. Mas, quando o proprietário faleceu, a comunidade, com a intervenção do bispo, solicitou aos herdeiros e recebeu o pequeno pedaço de terra onde está a capela, como propriedade da protetora da igreja, Santa Rita. Agora estão começando a assentar lá as casas do arraial. A localização é muito boa, de forma que vai ser possível construir uma vila bonita e bem organizada, com ruas largas e praças abertas. O Sr. Guido Marlière, como líder dos índios a quem pertencia esta região, foi incumbido de dirigir as obras.

O clima de Santa Rita difere muito do de Presídio. Hoje cedo, às 7h, fez +2°R. Em fins de agosto e início de setembro, quando em outros lugares já começa a esquentar, aqui e nas redondezas ainda está

gelado. Todo ano, a água congela dentro das vasilhas.

Bananas, café e açúcar não crescem muito por aqui. Planta-se a cana-de-açúcar tão logo chega o frio. Ela cresce rápido e pode ser cortada depois de 10 a 11 meses, de forma que é preciso trabalhar com muito afinco para poder cortar e colher a cana-de-açúcar antes que chegue a geada.

Arroz, milho, feijão e algodão prosperam bem e constituem a riqueza da terra.

Algumas pessoas compram o algodão bruto, limpam-no por meio de descaroçadores movidos a água. Cada máquina apronta diariamente quatro arrobas. O algodão é, então, prensado em fardos de quatro arrobas. Dois fardos constituem o carregamento de uma mula e, dessa forma, são transportados para o Rio de Janeiro.

O proprietário da casa onde ficamos hospedados é comerciante e atua particularmente no comércio de algodão. As negras são obrigadas a fiar o algodão em roda de fiar. Geralmente produz-se um tecido grosseiro que é igualmente transportado para o Rio em fardos de 30 a 32 varas[75] e que aqui é utilizado para vestir os negros e fazer camisas.

O estalajadeiro, que finalmente nos acolheu, por piedade, e arranjou enxergões para deitarmos, chama-se Ignácio Lavança. Ele tem uma fazenda e é também morador em Batata, Freguesia de Sumidouro, perto da cidade de Mariana, e possui lá uma fábrica de pedra-sabão. Foram as vasilhas desse tipo mais bonitas que já vi; dentre elas, havia panelas fundas em forma de vaso, com formas muito bonitas.

No decorrer dos últimos 44 anos, nas redondezas da capela, construíram-se 127 fazendas. Três mil é o número de almas. Todos os índios mudaram-se daqui. A capela pertence à Freguesia do Pomba.

25/07

Quando conseguimos reunir todos os nossos animais, já eram 2h da tarde, portanto, muito tarde para seguirmos nossa longa viagem. Resolvemos, então, ficar aqui e pedir um outro pasto para os nossos animais.

Já mencionei acima que a produção de algodão é a principal atividade comercial daqui e que, por isso, muitos habitantes têm seus próprios descaroçadores, isto é, máquinas que separam o caroço do algodão.

Ontem visitamos o Engenho de Santa Rita e achamos as instalações muito bonitas e práticas. Desviou-se, de longe, um canal até aqui. Em nenhum outro lugar do Brasil vi aproveitar-se tão bem a água. Com ela movem-se um moinho de açúcar acompanhado de monjolo, uma moenda de grãos, dois monjolos, uma serraria e uma máquina para tirar as sementes do algodão. Uma outra máquina semelhante limpa diariamente quatro arrobas de algodão. Essas máquinas, dispostas uma ao lado da outra ou uma em frente à outra, são movidas pela mesma água.

Durante a noite, tivemos a segunda chuva desde a partida da Mandioca - a primeira foi em Mercês. Esta aqui persistiu a manhã toda.

Caderno nº 6 - folhas 114-132
25 a 29 de julho de 1824

25/07

Partida de Santa Rita.

Os animais apareceram tarde, de forma que só pudemos deixar a estalagem, que batizamos de "Estômago Vazio", por volta do meio-dia. O pasto para os animais era ruim; só com muito esforço conseguimos uma galinha e um pato.

Apesar de a capela estar localizada em meio a capoeiras e estar cercada por florestas altas, meu pessoal não encontrou lenha suficiente para fazer a comida; alguns tiveram que buscá-la tão longe que acabaram se atrasando hoje cedo e partiram sem café da manhã.

Depois de muito tempo sem chuva, começou a chover durante a noite. A chuva persistiu, mas não me impediu de prosseguir viagem. Eu queria sair o mais rápido possível dessa cidadezinha realmente pobre, que só tem aguardente e vinho de péssima qualidade.

Os caminhos estavam bastante escorregadios. Vimos vários caminhos pequenos secundários que conduziam a diversas fazendas, ora à direita, ora à esquerda. Com a chuva persistente e cada vez mais forte, achei melhor parar por hoje na primeira fazenda. Depois de informar-me, cheguei à propriedade de um João Arruda, onde fui recebido amigavelmente. Como eu havia cavalgado sozinho até lá, retornei para colocar um galho atravessado no caminho, indicando, assim, aos meus companheiros que eu havia seguido essa estrada. Eles entenderam a

sinalização e chegaram logo depois.

Como foi dito, encontramos boa acolhida na casa desse ancião de 70 anos - conforme dizem aqui, uma fazenda rica. O proprietário possui, sem contar crianças e mulheres, cinco escravos para o trabalho; ele planta cana-de-açúcar, milho, feijão, um pouco de café, algodão e tabaco, que é o seu produto principal.

Como é a primeira vez que encontro uma lavoura de tabaco de grandes proporções, quero aqui relatar brevemente o modo como ele é trabalhado. Assim como em qualquer outra plantação, a terra é preparada, ou seja, roçada e queimada. Em setembro ou outubro, a semente é semeada em canteiros especiais. Quando as plantinhas alcançam cerca de um palmo de altura, são então transplantadas em fileiras de três palmos de largura. Retiram-se as ervas daninhas de duas a três vezes. Todas as brotações da planta são retiradas cuidadosamente logo que o arbusto esteja resistente; quebra-se a haste ou o caule em cima ou embaixo, dependendo da sua rigidez, de tal forma que, às vezes, só se deixam nove folhas, embora, em alguns casos, possam ficar 15 ou 16. Depois de seis meses, colhem-se as folhas maduras, uma por uma, que são, então, levadas ao sol, em ripas alinhadas, para a secagem. Estávamos agora no início da estação seca, e todo o pátio estava cheio desses suportes com folhas de tabaco.

Quando as folhas estão totalmente secas, elas são separadas do talo, já que este se torna inútil. Por um processo especial, as folhas amareladas são enroladas suavemente num cordão por seu pedúnculo. Dessa forma, o cordão conserva a cor amarelo-esverdeada. Assim fica o rolo durante três dias; de manhã e à noite, ele é enrolado, com muito cuidado, numa outra máquina, para que as folhas adquiram uma cor mais escurecida, ficando de três a quatro dias num cômodo e depois ao

sol. Dessa forma, após três a quatro dias, o cordão é atado em um outro cordão, cada dia mais firme, e é posto para secar, sempre ao sol. Esse processo até a secagem dura normalmente 60 dias, quando, então, o tabaco é disposto, firme e regularmente, em cima de uma madeira, pesando mais ou menos 2 arrobas, embrulhado e enviado para a comercialização. O preço de uma arroba de tabaco varia de 1.600 a 1.800 réis, às vezes até 3.000.

NB: O solo não é explorado todo ano; tem-se que alqueivá-lo durante 5 ou 6 anos, para prepará-lo para outro cultivo.

O hospedeiro, do qual falei há pouco, faz e vende anualmente de 150 a 200 arrobas.

Os caules que foram totalmente desfolhados permanecem despidos, brotam novamente e fornecem sementes que vão servir, então, para a próxima semeadura. Naturalmente essas não são de boa qualidade, mas servem para mostrar que a terra ainda está boa. Se ela precisa de adubação, procura-se, então, utilizá-la para a produção de sementes.

O estalajadeiro daqui engordou um porco de dois anos, tendo ele consumido, no período de engorda, 95 alqueires de fubá em seis meses - anteriormente sem a forragem. Por isso o ancião diz que engordar porcos não traz vantagem alguma.

Raiz-preta[76]. Após fazer várias consultas a respeito das plantas medicinais aqui existentes, fiquei feliz em descobrir que, nestas redondezas, há muita raiz-preta e de ótima qualidade e que ela é um excelente remédio contra picada de cobra e contra hidropisia crônica. Por causa de seu sabor repugnante, ela atua como vomitório ou, pelo menos, causa náuseas, e depois atua como um purgativo muito forte. Para se obter um efeito menos violento, basta deixar duas porções dela em decocção ou infusão em água fervente durante a noite. Ela atua tam-

bém como diurético.

O desenho e a descrição feitos pelo Barão von Eschwege deixaram-nos, Riedel e eu, bastante confusos: não era possível saber exatamente que tipo de planta era aquela. O bom velho mandou buscar um ramo, ainda à noite, para satisfazer nossa curiosidade. A nosso ver, as folhas e o ramo eram bastante diferentes das descritas pelo Barão, mas verificamos logo que deveria ser uma planta pertencente à família das Rubiaceae, o que já havíamos percebido pelo desenho de Eschwege.

De manhã cedo, pedi que me levassem às capoeiras e que me mostrassem a planta *in loco*, onde eu esperava encontrar talvez a sua semente, pois, como haviam me dito e conforme li na descrição de Eschwege, a planta floresce em fevereiro. Fiquei muito satisfeito por encontrar logo uma planta com sementes e percebi imediatamente que se tratava de uma *Chiococca*. Assim, retornei contente para casa, carregando sementes maduras e verdes, com folhas e galhos.

Observações gerais:

A raiz-preta é um subarbusto que cresce em florestas virgens e capoeiras antigas, em fazendas, campos, etc. Não se trata de uma planta trepadeira, ou seja, de um cipó. Ela é comprida e fina, tem *folia opposita terminalia*, mas nenhuma gavinha onde se fixar. A planta cresce próxima a outras plantas e entre elas, sustentando-se sobre os galhos e troncos destas.

Quando seca, a raiz é preta; quando recém tirada do solo, marrom-avermelhada. Ao contrário da ipecacuanha, cujas raízes penetram profundamente o solo, as da raiz-preta espalham-se por todos os lados na superfície, de tal forma que dela se pode arrancar facilmente até um galho grande. Algumas raízes mais fortes, com 2 a 4 pés de comprimento, são bastante fibrosas nas extremidades.

26/07

Depois de uma noite agitada pelos latidos de cães e pelo barulho de crianças, filhotes de cachorros, porcos, ratos e ratazanas, retomamos a tempo nossa viagem e percorremos 3½ léguas em uma hora e meia. O caminho estava bom. Por todo lugar, avistamos, a pequenas e longas distâncias da Estrada Real, ora grandes fazendas, ora pequenas cabanas.

A fazenda do Tenente Vicente sobressaía entre as demais. Ela está situada num longo vale, suave e acolhedor, cercado por morros baixos. Como a região deve ser muito fechada e baixa, conseqüentemente, é possível que seja insalubre. Pelo menos vi várias lagoas com pouca vazão, de forma que a sua evaporação, no verão, deve provocar a malária[77].

Em todas essas fazendas, cultivam-se principalmente milho, feijão, arroz, café, açúcar, algodão, tabaco e outros.

A raiz medicinal ou vomitiva propriamente dita da ipecacuanha é diferente das radículas que alimentam a planta. Em outras palavras: a ipecacuanha possui dois tipos de raízes: a que provoca vômitos e a que alimenta a planta.

Usos e costumes:

NB: Já há algum tempo, o hábito de lavar as mãos depois das refeições deixou de ser rotina. Aliás, eu ainda não tinha falado a respeito. A seguir ou em outra oportunidade, voltarei ao assunto. Acredito que o motivo dessa prática deve estar no fato de que mesmo pessoas conceituadas e ricas amassam a farinha, particularmente a de mandioca, e a comem molhando-a na sopa ou no molho da carne. As bacias, freqüentemente de prata ou estanho, são muito luxuosas.

Hoje cedo, com o tempo úmido e nublado (+6°R), encontrei, em minhas andanças pela mata, uma borboleta (*Opheliconiüs*) endurecida pelo frio e parecendo morta, sem estar agarrada a algum lugar, mas isolada e livre à beira da estrada. Depois de segurá-la por alguns momentos na minha mão quente, ela reviveu e saiu voando. Dizem que já se encontraram aqui pássaros endurecidos pelo frio de 0° ou 1°.

Aqui as léguas são menores do que em Mato Dentro, porque a terra é mais populosa, melhor repartida e medida.

Encontramo-nos agora no Arraial da Barra do Bacalhau, em Santana dos Ferros, na casa do Sr. Domingos José Martins Guimarães - um local que nos causou boa impressão. A nova capela ainda está inacabada, e todas as casas, a maioria de dois andares, haviam sido pintadas recentemente de branco, o que dava ao lugar uma aparência de riqueza e prosperidade. Desde São João del Rei estávamos sentindo falta disso. Logo depois contaram-nos que todos haviam pintado suas casas de uma só vez para homenagear o bispo quando da sua chegada.

A vila localiza-se às margens do rio Piranga, cujas águas são avermelhadas e turvas devido à lavação do ouro. Sobre o rio, passa uma ponte com mais de 20 pés de altura e muito perigosa: ela está semidestruída, quebrada em várias partes, caindo aos pedaços, e recoberta por algumas tábuas soltas. Soubemos que pessoas e mulas já caíram e que, há pouco, morreu também um boi. Dizem que o governo já foi avisado, mas até agora não tomou nenhuma providência no sentido de restaurá-la.

Tivemos sorte em conseguir atravessá-la com todos os animais e em conhecer logo o Sr. Domingos José Martins Guimarães, um dos dois farmacêuticos locais. Movido por sua ânsia de saber e pela necessidade de fazer seus estudos, ele montou uma biblioteca bem provida e

acolhedora, donde extraiu muitos conhecimentos - o que não é muito comum por aqui. Alguns ele compartilhou conosco:

Saratinga[78] é a cobra mais venenosa daqui; dizem que é muito colorida.

Samischuno ou xamixuno é uma nação indígena praticamente extinta.

Fedegoso, também chamado quitoco, é um purgante sudorífico de ação branda; a raiz é cozida com água e é muito eficaz contra prisão de ventre. As sementes torradas fornecem uma bebida agradável que se assemelha ao café[79].

Mil-homens, do gênero *Aristolochia*: dizem que a raiz é muito eficaz em casos de febre e de picada de cobra; é um medicamento levemente amargo e aromático[80].

Raiz-da-china ou japecanga, um grande *Piper*; dizem que suas raízes, especialmente as que se desenvolvem em solo seco, são anti-sifilíticos infalíveis[81].

Braço-de-mono, braço-de-preguiça, da família dos *Solanum*; têm folhas extremamente lanosas e casulos; são usados igualmente como medicamento anti-sifilítico e sudorífico. Também chamados catingas-de-negro, são também anti-reumáticos. Fresco ou seco, como decocto. Dizem que o pó seco das folhas colocado sobre ferimentos é excelente cicatrizante[82].

Solidônia, uma *Micania*: em quaisquer erupções cutâneas, também ótimo antiescorbútico[83].

Fruta-de-arara, andá-açu (*Joannesia vandelli*): três frutos delas dão um bom, mas forte purgativo. Vide acima: o óleo espremido frio é também um bom purgante.

Purga-de-gentio, ou "dos índios", uma *Cucurbitaceae*: três sementes dela servem como um bom purgante[84].

Jarrinha ou aguapé: uma planta aquática, com cheiro de carne, muito eficaz em caso de furúnculos, etc. A compressa com uma única folha absorve coágulos de sangue, a chamada "unha"[85].

Por ordem do Imperador, foi aberto, há pouco, um caminho entre Barra do Bacalhau e a Vila de Itapemirim. Esse caminho percorre as terras dos Botocudo. A distância entre Vila Rica e Itapemirim é de 57 léguas.

27/07

Hoje cedo, aliás, já há três ou quatro dias, tivemos os dias mais frios deste ano. Ontem à noite, às 6h, fazia +10°R. Hoje cedo, às 7h, +4°. Muita neblina e umidade.

A região circunvizinha é tida como quente. Todos os produtos coloniais crescem bem. Vimos café de excelente qualidade, de bela tonalidade e peso. Vende-se a arroba por 3.000 réis. Muito caro!

No arraial de Santana dos Ferros, bebemos, pela manhã, água potável, que, apesar do tempo frio, de 3,5° a 4°R, nos pareceu aquecida. Examinamos a fonte e encontramos:

água do rio: +11°;

atmosfera: +5°;

a fonte junto ao rio: +15°;

água mantida em vasilha, durante a noite, dentro de casa: +6°.

Vimos, aqui dentro da casa, tamboretes ou mochos, isto é, bancos

de madeira ou cadeiras de jacarandá-preto, que, de tão bonitas, chamaram a atenção de todos nós.

Alegro-me em ouvir que a fazenda do Tenente Vicente é realmente insalubre, e que se tem tentado freqüentemente persuadi-lo a fazer escoadouros para as lagoas.

Pertence a essa capela uma população de 6.000 almas.

Às 10h30, retomamos nossa viagem e avistamos, logo em seguida, a confluência dos rios Bacalhau e Piranga e uma bela cachoeira, não muito grande.

Seguimos o rio Piranga, um rio de volume considerável, aqui, de águas tranqüilas e navegável, que corre por um vale estreito, indo alcançar, uma légua adiante, a fazenda do Sr. João. Aqui existem dois caminhos: deixando-se o rio para trás e o caminho à esquerda, vira-se para a direita, passando-se, então, meia légua adiante, pela fazenda do Tenente-Coronel Francisco Alves. Aquele caminho à esquerda da fazenda de S. João conduz ao arraial de Piranga.

Como é de costume encontrar em encruzilhadas, há uma cruz próxima à fazenda de Francisco Alves. Ensinaram-nos o caminho errado: disseram-nos para tomar o caminho à esquerda da cruz, onde, depois de meia légua, chegamos à fazenda de Francisco Justiniano, dando, assim, uma volta bem grande. Na verdade, deveríamos ter seguido o caminho que passa à direita da fazenda de Francisco Alves. Depois de uma boa hora e meia légua adiante da fazenda de Justiniano, retornamos à Estrada Real e chegamos, após percorrer a distância de uma légua, à fazenda da Penha, propriedade do Coronel Luiz Correa.

Percorremos, em pouco tempo, três léguas de caminho bom. Pensávamos em andar mais uma légua, mas o caminho a partir dali já não era tão bom, variando entre morros e vales, a maior parte dentro de

florestas espessas e capoeiras altas, cobertas de fetos, indicando, assim, campos ralos e esgotados.

Após três quartos de légua, chegamos a uma pequena venda. A aldeia e redondezas pareceram-nos tão miseráveis e desanimadoras que não nos atrevemos a permanecer aqui; preferimos percorrer mais meia légua até um lugarejo chamado Bentinho.

Alguns companheiros que estavam à frente também acharam esse último alojamento muito pobre e miserável. Por isso, retornaram, sugerindo que tentássemos uma fazenda que havíamos visto à esquerda do caminho, distante um quarto de légua de Peixoto. Lá, então, pediríamos pousada ou deixaríamos a tropa perto de lá.

Fomos bem recebidos nessa fazenda do rio Santo Antônio. Deixamos o galho atravessado na estrada larga, para indicar à nossa tropa o caminho que havíamos tomado. Encontramos lá boa hospitalidade, pastos fechados e muito capim, milho para os animais, feijão, salada e laranjas para nós.

Vimos pela primeira vez, nas vizinhanças, o efeito do frio. As bananas e a cana-de-açúcar sofrem primeiro; depois, com frio mais intenso, o café. Mas o algodoeiro e a laranjeira nunca sofrem. A erva-de-passarinho é destruída antes pela geada, de forma que as laranjeiras estão quase sempre limpas.

28/07

Ainda bem cedo, todos os animais já estavam à porta. Fazia +7°. Uma pequena máquina manual para separar a polpa do caroço do café chamou sobremaneira a minha atenção.

Notamos ainda, já a algumas milhas de distância, a influência e o efeito do tempo frio e da geada de ontem, que prejudicou praticamente todas as árvores das matas e principalmente das capoeiras que se estendem nos vales e regiões mais baixas.

O caminho parecia ter sido restaurado recentemente, com exceção de alguns morros não muito altos por onde passamos, de forma que alcançamos, em 3 horas apenas, a fazenda do Padre José Vieiras. Haviam nos dito que se tratava de um homem rico e que sua fazenda era um modelo de boa administração. Cavalguei até o pátio e perguntei se aquela era realmente a fazenda do Padre José. Responderam-me que sim. Pedi, então, para ver sua máquina de debulhar café. Disseram-me que ela, assim como quase todas as instalações da fazenda, não estava funcionando. Assim, perdi a vontade de permanecer ali por mais tempo.

A partir daqui, a região fica mais aberta, mais livre e, pelo visto, mais quente. Todas as colinas e morros apresentam resquícios de lavouras antigas, pois estão cobertas por capoeiras, já dominadas pelos fetos, oferecendo, assim, uma paisagem triste e desoladora, especialmente se pensarmos que todas essas terras ficarão improdutivas por muitos anos.

A partir de José Vieira, o caminho tornou-se mais irregular e incômodo, até se chegar, uma légua adiante, à fazenda de Ouro Fino, distante 3 léguas de Santo Antônio. Encontramos um vale relativamente aberto e várias casas, cujo surgimento se deve à exploração do ouro. O rio corre sinuoso e turvo para os aluviões, onde os trabalhadores ganham, no máximo, a mísera quantia de 60 a 80 réis por dia.

Aguardamos nossa tropa, numa boa venda, durante cerca de uma hora e caminhamos mais uma légua até Cristãos.

De repente, a região se torna mais aberta e nua; a vegetação muda

um pouco, adquirindo quase o aspecto de campos. Até notei um *Muscicapa* (um pássaro típico dos campos), com o rabo bifurcado, embora eu esteja inclinado a acreditar que esses campos surgiram de lavouras abandonadas e que, conseqüentemente, são artificiais. A altura em relação ao nível do mar não indica ainda a existência de campos.

Ouro Fino e o vale até Cristãos apresentam todas as características de exploração de minas: córregos de águas avermelhadas e turvas pela lavação do ouro, pobreza em todas as casas e redondezas. Nenhum campo cultivado: só montes de cascalhos.

Voltamos à fazenda do Sr. Tenente José Ignácio, que nos ofereceu, como alojamento, uma grande casa vazia, onde, antigamente, moraram vários parentes seus. Estes, porém, sentindo-se muito limitados aqui, pois o solo não era suficientemente produtivo, se mudaram, assim como muitos outros, para Mato Dentro, para a região de Santa Rita, Presídio, rio da Pomba e outras, abandonando suas casas.

Além de córregos turvos, montes de cascalho e lavação de ouro, vimos aqui também miséria. Não conseguimos quase nada do que precisávamos na fazenda de um proprietário que é tido como rico, a não ser dois enxergões para cinco pessoas. Se não tivéssemos os nossos mantimentos e dinheiro suficiente para arcar com as despesas, teríamos certamente passado fome.

[N.T. A folha 127 do diário está indecifrável.]

Locais	Distância em léguas
Barra do Bacalhau, capoeira de Bacalhau, Fazenda de S. João (até lá vai o rio Piranga)	1
Fazenda do Tenente-Coronel Francisco Alves	½
Fazenda do Major Francisco Justiniano	½
Penha, Coronel Luiz Correa	1
Dom Peixoto [?]	1
Fazenda de Santo Antônio do Ribeirão	¼
Bentinho	¼
Santa Maria do Rosário (à esquerda)	1
Fazenda Padre Vieiras	1¼
Ouro Fino	1
Cristãos	1 (muitas casas)

O arraial mais perto de Santo Antônio é Arraial de Pinheiros - 2½ léguas rio acima à esquerda.

São Domingo - Capela Aplicação de Sumidouro - 2 léguas da cidade de Mariana, à direita de nosso caminho.

Arraial de Piranga - 3 léguas de Pinheiros.

Em Peixoto, percebemos os efeitos da geada da noite passada, a primeira deste ano. Na fazenda de Santo Antônio, o proprietário se queixou muito.

O percurso de hoje foi:

Da fazenda de Santo Antônio do Ribeirão para Bentinho - ¼ légua.

De lá para a fazenda do Padre José Vieiras - 2 léguas.

No percurso, vários caminhos, à direita e à esquerda, para outras fazendas, das quais a maior é a da Santa Maria do Rosário - ¾ légua à esquerda de Santo Antônio.

Da fazenda do Padre José Vieiras para Ouro Fino - 1 légua.

Da venda para Cristãos - 1 légua.

A próxima aldeia depois do arraial de Santo Antônio é a de Pinheiros, a 2½ léguas, subindo o rio, à esquerda.

A próxima capela é a de São Domingos, pertencente à paróquia de Sumidouro, a 2 léguas da cidade de Mariana. A grande vila de Piranga fica a 3 léguas de Pinheiros.

Em Cristãos, existem vários estabelecimentos e uma venda. Ficamos na casa de José Ignácio, o proprietário que colocou à nossa disposição várias casas desocupadas.

A casa grande e espaçosa a nós destinada pertence ao seu irmão, o Tenente Vicente, que, há vários anos, a abandonou para se estabelecer do outro lado da Barra do Bacalhau, em Santana dos Ferros, em Mato Dentro. Lá o que é semeado dá bom lucro, ao contrário daqui (em Cristãos e vizinhanças), onde as terras estão secas, exauridas, cheias de fetos e praticamente estéreis.

O Tenente José Ignácio só sabe se queixar. Não conseguimos, infelizmente, nem com dinheiro, nem com belas palavras, obter dele muita coisa, a não ser um pouco de fubá e farinha.

A maioria de seus escravos trabalha em escavação de ouro, mas ele me assegurou que não consegue ganhar, numa semana, mais do que 800 réis por escravo ou 120 réis por dia.

Essa fazenda localiza-se no limite entre a mata e os campos. Pessoalmente acredito que grande parte desses campos é artificial, surgida

em função de cultivos e plantações sucessivas e, finalmente, com a destruição e extirpação das capoeiras, uma vez que, com o passar do tempo, cresceu, em seu lugar, em meio aos fetos, uma vegetação típica dos campos.

Em regiões desse tipo, dever-se-ia introduzir uma agricultura bastante diferente da existente, particularmente a estabulação para produzir adubos. A terra teria que ser lavrada e adubada e talvez devesse ser utilizada para outros fins agrícolas, como, por exemplo, plantação de algodão, criação de gado, especialmente de cabras e porcos, nos locais onde o milho prospera, e outros.

Onde há lavação de ouro, reina a pobreza!

Nessa fazenda rica, mal-afamada em toda a região, encontramos uma grande e bela casa abandonada, desprovida de qualquer tipo de utensílio doméstico. Havia apenas uma mesa, estrados de camas e dois enxergões, embora se cultive aqui o algodão, com o qual se fazem tecidos rústicos.

29/07

Percorremos hoje as 4 léguas que faltavam até a cidade de Mariana. Inicialmente passamos por um vale pobre e árido, por onde corre o rio São José, turvo pela lavação do ouro e em cujas margens se vêem montes de cascalhos, alguns até já cobertos de capim. É difícil imaginar uma visão mais triste do que a deste vale, outrora tão rico em ouro.

Após percorrermos uma légua, alcançamos uma grande e rica fazenda, antiga propriedade de um padre, a quem também pertencia a grande fazenda de Santa Rita. Depois de sua morte, todas as suas propriedades foram repartidas, divididas e algumas vendidas.

Aqui passamos por uma ponte, sobre o rio Mainard. Embora ela esteja mal conservada, ainda está em estado bem melhor do que a de Santana dos Ferros. A manutenção de pontes grandes desse tipo é dever do Estado e não dos proprietários das fazendas. O Estado, porém, extorque dinheiro sob pretexto de fazer a manutenção de estradas e pontes e não faz nada.

A partir de Mainard subimos para a grande Serra de Itacolomi. O caminho foi relativamente fácil de subir. Do pico mais alto para a cidade de Mariana, o último quarto de légua é bastante íngreme e fatigante, embora esteja bem calçada em alguns pontos.

Mais ou menos às 3h, chegou o nosso grupo, e ficamos na estalagem da Srª Eufrásia, que nos ofereceu o que tinha de melhor.

Durante o percurso, ao tomar um caminho sombrio que subia a encosta oeste da montanha, numa altura considerável, um brasileiro juntou-se a mim e me acompanhou até perto de Mariana. Chamou-me a atenção o fato de não perceber aqui nenhum efeito da geada. Perguntei, então, ao meu acompanhante se aqui não geava, ao que ele me respondeu que não, que aqui é Noruega[86]. Questionando-lhe mais sobre o significado desta palavra, ele me disse que todos os locais protegidos do sol da manhã não ficam sujeitos a geadas e que estas surgem, na verdade, da ação do sol matutino sobre as árvores desfolhadas. Por isso, as árvores frutíferas, nas regiões mais frias, não sofrem, por estarem protegidas do sol da manhã.

Algumas espécies de *Croton*, chamadas aqui de sangue-de-drago, são as mais sensíveis ao frio[87].

Caderno n° 7 - folhas 133-142
29 de julho a 03 de agosto de 1824
25 a 27 de agosto de 1824

[Não existem anotações referentes aos dias 4 a 24 de agosto]

No alto do morro, encontrei uma minhoca grande, da grossura de um dedo e com cerca de 2 pés de comprimento, arrastando-se no meio do caminho. Meu guia e acompanhante assegurou-me que, há alguns anos, após uma sangria que atingiu a artéria do braço direito, ele teve um abcesso crônico seguido de uma distensão do tendão do músculo do braço, e só conseguiu sarar totalmente quando aplicou o óleo dessa minhoca. Cortaram a minhoca em pedacinhos, retiraram toda a terra que tinha no corpo e a tostaram em azeite de oliva ou em gordura de miúdos de porco fresca e sem sal. Esfregando esse óleo, os tendões tensos relaxaram-se, e a pessoa recuperou-se completamente.

De tarde, chuva e trovoada.

30/07

À noite, houve uma tempestade terrível e chuva com trovoadas; ficou nublado e chuvoso o dia todo.

Visitei, então, o Juiz de fora, um homem muito instruído e gentil.

Devo mencionar rapidamente aqui que o pequeno *Mémoire sur le Brésil*, do Padre Sampaio, foi traduzido para o português; esse opúsculo proporcionou-me muitos amigos e boa acolhida.

31/07

Fiquei sabendo pelo Juiz de fora que meu amigo Monlevade estava na Cidade Imperial. Logo no dia seguinte (1° de agosto), dirigi-me para lá e o revi depois de oito anos.

01/08

O Presidente José Teixeira da Fonseca Vasconcelos recebeu-me com muita amizade e cortesia, insistindo até para que eu me hospedasse com ele, em palácio.

Encontro-me agora na nova capital de Minas Gerais, a Cidade Imperial de Ouro Preto, onde estão o presidente, os tribunais e funcionários públicos e três regimentos de soldados. Antigamente o lugar chamava-se Vila Rica - Comarca de Ouro Preto.

O local deve seu nome, surgimento e existência à abundância em ouro, que é encontrado até hoje.

Leva-se uma hora para atravessar a cidade, situada numa região muito acidentada e estendendo-se desde as encostas de morros vizinhos até vales profundos. Quase todas as casas têm pequenos quintais, a maioria deles voltada para as montanhas, como se fossem terraços.

Em toda a cidade, há água potável e um grande número de fontes. Também existe uma fonte de água mineral ferrosa na ponta leste da cidade, no caminho para Mariana.

Ao longo dos vales, correm pequenos riachos, turvos pela lavagem do ouro, que, aos poucos, vão se avolumando até desaguar no rio Doce.

Os arredores da cidade apresentam um quadro assustador de devastação do solo. Os campos áridos, desprovidos de todo tipo de árvores e arbustos, cobertos de montes de cascalhos, dão ao conjunto um aspecto triste, amenizado aqui e ali por uma pequena cabana, capela ou casinha branca.

De certa forma, deveríamos chamar todos esses campos de artificiais, pois, antigamente, todos eram cobertos por floresta virgem. Aos poucos, eles foram sendo devastados, de modo que, hoje, a madeira para o uso diário tem que ser trazida de locais distantes mais de uma hora, e isso é muito dispendioso. Aos poucos, transplantou-se aqui vegetação típica dos campos, principalmente algumas espécies de *Rhexia* e outras. O capim-melado é o mais comum[88].

03/08

O Presidente da Província, o Sr. José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, recebeu-me com extrema cortesia, insistindo para que eu fosse seu hóspede em palácio, onde tive a oportunidade de obter informações interessantes sobre o Estado, sobre a constituição, sobre a atualidade e o passado. Pode-se avaliar melhor o preparo desse senhor, quando ele faz discursos como deputado. O Sr. José Teixeira, um homem com mais de 60 anos, tem muito talento, conhecimento, capacidade de julgamento e probidade. Sendo natural daqui, ele conhece as vantagens e deficiências da terra, bem como o caráter, riqueza, natureza e aptidões dos nativos. Ele tem seu próprio patrimônio. Na época da revolução, conseguiu manter esta província unida com o Rio de Janeiro.

O Sr. Teixeira garantiu-me que, na época da colônia, era crime possuir riqueza; havia instruções secretas no sentido de se considerar

suspeita toda pessoa que possuísse mais de 10.000 cruzados. Ela era presa na primeira oportunidade e tinha seus bens confiscados.

Anexo: uma maneira rápida de se fazer farinha de milho:

Pegue a canjica (da parte externa da espiga de milho limpa), cozinhe com água até amolecer. Depois despeje tudo em uma peneira e deixe a água escorrer. O milho macio e cozido dessa forma é triturado até tornar-se uma papa ou massa fina, que é tostada numa frigideira seca. Dessa maneira, em poucas horas, a farinha está pronta.

O comichão no local de onde se tira o bicho-de-pé, às vezes, é insuportável. A melhor maneira de se eliminar essa coceira é colocar sobre ela uma lâmpada ou carvão em brasa e esquentar o local até quase queimar. Obtive essa informação, mas não tive sucesso com a experiência.

25, 26 e 27/08

Nestes dias, visitei a fábrica de ferro do Sr. Prof. Rochus Schuck[89], em Timbopeba, próximo ao Arraial de Antônio Pereira, a 2½ léguas da Cidade de Ouro Preto e 2 léguas da Cidade de Mariana, a nordeste da primeira e ao norte da segunda.

Este estabelecimento ou fábrica tem uma bela localização em um amplo vale, que se tornou conhecido e famoso há vários anos por seu ouro e ferro. A parte mais profunda do leito do rio está coberta por cerca de 80 palmos de areia e terra das lavagens de ouro das vizinhanças, e dizem que essa terra é particularmente rica do precioso metal. Como o dono ou o proprietário dessa mina não soube fazer um poço de mina para explorar o ouro de uma maneira mais conveniente, ele acaba tendo mais prejuízo do que lucro. O pai do atual dono desta

terra tentou, várias vezes, chegar ao fundo e extrair o tesouro; como desconhecesse as técnicas de mineração, só conseguiu cavar um buraco afunilado de relativa extensão, através do qual, finalmente, com muito esforço, chegou ao ouro - em poucas horas, retirou muitos mil táleres - mas, em seguida, teve a infelicidade de ver a gruta, cujas paredes eram feitas de cascalho do rio, desabar juntamente com 15 escravos. Todo o ouro tirado até então não foi suficiente para repor o prejuízo e compensar a perda dos escravos e o trabalho perdido.

Antigamente, os governadores de Minas Gerais tinham ordens para considerar como suspeita qualquer pessoa que possuísse mais de 10.000 cruzados em bens, bem como para confiscar seus bens na primeira oportunidade. Negros e mulatos livres podiam ser recolhidos aleatoriamente, pois eram considerados mais perigosos para o contrabando de ouro e de diamante.

Ninguém poderia entrar neste distrito de diamantes sem uma permissão especial do governo e do inspetor ou intendente do distrito. Para cada escravo deveriam ser pagos 50.000 em impostos, dificultando, assim, a entrada deles.

Várias vezes, foram dadas ordens de Lisboa para queimar todos os teares e toda máquina de qualquer ramo industrial, para obrigar os habitantes a comprar, a preços elevados, todos os produtos vindos de Lisboa.

Todo moinho de açúcar tinha que ter uma *Licencia Regia*, determinando o local onde o proprietário deveria construí-lo. Se, dali em diante, o moinho desmoronasse, ele não poderia remover um fio de cabelo do antigo local e muito menos construir um novo em outro lugar.

Os proprietários das jazidas de ferro[90] mais ricas não podiam se

atrever a explorá-las, sob pena de terem todos os seus bens confiscados; tinham que adquirir o ferro através de Lisboa[91].

O sal-gema cristalizado naturalmente (perto de Cabo Frio) não podia ser extraído e utilizado pelos habitantes; eles eram obrigados a comprar o sal mais caro vindo de Lisboa.

Não era permitido a nenhum trabalhador das minas se estabelecer em Minas, evitando, assim, que se tirasse o ouro do Estado.

O mineiro trouxe para o mercado o seu ouro e alguns produtos, como queijo, pedras preciosas, algodão e tabaco. No Rio de Janeiro, os comerciantes pagavam por eles o que bem queriam, e não o que eles realmente valiam, e revendiam essas mercadorias a um preço absurdo. Não havia nem concorrência nem negociação entre as pessoas. Contaram-me que, certa feita, um mineiro vendeu seus produtos no Rio de Janeiro e, com os milhares de cruzados obtidos nessa venda, foi comprar outras mercadorias. Enquanto as escolhia, o dono lhe disse: "Estão batendo 12h. É minha hora de almoço. Tenho que fechar a loja agora; você pode voltar depois do almoço." O mineiro, que geralmente é hospitaleiro, irritou-se profundamente por não ter sido convidado; foi embora e não voltou mais, indo comprar suas mercadorias em outro lugar.

Agora os comerciantes portugueses costumam adular os mineiros de todas as formas; tão logo estes chegam ao Rio, recebem oferta de comida e alojamento de graça. Existem negociação e concorrência; mercadorias de todo tipo são levadas para o mercado. Os mineiros vendem todos os seus produtos, mas agora em troca de dinheiro vivo e de mercadorias, de maneira que o ouro, que antes ia todo para o Rio, agora fica no interior. Comerciantes ricos há poucos, mas agricultores abastados há muitos.

Em São João del Rei, um único vendedor, João Batista Machado, vende anualmente 200.000 cruzados em mercadorias; calculando-se por baixo, ele lucra, no mínimo, de 24% a 30%. Em Santa Luzia de Sabará, há um outro comerciante, Vianna, tido como um milionário. Portanto, em toda a província e em todo o Brasil, existem muitas pessoas ricas e abastadas e, na verdade, muito poucos pobres. Os pobres são aqueles que não têm propriedades, são apenas moradores; mas estes, se quisessem, também poderiam trabalhar e adquirir um bom capital.

Pode-se encontrar diamante em vários locais, não só nesta província, mas principalmente em Goiás e Mato Grosso. Quando encontrado, porém, a lei obriga que seja entregue ao governo. Antigamente, o governo não pagava qualquer indenização por isso; agora ele compra o diamante por um preço baixo. Em Goiás e Mato Grosso, descobre-se muito diamante, mas ele não é entregue ao governo.

Caderno nº 8 - folhas 143-159
07 a 28 de setembro de 1824

[Não existem anotações
referentes aos dias 28 de agosto a 6 de setembro]

07 e 08/09

Partida da Cidade Imperial de Ouro Preto.

Mais uma visita a Schuck. Lá (em Timbopeba) nos ocupamos com as ferraduras dos animais.

09/09

De madrugada, segui para Bento Rodrigues através de bosques e montanhas, grande parte delas com hematita. Vi vários bandos de cavalos em Bento Rodrigues. O local parece próspero, com boas casas, distante 2 pequenas léguas de Timbopeba. Cheguei ao lugar antes da tropa, que veio ontem de Mariana para cá.

Hoje fomos de Bento Rodrigues para Morro da Água Quente, distante 2½ léguas. O caminho é acidentado e muito pedregoso. De ambos os lados de Inficionado, há montanhas de ferro. Oportunamente, voltarei a falar sobre essas impressionantes colunas de ferro. Praticamente todo o caminho entre Inficionado e Água Quente é margeado por paredes de ferro.

Morro da Água Quente é um pequeno lugarejo com cerca de 20 casas; seus habitantes vivem da exploração do ouro e, conseqüentemente, são muito pobres. O local deve seu nome a uma fonte quente que existe nas proximidades. Ela deve ter sido outrora bastante quente e grande; hoje, por causa da constante lavação do ouro, acabou ficando toda assoreada.

Às 2h da tarde, a temperatura do lado de fora era de 14°. Uma fonte na margem de um pequeno riacho estava em 23,5° e o riacho, em 19°. A água é límpida e sem qualquer ressaibo, mas percebe-se nitidamente, em seus saltos, que ela contém muito minério de ferro, ou seja, que ela é ferruginosa, e talvez um pouco de gás de sulfato de enxofre. Muitos outros riachos na redondeza, que não são quentes, liberam ainda mais minério de ferro.

NB:. Algumas daquelas montanhas de ferro constituem-se igualmente de uma grande massa de ferro compacta; outras, entretanto, parecem consistir de fragmentos de ferro cimentados entre si. Vimos hoje longos trajetos com esse tipo de formação. Encontram-se, também, em algumas regiões, muitas formações isoladas de titanato ferroso.

10/09

O Sr. Rugendas ficou em Mariana, porque sua mula havia fugido. Hoje cedo dei ordens ao tropeiro para que retornasse e ajudasse a procurar a mula. Os Srs. Riedel e Ménétriès foram à caça, e eu, à captura de borboletas, que aumenta a cada dia e fica mais interessante. O Sr. Rugendas, para minha alegria, chegou por volta do meio-dia, de forma que me despreocupei, pois poderíamos prosseguir nossa viagem amanhã. Nossa intenção é ir até Brumado e de lá seguir para Capivarim.

A temperatura tem aumentado diariamente e, com as chuvas, está menos seco.

O alojamento não era dos piores. A pobreza reina em Água Quente.

O pasto está ruim devido à seca.

11/09

Devido ao pasto ruim, alguns animais se dispersaram e só foram recapturados mais tarde. A tropa só pôde sair por volta do meio-dia. Informaram-nos que deveríamos ir para a serra da Caraça e tomar um caminho mais curto por Brumadinho, para onde tínhamos enviado nossa tropa. Tanto nós quanto a tropa nos perdemos. Encontramos 20 casas pobres espalhadas em 1½ légua, todas em Brumadinho, mas nenhuma fazenda. Finalmente, decidimos ir para a Chácara dos Missionários, localizada no alto da montanha, onde chegamos pouco antes do anoitecer. Logo depois, tivemos a notícia de que a nossa tropa estava acampada a céu aberto, em Brumadinho.

12/09

Fomos muito bem recebidos por um administrador negro. De manhã, na nossa partida, eles não queriam receber nenhum pagamento.

A região estava extremamente seca, e para mim, que já havia subido até aqui, menos convidativa. Por isso preferi voltar ao nosso acampamento, para preparar os relógios. Assim, o Sr. Rubtsov teria oportunidade de visitar o estabelecimento de Nossa Senhora Mãe dos Homens. Os Srs. Rugendas e Riedel subiram o morro, e o Sr. Ménétriès

retornou comigo - não entendi o motivo. Mas, para que fossem acompanhados de um caçador, mandei o Constantin para lá, levando sabão de arsênico e algodão.

Após dar todas as ordens à tropa, voltei para Brumado pelo mesmo caminho que conheci ontem. A tropa chegou por volta do meio-dia. Visitei imediatamente um religioso, Padre Sebastian, que conheci em uma viagem anterior. Trata-se de um mineiro rico, ou lavador de ouro. Encontrei-o à mesa e fui convidado para almoçar. Havia oito convidados. A quantidade e variedade de pratos chegavam às raias do desperdício.

Os pratos de carnes consistiam de carne de gado cozida e assada, leitão, galinha e um galo indiano e ragu. De legumes, havia apenas feijão preto com toucinho e milho limpo e triturado (canjica); de sobremesa, havia pudim e torta, tudo muito bem preparado.

Apeei em um rancho e voltei para lá depois do almoço, onde vi um escravo do Guarda-Mor Geral de Gongo Soco, João Batista. Ocorreu-me que esse homem rico poderia ter uma casa aqui, o que me foi confirmado. Como eu estava mal alojado, fui imediatamente com o Sr. Ménétriès até lá, onde fomos bem recebidos, tendo sido inclusive repreendidos por não termos apeado com toda a tropa. Desde que o Sr. Guarda-Mor João Batista conseguiu tanto ouro, todas as suas casas e as de sua família têm servido para hospedar qualquer pessoa, principalmente estrangeiros. É por isso, então, que encontramos aqui a mistura mais estranha de pessoas: um padre, um militar, um mulato que fazia as honras da casa e que ora servia, ora se sentava na cadeira atrás dos convidados e nos atrapalhava. Ali estava um velho com roupas bastante gastas e rasgadas, a quem também se servia café, junto com os outros convidados. Havia também convidados de Brumado. Em Mato Dentro, todas as conversas giram em torno da lavoura de milho ou de

feijão, das riquezas do solo, da quantidade de escravos, de gado, de bois e burros. Aqui não se ouve falar em nada mais além de lavação de ouro, de locais onde encontrá-lo, da maneira como extraí-lo, da conveniência de se desviar a água e retirá-la dos buracos, etc. No final, as pessoas estão tão longe como antes.

13/09

Após uma noite muito bem dormida, providenciei, em várias lojas, a compra de mantimentos, preparando-me para a longa viagem. Já ao meio-dia, os Srs. Riedel, Rugendas e Rubtsov regressaram da serra da Caraça, de onde o Sr. Riedel trouxe uma planta muito especial, pertencente à família *Syngeestbäume*. Constantin abateu, entre vários pássaros raros, também uma nova espécie de Trochilus.

Os senhores haviam retornado à chácara ontem à noite e de lá vieram hoje para Brumado.

Logo depois, deixei esse local para ir a Gongo Soco procurar, ainda hoje, o meu velho amigo João Batista Ferreira, que conheci há sete anos. A maior parte do caminho de Brumado para Gongo Soco (antigamente chamado Morro Grande) passava ao longo do rio de Santa Bárbara, perfazendo aproximadamente 2½ léguas. Parti à 1h, passando, primeiro, por uma pequena localidade, Barra de [?][92], e depois pelo Arraial de São João, chegando, às 1h30, ao Arraial de Gongo Soco. Fiquei surpreso com as grandes mudanças ocorridas nos últimos sete anos. Na época, só havia algumas cabanas pobres; agora, encontrei uma casa espaçosa e uma vila com pelo menos 40 a 50 casas, uma capela, várias vendas, pousadas e ranchos. O proprietário recebeu-me com muita amizade e levou-me imediatamente à sua esposa Srª D.

Flávia - uma grande concessão que se faz a um estrangeiro. Apresentou-me também a várias outras mulheres de Sabará que estavam ali de visita. Além disso, também encontrei várias outras pessoas de todas as classes sociais e de ambos os sexos: amigos, parentes e agregados. Também estavam Ernd e Frantz.

Por volta das 3h30, fomos, pelo menos 30 pessoas, para a mesa, que estava coberta por travessas e pratos de comida. Entre os convidados, estava toda a família francesa - colonos que eu havia trazido comigo - e as meninas, muito bem vestidas, como verdadeiras damas. Depois do almoço fui levado a um quintal muito bem cuidado e tive a honra de poder acompanhar a dona da casa, levando-a pelo braço. Em 14 anos, foi a primeira vez que levei uma senhora brasileira pelo braço.

14/09

Logo cedo, fui observar os trabalhos nas minas de ouro. Vieram muitos estrangeiros, e cerca de 40 a 50 pessoas compartilharam um lauto desjejum. Meus companheiros de viagem chegaram. Lâminas de hematita com marcas de folhas e madeira, transformadas em minérios de ferro através de mudanças telúricas de épocas recentes. Eram folhas de árvores desconhecidas, provenientes das matas próximas, como, por exemplo, o *Laurus*[93]. À noite, o Sr. Capitão-Mor compartilhou de minhas reflexões sobre a questão. Eu quis saber até que ponto era conveniente para o governo conceder uma permissão para uma companhia mineradora inglesa[94] se estabelecer em Minas sob as seguintes condições:

Uma companhia de capitalistas ingleses quer se estabelecer em Minas e já assumiu duas minas abandonadas, que estariam sob a proteção direta do governo. Ao invés de pagarem a quinta parte do que se

paga ao governo, eles querem dar um adiantamento de 100 contos de réis a serem descontados do ouro a ser ganho. Resumidamente, a resposta foi: qualquer um pode estabelecer-se; qualquer cidadão tem o mesmo direito de posse e está sob a proteção de um governo caridoso. Quanto mais capitalistas chegarem ao país, melhor. Quanto mais ricos os súditos, mais rico o Estado. Para promover a imigração dos capitalistas e facilitar seu estabelecimento, seria vantajoso liberá-los do décimo da compra. Aos agricultores, dá-se uma isenção do décimo por 10 anos e nenhuma outra vantagem. A companhia mineradora inglesa pode comprar lavras antigas ou novas, e deve pagar um tributo de balança. O governo não quer receber os 100 contos de réis.

Ainda compartilhei outro pensamento com o capitão, a respeito de como se poderia alterar o quinto do ouro e sua permuta, para resolver o problema do contrabando de ouro em pó: comprar-se-ia o ouro a um preço mais alto em troca de moedas de ouro cunhadas, na medida em que se desse a estas um valor maior, ou seja, para 4.000 moedas de ouro, dar-se-ia pelo menos o valor de 5.000 ou 4.800 réis.

15/09

De manhã bem cedo, notei uma grande quantidade de *Trochili* em volta dos pessegueiros, que agora florescem sem folhas, assim como na Europa na época da primavera.

Depois visitei alguns montes antigos de cascalhos lavados nas redondezas da casa e entre esta e o arraial, onde descobri belas lâminas de minério de ferro e pedaços inteiros de madeira com sua textura bem nítida.

A movimentação em Gongo Soco é indescritível. Encontram-se

riqueza e hospitalidade em alto grau.

O que é riqueza? Ouro em abundância? Visitei este local há 7 anos (no dia 7 de fevereiro de 1817). Na época havia aqui uma casinha e algumas cabanas. Na primeira, morava o homem que agora é rico; nas cabanas, moravam de 20 a 30 escravos. A principal atividade consistia em trazer a água para um canal, e logo em seguida encontrava-se ouro. As montanhas estão todas estratificadas em jazidas de formação recente. Acima existe ferro de três tipos: duro, pudding ou uma mistura de cascalho que fica meio macia. O ferro está assentado sobre arenito e este sobre calcário. O ouro mais valioso é encontrado aproximamente entre aquelas três jazidas de ferro.

Para dar uma idéia da quantidade de ouro encontrado aqui, vou citar apenas alguns fatos:

Ao antigo sócio, que não concordava com os procedimentos do atual Capitão-Mor e que por isso saiu da sociedade, deu-se cerca de 20.000 cruzados:

Deu-se ao antigo sócio	20.000 cruzados
Dívidas com bens em garantia	40.000
Compra de cerca de 200 escravos	100.000
Construções (mínimo)	104.000
Despesas anuais desde 1821 (mínimo de 300.000)	900.000
Aquisição de outras fazendas (mínimo)	200.000
Total	1.364.000 cruzados

Esta estimativa foi feita muito superficialmente, pois a ela não foram somados os presentes especiais que o Capitão-Mor deu ao Imperador e a seus parentes, que somariam certamente mais 1 milhão de

cruzados. Ele deu ao Imperador, por exemplo, 150 soldados, dando a cada um 40.000 e o uniforme, e os transportou por conta própria ao Rio de Janeiro.

O Capitão-Mor tem quatro casas, tão luxuosas quanto esta daqui. Uma em Brumado, outra em Caeté, outra no Rio de Janeiro e o estabelecimento daqui, onde, às vezes, matar um só boi não é suficiente.

O serviço de prata da casa pesa certamente algumas arrobas. Ele tem pelo menos de 4 a 6 dúzias de colheres, facas e garfos; colheres grandes e muitos castiçais e luminárias com a base de prata; muitas bacias, além de serviços de chá e café em prata. Aliás, são estranhos os costumes deste país. Nesta casa, reinam o supérfluo e o luxo. O quarto de hóspedes é mobiliado em estilo europeu e é realmente bonito: duas cômodas, cada uma com um belo pêndulo; três mesinhas e, ao lado do pêndulo, vasos com flores; sobre as demais, castiçais de bronze com cilindros de vidro. As mesas e as cômodas são razoáveis. Um pequeno lustre de vidro com 6 lâmpadas, dois pequenos espelhos alemães com cerca de 2 pés por 1½.

Este regulamento pertence às notícias de Santa Luzia, onde se fala sobre a planta jaborandi.

NB. Jaborandi é, em geral, um *Piper*[95]. Aqui, porém, a raiz de uma *Fragaria*[96] é tão forte quanto a pimenta mais picante.

Finas cortinas de musselina e belas cadeiras com palhinha, conforme o costume local. Todas as paredes do quarto forradas com papel de parede com paisagens francesas, onde estão penduradas, aleatoriamente, gravuras em cobre.

O quarto é bonito e luxuoso. A sala de jantar, ao contrário, não tem grandes riquezas. A mesa é de madeira comum. A louça é de faiança inglesa comum, branca com bordas azuis e de diversos tipos, porque os

escravos quebram muito. Facas, garfos e colheres são de prata valiosa. Em todo o Brasil, também cálices de vinho e de água sem luxo não vêm à mesa. Quem desejar beber água, precisa pedir aos serviçais. Todos eles servem com sapatos e meias, mas sem uniforme.

Há comida em grande quantidade e bem preparada, e mesmo alimentos mais raros, como hortaliças de vários tipos. A sobremesa consiste de doces e frutas em calda. O café da manhã *à la fourchette*[97] é servido às 10h30; o almoço, entre 3h e 4h, e, às 8h da noite, o chá.

As senhoras andam livremente, conversam muito e abertamente. Têm muito talento para a música, especialmente para o canto. À noite canta-se. Bem diferente de outros lugares.

Um oratório e sermão em casa.

Um grande quintal. Atenção especial e atividades da Srª D. Flávia, a dona da casa, que governa tudo. De manhã é a primeira e, à noite, a última. De 20 a 30 criados. Tudo na maior ordem e calma.

O conjunto assemelha-se a um balneário alemão, mas onde todas as despesas são pagas por um só bolso.

Às vezes, quando há alguma festa, reúnem-se tantos convidados que são servidas três mesas com 40 pessoas em cada.

17/09

A região contígua tem vários bosques, que, no entanto, na atual estação do ano, não oferecem nada de especial no campo da Botânica. Próximo a São João, algumas *Muscicapa* com longas caudas foram bem-vindas.

Os insetos, principalmente borboletas, começam a ficar mais nu-

merosos, de forma que, nos dois últimos dias, voltei para casa com uma boa coleção. Entre outros, havia *Colia*[98] com manchas amarelas e pontos pretos na asa superior.

O Sr. Rugendas estava muito ocupado, porque todas as senhoras, jovens e velhas, queriam que ele lhes fizesse um retrato. Ao partirmos, ele ganhou de presente da dona da casa um belo alfinete de ouro com diamantes - uma prova de que as pessoas são generosas e sabem viver.

18/09

Seguimos viagem. Deixei aqui um dos meus negros, que vendi por 300.000, metade em ouro e metade em prata, para melhorar as minhas finanças.

Nosso caminho ia para Caeté, a 2 léguas, e era praticamente de subidas.

Pegamos várias plantas. Próximo a Caeté, a vegetação modificou-se visivelmente.

19/09

De manhã bem cedo, os Srs. Riedel e Rubtsov cavalgaram para a Serra de Nossa Senhora da Piedade, a 2 léguas daqui; por volta das 8h30, seguimos também para lá, Rugendas, Ménétriès e eu. Meia hora depois, passamos por um arraial miserável e pobre, chamado Arraial dos Mundéus, e, depois de três quartos de légua, pelo de Nossa Senhora da Penha, que também aparenta ser muito pobre, embora, nos últimos anos, tenham sido feitas ali algumas belas plantações de café. Pouco antes do meio-dia, chegamos à Igreja de Nossa Senhora da Piedade,

situada no ponto mais alto do morro. Este está bem isolado, tem a mesma altitude do Itacolomi e constitui um único bloco de ferro.

Na vizinhança do Arraial de Nossa Senhora da Penha, o Sr. Riedel encontrou algumas plantas que geralmente só aparecem em terrenos muito salinizados. Mais adiante, na serra mais elevada, ele descobriu um grande variedade de vegetação e alguns raros Epidendrum[99], Mimosa, Fuchsia[100], Malvaceae, espécies belíssimas de Malva[101], muitos fetos e outras.

No alto do morro, existe uma capela, cujo altar é muito bonito e de bom gosto, enfeitado com flores da estação e com *Lycopodium*[102] de várias espécies. Ao redor da capela, encontram-se verdadeiros morangos dos nossos Alpes europeus, que aqui se reproduziram há muitos anos.

20/09

Sobre a montanha, havia pouca visibilidade, porque toda a atmosfera estava envolta em fumaça. Os campos estão sendo queimados já há algumas semanas. A fumaça escurece até o sol.

O Sr. Riedel voltou com muita coleta, Rugendas desenhou, Ménétriès e Alexander mataram alguns pássaros. À tarde, chegou o Capitão-Mor acompanhado do Sr. Maia, da Srª D. Flávia Maria Luiza, do Coronel José de Sá, irmão do Sr. da Comarca, e do Tenente-Coronel José de Mello, irmão do meu amigo Alexander Luiz de Souza Menezes.

O luxo corrompe o homem. Afinal, o que é o ouro?

À tarde, aguaceiro.

Da Cidade Imperial de Ouro Preto, passando por Catas Altas, Brumado, Caraça, Gongo Soco, encontram-se, por todo lugar, novas plantações de café, que, em sua maioria, ocupam ruínas de antigas jazidas de ouro e, de vez em quando, oferecem um contraste curioso.

Também no caminho de Caeté para Nossa Senhora da Piedade, existem plantações desse tipo.

Na região de Caeté, encontramos muitas pessoas com bócio, tanto brancos como negros. Qual seria a verdadeira origem do bócio?

Em Caeté, a água não é tão fria como em outras montanhas. A região é aberta e ampla. A água vem de montanhas ferruginosas; apenas em pequenos trechos, ela passa por barro, cal e arenito.

A atmosfera está cheia de fumaça, que chega a escurecer o sol e a formar uma auréola em torno dele.

O Sr. Riedel voltou ao meio-dia, tendo conseguido colecionar, de uma só vez, mais plantas do que em qualquer outra excursão. Os papéis estavam repletos de plantas para a secagem.

João Batista, de Gongo Soco, é realmente uma pessoa rara. Todo o ouro que ganhou, ele o utilizou da forma mais altruísta possível, tendo aplicado grande parte em benfeitorias para usufruto da comunidade. Ele mandou construir e mobiliar a prefeitura (Casa da Comarca) em Caeté, e várias estradas públicas foram abertas com seus recursos. É uma pessoa desapegada, ajuda pobres e necessitados e é um protetor das ciências. É fácil imaginar como as pessoas se aproveitam da sua bondade.

Hoje tivemos uma festa religiosa em Caeté, onde se reuniram os mais ricos e nobres. Na casa do Capitão-Mor, comeram cerca de 24 pessoas; a refeição foi acompanhada de música e cantos, inclusive uma

espécie de hino que foi composto aqui mesmo e que soou muito bem aos ouvidos.

Ao contrário das laranjeiras, aqui vêem-se poucos pessegueiros, bananeiras e jabuticabeiras. Até os jardins e pomares são mal cuidados.

O Capitão-Mor, Coronel de Sá e o Tenente-Coronel de Melo são as únicas pessoas que proporcionam ao lugar condições de vida e de sustento e atividade. A freguesia consiste de 930 lareiras e, conseqüentemente, de cerca de 8.000 a 10.000 almas, embora o padre tenha me assegurado que só existem 2.000, queixando-se, em seguida, da renda reduzida.

Se a região (campos) é improdutiva e se se deve atribuir isto ao desleixo dos seus habitantes, essa é uma questão que deixo em aberto.

21/09

A mula do Sr. Rugendas fugiu já na primeira noite e até agora, apesar de toda busca, não foi encontrada, de forma que serei forçado a comprar outra amanhã, caso não a encontrem hoje.

O Sr. Riedel foi o que mais aproveitou a nossa permanência aqui, pois conseguiu coletar uma quantidade enorme e bastante variada de plantas da primavera; desde que chegou ao Brasil - e já faz 3 ou 4 anos - nunca conseguiu colecionar tantas e de uma só vez para a secagem.

Hoje visitei Roça Grande, propriedade do Coronel de Sá. Segundo dizem, ele tem uma mina de ouro que, embora rica, lhe garante um rendimento apenas medíocre, insuficiente para o sustento de 100 escravos e para suas despesas domésticas.

A região circunvizinha parece ser muito seca. A água potável tem

que ser trazida de longe - todos os riachos são turvos devido à lavação do ouro.

A região é pobre em insetos, borboletas, etc. - pelo menos nesta estação do ano - e mais pobre que a de Gongo Soco, onde a fauna já começava a ficar interessante.

Os barreiros são locais onde existe barro. Como o gado e outros animais, inclusive pombas, costumam lambê-lo, acredita-se que ele contenha sal. Todavia, minhas pesquisas revelaram que esses barreiros próximos a Caeté não contêm nenhum vestígio de sal. Além disso, não se encontram, nas proximidades, nem plantas halófilas nem cal. Por que será que as vacas gostam tanto de lamber esse barro a céu aberto?

Bem próximo a Caeté, encontra-se barro para cerâmica puro e branco. Um oleiro estabeleceu-se nas vizinhanças - segundo me asseguraram, ele faz um bom trabalho. O tempo não me permitiu visitá-lo.

24/09

Ainda em Caeté.

NB: Carta nº 25 enviada para a Mandioca.

25/09

Durante a noite, uma tempestade horrível com chuva. Pela manhã, 14,5°R; céu nublado, chuva.

Até aqui eu tinha dado pouca atenção ao tempo, por estar sempre seco. Agora parece que a estação chuvosa está se iniciando.

Atividades:

20. Riedel: o dia inteiro ocupado. Ménétriès, juntamente com Alexander, trouxe doze pássaros, uma hora e meia depois do café da manhã.

21. Pela manhã, Ménétriès teve dor de cabeça. Por volta das 11h, ele foi caçar e voltou às 2h da tarde com diversos pássaros. Alexander trabalhou o dia todo. Constantin, ocupado.

22. Bem cedo e sem café da manhã, Ménétriès foi caçar e retornou por volta das 9h. Alexander e Constantin caçaram.

23. Alexander, Ménétriès e todos trabalharam.

24. Ménétriès foi caçar borboletas.

25. Compramos chumbo. Ninguém pôde trabalhar por causa da chuva.

26. Andamos o dia inteiro, mas pouco conseguimos. Só alguns insetos. À noite, descansamos.

27. Esperamos o café da manhã.

Chovia muito forte, e por isso a fumaça se assentou, o ar ficou mais puro e a vegetação refrescou-se.

Os tempos mudam!

Acho que já disse antes que, há sete anos, aqui, eu podia saborear o pão caseiro em toda parte. Agora todo o trigo vem do Rio de Janeiro. O pão é um artigo de luxo e muito caro. Se se semeassem os grãos no começo do ano, ou seja, em fevereiro ou março, para que estivessem maduros na estação seca, talvez a situação fosse outra.

O negociante do Capitão-Mor da Vila de Caeté chama-se Francisco José da Fonseca, Procurador da Câmara. O Capitão-Mor em Gongo chama-se João Baptista F. de Souza Coutinho.

26/09

Fazia +14°R. Hoje cedo, mandei me trazerem uma mula. Depois de aprovada, comprei-a por 49.000 réis. Mandei preparar tudo para a viagem e parti juntamente com meus companheiros. Visitamos, primeiramente, o Coronel de Sá, irmão do conhecido erudito da Câmara, em sua fazenda, Roça Grande, a três quartos de légua da Vila de Caeté. Enviamos nossa tropa na direção da fazenda do Tenente-Coronel de Mello, em Cachoeira, a 3 léguas, tendo chegado juntamente com ela por volta das 3h da tarde.

Nosso caminho cortou campos, prados e morros, onde pouco pudemos coletar para a História Natural. Entretanto, a chuva de ontem parece ter produzido bastante borboletas, pois, perto dos riachos, havia bandos delas. O próprio Coronel era nosso guia, daí por que não pudemos nos ocupar com a caça de borboletas.

Todos os campos e matas haviam sofrido uma queimada há poucos dias, por isso os encontramos bastante destruídos. O Sr. Mello explicou-nos que o fogo não fora provocado, mas acidental, e que, neste ano, ele causou muitos estragos.

O inverno foi muito frio, com geadas incomuns, e destruiu tudo nessa região elevada. A grande secura que veio a seguir torrou, conseqüentemente, toda a vegetação, preparando-a mais ainda para a queimada. Depois de um inverno gelado e com geadas, surgem grandes queimadas de campos e matas. Aliás, aqui na Província de Minas, na região dos campos, as leis para a agricultura são diferentes das que existem em Mato Dentro. Quando o agricultor prepara sua roça, e ela já está pronta para ser queimada, ele é obrigado a escavar e a limpar todo o mato numa faixa de terra ao redor do terreno, ou seja, a fazer

aceiros, para que o fogo não se espalhe para além da sua roça. Ele precisa, então, comunicar a seus vizinhos quando for tocar fogo. Se, por acaso, seu vizinho também já estiver com sua roça pronta, eles a queimam no mesmo dia. O vizinho vai, então, com todos os seus empregados verificar se o aceiro foi feito a contento, para então liberar a queimada. Se, apesar disso, uma chama solta alcançar a terra do vizinho, este o apaga com seus empregados. Mas, se o vizinho queimar sua roça, não fizer o aceiro e não avisar seu vizinho, neste caso ele tem que indenizá-lo de todos os prejuízos.

Toda a região percorrida hoje, até onde nossa vista alcançava, estava devastada pelo fogo e inutilizada para o cultivo. Dizem que o vizinho mandou investigar e descobriu que o fogo ocorreu por negligência de gente pobre. O fogo espalhou-se, numa distância de 3 a 4 léguas, por campos, morros, capoeiras e matas virgens.

Se isso acontece uma vez, talvez a capoeira e a mata cresçam novamente; mas, depois de 2 ou 4 queimadas, surge a capoeira de fetos, e a região se torna imprópria para o cultivo. A única solução é capinar todo o terreno, adubá-lo e depois plantar - muito trabalho para a mão-de-obra escassa que existe daqui.

27/09

A primeira vista da fazenda onde nos encontramos agora já nos dá uma boa impressão de seu proprietário, que a adquiriu há dois anos, por cerca de 3.000 cruzados. A propriedade consistia, então, de um grande quintal, de um pomar, uma lavoura, vacas e bois. Em termos de Botânica, não havia muito a fazer aqui, pois todo o terreno estava ocupado por lavouras antigas, capoeiras e fetos.

Muitos pássaros: entre outros, um belo *Caprimulgus*, com uma longa cauda de 1½ pé de comprimento; muitos joões-de-barro. Os insetos começam a aparecer.

A grande Estrada Real do Rio de Janeiro a Tijuco passa por aqui. Os caminhos são ruins, pedregosos e montanhosos. Pessoas muito amáveis, muita hospitalidade.

28/09

Retomamos nossa viagem. Na verdade, não há um caminho direto de Cachoeira a Sabará, mas apenas uma vereda. A distância em linha reta é de aproximadamente 3 léguas, mas achamos mais conveniente tomar o caminho mais longo do que percorrer aquele caminho sem guia, confiando na sorte.

Ainda bem cedo, cada um foi fazer seu trabalho. Ménetriès atirou em alguns pássaros, e eu empalhei os *Caprimulgus* e outros, deixando tudo em boas condições para podermos viajar.

Depois de um bom café da manhã, tomamos o caminho para o Arraial do Morro Vermelho, distante uma légua de Cachoeira. O caminho era acidentado em alguns pontos, mas, em geral, muito bom. É uma vila de certa importância, com algumas capelas, situada num vale estreito, cercado de morros por todos os lados. Deve ter entre 70 e 80 casas. O sol estava sufocante. Tendo sido informados de que não encontraríamos, numa distância de 2 léguas, nenhuma casa, nenhuma fonte ou riacho, resolvemos tomar aqui alguns refrescos. Logo adiante das últimas casas da vila, ergue-se um morro vistoso e íngreme, que as mulas só conseguem escalar com muita dificuldade.

Morro Vermelho é um lugarejo pobre; praticamente não produz

alimentos. Lavação de ouro. Do alto tem-se uma vista bem ampla. A Serra da Penha, ou Nossa Senhora da Piedade, ergue-se acima de todas as outras. Aliás, de lá pudemos avistar uma série de morros e colinas mais baixos.

Pouco antes de Morro Vermelho, encontrávamo-nos em verdadeiros campos naturais (estepes), onde a vegetação era bastante diversificada. O capim-melado (Panicum), um tipo de capim pegajoso, que parece coberto de melado, que cobre todos os campos de Mato Dentro, áreas de florestas e campos artificiais, já havia desaparecido; tínhamos, em contrapartida, uma vegetação alpina.

Havia uma grande variedade. A chuva de alguns dias atrás já havia produzido um efeito maravilhoso. Em alguns lugares, as encostas das montanhas pareciam cobertas por um tapete de capim.

Caderno nº 9 - folhas 159-183
28 de setembro a 14 de outubro de 1824

O caminho passa por morros elevados; depois de percorrer uma légua, chegamos ao ponto mais alto de um morro isolado e levemente inclinado. Encontramos aqui muitos insetos, como que trazidos pelo vento. Mais uma légua adiante de caminhada lenta montanha abaixo, chèga-se a Papa-Farinha, onde há lavação de ouro e onde mais uma vez se confirma a pobreza dessas localidades. Como os nossos animais estivessem cansados - haviam percorrido 3½ léguas - e não conseguissem prosseguir, nós os deixamos em campo aberto. Como em Papa-Farinha não havia nada para comprar, cavalgamos ainda até Sabará, uma légua adiante, para, de lá, mandarmos milho para os animais exaustos.

Ficamos hospedados na Estalagem do Rosário, apesar de termos sido convidados para ficar na casa do Sr. Maia, o Juiz de fora. Tive que recusar o convite, pois minha comitiva era numerosa. Ainda ontem à noite, o Sr. Maia enviou-me outro convite; hoje cedo, quando fui apresentar-lhe meus cumprimentos, ele me pareceu frio e ofendido por eu não ter aceito o seu convite. Expliquei-lhe que eu o fizera por receio de lhe causar desconforto com tantas pessoas.

O Ouvidor, Dr. Antônio de Azevedo Mello e Carvalho, um homem muito gentil, o coronel e o vigário-geral, que eu já conhecera antes, vieram ver-me.

Vários mendigos de ambos os sexos abordaram-nos pedindo esmolas - eram mais numerosos do que nos outros locais que visitamos. Isso se deve a uma maior pobreza ou a um mau policiamento? Particu-

larmente, muitos cegos e caolhos. Isso chama mais a atenção de um estrangeiro ou viajante do que de um morador local, já que os primeiros são mais abordados do que estes últimos. Os mendigos vinham mesmo à noite, entre 7h e 8h - a meu ver, por falta do que fazer.

30/09

Sabará está situada na confluência do riacho com o mesmo nome com o grande rio das Velhas, o principal afluente do rio das Mortes, que vem de São João del Rei. A vila localiza-se num vale estreito, cercado de morros e colinas por todos os lados. O rio das Velhas é abundante em peixes.

Embora os montes e colinas não sejam muito rochosos, mas cobertos por terra fértil, quase não se vêem jardins ou lavouras de importância. O clima é diferenciado, a temperatura, surpreendente, muito mais quente do que em qualquer outro lugar que já visitamos.

A vila parece morta: só se vêem mendigos, nenhuma indústria propriamente dita ou produção de alimentos, nenhuma fábrica; só pessoas inativas. Ela deve seu surgimento à lavação do ouro. Ainda hoje, o ouro é explorado nesta comarca, mais do que nas outras, e talvez essa seja a causa da decadência e pobreza da cidade. Um ouvidor, um corregedor, um juiz de fora e alguns funcionários mantêm alguma atividade profissional. Existem aqui muitos cegos.

01/10

Durante nossa estada aqui, diariamente tivemos tempo nublado e chuvoso.

02/10

Hoje houve uma forte trovoada. A chuva persistiu até hoje de manhã e foi motivo para a nossa estada aqui.

Aproveitei nossa permanência chuvosa para escrever a correspondência e relatórios para São Petersburgo, que datei de 5 deste mês, porque esse seria o dia em que poderia enviá-los.

NB: Carta nº 26 para Mandioca, datada do dia 5, apesar de ter sido escrita no dia 3. Escrevi a de nº 27, onde coloquei 15 moedas de ouro.

A cidade localiza-se na encosta de um morro e dispõe de água boa e abundante. As estradas não são todas calçadas. Desde Brumado, notam-se muitas pessoas acometidas de bócio.

Ficamos hospedados numa grande estalagem, com um grande movimento diário de viajantes. Possui 16 ou 18 quartos, a maioria com duas camas. Serviço ruim, muitas estrebarias e um pátio. Muito cara.

À noite, muita chuva. Duas pontes. O lugar parece morto e sem muito comércio.

03/10

Retomamos hoje nossa viagem. Nem em Caeté, nem em Sabará pude encontrar um camarada. O tempo melhorou um pouco, mas o céu ainda estava bem nublado. O caminho, pedregoso, subia os morros situados ao norte, de tal forma que chegamos a duvidar se realmente tínhamos tomado o caminho certo. Inicialmente, vê-se capim-gordura ou capim-melado, *Rhepis melaston*[103], estepes produzidas por sucessivas

queimadas; mas, depois de subirmos aproximadamente meia légua, a vegetação de campos apresentava-se com toda a sua diversificação. Abundavam as plantas de primavera, e a região parecia ganhar novo aspecto. Do alto da serra, passando por um caminho sinuoso que se arrasta por uma légua, tem-se uma vista bastante ampla do horizonte, limitado, por todos os lados mas a uma grande distância, por montanhas elevadas. Os morros são formados, em sua maioria, por depósitos de xisto argiloso. Aqui e ali, matas baixas, capões e capoeiras. O que nos chamou a atenção foram os vários grupos de palmeiras (coco-de-catarro)[104], umas bem junto às outras, que se vêem entre arbustos baixos, nos vales mais abertos. Contrapondo-se à flora rica, a fauna apresenta-se pobre.

Duas léguas adiante, já pudemos ver o arraial, que, no entanto, só alcançamos depois de várias voltas e subindo morro, quatro horas depois da partida de Sabará.

Em Sabará, eu havia recusado o convite insistente do Juiz de fora, Sr. Maia, para ficar em sua casa. Fiquei com a impressão de tê-lo ofendido, pois ele havia me esperado e se preparado para me receber. Com isso, achei que deveria aproveitar mais a hospitalidade brasileira: resolvi ficar, em Santa Luzia, na casa do Sr. Pereira Viana, Comendador do Cruzeiro, um dos comerciantes mais ricos da província. Eu já tinha ouvido falar de sua generosidade e hospitalidade. De fato, eu não poderia ter sido recebido de forma mais acolhedora, nem com a melhor carta de recomendação. O Sr. Viana, solteiro, morava sozinho na casa mais bonita, prática e organizada do Brasil, aparelhada com todos os utensílios possíveis, ricamente mobiliada e com muito bom gosto.

Estranha a vida do viajante! Hoje cedo estávamos numa hospedaria suja, desconfortável e extremamente cara, onde me cobraram, por

dia, entre 5.000 e 6.000 réis, isto é, 1,50 luíses; à tarde, estamos numa casa bem decorada, mobiliada com todo requinte, com vasos de porcelana francesa, flores e gravuras em cobre, e onde qualquer desejo nosso é satisfeito com a maior presteza, como se fosse uma ordem. Se se encontrasse tal recepção em todo lugar, certamente mais pessoas se sujeitariam aos demais transtornos de uma viagem pelo Brasil.

04/10

A vila está situada no alto de uma serra e que, de certa forma, tem algumas semelhanças com a localização de Barbacena, com a diferença de que esta última é mais alta, o que lhe garante uma vista mais ampla. Esta localidade é mais baixa, mas está cercada por montanhas mais altas.

O local é aberto e acolhedor, e a aldeia ganha muito em aparência com suas casas todas pintadas de branco, muitas com dois andares. Chamam-nos a atenção a riqueza e a prosperidade de seus habitantes.

Santa Luzia situa-se próxima ao rio das Velhas, que aqui ainda não é muito grande, mas abundante em peixes. Os peixes mais comuns aqui são: dourado, surubim, surubim-cassonete e surubim-loango, curimatã, piau, piabanha, curubixá, que não tem espinhas; matrinxã, mandi, mandiaçu, traíra, pirá, piranha, cascudo, jaú, piaba e outros.

O amável dono da casa era solícito em tudo, de forma que, logo no dia seguinte, obtive muitas informações.

Nas vizinhanças, existem jazidas abundantes de cal e salitre, além de barreiros ou locais onde o gado, cervos e pombos selvagens se reúnem em bandos para comer dessa terra ou lambê-la. A região é salubre durante o ano todo, há muito vento, e, às vezes, ventos fortes. Nas

redondezas, existem muitos lagos piscosos.

Muitos particulares, como, por exemplo, o coronel Motta e o Tenente-Coronel Mello, têm seus próprios viveiros com peixes de água doce.

A Lagoa Santa é uma das lagoas mais bonitas, a três léguas daqui. Ela foi descrita num artigo especial e outrora foi muito procurada por doentes. Entretanto, a lagoa foi sendo assoreada, muita água escorreu e, com isso, ela perdeu muito do seu poder de cura.

Todos os companheiros de viagem trabalharam muito hoje. Santa Luzia surgiu, por assim dizer, por si própria, graças à diligência, dinamismo e espírito empreendedor das pessoas. É um grande centro comercial, para onde convergem todas as estradas: Bahia-Tijuco, Goiás, Rio de Janeiro, Ouro Preto e outras. É um empório e entreposto para muitas mercadorias que são trazidas e levadas para outras localidades; mercadorias como sal, ferro e produtos ingleses trazidos do Rio de Janeiro; couro, peles, peles de tigre, salitre, algodão e outros.

Diariamente chegam e partem caravanas de comércio. O comércio com o sertão da Bahia é também considerável.

A região circunvizinha oferece muitas ervas medicinais, entre outras, o jaborandi, um medicamento testado contra chagas. As raízes são cozidas, e a chaga é exposta ao vapor; depois fazem-se compressas com a decocção das folhas com um pouco de sal de cozinha. Jaborandi é uma árvore espinhosa, provavelmene *Fragaria* (uma espécie pequena; dizem que há três espécies). A raiz é um forte estimulante. Basta mascá-la um pouco para senti-la queimar sobre a língua, com uma sensação picante de quente e frio. Ele tem efeito anestésico. Assim como a *Mentha*[105], ela é estimulante da secreção salivar e parece ter ainda outros efeitos medicinais desconhecidos. Os vapores da decocção das folhas são utilizados (...)[106] [?].

Fabricam-se aqui também grandes imagens da Madona e outras, utilizando-se pedra-sabão ou talco bastante fino, granulado, branco como alabastro, que podem ser encontrados ao pé do Rio de Contas da Bahia, próximo a Bom Jesus de Campo Seco, cerca de 25 léguas abaixo da Vila de Caeté. Eles são trazidos para cá e comercializados em pedaços, pequenos e grandes. A pedra mais fina é meio transparente e bastante dura, superando de longe a chinesa em termos de beleza de cor. Paguei 6 patacas por 5 pedaços pequenos.

05/10

Chiococca altera é uma espécie de raiz-preta de Mato Dentro. Aqui tem o nome de cainca incruzadinha e também paratudo[107]. (Vide acima raiz-preta, em Santa Rita e Santana dos Ferros).

O padre local trouxe-nos o arbusto de uma planta com raízes, que ele nos recomendou como o remédio mais eficaz de todas as ervas medicinais. Contou-nos vários casos de curas praticamente milagrosas que ele presenciou.

Uma menina estava com suspensão do fluxo menstrual, há muito estava doente e vinha definhando, além de ter terríveis e freqüentes convulsões e ataques. Ela chegou a ser desenganada por todos os médicos e cirurgiões. Após uma breve aplicação da decocção da raiz da planta, ela ficou totalmente curada.

Havia também uma senhora extremamente neurastênica, que tinha convulsões só de ouvir uma voz alta. Por ocasião das festas da Igreja, quando se costumam soltar, mesmo durante o dia, fogos de artifícios estrondosos, ela tinha que deixar o lugar. Com o uso constante desse medicamento, seus nervos se fortaleceram, e ela acabou ficando completamente curada.

É um remédio que se toma dissolvido e que atua com eficácia nos vasos linfáticos, eliminando as aglomerações resistentes mesmo ao mercúrio.

Um crioulo, negro livre nascido aqui, estava com suas glândulas salivares extremamente inflamadas e inchadas, perto de se asfixiar. Já tinha se confessado e recebido â Extrema Unção; já tinha sido dado quase como morto. Uma senhora mandou preparar-lhe a decoada dessa raiz, e, em três dias, ele estava totalmente restabelecido.

Depois de mastigada, a raiz não é muito picante e ardida na língua. Ela provoca salivação enquanto é mastigada. Às vezes ela queima, às vezes refresca na língua, como se fosse hortelã-pimenta. É um estimulante rápido, forte e passageiro. O odor é penetrante, repugnante e nauseativo e lembra a valeriana. Ele atua através do seu amargor, sendo vomitivo e purgativo. Mas seu efeito varia de organismo para organismo, embora, normalmente, ele atue como purgante e vomitório.

NB: Carta n. 28 enviada para Mandioca (acho que foi sem numeração).

De Santa Luzia para Serro Frio existem dois caminhos. O caminho geralmente um pouco melhor e mais curto é:

a) de Santa Luzia para a Fazenda Meio da Serra - 3½ léguas

Capitão José Nunes	1 légua	Carapinas
para Macaúba	1	Congonhas
Taquaruçu	2	Andrequicé
Jabuticatubas	3	Paraúna
Joana	4	Cachoeira
Rótulo	1½	Bandeirinha
Riacho Fundo Lapinha	2½	Tijuco

O segundo, considerado mais interessante, é:

b) de Santa Luzia para Lagoa Santa, onde reside o Capitão José Joaquim Pinto do Rego, que possui a descrição da Lagoa Santa. Fica-se na casa do Capitão Carlos José de Moura. De lá para a Quinta do Sumidouro, onde mora D. Ignácia. De lá para Jacuara.

Casa Branca, onde mora o Tenente-Coronel Francisco Lopes.

Barra do Jequitibá, local da casa do padre João Marques, (...) da Guia. Homem instruído.

Serra de Baldim para Congonhas.

Eu já sabia que a Comarca de Sabará é conhecida pela longevidade de seus habitantes, onde não é raro encontrar pessoas com 100 anos ou mais. Por acaso, ocorreu-me esse fato quando eu me informava a respeito das propriedades da raiz do jaborandi. Um robusto ancião contou-me que, há 62 anos, havia feito um tratamento com essa raiz. Perguntei-lhe sua idade: 76 anos foi sua resposta, acrescentando que isso ainda não era velhice, pois sua mãe ainda vive e tem pelo menos 100 anos.

Esse fato levou-me a pesquisar mais a fundo. Soube, então, que, nessa paróquia com apenas 3.000 almas, havia morrido uma pessoa de 118 anos há poucas semanas; várias tinham em torno de 100 anos ou pouco mais e cerca de 10 a 12 tinham mais de 90. Uma pessoa que viu o livro de registro paroquial de Santana, a uma légua daqui, assegurou-me não ter encontrado, na lista de óbitos dessa capela, ninguém que tivesse morrido com menos de 60 anos; pelo contrário, muitos com mais de 80 e 90 anos.

Em Macaúba, existem vários habitantes com idade entre 80 e 90 anos e até mais.

A cerca de três léguas daqui, mora um ancião de 100 anos de idade que, diariamente ou quando bem entende, vem à cidade a cavalo, ainda muito saudável e bem disposto.

Dizem ter-se observado aqui que principalmente os europeus alcançam idades mais avançadas do que os nativos. A propósito, essa observação deve ser imediatamente refutada em face do grande número de pessoas idosas de ambos os sexos nascidas aqui.

Mas um fato é certo: dificilmente se poderão encontrar tantas pessoas idosas em qualquer outra parte do mundo, com o mesmo número de habitantes.

A respeito da população, ver acima Mato Dentro. A Srª D. Mariana, sogra do Capitão-Mor João Baptista, tem 80 netos vivos, e sua filha caçula ainda não é casada.

Três léguas ao sul de Santa Luzia, fica o Arraial de Curral D'El Rei[108]. Dizem ser uma região saudável, agradável e fértil, com abundante produção de alimentos, gado, etc. Nas vizinhanças, pedra calcária e argila. Os rios das Velhas, São Francisco e Grande, próximos daqui, são navegáveis e piscosos. A vila em si, embora praticamente no centro desta Província populosa e do Império, está bem localizada: dela pode-se ter acesso ao Pará, por meio do rio Tocantins, e a Montevidéu, pelos rios Paraguai ou Grande. Qualquer produto de outros países do mundo pode ser trazido para cá pelo rio São Francisco e rio das Velhas. Não seria este um local conveniente para se construir a nova capital do Império?

O calor e o clima do Rio de Janeiro e a sua distância em relação às mais longínquas províncias, como Pará, Mato Grosso e Montevidéu - e conseqüentemente o desconforto para deputados de algumas províncias, que levam mais de oito meses para ir de Mato Grosso ao Rio de

Janeiro -, todos esses fatores deveriam ser objeto da atenção e reflexão por parte do governo. Lá a água não é muito boa. Dizem, no entanto, que a água de montanha, aqui, como em outros lugares, provoca freqüentes casos de bócio; a água potável causa flatulência e não é muito boa[109].

Para o curtimento de peles de animais, usa-se a casca de barbatimão e de angico, ambos da família *Mimosaceae*[110]. Dizem que a primeira é bem mais forte que a segunda, isto é, que contém mais tanino. O couro curtido, solas, peles de onça, lontra, tigre e outros vêm do sertão, principalmente por Curvelo, vindo de arraiais e proximidades desse local.

Maria Alvarenga, que morreu há cerca de 10 ou 12 anos, com idade avançada - tinha no mínimo 120 anos - recordava-se de ter visto, na sua juventude, toda a região onde hoje fica o Arraial de Santa Luzia coberta de mata virgem. No lugar onde hoje está a matriz, existia uma pequena capela pobre, coberta de palha. Na saída da floresta, hoje o centro da vila, havia um portão para impedir que os negros fugissem durante a noite.

De maneira geral, as redondezas do rio das Velhas são muito saudáveis. Descobri um novo camarada.

Anexo a Santa Luzia:

Lista da população de Santa Luzia, de Sabará, Bispado de Mariana, além de duas filiais, que devem se tornar freguesias. 1823.

Paróquia de Santa Luzia		Pessoas preparadas para a comunhão	Pessoas não-preparadas para comunhão	Total
	da Matriz de Santa Luzia	3.077	644	
	Capela de Santo Antônio da Roça Grande	295	61	4.755
	Capela de Santo Antônio de José Correa	587	91	
Da Lagoa Santa ou Quinta do Sumidouro	Paroquianos no rio das Velhas e Ribeirão da Mata, das filiais de Lagoa ou Quinta a serem erigidas na Freguesia	315		
	Capela de N. Srª da Saúde do lago [?]	717	114	
	Capela de Santana do Fidalgo, de N. Srª dos Martírios e do N. Srª da Quinta do Sumidouro	1.280	187	4.148
	Capela de São Francisco do Taquaral de Baixo, da Conceição, de Raposo e da Conceição do Rótulo	1.360	175	
Do Senhor de Matozinhos	Capela de Senhor do Matozinhos	1.407	418	
	Capela de N. Srª da Conceição do vínculo de Jacuara	732	81	5.186
	Capela da Santa Trindade do Santíssimo Sacramento do Jequitibá	2.377	171	
Abril de 1823	Total			14.089

06/10

O bispo destinado para Pernambuco chegou hoje aqui: um homem de 55 anos, com muitos conhecimentos e que residiu 30 anos na Índia.

Um homem que sabe trabalhar muito bem o talco em Santa Luzia chama-se Joaquim Gonçalves Chaves.

07/10

Como já foi dito, aqui há muita atividade produtiva e comercial; os habitantes são bastante ativos e operosos. Planta-se muito algodão nas vizinhanças. Toda a colheita é comercializada aqui mesmo, onde também o algodão é descaroçado e esticado, e o tecido enviado para o Rio de Janeiro. Essa atividade ocupa todas as pessoas. Por isso não se vê nenhum mendigo ou desocupado perambulando pelas ruas. Os costumes daqui são melhores do que em qualquer outro lugar que já tenhamos visitado até agora. Até mesmo em noites de lua cheia, quando, em outras localidades, as pessoas saem para passear, aqui não se vê quase ninguém nas ruas.

O número de famílias brancas e abastadas é pequeno; a maioria é de mestiços.

Ontem e anteontem, escrevi um pequeno ensaio a respeito da universidade[111] que deverá ser criada no Brasil e que querem fundar no Rio de Janeiro. Sou da opinião de que ela deveria ser construída na Província de Minas - vide meus apontamentos em língua portuguesa. Não se pode deixar de falar das crianças enjeitadas, que são deixadas em frente às portas, em Minas, pois não existem orfanatos. São criancinhas lindas e amáveis.

Nosso anfitrião é o Tenente-Coronel Manoel Ribeiro Vianna, Comendador da Ordem de Cristo e Cavaleiro Imperial do Cruzeiro.

Há alguns anos, morreram muitas pessoas aqui de varíola. Ainda não se dava à vacina a importância que ela merece. Ocasionalmente, quando acontece de haver boa quantidade da vacina, vacinam-se, de uma só vez, todas as crianças, e a varíola desaparece.

09/10

Na mesma casa onde nos encontramos agora, estão hospedados também: toda a minha expedição; vários senhores na suite do Coronel José Joaquim de Almeida, que reside às margens do rio São Francisco, em Barra do Rio Grande; o Sr. Dr. Ouvidor da Comarca do rio São Francisco, juntamente com seu filho; e outros mais, que não conheço. Diariamente somos mais de 20 pessoas à mesa.

O Sr. Wagner, um fiscal de mineração alemão, chegou aqui hoje, dia 9, de uma pequena viagem mineralógica. Em alguns lugares perto daqui, ele encontrou palmitos e, próximo a Urubu, carvão-de-pedra de ótima qualidade - uma nova riqueza, num país onde se destroem os bosques com queimadas e onde, em breve, não restará nenhuma madeira.

Na casa do Sr. Vigário, vi uma grande mesa feita de uma só tábua de madeira com quatro palmos de largura. A madeira era a *Canella*[112].

10/10

À noite, ouvem-se muitos cantos de jovens nas casas, mas não há barulho, arruaça, beberrões, nenhuma conduta indecorosa por parte dos habitantes, mas muita moralidade.

Na *Abelha de Itacolomi*, de 24 de setembro de 1823, existe uma listagem de preços correntes de alguns gêneros de Minas na praça do Rio de Janeiro:

Algodão de Minas Novas	5.300
Algodão de Minas Gerais	4.400
Café de primeira qualidade	2.880
Café de segunda qualidade	2.560
Goiabada em tijolo	1.200-2.000
Ipecacuanha	1.300-1.350
Marmelada	2.000
Sola	1.440-1.500 m.
Tabaco de Baependi	3.840
Tabaco de Piedade	2.880
Toucinho	2.000

Perto de Santa Luzia, encontra-se barro próprio para cerâmica de ótima qualidade, que o padre, que é muito ativo e empreendedor, costuma utilizar na produção de cerâmica. É realmente impressionante como esse homem (Reverendíssimo Sr. Padre Barroso), sem conhecer nada do ofício, consegue fazer tanta coisa. Ele merece ser encorajado e subsidiado.

Neste lugar (Santa Luzia), é comum encontrar o *Cactus opuntia*; aqui ele serve de cerca para a igreja, onde já está quase morto e coberto por *cochinillae*, que, sendo pouco conhecida aqui, não é aproveitada, ao contrário do que acontece em várias partes da América espanhola, onde ela é utilizada na alimentação[113].

11/10

De manhã bem cedo, o Sr. Riedel e eu fizemos um passeio a cavalo à fazenda do Capitão José Nunes, a uma légua de Santa Luzia, com a intenção de observar os barreiros de lá. A fazenda é grande e tem 150 escravos. O proprietário a comprou, há muitos anos, por 25.000 cruzados; tinha então 50 escravos, número que ele aumentou logo em seguida através da compra de novos. Assegurou-me que, hoje, a maioria deles são crioulos, isto é, nascidos aqui. Perdeu uma dezena deles na última epidemia de varíola. Esse exemplo prova que os africanos se reproduzem melhor aqui do que em sua terra natal, desde que bem tratados, como certamente ocorre nesta fazenda. Todo o pátio e a frente da casa estavam repletos de crianças de todas as idades. Isso também prova que as pessoas são sadias e o clima saudável. O dono da casa deve ter uns 60 anos. Ele tem 10 filhos vivos.

A propriedade situa-se numa região aberta e agradável, coberta de campos de capoeira, tanto nos vales quanto nas montanhas, levemente inclinadas e não muito altas.

No vale, encontramos grande quantidade de palmeiras (coqueiros), que, no Rio de Janeiro e outros locais, chamam de coco-de-catarro; era um verdadeiro bosque de palmeiras. Os cocos pequenos são usados principalmente para fazer óleo. Recolhem-se e agrupam-se os que caem. Os montes são cobertos para que os cocos entrem em decomposição. Então, são amassados e cobertos novamente por mais dois dias, para serem, em seguida, espremidos. O óleo é destinado ao uso caseiro, principalmente para fazer sabão, para queimar em lâmpadas e untar trançados de tiras de couro.

Essa espécie de coqueiro não dá coco todos os anos: normalmen-

te, apenas cada dois ou três anos. Em compensação, nessas épocas, eles ficam tão carregados, que se pode produzir óleo para dois ou três anos - nesse caso, deve-se mantê-lo bem conservado. Esse coqueiro substitui o *Ricinum*, que aqui não prospera muito bem.

A propósito, nesta fazenda plantou-se algodão para ser comercializado. Todos os anos, ele é plantado simultaneamente e no mesmo campo com o milho, que é cortado em setembro ou outubro. Assim, a colheita de algodão é feita quase ao mesmo tempo com a do milho. A plantação de algodão é deixada como está (não é cortada) e mantida na capoeira, pois, assim, ela produz de novo no segundo ano, às vezes tanto quanto no primeiro ano, às vezes até mais. Os descaroçadores são do tipo mais simples e antigo: dois cilindros de madeira sobrepostos. As crianças enviadas para o trabalho grosso são empregadas nessa atividade, onde são muito úteis. O capitão não quer saber dos descaroçadores de cilindros de ferro movidos a água, pois eles esquentam muito rápido, queimam o algodão e produzem um fio quebradiço. Além disso, aqui também se produzem alimentos. O feijão geralmente dá duas boas colheitas. Hoje mesmo plantou-se o chamado feijão das águas, cuja época de maturação cai na estação das chuvas.

Encontramos, nos barreiros, por toda a parte, buracos fundos cavados pelos cavalos e pelo gado quando lambem o barro, inclusive marcas de dentes de cavalos, que chegam a comer a terra.

Os barreiros que ainda vemos em Caeté e na fazenda do Tenente-Coronel de Mello contêm um tipo de terra argilosa branca que não parece apresentar as mesmas propriedades curativas do sal quando em contato com a língua. Em todos os lugares, esse barro apresenta a mesma cor e qualidades. Nas redondezas próximas, não há jazidas de pedra calcária, mas camadas profundas de terra argilosa. Aqui todos esses

barreiros estão na encosta das pequenas elevações de terreno que cercam as lavouras e que se encontram ao lado de pântanos ou pequenos riachos. Quanto mais úmida a terra argilosa, mais os animais a saboreiam.

As propriedades desses barreiros são conhecidas por todos os proprietários de terras. Onde não há barreiros, é necessário, de tempo em tempo, dar sal ao gado; se há, não é preciso dar o sal, e o gado está sempre gordo. Geralmente, são os veados e os pombos selvagens que descobrem os barreiros; quando eles dão o aviso, pode-se estar certo de que aquela terra contém sal.

12/10

Festa de Aclamação - Missa solene. O Bispo Dom Tomás de Noronha, dominicano, faz o ofício e prega um sermão apropriado para a ocasião. A festa, isto é, a iluminação da igreja, a música, a ornamentação, tudo foi custeado pelo Sr. Tenente-Coronel Manuel Ribeiro Vianna. Ele foi proclamado Cavaleiro da Ordem de Cristo, duas patentes de coronel e tenente-coronel.

Uma grande refeição dupla, isto é, a mesa foi posta e servida duas vezes. Sobremesas confeitadas e doces de todo tipo em profusão. À noite, farta iluminação.

A igreja (um templo grande) lotada de gente. Música razoável. Mulheres vestidas com luxo: véus ingleses, vestidos de seda, meias e sapatos. Muitos casacões de lã e lenços. As mulheres usam chapéus, que são tirados dentro da igreja. Muitos tiros e fogos de artifício durante a missa.

Os convidados recebem uma vela de cera com dois pés de compri-

mento, que é sempre enviada para casa à tarde.

À noite, muita iluminação em toda a vila. O retrato do rei e da rainha - que, no entanto, não guarda a mínima semelhança com eles - é enfeitado e iluminado.

Dança-se nas ruas. Doze pares de dançarinos - muitos deles, homens e rapazes vestidos de mulher - dançam a contradança nas ruas mal pavimentadas. Há também cinco pares de dançarinos e dançarinas mascarados.

Um poeta fazendo versos de rimas emparelhadas e discursos elogiosos de improviso. Algumas piadas e pensamentos bonitos.

O dono da casa, que é solteiro, não conseguiu encontrar companhias adequadas para as quatro damas ou filhas do Coronel - Srª D. Maria, Srª D. Escolástica, Srª D. Anna (que, por acaso, estava doente) e Srª D. Theodósia (uma menina de 6 ou 7 anos) - para preparar um baile para tantos jovens presentes. Assistia-se às danças dos dançarinos e dançarinas fantasiadas.

Preços correntes de Santa Luzia

Milho (o alqueire)	600-750 c. 900
feijão preto (o alqueire)	900
Carne fresca (arroba)	600
Toucinho	1650-1800 c. 1950
Farinha de milho (o alqueire)	600-750 c. 900
Farinha de mandioca	900
Arroz pilado (o alqueire)	1200 c. 1800
Ovos (a dúzia)	a. 75
1 galinha	150 c. 225
1 frango	75
Carne de porco ½	150 c. 187½
1 lombo	150 c. 187½
Açúcar branco (arroba)	1280 c. 1500
Açúcar mascavo	1050 - 1200
Azeite de mamona	1500 c. 1800
Dúzia de velas de sebo	375 c. 450
Farinha de trigo (a saca)	6 c. 9 réis
Garrafa de Vinho do Porto	600 c. 750
Garrafa de Figueira	375 c. 450
Garrafa de aguardente do Reino	675 c. 750
Soldo das tropas	3750 c. para 4200
Fumo (arroba)	2 - 3 - 4

Restilo (o barril)	2- a 2700
Cachaça (o barril)	900-1200 c. 1500
Algodão com caroço	900 c. 1000
Aluguel de uma casa grande	2400 por mês
Aluguel de uma casa pequena (rés-do-chão)	900,1200,1800 c. 200 p/ mês
Pólvora	300, 375 - 450
Aluguel de um escravo por mês	600, 2400 c. 3
Aluguel de um escravo por dia	100 réis
Aluguel de um escravo por semana	600 c. 750
Sola	960 - c. 1000
Salitre	980 - c. 4
Café (arroba)	3 c. 3200 réis
Pano de algodão tecido	100 - c. 105
Ferro mineiro	1500
Queijos (a dúzia)	1350 a 1500
Cal (o alqueire)	225
Oficial-Carpinteiro [?]	375
Azeite doce	900 1 c. 1280
Sabão (primeira sorte)	900
Vinagre de cana (o barril)	750 c. 1200

O povo acorre em massa, vindo de muitas léguas de distância, para ver o bispo. As pessoas, pouco habituadas a festas populares, são muito silenciosas e modestas. Nenhum ruído ou barulho. Há pouca animação. É necessário estimulá-las, por assim dizer, a dar vivas. (Seria veneração pelo bispo?)

Muitos tiros de canhão, foguetes e girândolas - tudo às custas do Vianna.

À noite, até mais ou menos 10h, nada. Servem, então, uma grande mesa com 120 travessas e pratos cheios de doces e confeitos (sem os pratinhos), vinhos e licores deliciosos. As pessoas se servem à vontade. Em seguida, vêm o chá e o café. Todos os confeitos, doces e bolos, frutas em conserva - limão, laranja, mangaba[114] - são feitos em Macaúba (num convento de freiras). Para se ter uma idéia da fartura e variedade, foram utilizadas 384 libras, isto é, 12 arrobas de açúcar para fazer os doces que estão em cima da mesa, sem contar farinha, ovos, amêndoas, passas, arroz e especiarias.

Noite avançada, [joga-se] canasta .

Relógios de pé alto são um sinal de civilização que se vê por toda parte; senti falta disso na Sibéria - que é muito mais populosa.

13/10

Em Matozinhos mora um senhor de 101 anos de idade. Ele se casou aos 49 anos - sua mulher ainda é viva também. Já estão casados há 52 anos.

Preparação para a viagem.

Empacotamos todo o material colecionado desde Ouro Preto: oito

pacotes de plantas secas (mais de 200 espécies) em um pacote e 500 pássaros numa segunda caixa. Ao mesmo tempo, alguns minerais, trabalhos em pedra-sabão, terra, talvez salina, dos barreiros do Capitão José Nunes e duas caixinhas cheias de insetos, os que ainda foi possível encontrar aqui.

Tudo foi entregue ao Sr. Manuel Ribeiro Vianna, para ser despachado.

Argila, barro de cerâmica, barro de todas as cores, até mesmo preta, que às vezes é confundido com carvão de pedra.

Tenente-Coronel Manuel Ribeiro Vianna - Comendador da Ordem de Cristo, Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro.

14/10

A duas horas (léguas) da Vila de Santa Luzia, fica a casa de recolhimento feminino de Macaúba, que não chega a ser um mosteiro, mas que segue todos os hábitos religiosos de um mosteiro de freiras verdadeiro. A instituição abriga 60 mulheres. Cada uma pagou 3.000 cruzados para ser aceita na instituição. Elas não usam véu, mas usam hábito. Podem sair de lá e se casar, mas perdem os 3.000 cruzados pagos à instituição. Além disso, o instituto também é procurado para educar meninas e para castigar mulheres casadas levianas, que aqui devem ser acolhidas pelos seus maridos, por autoridade de uma ordem imperial de então. Pode-se facilmente imaginar que educação moral as meninas recebem na companhia dessas jovens damas!...

Ao todo, encontram-se nessa instituição 250 mulheres, contando-se as escravas. Elas se ocupam de atividades bastante variadas, que consistem principalmente, além das orações, da confecção de flores

artificiais, conservas de frutas, confeitos, doces e bolos. Além disso, elas confeccionam - o que, na verdade, não é propriamente uma ocupação feminina - vasos, panelas e outras cerâmicas de barro, feitos com um tipo fino de argila que, quando cozida, adquire uma cor cinabrina, fica porosa e mantém a água bem gelada.

Além dessas 250 mulheres reclusas dentro dos muros do convento, há também 50 ou 60 escravos homens, guardas e outros cinco que trabalham nas plantações do convento, cujas terras, segundo me afirmaram, são das mais férteis da região, mas infelizmente mal administradas.

Essa instituição existe há 109 anos. No ano passado, morreu uma reclusa com 113 anos. Hoje ainda há uma com 105 e outra com 103 anos, além de várias com idade superior a 90 anos.

O motivo para tantos casos incontestáveis de longevidade só pode estar no clima, que é bastante temperado e uniforme durante o ano inteiro. No inverno, a temperatura desce, no máximo, a 1° ou ao ponto de congelamento; no verão, não faz aquele calor excessivo do Rio de Janeiro.

Reparei - acredito que já mais acima - que em várias regiões de Minas, nos locais baixos, úmidos e pantanosos, no inverno, ocorrem geadas pela manhã. Aqui, ao longo das margens do rio das Velhas, é uma exceção. Ao longo das margens baixas desse rio de forte correnteza, prosperam a cana-de-açúcar e todas as outras plantas de regiões quentes, enquanto que, nas colinas próximas, elas às vezes sofrem com a geada. Portanto, aqui ocorre justamente o contrário - nas regiões baixas, não se perde nada por excesso de frio. Possívelmente o Físico poderia dar uma explicacão para isso.

O carvão-de-pedra, recentemente descoberto por Friedrich

Wagner, poderia, com o tempo, ser da maior importância, caso se transferisse, para esta região, a sede do governo e a Cidade Imperial, o que seria razoável, quando, então, barcos a vapor percorreriam os rios navegáveis, o rio São Francisco, o rio Grande, o rio das Velhas e outros, trazendo para cá o sal das salinas do rio São Francisco e toda sorte de artigos de primeira necessidade e artigos de luxo da barra do rio São Francisco. Comunicação interna, navegação e estradas são a alma do comércio e da agricultura.

Já havíamos nos preparado para a partida do dia seguinte, quando o camarada recém-chegado apresentou-nos uma dificuldade: ele não havia podido buscar sua roupa, que estava a uma légua daqui. Assim, partiremos somente depois de amanhã.

Caderno nº 10 - folhas 184 a 211
15 a 25 de outubro de 1824

15/10

Quando eu estava certo de que poderia retomar minha viagem e avançar, veio, então, o tropeiro me dizer que as roupas novas que ele havia encomendado não estavam prontas, ou ele não estava com vontade de partir. Estávamos, portanto, com a maior boa vontade, na dependência de um subordinado.

Hoje estava de novo, como quase todos os dias, muito ventoso e quente. Ao que parece - assim nos fizeram acreditar - são justamente esses ventos que beneficiam a saúde, na medida em que eles estão sempre limpando o ar. A temperatura normal está entre 14° e 22°; a variação de temperatura quente não é tão grande como no Rio de Janeiro. A alimentação consiste, em geral, de carne de gado, galinha, feijão preto, milho, mel, *pudding* (angu) de canjica e outros; pouco vinho e bebidas alcoólicas, mas menos água do que nós, europeus, costumamos beber. À noite, um pouco de couve e canjica. Entre as frutas, a jabuticaba está em primeiro lugar (uma *Eugenia*)[115]. Aqui elas são indiscutivelmente melhores do que no litoral, mas é uma fruta que ainda está em seu estado natural, não cultivado, de certa forma, selvagem. Ela se parece muito com uma ameixa redonda. Certamente, ela poderia ser melhorada através de sucessivos enxertos ou inoculação. A casca é grossa, dura e amarga, e o caroço é grande. Normalmente a polpa fica agarrada ao caroço.

Acha-se pulga em quase toda parte, até nas casas mais ilustres. Os cômodos são geralmente mal-assoalhados. O hábito de lavá-los regularmente ainda não parece ter sido introduzido aqui.

16/10

Partida de Santa Luzia, de manhã, por volta de 10h. Às 7h, fazia +15°R.

NB: Ainda hoje, remetida a n° 29.

Pretendíamos partir bem cedo, mas tivemos, mais uma vez, que nos sujeitar aos caprichos do arrieiro, que ainda tinha sabe Deus que negócios a fazer. Por isso ele dera ordens para que não levassem os animais para o pátio onde seriam carregados, antes que ele voltasse ao pasto. Eu só soube disso lá pelas 9h, depois de, já muito impaciente, ter mandado a quarta pessoa ao pasto.

Meus companheiros de viagem e eu partimos por volta das 10h, assim que nossos cavalos foram selados. Estávamos profundamente agradecidos pelos vários dias que havíamos desfrutado lá e pela hospitalidade realmente generosa e amiga. O que diria um homem nobre, com muito capital, e que fosse coronel numa cidade de província relativamente populosa da Alemanha, se uma pessoa absolutamente estranha, com vários companheiros de viagem e uma caravana ou comitiva, num total de 12 pessoas, recorresse à sua hospitalidade e lhe pedisse diretamente pousada em sua casa?!... Nas pouquíssimas viagens que fiz na Alemanha, nunca me aconteceu um caso como esse; mas gostaria realmente de saber o que faria, numa situação dessas, um homem da nobreza rural ou um proprietário de terras.

Aqui também existem estalagens, tabernas e pousadas; seria total-

mente contra meus princípios, uma ousadia, um descaramento incomodar um homem tão respeitado. Era assim que eu pensava até o dia em que tive aquela experiência em Sabará, quando melindrei o Juiz de fora, Sr. Maia, que eu conhecera em Gongo Soco, por não ter me hospedado em sua casa, mesmo não tendo ele me feito qualquer convite nesse sentido. A minha modéstia custou-me mais de 50 táleres, além de ter sofrido com a falta de comodidade da pousada.

Depois de toda aquela recepção e hospedagem supercalorosas, nosso anfitrião hospitaleiro pareceu ter-se acostumado tanto e ter ficado tão satisfeito com o nosso relacionamento familiar que foi muito a contragosto que nos viu partir, pedindo-nos insistentemente que não deixássemos, de forma alguma, de visitá-lo, caso voltássemos a passar por essa região.

Ao despedir-nos, o Coronel a que me referi mais acima, Almeida, da barra do rio Grande, que parece ser também um homem respeitado e rico em sua comarca (próxima à nova província), teve a gentileza de nos convidar também, pedindo-nos, caso quiséssemos visitá-lo, que lhe escrevêssemos apenas uma linha avisando. Assim, ele poderia mandar um barco até a barra do rio das Velhas para nos apanhar; "e, a partir do momento em que vocês entrarem em minha casa", acrescentou, "nada vai lhes faltar lá."

Essa é a verdadeira hospitalidade brasileira!

Mas voltando à nossa partida de Santa Luzia. Quase meia hora depois, alcançamos o rio das Velhas, no ponto onde há uma ponte de madeira alta, com 220 passos[116] de comprimento, em bom estado de conservação. Várias cabanas de pescadores e de garimpeiros formam uma pequena aldeia de casas dispersas. Em todas as baixadas, vêem-se vestígios de lavações de ouro antigas, ou seja, montes de cascalhos

dos, de modo que, às 9h, já estávamos a caminho.

Hoje atravessamos uma região selvagem de grande mata virgem. Às vezes, viam-se, nas proximidades de algumas cabanas pobres, vestígios de uma lavoura escassa, algumas capoeiras, ou seja, arbustos baixos ou vegetação surgida de florestas desmatadas, e roças, ou seja, novas plantações. Troncos delgados e magníficos da melhor e mais bela madeira para construção se elevam isoladamente dos vales profundos, bem acima da mal construída Estrada Real, que, nesse ponto, contorna a encosta íngreme do morro.

Em Rocinha de Cebola, ou na casa do Guarda-Mor Leandro Barbosa, admiramos outra figueira americana (gameleira) de extrema beleza e tamanho, cujo tronco poderia ser abraçado por 6 ou 7 pessoas. Depois de Rocinha, uma boa meia légua adiante, fomos para Cebola, uma fazenda (colônia ou estabelecimento, quinta) de aspecto muito agradável, com casas e demais dependências bem localizadas, mas agora praticamente abandonada, pois seu rico proprietário, Cel. Barbosa, não mora aqui, mas em outra grande propriedade rural (de Bemposta), distante 4 léguas daqui. Depois passamos por vários estabelecimentos, grandes e pequenos, tabernas e ranchos, ora à direita, ora à esquerda, dentre os quais os mais importantes são: Lage, Padre Paulo ou Ribeirão, Boa Vista (de onde, no entanto, não se tem absolutamente nenhuma), Cruz, que são excelentes. Chegamos, então, a bom tempo, ao rancho de Governo. Seu proprietário ficou ofendido porque, primeiro, nós nos preocupamos com o abrigo dos animais e com nossa bagagem e, depois, com nossa hospedagem. O resultado foi que, depois de uma breve discussão, preferimos a pele de boi em rancho aberto do que um colchão de palha macio na casa de um anfitrião grosseiro.

Nesta terra, quando alguém se dirige, com uma certa impertinên-

totalmente lavados de terra e que se foram acumulando. O ouro extraído e lavado do leito do rio das Velhas e redondezas apresenta um tom de amarelo belíssimo e é o mais puro: seu teor de prata é de 23¾.

Ao subirmos um morro relativamente alto, na margem esquerda do rio das Velhas, pudemos ter uma bela vista sobre a vila de Santa Luzia, situada na encosta de uma colina. Passamos, então, por capoeiras de campo, onde se vê uma outra espécie de vegetação. As palmeiras (coco-de-catarro) desapareceram ou atrofiaram, e surgiu um tipo pequeno de palmeira. As matas virgens destruídas deram lugar ao capim-gordura ou capim-melado e a grupos de taquaras atrofiadas.

Após atravessar a pé cerca de 2 léguas de uma região seca, atingimos o córrego Sujo, que realmente faz jus ao nome; e meia légua adiante, chegamos a um riacho, de tamanho considerável, que corre dentro da mata, no ponto onde há uma ponte caída: é o ribeirão do Mato. Dizem que ele enche muito na época das chuvas, quando, então, se torna intransitável. Perto desse riacho está a fazenda do Capitão de Ribeirão. Ali o milho, o feijão, enfim, todos os meios de subsistência prosperam mais do que em muitos outros lugares.

Logo após deixar a fazenda e subir uma pequena elevação, o viajante observador tem uma grande surpresa: a vegetação muda totalmente. Chega-se à capoeira de campo, que agora já não tem mais capim-melado, mas outras gramíneas, árvores e plantas. Sim, porque, como em outros lugares, aqui também se fez muita queimada. Como o fogo não se espalhou até o caminho, podem-se perceber claramente aqui duas estações diferentes. No campo de mata, ou mata de campo não queimada, vêem-se muitas plantas em flor, enquanto que, nos campos queimados, elas ainda estão aflorando da terra, com suas primeiras folhas. É realmente a primavera e o verão acontecendo juntos.

Pela primeira vez, desde Antônio Pereira, tivemos o prazer de estar sobre montanhas calcárias, já que antes, em Antônio Pereira e outros lugares, o calcário só aparecia esporadicamente. Nestas matas, conheci uma outra espécie de térmita (formiga branca), que, como o joão-de-barro, constrói seu ninho, uma massa de terra redonda, ao redor do tronco das árvores. Nunca havíamos observado antes esse tipo de ninho.

Saindo dessa fazenda, percorremos quase uma légua de caminho plano e em ótimo estado e alcançamos o arraial de Lagoa Santa, onde ficamos hospedados na casa do Sr. Capitão Carlos José de Moura, um comerciante conhecido e hospitaleiro.

Estamos em pleno sertão, e, no entanto - é difícil de acreditar -, encontramos aqui o maior entreposto desde que deixamos o Rio de Janeiro. Um depósito de vinho, de ferro e materiais e um grande armazém de panos, chitas, tecidos de linho, além de um grande estoque de mercadorias que se podem conseguir aqui, como algodão, espremedor, descaroçador, couros, peles, solas e salitre. Entre as peles, destaca-se a da ariranha, uma lontra cinza, com a mesma pele reluzente.

Os tigres, onças pretas, são uma variedade estranha; a pele é escura, com manchas negras mais escuras ainda.

17/10

O Sr. Riedel chegou ontem em Lagoa Santa, tão carregado quanto o Sr. Ménétriès; traziam coisas antes nunca vistas. Hoje ambos saíram bem cedo para aproveitar a nossa curta permanência aqui. Mandei hoje também Constantin e o arrieiro Roberto para a caça; à noite, eles haviam abatido mais de duas dúzias de pássaros.

A Lagoa Santa recebeu esse nome já em época remota, quando praticamente ainda nem havia cabanas nas redondezas. Dizem que, há muitos anos, ela continha alto teor de ferro e vitríolo, mas que agora perdeu muitas de suas propriedades e efeitos. Outros dizem que, antigamente, a lagoa era bem maior; ela alimentava a grande quantidade de ervas e raízes que cresciam nas suas margens, e dessas plantas ela adquiria propriedades medicinais. Mas, com o passar dos anos, e graças à ação de um ouvidor que quis secar a lagoa, ela teve seu tamanho reduzido, e suas águas perderam os poderes curativos.

Há mais de 100 anos, a fama dessa lagoa se espalhara tanto, que pessoas que sofriam de gota ou pessoas entrevadas eram trazidas até da Bahia para cá e daqui saíam totalmente curadas. Talvez em muitas dessas pessoas a fé profunda tenha tido o mesmo efeito das curas do Príncipe de Hohenlohe.

Hoje em dia, as águas totalmente paradas dessa lagoa - mais precisamente nesta estação ainda seca - não só perderam seus poderes medicinais, como também, eu afirmo, se tornaram insalubres. O local, Arraial da Lagoa Santa, está situado exatamente na parte mais baixa da lagoa, cujas águas, em épocas de chuvas fortes, escorrem para cá.

A lagoa tem, de comprimento, aproximadamente meia hora de caminhada, e a volta completa em torno dela leva uma hora e meia.

Entre outras histórias fantasiosas a respeito dessa lagoa, conta-se que, em seu centro, há abismos insondáveis; e que, nesse mesmo lugar, há um redemoinho ou turbilhão que atrai para ele e engole tudo que dele se aproxime, até troncos de árvores e canoas feitas de troncos de árvores; e que suas águas reaparecem em regiões próximas e distantes; e que, em muitos lugares, se ouve o rumorejar de suas águas passando por baixo da terra, etc. No entanto, não se pode atestar a veracidade

dessas histórias.

Na parte mais alta da lagoa, a água é mais pura e de sabor mais agradável; na parte mais baixa, o solo deve ser sempre pantanoso e lamacento; as lavagens e impurezas de toda a vila contribuem para o sabor desagradável da água, neste local. Tomei desta água muito a contragosto, embora os habitantes afirmassem que ela era salubre e que não provocava efeitos maléficos; até me garantiram que aqui também existem muitas pessoas idosas.

Há pouco tempo, o lugar se tornou uma freguesia, e nessa diocese moram em torno de 5.000 almas.

A igreja foi destruída pelo fogo, e, em seu lugar, erigiu-se uma de madeira com adobe, ou seja, uma massa grossa de barro.

18/10

Como, ontem, não havíamos empalhado todos os pássaros abatidos, continuamos o trabalho pela manhã, antes da partida programada para hoje. Empalhamos vários e levamos outros.

Nossa programação para hoje era percorrer apenas 1½ légua até a fazenda da Srª D. Ignácia.

Gostaríamos de ter passado mais alguns dias em Lagoa Santa. Mas, por um lado, desejávamos ceder lugar à grande comitiva do Sr. Coronel e do Bispo, que estavam a caminho daqui; por outro, estávamos, de certo modo, nos sentindo um pouco tolhidos. Por mais amável que tenha sido a recepção que nosso anfitrião nos dispensou, tínhamos que nos sujeitar inteiramente aos hábitos da casa. Pela manhã, comíamos apenas café e um pãozinho; a única refeição era servida por volta

do meio-dia. Mas estávamos acostumados a jantar, principalmente nos últimos meses, de forma que essa hospitalidade um tanto tolhedora não nos agradou muito.

O pior de tudo, porém, em Lagoa Santa era a água potável, que era quase impossível de se beber. É verdade que o dono da casa, por cortesia, mandava buscar água da parte alta da lagoa, pois ali ela não tinha tanto gosto de barro. Mesmo assim, eu continuava a ter repugnância e aversão pela água e estou firmemente convencido de que essa água não pode fazer bem a qualquer estrangeiro ou viajante que passe por aqui.

Nossos animais ficaram recolhidos ontem desde a tarde até a noite, para não se dispersarem muito, procedimento que se revelou muito útil, uma vez que, assim, eles puderam ser trazidos todos juntos hoje bem cedo. Ainda não eram 8h, e toda a caravana já estava a caminho, de forma que chegamos à fazenda da Srª D. Ignácia por volta das 11h. Ela própria, uma viúva, não se encontrava em casa, mas fomos maravilhosamente bem recebidos por seu filho, o Sr. Guarda-Mor José Timóteo.

O caminho que percorremos estava muito bom em função da secura que ainda persistia. Observamos também muitas plantas novas que ainda não havíamos visto por aqui. Por não conhecermos o caminho, acabamos nos perdendo. Felizmente encontramos uma pessoa muito prestativa, que logo se dispôs a nos mostrar o correto em troca de alguns vinténs.

O Sr. José Timóteo era um rapaz alegre e gentil, de 23 ou 24 anos, e um grande amante de caçadas. Logo ele abateu para nós grande quantidade de pássaros e se ofereceu para nos mostrar a região amanhã. À noite tínhamos mais pássaros do que nunca, de forma que fui obrigado a despelar alguns.

19/10

Pela manhã, foram quase todos com o filho da dona da casa, o Guarda-Mor, à vargem do sumidouro. Ouvimos muitas histórias a respeito das peculiaridades dessa região plana e alagada. Diz-se que aqui existem muitas aves aquáticas e palustres tais como: jabirus, cegonhas e grous. Dizem também que a água desaparece da superfície a partir de um pequeno poço, percorre 2 léguas sob a terra e reaparece, formando borbulhas, nas proximidades do rio das Velhas. Da mesma forma, ou seja, por debaixo da terra, a água veio da Capela Bom Jesus, a três léguas daqui, até a vargem. Os Srs. Riedel, Rugendas e Ménétriès vieram para cá, mas, por causa da longa estiagem, encontraram pouca água e pouca caça, e a quantidade de plantas raras ficou aquém do que se esperava. Também não havia nada para se ver do sumidouro, a não ser algumas rochas calcárias.

A fazenda onde nos encontramos é bem grande e está encostada no rio das Velhas, que aqui já tem um volume considerável. Os proprietários construíram uma ponte de madeira, muito bem conservada, com 30 pés de altura e 200 pés de comprimento. Sua construção parece ser bem sólida: todas as vigas são de aroeira, retirada da mata virgem de campo e considerada a madeira mais resistente do Brasil[117]. Asseguraram-me, várias vezes e em diversos lugares, que ela nunca apodrece, nem na água, nem ao ar livre. Ainda não vimos a árvore; dizem que ela aparece nas proximidades de Jacuara e Casa Branca.

Por causa do vento forte, os caçadores abateram poucos animais. No entanto, Constantin e Roberto fizeram uma boa caça à tarde e trouxeram para casa algumas garças, andorinhas jovens e *Caprimulgidas*.

O tempo permanecia bom, só que, para a nossa sensibilidade,

estava um calor sufocante. De manhã, normalmente fazia 14°R; ao meio-dia, 23°R; e, à noite, 19°R.

20/10

Hoje, dia 20, pusemo-nos a caminho por volta das 10h da manhã. Por mim, ficaria mais um dia aqui, mas achei que seria abusar da hospitalidade. Fomos recebidos e tratados sem cerimônia e com amizade. O filho de D. Ignácia, um jovem alegre e gentil, que, acredito eu, nunca esteve além de Ouro Preto e, por isso, só conhecia os costumes de sua terra. Prova disso foi que não me foi permitido ver sua jovem esposa, embora ela estivesse doente e tivesse solicitado meu conselho médico.

Tão logo deixamos a fazenda e subimos uma pequena colina, chegamos à estrada que vai de Lagoa Santa a Curvelo e Tijuco. Meia légua adiante, passando por um caminho relativamente plano, alcançamos um pequeno arraial denominado Quinta, em cujas terras, pouco a pouco, várias pessoas foram se fixando (terras pertencentes à Coroa e ainda não cedidas). A região parecia ser bastante seca; não havia nem riacho nem sinal de água. Havia um pequeno bosque de árvores atrofiadas pelo vento; era, na verdade, novamente a capoeira de campos[118]. Várias árvores floresciam, como o barbatimão (para curtição), muitas *Malvaceae*, *Euphorbiaceae* e outras. Em função da seca prolongada (não chovia, embora fosse a estação das chuvas) e dos vestígios ainda frescos de uma queimada recente, a coleta botânica não foi muito farta.

Depois de mais uma meia légua, alcançamos Córrego Seco, um pequeno povoado composto de algumas casas e pertencente a Jacuara. Dizem que os poucos moradores daqui não dispõem de água potável.

Encontramos um pequeno poço com água estagnada. Daqui vai-se à fazenda Jacuara, um estabelecimento antigo e muito conhecido em Minas, que, do ponto do caminho onde há uma grande e bela cruz, pode ser vista a uma distância de menos de 15 minutos. A fazenda se sobressai por sua igreja belíssima.

A fazenda Jacuara fica às margens do riacho com o mesmo nome, que desemboca no rio das Velhas, que corre bem perto dali. Construída em 1786(?) (vide *Mas* português) e posteriormente legada ao Estado, ela foi uma propriedade privada das mais ricas. Era formada de seis a sete fazendas e, como muitas outras, deve seu aparecimento e esplendor ao garimpo de ouro - antes de se chegar à fazenda, avistam-se, junto à estrada, os montes de cascalhos lavados.

A propriedade toda ficou subordinada a um órgão administrador, cujos responsáveis se ocupavam exclusivamente em garantir que os pagamentos a eles devidos fossem feitos regularmente, sem se preocuparem com o fato de os rendimentos do capital não atenderem às expectativas do fundador. Os negros pertencentes a essas fazendas abastadas trabalham a terra, plantam cana-de-açúcar, alimentos de todo tipo, praticam a agricultura e a pecuária. No entanto, a renda resultante do trabalho de 400 escravos não chega a 5 ou 8 contos de réis.

Ainda algumas palavras sobre a administração desta propriedade em que nos encontramos agora, que é a principal. Aqui estão o procurador e o secretário da Junta, a quem se delegou cumulativamente a responsabilidade pela administração. O primeiro recebe 300.000 e o outro 200.000 réis, sem contar, naturalmente, a moradia, a criadagem e a alimentação. Não existe um administrador que se preocupe em fazer melhorias na fazenda, em administrar com eficiência e organizar as coisas.

Tudo aqui segue uma mesma rotina. Existem plantações de algo-

dão. O algodão é fiado e trabalhado em seis teares, por três homens e três mulheres, produzindo um tecido rústico, com que se vestem os negros.

Existe uma pequena criação de ovelhas, que provavelmente rende muito pouco. O rebanho de gado bovino fornece a carne, e os porcos, toucinho em quantidade suficiente.

Cultiva-se aqui toda sorte de meios de subsistência, com rendimentos escassos, inclusive cereais como centeio e cevada.

Aparentemente, a produção de açúcar e de aguardente constitui a maior parte da receita. Mas, como já foi dito, não existe ninguém aqui que se interesse em tirar proveito desta grande fazenda. As grandes hortas são cultivadas o suficiente para se poder dizer que são rentáveis. Há várias macieiras, jamboeiros, jabuticabeiras e romãzeiras (maiores do que em qualquer outro lugar), laranjeiras e limoeiros; um cafezal para consumo caseiro; várias vacas leiteiras. Prepara-se também carne seca.

Além disso, existe também uma escola, onde os crioulos recebem aulas.

A igreja é grande, feita de pedra, com bom gosto e muito dinheiro. No mesmo local, o antigo proprietário extraiu ouro no valor total de 85.000 cruzados, que foram utilizados para a construção da igreja.

O estabelecimento possui muita água, suficiente para mover todas as máquinas e moinhos: moenda de cana, monjolo e serraria. Mas a água potável é escassa. Dizem que a água que serve o moinho é salobra - eu não percebi. Todos os negros e empregados bebem dessa água e se sentem bem com ela.

Se, por acaso, algum grande estabelecimento, a Corte ou uma

universidade for transferida para cá, não seria difícil tornar potáveis (filtrando-as ou simplesmente deixando-as paradas) as águas do rio das Velhas, turvas graças às eternas lavações de ouro.

A partir daqui, saem as estradas para Curvelo e para Serro Frio. Há moluscos nos canais que servem os moinhos.

Um estabelecimento em particular, o convento, merece um comentário em especial. Todas as moças a partir de 12 anos, bem como as esposas birrentas e briguentas são trancadas numa casa isolada, que serve ou como casa de trabalhos forçados ou como casa de correção. As jovens moças, para serem educadas para o trabalho e para aprender a fiar e tecer; as outras, para não fazerem mais besteira.

O capataz afirma que, dessa forma, as jovens se casam mais cedo, enquanto que os jovens negros cobiçam o fruto proibido e de difícil acesso. Elas só podem sair da instituição aos domingos, para ir à missa.

Lá existe também um hospital e, segundo me disseram, também um cirurgião, que, todavia, ainda não foi requisitado por ninguém. Ele mora a 2 léguas de distância e vem a Jacuara uma vez por semana.

O campo é totalmente desprovido de médicos e cirurgiões. Na fazenda de D. Ignácia, vi um homem que, há 11 meses, teve seu braço esmagado em quatro pontos por uma árvore abatida. Ninguém conseguiu assentar os ossos e fazer o curativo. A conseqüência foi que o pobre homem ficou aleijado: seu braço agora está totalmente paralisado e começa a ressecar.

Ao que tudo indica, aqui em Jacuara a sífilis está bastante disseminada.

O número de escravos tem diminuído de 30 a 50 anos para cá. Muitos velhos morreram, outros ainda vivem, mas praticamente inca-

pacitados para o trabalho, sendo que a maioria nasceu aqui (os crioulos). Particularmente estranho aqui é ver, entre as crianças, muitas mulatas, uma prova incontestável do relacionamento dos brancos com as negras, um fato pouco natural.

Um administrador de bom caráter, um médico e um cirurgião idôneos são imprescindíveis aqui e poderiam trazer grandes benefícios.

Apesar de haver várias construções, faltam aqui moradias decentes; nem mesmo uma escola foi providenciada. Inclusive nós, viajantes, ficamos muito mal alojados.

21/10

Existem várias lagoas perto daqui, entre elas, a Lagoa Grande, com uma légua de circunferência. Encontramos aqui caça farta e bastante variada. Abateram-se várias *Tanagrae* pretas pequenas com a cabeça e o dorso ocreados; uma *Strox*[?]-*Cotinga;* jacús, *krikmets*[?], *Caprimulgus*-nambu, *Ardea*s *Tinamos*, *Pipras* e *Anas*.

O tempo estava bem quente. Aproveitamos para limpar os vários pássaros e colocá-los junto às diversas plantas colhidas para secar.

Amanhã pretendemos ir à Casa Branca, 1½ légua daqui.

22/10

Para Casa Branca, 1½ légua. No caminho, meia légua ou uma légua adiante, vimos *le petit coq d'azara* e um avestruz ou ema. Esta última foi abatida.

23/10

Casa Branca é um estabelecimento grande e bonito, com cerca de 200 escravos; foi uma das propriedades de Jacuara que foram legadas. As outras propriedades não progrediram: tinham muitas dívidas, os escravos morreram, havia poucos crioulos, mal podiam se manter. Mas Casa Grande, uma propriedade privada, recuperou-se, aumentou o número de escravos; casas, artesanato e agricultura, tudo está em boas condições.

Três irmãos, todos solteiros, o mais velho deles com 73 anos de idade, administram esse empreendimento.

Mesmo possuindo em torno de 200 escravos, a maioria crioulos, os proprietários compram novos negros de vez em quando, alegando para isso, e com razão, que é necessário cruzar as raças de tempos em tempos. Encontramos grande número de crianças de todas as idades. Os proprietários dão atenção especial ao desenvolvimento físico dos negros, o que implica higiene do corpo, boa alimentação e moradia seca, além de muita liberdade e pouca exigência em termos de trabalho, isso até a idade de 12 ou 14 anos.

As moças são empregadas na fiação, as mulheres, na tecelagem e outros afazeres femininos. Só os homens trabalham no campo, no engenho bangüê e no mato. À noite, as moças solteiras ficam numa casa separada, sob a vigilância de uma governanta, chamada regente.

Este é o único lugar em Minas onde já existia, há poucos anos, uma máquina de fiar algodão movida a água. Ela foi instalada por um inglês e está em boas condições. Era de se supor que fosse um empreendimento dos mais rentáveis. Mas me surpreendi ao saber que ele não só não era rentável, como já tinha inclusive dado prejuízo. A fiação era boa até

demais, produzia um fio bastante fino e por isso não tinha saída. Uma tecelã habilidosa poderia até produzir um tecido fino e branco, mas não haveria compradores para ele. Faltava um tingimento com cores firmes. No fim, os proprietários tiveram que desistir da fiação, da qual ainda levei algumas peças avulsas.

De 15 a 20 moças e mulheres produzem, na roda de fiar, um fio grosseiro. Três ou quatro teares são operados por mulheres, três outros, por homens. Geralmente, produzem-se apenas tecidos rústicos, que servem para vestir os escravos. O que sobra é mandado a Sabará, para ser vendido na própria loja que a fazenda possui lá. Ali são vendidos todos os seus produtos: aguardente, algodão, tecido, açúcar e outros.

As atividades principais desta fazenda e suas instalações são: engenho bangüê, destilaria (dois alambiques), plantação de algodão, descaroçador de algodão com máquina cardadora movida a água, fiação manual, tecelagem. Todos os tipos de artesãos, incluindo tanoeiro, ferreiro e serralheiro, carpinteiro e marceneiros; um moinho de trigo, uma serraria precária. A carroça precisa ser puxada por uma pessoa; o serrote é da grossura de um dedo. Há também uma fábrica de tijolos, forno de cal, lavação de ouro; criação de todo tipo de gado: bovino, ovino, eqüino e suíno. Lavouras de todo tipo, inclusive de centeio, e fabricação caseira de pão de centeio. Várias casas grandes. Amantes da caça e muitos cães de caça. Uma bela biblioteca. Um dos três irmãos é coronel, o outro, doutor advogado, e o terceiro, há 30 anos, é o administrador da propriedade.

Digno de nota é o moinho de cana-de-açúcar, que, diferentemente de todos que já vi, não se compõe de três cilindros dispostos em fila, um do lado do outro, mas de cinco, sendo o central o mais forte. Esse mecanismo é mais vantajoso, porque nele a cana-de-açúcar passa automatica-

mente pelos diversos cilindros, dispensando, assim, o trabalho de vários homens. Todo o processo é mais rápido. A cana-de-açúcar é cortada e levada para o moinho por vários escravos; lá ela é espremida desde de manhã bem cedo até o final da tarde - aqui só se trabalha durante o dia. À noite procede-se à lavagem e limpeza da máquina. Esse foi o melhor açúcar que já vi: de um branco puríssimo e bem cristalizado.

Tanto em Jacuara como aqui, os negros são acordados após 4h da manhã.

Hoje mandei meus caçadores novamente para o lago próximo a Jacuara, mas não consegui nenhuma *Muscicapam* ou *petit coq d'azara*.

Encontrei aqui a descrição da lagoa prodigiosa (reeditada no Rio de Janeiro em 1820) e copiei apressadamente o que havia de mais curioso nessa descrição pouco fiel à realidade.

Este local é bem mais frio do que todos os que visitei de Sabará até aqui. No inverno passado, os cafezais e bananeiras que só recebiam sol de manhã cedo congelaram.

Em Jacuara, fazia, hoje cedo, 10°R e, em Lagoa Santa, 14°R.

O Sr. Dr. Advogado tinha várias novidades sobre Minas Gerais e Mato Grosso, inclusive as últimas do Padre Vigário de São João del Rei e de Manoel Ignácio, mas não quis compartilhá-las comigo.

24/10

Ontem, uma das minhas mulas caiu embaixo da roda do moinho enquanto estava sendo ferrada. Eu e todos os demais jurávamos que ela não serviria mais para o trabalho, mas, depois de retirada, com muito custo, do buraco, verificamos que, a não ser um pequeno

ferimento na cabeça e um abcesso no olho, ela não havia sofrido nada. Hoje ela já foi mandada para o trabalho. As mulas estavam chegando bem de manhãzinha, pois, como agora o dia amanhece mais cedo, os negros saem antes das 5h, para ir buscá-las.

Após o café da manhã, despedimo-nos e cavalgamos para Pau de Cheiro, a 1½ légua de distância. O caminho nos levava primeiramente através de uma mata, onde vimos muita aroeira do mato. É a madeira mais forte do Brasil, dura como ferro, e nunca apodrece. O coronel, em Casa Branca, construiu, há pouco tempo, uma casa de três andares, utilizando, para as ombreiras, janelas (esteios) e outras partes da casa, aroeiras com mais de 90 palmos de comprimento.

Após atravessar a mata, chegamos novamente aos campos, onde vários caminhos diferentes se cruzam.

Fizemos o percurso até Pau de Cheiro em bom tempo. Aqui há uma venda e um rancho. Como o tempo está muito seco e quente, resolvemos ficar aqui hoje, em parte por causa das mulas, em parte por nossa causa. Felizmente, havíamos trazido alguma provisão; do contrário, pouca coisa teríamos encontrado aqui, a não ser uma aguardente de ótima qualidade, forte e pura, sem aquele ressaibo desagradável da cachaça.

Tivemos que mandar buscar numa fazenda vizinha, onde havia também grande criação de cavalos, feno e milho para os nossos animais.

Seguindo a velha tradição, na venda, todas as mulheres se escondiam, enquanto que, na fazenda, pelo contrário, os pais não permitiam que as filhas se escondessem.

Caderno nº 11 - folhas 212-226
25 de outubro a 01 de novembro de 1824

O rancho estava tão cheio de pulgas e bicho-de-pé, que ninguém se atreveu a ficar lá dentro. Dormiram todos ao ar livre, onde estava fresco e agradável, sendo que, de manhã, não havia orvalho.

Não havia pasto fechado, mas os animais acharam o bastante para comer e não se dispersaram.

25/10

O Padre João Marques contou-nos que, em Barra de Jequitibá, bem próxima à margem direita do rio das Velhas, ele construiu, com recursos próprios, uma ponte de 200 pés de comprimento, muito bem conservada, e liberou-a para o usufruto de todos, de forma que hoje, essa passagem, antigamente interditada, é muito visitada. A sua construção trouxe muita vida, muita atividade produtiva e comercial a toda a região da margem direita do rio das Velhas, de forma que toda a província lucra com isso.

Infelizmente não encontrei o honrado Padre João Marques Guimarães em casa. Eu trazia para ele uma carta do Comendador Vianna. Há algumas semanas, ele viajara para uma outra fazenda sua, deixando esta sob a guarda de suas irmãs, de um administrador e feitor.

O moinho de cana-de-açúcar e as cucúrbitas estavam ainda em plena atividade. As lavouras e instalações parecem bem organizadas e administradas.

As damas, irmãs do padre, não apareceram na casa, embora também não tenham se escondido, como acontece em outros lugares. Vi uma delas atrás da porta entreaberta do cômodo ao lado, de onde ela podia satisfazer sua curiosidade observando os estrangeiros. Uma outra, que estava ocupada com suas tarefas, cumprimentou-me - fui tão discreto ao responder-lhe que até pareceu que eu não a havia visto - mas sem dar ensejo a qualquer aproximação.

Prestar hospitalidade nesta grande fazenda é algo tão comum, que eles não se preocupam em absoluto em cuidar dos hóspedes, a não ser chamá-los para as refeições nas horas habituais.

Normalmente, a refeição consiste de sopa ou pirão (farinha de mandioca com caldo de carne); carne seca preparada ali mesmo com couve; carne de porco assada com salada, preparada mais com açúcar do que com vinagre (em toda a região, falta um bom vinagre); arroz e marmelada.

De vez em quando, encontramos vinho em casa de proprietários ricos, ou melhor, não propriamente de ricos, mas de pessoas com um certo padrão de vida. Esta casa, por exemplo, é de um homem muito rico, e, no entanto, há apenas água para beber, nem ao menos aguardente, que, nesta região, é de excelente qualidade.

Reparei, também, que faltam à mesa aqueles talheres de prata belíssimos que invariavelmente se vêem nas casas, mesmo de pessoas pobres, que muitas vezes não têm um tostão de sobra, mas não abrem mão desse capricho, mesmo que em detrimento de outras necessidades. Aqui usamos garfos e colheres ou de ferro ou de prata, mas de colheres não havia nem meia dúzia.

Notamos que aqui há um maior número de crianças crioulas do que em outros lugares. Informando-me a respeito, soube, através do

pároco, o Padre Miguel, que, tanto aqui como em Casa Branca, a criação das crianças recebe uma atenção especial. Só os homens trabalham no campo. As mulheres e moças ficam restritas ao estabelecimento, onde se ocupam principalmente com a fiação, tecelagem e afazeres domésticos. O padre garantiu-me que, sendo tratadas dessa forma, elas ficam muito mais férteis do que se realizassem o trabalho duro do campo.

Durante o dia, as crianças, bastante numerosas, ficam dentro ou em volta da casa grande. Por isso, é simplesmente impossível mantê-la limpa. A varanda é varrida de hora em hora, mas, logo em seguida, ela já parece não ter sido varrida há uma semana.

À noite, o padre Miguel levou-me para passear e para conhecer a calumba[119]. É a raiz de um pequeno arbusto, procedente de Santa Luzia e que normalmente aparece em campos. As folhas são acaneladas e se assemelham às do índigo. A árvore se parece com a *Cassia* ou com a *Sophora*; no momento, ela está sem flor. Calumba é o nome da raiz, que é muito amarga e tem um diâmetro de 1½ a 2 polegadas, bem semelhante à do Ceilão.

O tempo continua seco e muito quente. Por volta do meio-dia, 26°R. Essa região abaixo do rio das Velhas é bem mais quente do que em Santa Luzia. Mas fiquei bastante surpreso em ver a cana-de-açúcar bastante prejudicada pela geada, justamente aqui, uma região de campos abertos, planos e com forte exposição ao sol matutino, e além do mais, próxima ao rio. Isso significa que há grandes diferenças entre esta região e Santa Luzia. Aqui o verão é mais quente, e o inverno, sensivelmente mais frio.

O pequeno rio Jequitibá corre do outro lado da fazenda e desemboca na margem esquerda do rio das Velhas.

26/10

Os escravos, a maioria crioulos, saem de madrugada (4h da manhã) para o trabalho, sem precisar serem acordados. A moenda começa a funcionar a partir das 3h e à noite, quando toda a cana-de-açúcar já foi espremida e o suco da última panela engrossado, faz-se a limpeza do moinho e dos recipientes, para que não haja fermentação e tudo esteja limpo para o dia seguinte. À noite, enchem-se seis carroças de cana-de-açúcar para serem espremidas na manhã seguinte, cada carroça puxada por oito bois.

Hoje, ao meio-dia, fazia um calor insuportável, 27°R.

Ao sair de Pau de Cheiro, encomendei, a alguns caçadores que se encontravam ali, algumas espécies que eu desejava ter, dentre elas, o tamanduá-bandeira, a ema, a seriema e o tatu-canastra. E realmente, hoje cedo, trouxeram-me um grande cervo, uma ema - o avestruz brasileiro - e uma siriema. Com esse acréscimo de material de grande porte, vi-me obrigado a permanecer mais alguns dias aqui. Tive que mandar fazer caixas especiais para empacotar e enviar as mais de 700 espécies de plantas e cerca de 800 pássaros que havíamos colecionado desde Santa Luzia e que pretendíamos remeter ao mesmo tempo.

A aguardente destilada aqui é a melhor que já bebi no Brasil. O engenho bangüê também funciona muito bem, e o açúcar é da melhor qualidade.

Desde que saímos de Lagoa Santa, estamos percorrendo montanhas de calcário, onde a água potável é morna e menos refrescante do que a excelente água de montanha. O calor era sufocante, e não conseguíamos um bom copo d'água. Além disso, os recipientes de água são de má qualidade; faltam boas jarras.

Os jambeiros são extraordinariamente grandes e frondosos.

27/10

Fui surpreendido com o aviso de que não tínhamos mais pão; por isso seria necessário enviar alguém a Lagoa Santa para trazer uma arroba. Como o Padre João Marques Magalhães estava sendo aguardado para hoje, pôs-se tudo em ordem.

Anualmente, produzem-se aqui cerca de 3.000 arrobas de açúcar e 1.000 barris de aguardente, cada barril contendo 8 medidas.

O calor continua insuportável. A casa e os móveis do padre não correspondem de forma alguma ao nível de riqueza da fazenda. As casas continuam tal como ele as herdou de seu pai. Há pouquíssimas mesas; às refeições e na varanda só se usam bancos corridos. A comida é servida em horários tão irregulares que, nos próximos dias, serei forçado eu mesmo a providenciar pelo menos o café da manhã. Normalmente serve-se o café às 9h, mas hoje ele só foi servido às 12h. O almoço é servido habitualmente por volta das 4-5h, economizando-se, assim, o jantar.

Constantin terminou hoje de preparar a ema e a seriema.

O padre chega hoje de outra grande fazenda, situada nas proximidades de Curvelo, uma recente aquisição sua. Ela abrange 5 léguas e alimenta cerca de 700 cabeças de gado.

Por que será que esse padre, que não tem herdeiros, juntou tanta fortuna? Ele tem alguns irmãos e irmãs, mas nenhum deles é casado.

Muitos barreiros da mesma natureza dos anteriores. Há calcário bem perto daqui.

A fazenda recém-adquirida, com 700 cabeças de gado, 100 éguas-mães (matungos) e 15 escravos, custou ao padre 14.000 cruzados; a sisa, cerca de 1.400; indenização pelo grande número de gado e pelas melhorias imediatamente necessárias, 18.000 cruzados, o que, mesmo para uma propriedade rural dessa extensão, é muito dinheiro.

Hoje foi dia de jejum - não conseguimos saber por quê, embora tenham nos explicado. Não tivemos café da manhã; às 12h, serviram um pouco de carne, couve e arroz. Esperamos em vão pelo almoço, na ilusão de que esperavam pelo padre. Ele chegou, mas o almoço não. Por volta das 9h da noite, fomos chamados para o jantar: serviram-nos couve, arroz e canjica, mas absolutamente sem carne.

28/10

Hoje é feriado. Os negros fizeram arruaça a noite inteira até às 4h da manhã, com cantorias, danças e música, em homenagem à chegada do padre. Como quase todo mundo, ele também não conseguiu dormir. Como os negros não precisariam trabalhar hoje, vão poder descansar. Eles não se importam de ficar a noite inteira em volta da fogueira tagarelando, ou cantando, ou dançando e fazendo barulho.

Gostei muito do Padre João Marques. Ele me parece ser um homem esclarecido. Apesar de seus 54 anos, está bem disposto e forte.

A melhor forma de se proteger um barril contra a broca (um inseto) é besuntá-lo com óleo de rícino ou de mamona. Normalmente usa-se breu ou resina (alcatrão), mas não é suficiente.

29/10

O dia de ontem ficou nublado; à noite, pouca chuva.

O principal produto comercial que sustenta esta fazenda é a plantação de algodão, que prospera muito bem aqui. O algodão é plantado em agosto e setembro, no campo roçado, juntamente com o milho, numa distância de 5 a 6 palmos um do outro. O milho é colhido em março, e, onde possível, o algodão é capinado, já que ele só será colhido em agosto e setembro, portanto, um ano após ser plantado. Como os terrenos aqui são muito grandes, já se preparou uma nova roça para ser plantada. As plantações antigas são abandonadas; podam-se apenas os galhos maiores, sem, no entanto, capiná-los. Os galhos podados começam a brotar novamente na nova capoeira que se forma, sendo a segunda brotação às vezes até maior do que a primeira. Quando é possível, capina-se essa nova plantação, e, nesse caso, o rendimento é certo.

O algodão obtido é empacotado juntamente com os grãos e vendido em arrobas, que dizem ser mais vantajoso para o plantador. Além disso, existe o descaroçador, com cilindros de madeira, que podem ser operados por crianças, ou com pequenos cilindros de ferro movidos a água. Se o algodão limpo for para exportação, faz-se necessário, então, usar a prensa. Esta comprime o algodão em fardos de 3 a 4 arrobas, que são depois transportados em mulas.

Os cilindros de ferro, conforme me disseram, têm a desvantagem de rasgar e queimar o algodão, pois, como giram muito rápido (através de uma roda de moinho), esquentam muito. Os cilindros de madeira exigem mais tempo e trabalho braçal.

Para quem tem muitos escravos, sobretudo mulheres e crianças, algodão é o tecido utilizado, principalmente, para fazer suas roupas; o

resto é vendido.

Todas as mulheres e moças passam o dia inteiro fiando, tecendo, cardando e rastelando o algodão. Cada negra tem que aprontar meia libra de algodão por dia - algumas chegam a fiar uma libra. Geralmente produz-se um fio grosseiro, que é usado para fazer sacos e vestimentas para os negros.

Preços do algodão com semente (a arroba):

Preços do algodão sem semente (a arroba):

Preço de 1 libra de fio:

Preço do tecido de algodão por vara:

Padre João Marques assegurou-me que a plantação de algodão lhe rende mais do que a sua próspera lavação de ouro no rio das Velhas, além da grande vantagem de ser um trabalho bem mais suportável para os escravos. A lavação de ouro é altamente nociva à saúde e desvantajosa. Ele atribui a essas condições favoráveis o aumento da procriação, na medida em que o número de escravos se eleva consideravelmente a cada ano. As mulheres têm uma vida tranqüila, trabalham sentadas e não precisam fazer muito esforço. A maioria é crioula. Somente as moças de má conduta ficam trancadas durante a noite; as outras ficam com seus pais.

Os negros, crioulos, em geral, escravos de todas as cores (mulatos, cabras[120] e outros) são vendidos quando se comportam mal, de forma que reina muita tranqüilidade nesta fazenda.

Cada negro tem a sua própria roça, onde ele pode trabalhar por conta própria aos domingos e feriados; também é permitido a todos criar galinhas e porcos. Quem paga ao feitor a diária de meia pataca pode trabalhar para si próprio em sua roça ou onde quiser. A maioria

tem seu próprio estoque de toucinho, ovos, feijão, milho, etc. Todos os feriados, parciais ou inteiros, pertencem aos negros.

30/10

Com exceção de alguns insetos, os mais comuns, não se vê quase nada aqui que anime a natureza, embora já se vejam muitas flores de primavera.

Com a chegada do padre, a ordem voltou a reinar na casa: café da manhã, almoço e jantar são servidos nas horas normais.

A caça tem nos fornecido, diariamente, algumas novas espécies, principalmente *Trochilos*, pois não temos mais chumbo fino.

Estou ansioso para que as espécies de maior porte, como o avestruz (ema) e a siriema, fiquem secos e as caixas fiquem prontas, para não abusar da hospitalidade do padre.

Hoje tive oportunidade de escrever para o Comandante Manoel Ribeiro Vianna, da Vila de Santa Luzia, para desejar-lhe felicidades pelo seu casamento, sobretudo porque acredito ter contribuído, de certa forma, para acelerar sua decisão.

A água dá virilidade e vigor!

Acho que esse é um aforismo de Hipócrates; recordo-me de ter lido as mesmas palavras em alguma nova obra de medicina - talvez de Osiander.

Tendo em vista a idade avançada das pessoas desta região, não posso deixar de observar que essas pessoas, vivendo sob este clima temperado, alimentam-se mais de vegetais do que de carne; raramente - alguns talvez nunca - bebem vinho, mas água de fonte ou de rio, nem

mesmo água de poço. Mais perto da nascente do rio das Velhas, existem mais montanhas ferruginosas. As montanhas de calcário só aparecem abaixo de Santa Luzia. É raro ver bócio por aqui.

Esta fazenda deve sua riqueza e prosperidade unicamente à atividade agrícola. Houve anos em que a renda do algodão ficou em torno de 40.000 cruzados, o açúcar, entre 12.000 e 15.000, e a aguardente, 10.000. Esta terra dá tudo, com exceção de sal, vinho e medicamentos europeus.

Aqui vêem-se poucos coqueiros, e o óleo que se usa para queimar é o do rícino. Há mais de 100 bois de carga, uma grande quantidade de vacas e bezerros; um rebanho de ovelhas, só por causa da lã, pois aqui não se consome carne de carneiro; porcos em quantidade inumerável. Das 40 mulas, morreram sete[121]. Há peixes nos rios vizinhos, Jequitibá e rio das Velhas.

Os cereais, trigo e centeio, prosperariam muito bem aqui, tanto quanto em Casa Branca e Jacuara, onde diariamente se come pão de centeio. Aqui, os habitantes preferem farinha de milho e angu ao pão.

Planta-se e colhe-se muito milho, que constitui a grande riqueza da fazenda. Existe um moinho de cereais[122] e um monjolo para fazer a canjica. O feijão só cresce quando o clima é favorável - 200 vezes [?]. Sobretudo o feijão das águas prospera mais quando plantado nos meses de setembro, outubro e novembro.

O tamanho da horta é proporcional ao do estabelecimento; diariamente colhem-se dois grandes cestos de couve.

NB: Ela é amontoada junto com o bagaço, isto é, restos apodrecidos de cana-de-açúcar.

Açúcar e aguardente existem em abundância. Para as vestimentas,

usam-se o algodão e a lã de carneiro. Também há muita laranja. O óleo para queimar é o de rícino. Eu diria ainda que, se o proprietário tivesse interesse, ele poderia também extrair ouro, pois o rio das Velhas, abundante em ouro, passa bem perto de sua casa.

O que falta, então, a esse religioso? Nada mais além de uma mulher para usufruir de sua amizade e confiança e para herdar toda essa riqueza.

No entanto, devo observar que, nesta casa, não faltam criaturas femininas, pois ele tem quatro irmãs solteiras, sendo que a mais nova já passou dos 50 anos. Cada uma tem sua criadagem feminina, composta de mulatas e cabras. Além delas, há não sei quantas crianças brancas enjeitadas, que foram deixadas na frente da casa. Nos feriados, elas ficam em companhia das senhoras, mas, nos dias úteis, trabalham na fiação e tecelagem, para garantir seu pão e sustento.

A saúde dos escravos é a maior preocupação do proprietário. É por esse motivo que ele não é um amante da lavagem de ouro: vai contra a natureza humana, além de ser uma atividade desvantajosa e nociva à saúde reprodutiva dos negros.

O hospital funciona na residência, onde são feitos também os partos das negras, todos eles, segundo dizem, bem sucedidos. O padre só conhece um caso de morte de criança, e, mesmo assim, este se deu uma semana depois do nascimento.

NB: Desde que o padre voltou, passamos a ter colheres e garfos de prata decentes à mesa (talher de prata).

Há uma crença generalizada - e acredito ter ouvido isto também em Caeté, pelo Coronel Sá - de que as sementes de algodão são nocivas ao homem e ao gado suíno. Por isso, geralmente, elas são levadas para bem longe e jogadas no rio, evitando-se assim, também, que elas apo-

dreçam. O Padre João Marques assegurou-me que se trata de mero preconceito, embora ele próprio já tenha acreditado nele um dia. Sua larga experiência mostrou-lhe que essas sementes absolutamente não são prejudiciais. Ao contrário, ele as utiliza para alimentar e engordar os porcos, que as comem com prazer. Com isso, ele ganha uma vantagem considerável, pois, do algodão bruto, cerca de dois terços são sementes e um terço, algodão puro.

31/10

Vieram muitas pessoas, de ambos os sexos, para a missa; a maioria ficou, como é costume local, para o almoço. Mas só os homens almoçaram juntos; as mulheres e moças reuniram-se em seu santuário particular, onde, com exceção do médico, não é permitida a entrada de nenhuma alma masculina. Todas as moças do estabelecimento ficam numa casa com jardim e pátio próprios. Eu disse anteriormente que as moças moram com seus pais, mas aqui isso não ocorre. Elas são educadas de forma menos severa; às vezes, até recebem permissão para ir à casa dos pais nos domingos, mas retornam logo. As jovens que vi não são escravas, mas livres; outras são recém-casadas. Nesta fazenda existem cerca de 100 casais.

A louça de barro trazida de Caeté para cá é de má qualidade e vendida por preços absurdos.

Não posso esquecer de falar aqui da cobra sucuri (*Boa Constrictor*), que já começa a aparecer por aqui, mais precisamente nos rios Cipó e Preto, e quanto mais se adentra no sertão. Também na região do rio São Francisco deve haver muitas. Elas vivem em alagados, procurando se agarrar em raízes ou galhos de árvores por meio da extremidade, em

forma de chifre, de seu rabo, o que lhe dá apoio para se projetar para frente com mais força e assim dominar a presa.

Já se observou que as crioulas são mais férteis do que as negras da costa.

Homens brancos de 70 a 80 anos de idade casaram-se com moças de todas as idades e tiveram muitos filhos. Aqui nesta terra, as mulheres dão à luz até com mais de 50 anos.

Informaram-me hoje, pelas redondezas da casa de João Marques - três ou quatro hóspedes pernoitaram aqui, e indaguei sobre a idade avançada das pessoas - que, há pouco tempo, morreram pessoas de 120 e 116 anos. Deram-me quatro ou cinco nomes de pessoas com idades superiores a 100 anos: a maioria é de mulheres, e os homens de idade avançada geralmente são portugueses europeus.

Antigamente, antes da vinda do Rei de Portugal ao Brasil, os portugueses e as primeiras famílias mantinham-se isoladas dos mestiços luso-brasileiros. Os portugueses consideravam uma vergonha casar-se com membros de famílias luso-brasileiras. Ainda hoje, muitas famílias procuram se manter puras, evitando perder o sangue nobre com casamento mistos. Em nenhum país vi tantos casamentos entre parentes consangüíneos próximos (primos com primos, tios com sobrinhas) como aqui. Esse certamente é o motivo por que se proíbe o contato e relacionamento do sexo feminino com estranhos; somente os parentes próximos têm acesso à família.

01/11

Dia de Todos os Santos. Um dia marcante na História portuguesa, ou seja, dia do terremoto de Lisboa, em 1756.

Outro dia de missa, que reuniu um número maior de pessoas em comparação com ontem. Entre outros, havia alguns amantes da caça, que falaram longamente sobre tamanduás-canastra[123], tamanduás-mirins e tatus-canastra. Eles só abandonam suas grandes cavernas à noite e, normalmente, nas épocas de chuva; são facilmente abatidos em noites de lua cheia.

Meu arrieiro e o caçador Constantin estão infelizmente com doença venérea, de forma que não sei o que fazer e como continuar minha viagem. Estou pensando em deixar aqui pelo menos o Constantin, para que, quando estiver curado, possa caçar, para mim, um bandeira e um canastra.

Desde que deixei Caeté, tenho ouvido e visto cada vez mais as conseqüências da terrível sífilis, mais do que em qualquer outra região percorrida. É mais comum encontrar aqui o cancro[124] e o bubão do que gonorréia; não raro reconhecem-se os sinais da sífilis pelas úlceras no nariz.

Toda doença crônica, independente do nome que tenha, é diagnosticada como doença venérea, e toda febre é tida como maligna. Úlceras, pólipos e eczemas, tudo é doença venérea.

Em toda parte, vê-se pedra calcária decomposta, que forma barreiros, barro salgado, bem próximos ao córrego do Padre João Marques.

João Marques acusa seus conterrâneos de negligência. Quem é trabalhador, diz ele, pode ter tudo e ficar rico. Concordo totalmente com ele.

Compramos hoje um grande tatu-de-folha e um tamanduá-mirim. Deve haver muitos curiangos, *Caprimulgos* de rabo longo. As rolinhas cinza-aperoladas são conhecidas aqui como fogo-pagou - ou,

como eles mais ou menos pronunciam, fogo-apagou.

Hoje à tarde, depois de pagar o ordenado devido aos meus companheiros de viagem - como de costume, 12.000 mensais para cada um - achei necessário reembolsar o Sr. Ménétriès pelas despesas com a compra de material, com a ressalva de que, de acordo com o contrato, ele teria que entregar à expedição o primeiro e o segundo exemplar, podendo conservar o terceiro. Mas ele se recusou. Como a nossa discussão se tornava mais acalorada, o Sr. Rugendas se intrometeu para defender Ménétriès, batendo com o punho fechado em cima da mesa, pretendendo, com isso, dar mais força ao seu discurso, tudo isso na presença do Padre João Marques.

Caderno nº 12 - folhas 227-255
01 a 14 de novembro de 1824

01/11

Com toda discrição, chamei-lhe a atenção para o seu comportamento, fazendo-lhe ver que ele não se encontrava numa pousada, mas em companhia de gente civilizada. "Onde o senhor está, respondeu ele, não existe convivência civilizada." E continuou: "Para mim não importa se o senhor é cavaleiro da Ordem de um Rei ou de um Imperador da Rússia, pois vou-lhe dizer mesmo assim que o senhor é um cachorro!"

"Lembre-se bem, não esqueça o que o senhor disse na presença dos Srs. Riedel, Rubtsov e Ménétriès" - foi tudo o que lhe respondi. Assim terminou a nossa discussão, cujo tom já estava tão alto por causa dos socos na mesa que invadiu a casa inteira.

02/11

Como eu estivesse profundamente abalado com aquela conduta tão incivilizada, deixei para executar a decisão que imediatamente tomei somente quando estivesse com o sangue frio. Hoje, depois de muita reflexão e de uma noite de insônia, escrevi a carta anexa àquele jovem imprudente de 22 anos, que ofendeu, de forma tão grosseira, um senhor de 51 anos.

Hoje ainda houve muitas controvérsias quando tentamos fazer nossa prestação de contas. Que dia desagradável!

Vide anexos diversos:

Ao Sr. Moritz Rugendas:

Considerando que o senhor, já algumas vezes, se comportou de forma profundamente imoral em relação a mim, chefe da Expedição de Sua Majestade o Imperador de todas as Rússias; e que, ontem, dirigiu, contra a minha pessoa, os xingamentos mais grosseiros, esquecendo-se, portanto, da consideração que me deve pela minha idade, posição e dignidade, participo-lhe que o senhor está dispensado de todas as obrigações para comigo, pelo que devo lhe solicitar que entregue todo o material pertencente à expedição, bem como os desenhos feitos para a mesma. Ainda hoje lhe pagarei o dinheiro necessário para a viagem ao Rio de Janeiro, bem como o saldo da remuneração que lhe é devida.

Nossos conceitos de sentimento de honra são tão diferentes, que o julgamento de um jovem artista me é tão indiferente quanto o seu comportamento em relação a mim em várias oportunidades, **uma vez que ele e o Heinrich se candidataram para uma colocação na cidade do Rio de Janeiro. Da mesma forma, é-me indiferente o fato de o senhor ter retirado, às escondidas, de minhas cartas pessoais, palavras soltas e desconexas e as ter divulgado, de forma parcial e distorcida, entre pessoas alheias ao nosso trabalho.**

Insultos grosseiros merecem desprezo. Tenha uma boa viagem! O senhor deve tomar o caminho por Ouro Preto, onde vai receber o seu passaporte (escreverei a Sua Excelência o Senhor Presidente nesse sentido).

Quando chegar ao Porto de Estrela, queira mandar para a Mandioca a mula que lhe for dada para a sua viagem.

Incumbirei o Vice-Cônsul de Sua Majestade o Imperador de todas as Rússias, o Sr. Kielchen, de receber, no Rio de Janeiro, os desenhos anteriormente feitos para a expedição.

G. v. Langsdorff

N.B: As considerações e citações acima sublinhadas referentes a comportamento imoral foram retiradas.

Anexo à 403:

Ao Sr. Vice-Cônsul P. Kielchen,

Infelizmente, vi-me obrigado a despedir o pintor Moritz Rugendas e mandá-lo para casa, tendo em vista seu comportamento altamente incivilizado, que acabou se degenerando em xingamentos grosseiros. Vejo-me, agora, na obrigação, bastante desagradável, de providenciar o cumprimento de um contrato firmado em termos plenamente legais e de delegar-lhe essa incumbência, para ambos, bastante constrangedora.

Reza o nosso contrato, que, há muito, ele já vinha quebrando diariamente, e cujo original mandarei buscar na Mandioca para entregar ao senhor, que todos os croquis e desenhos feitos por ele tanto na viagem anterior como nesta, assim como todas as tintas, pincéis, lápis, tintas a óleo, papel, etc. terão que ser entregues ao nosso Governo.

Aquele senhor fez muitos desenhos, mas não os entregou. Como sei das dificuldades e transtornos que um processo judicial contra ele trará ao senhor, poderei, pelo menos, exigir-lhe o cumprimento de outra cláusula do contrato, qual seja a que determina que ele faça uma declaração por escrito, na forma contratual, comprometendo-se a não divulgar e nem permitir a ninguém que divulgue os croquis feitos durante a

viagem, até que eu tenha publicado meus escritos de viagem.

Como esse assunto envolve a honra do meu Estado, insisto no cumprimento dessa cláusula.

Além do mais, ele deverá e irá lhe entregar também vários croquis feitos durante a viagem a Morro Quendo. [?]

Peço-lhe que tente conseguir dele ainda mais alguns desenhos.

Peço-lhe ainda que exija dele uma declaração de que eu não lhe devo mais nada. Sua estada de dois meses na cidade causou uma confusão que acarretou uma despesa de 27.000 réis. Quando ele lhe enviar os croquis restantes, peço-lhe que cobre dele essa quantia.

Graças a Deus me livrei desse mau-caráter, desse intrigante, provocador e agitador, que estava sempre instigando os outros contra mim.

Do Sr. Padre João Marques a Tijuco,

vai-se a Guara [?]	2½ léguas
Ponte caída	3½
Morro quendo [?]	3
José da Silva Lachado	4
(Serra) Capões	2
Paraúna	3
Arraial Gouvea	3½
Bandeirinha	3½
Tijuco	2½
Para encostar os animais, é melhor o paiol da pólvora perto de Tijuco	1 légua

Outro roteiro de Santa Luzia para Tijuco:

De Santa Luzia até Macaúba	2 léguas
De lá para Tacuara	2
Jaboticatubas	3
Joana	4
Rótulo	1½
Riacho Fundo	2½
Lapinha meio da serra [?]	3½
Carapinas	
Congonhas	
Andrequicé	2
Paraúna	1
Cachoeira	4
Até Bandeirinha	7
Tijuco	2½

Barra de Jequitibá

03/11

Conversa entre um viajante europeu no Brasil e um brasileiro:

Brasileiro: - Então, o que o senhor acha de nosso país?

Europeu: - Bom, ruim ou médio, como quiser.

Brasileiro: - Sim, o senhor tem razão. Esta terra é boa, mas tudo aqui ainda é selvagem e rudimentar. Temos riquezas que não conhecemos, mas somos ignorantes e cegos, não sabemos como utilizar essas riquezas. Posso lhe perguntar qual é a sua nacionalidade?

Europeu: - Sou alemão.

Brasileiro: - Ah, é o país da nossa Imperatriz. Então, o senhor é batizado. Pensei que o senhor fosse inglês - eles não são batizados.

Ou:

Europeu: Sou francês.

Brasileiro: É uma nação inteligente; todas as mercadorias que vêm de lá são bonitas, muito mais do que as inglesas.

Ou:

Europeu: Sou inglês.

Brasileiro: É uma nação comerciante rica, que quer levar para lá todas as nossas riquezas. Nós não temos nada; trabalhamos sempre para os ingleses; todo o nosso ouro vai para a Inglaterra. Faz frio em seu país?

Europeu: - Sim, muito frio.

Ou:

Europeu: Sou russo.

Brasileiro: Ah, o senhor vem do grande Império Russo! É um dos maiores impérios. Bonaparte não conseguiu executar nada contra Alexander. Dizem que, na Rússia, faz muito frio. É mais frio do que aqui?

Europeu: Ah, muito mais frio, tão frio que a água fica dura como pedra.

NB: Segue-se extensa descrição do congelamento, que a muitos poderá não fazer sentido algum.

Brasileiro: O que vocês produzem?

Europeu: Trigo, cereais, ervas, aveias, vinho, porcos, gado vacum, batata.

Brasileiro: Milho, feijão, mandioca, isso não existe lá? E laranja, café e banana?

Europeu: Explicação sobre tudo isso.

Brasileiro: Então, vocês vivem melhor do que nós?

Europeu: Ah, sim, muito melhor!

Brasileiro: Vocês têm também muitas riquezas (falando com um alemão)? Na Inglaterra e na França há muitas fábricas, o senhor sabe?

Europeu: - Mais do que aqui.

Brasileiro: - Não podemos ter fábricas, pois ninguém aqui sabe como montá-las e dirigi-las. Nós vendemos nosso algodão cru para os ingleses, e, em troca, eles nos mandam suas mercadorias a preços altos.

O Governo não nos dá qualquer apoio, de forma que continuaremos, ainda por muito tempo, na ignorância, se seus amigos não quiserem nos ensinar.

Agora ainda está muito melhor. Antes éramos proibidos de praticar qualquer outra atividade que não fosse escavar ouro; chegaram inclusive a queimar os teares. Antigamente, também não nos era permitido qualquer relacionamento com estranhos. Como não havia mercado para nossos produtos, quase não compensava o esforço do empreendimento.

Se o senhor me permite, gostaria de saber o que leva em tantas

caixas. São mercadorias? O senhor gosta desta terra?

03/11

Hoje será um dia agradável e tranqüilo: o Sr. Rugendas partiu. Que Deus o acompanhe!

Hoje me trouxeram balsâmica, também sete-sangrias - *Mikania*[125], uma planta cujas folhas tem odor balsâmico e é, conforme me disseram, um antiescorbútico. A raiz de mil-homens (*Aristolochia*) dá um chá agradável, freqüentemente usado contra febre, picada de cobra e muitos outros casos.

Desde que estou nas vizinhanças do rio das Velhas, tenho visto novamente pessoas idosas e jovens com dentes bonitos, o que é raro na Província do Rio de Janeiro. Anciãos de 60-70 anos ainda exibem todos os dentes.

Desde que cheguei à Província de Minas Gerais, ainda não tive dor de dente, enquanto que, no Rio de Janeiro, eu sofria quase todos os dias.

04/11

N° 30, indicado com 227, enviada para a Mandioca com o Sr. Rugendas.

Uma caixa ficou pronta hoje de manhã. A úlcera do tropeiro doente abriu. Depois de amanhã, se Deus quiser, poderemos retomar nossa viagem.

05/11

Após longos dias de tempo seco e quente, finalmente choveu um pouco. O agricultor começa a plantar pela segunda vez, pois ele deve contar com a eventualidade de a primeira semeadura, de setembro, estar seca. Se não chover logo e bastante, então deve-se temer a falta de alimentos. Já houve o caso de um ano em que a chuva também só apareceu no dia 10 de novembro, e, no entanto, foi um ano muito fértil, com grande produção de alimentos.

Casualmente, gostaria de abordar a questão da celebração de missas, mais precisamente, o comércio que se faz nessa área. Uma missa em Minas custa de 2 a 3 patacas; no Rio de Janeiro, 1 pataca. Como faltam sacerdotes em Minas, envia-se o dinheiro para o Rio de Janeiro para se conseguir a celebração de missas, e lá os comerciantes auferem grandes lucros com esse comércio.

Aqui em Jequitibá, o fubá é trazido em lombo de mulas para os trabalhadores na roça.

Ontem acompanhei o Padre até o rio onde está a armadilha de pesca que ele mandou fazer em Jequitibá. Uma represa dessas custa no mínimo 100.000 réis. Ela é feita com madeira resistente, a aroeira. As águas do rio são compelidas, pelos dois lados, para o centro, de onde caem, numa altura de aproximadamente 4 pés, num cesto. Os peixes vão se amontoando no fundo, que é inclinado para cima, um pouco mais alto do que o espelho d'água que cai dentro dele. Em épocas de chuva, quando o rio está turvo, não é raro caírem 100 peixes de uma só vez no cesto. Todo o sistema é bem reforçado; resiste até aos grandes troncos de madeira trazidos pelo rio. O junco que se trança para fazer o cesto chama-se aqui taboca e tem que ser restaurado a cada dois

anos[126]. É todo de madeira e bem reforçado, não como outros tipos de bambu, que são ocos por dentro. O cesto tem cerca de 50 pés de comprimento.

Pari ou armadilha de pesca em Jequitibá.

O bambu, parecido com a taquara, com que se trança o cesto chama-se taboca.

		ruptura
	cesto de peixes com 50 pés de comprimento	
rio		
mourão	água	

Se a taboca fosse menos lenhosa e rígida, até se poderia fazer açúcar com ela, de tão doce que é. Provavelmente ela é o verdadeiro bambu, já que as taquaras são ocas, não são bambus. A taboca é toda ela lenhosa e doce; as menos rígidas são consumidas pelos porcos.

O dia todo esteve nublado e chuvoso, até mesmo frio em relação ao dia anterior.

Algumas idéias para lavoura e agricultura:

A terra não é cultivada. É adubada com as cinzas das queimadas de mato, é fofa e fértil por si mesma e consiste de argila vermelha. Mesmo após anos sem ser cultivada, ela dispensa adubos especiais. Aqui não se conhece o arado. É pela estação do ano que o agricultor se orienta para plantar, podendo fazê-lo duas vezes por ano: em março-abril e em setembro-outubro. Muito pouco se investiu em novas experiências: um segue o exemplo do outro e de antepassados. Planta-se

somente o que é mais vantajoso, e com isso deixa-se de lado o que é agradável. Aproveitam-se pouco os cereais cevada e trigo; prefere-se o milho a qualquer outro alimento, até mesmo à mandioca.

Aristocratas, donos de terras e funcionários civis e militares de Portugal achavam-se tão superiores aos brasileiros recém-chegados de famílias desconhecidas, que o casamento com tais famílias era considerado uma ofensa ao sangue europeu português. Casamentos desse tipo nunca foram permitidos e, quando aconteciam, provocavam discórdias familiares.

Faço essa observação, porque St. Hilaire considerava a mistura de europeus com brasileiros (em Minas) um elemento de formação do caráter.

Vacina e varíola

É no Brasil que a varíola natural é mais devastadora, conforme mencionei em Nossa Senhora das Mercês e J. Eschwege. A doença grassou neste estabelecimento há alguns anos, matando seis pessoas, a maioria, mulheres grávidas que acabaram abortando.

Os proprietários rurais não podiam diagnosticá-la ou mandar vir do Rio de Janeiro as vacinas. Se eu tivesse conhecido antes Minas e os mineiros, teria trazido a vacina e vacinado os adultos e crianças daqui. Dessa forma, eu teria podido compensar os mineiros por sua grande hospitalidade. Foi somente há poucos meses que o governo deu ordens no sentido de que nenhum negro fosse trazido para Minas sem ter sido vacinado.

Anexo de 417:

Algodão: bruto com caroço (a arroba)	750-800
sem caroço	2.400-3.000
a libra de fio grosso esticado	200
o tecido (preço normal) p/ vara	100-120

Uma negra fia meia libra por dia. Ela recebe 2 libras de algodão e tem que descaroçá-lo e fiá-lo em 24 horas. Uma negra tece por dia 10 varas, e um negro, 16.

Uma escrava recebe, diariamente, 2 libras de algodão com sementes. Ela tem que separar as sementes e fiar. Duas libras de algodão com semente fornece, depois de limpo e fiado, meia libra de fio, quantidade que elas devem entregar por dia. Aqui há 15 teares para mulheres, sendo que cada uma tece diariamente 10 varas. Os homens tecem de 16 a 18. O tear daqui não é tão completo como o de Casa Branca. Nos de lá, a naveta é lançada através de um batedor e um cordão. Aqui, isso é feito com as mãos.

Os negros possuem um crânio bastante forte, que eles usam como arma de proteção. Nas brigas, após um pequeno impulso, eles batem o crânio com tanta força no peito ou no estômago do rival, que muitas vezes chega a matar. Já vi um negro abrir ou arrombar uma porta com o crânio.

Seria isso conseqüência do hábito que têm de carregar as coisas mais pesadas na cabeça? É comum vê-los carregar oito ou mais arrobas em cima da cabeça, como, por exemplo, uma grande cesta cheia de roupa molhada, ou cheia de laranjas, ou uma mala que duas pessoas mal conseguem levantar. É de se admirar a habilidade com que equili-

bram na cabeça desde pequenos potes até caixas enormes.

O sertão (interior) não é tão deserto e agreste como descreveu St. Hilaire. Já estamos no sertão, e ainda é uma região fértil e habitada. As redondezas de Curvelo são chamadas de sertão. No interior, as grandes fazendas ficam quase sempre distantes umas das outras; além delas, vêem-se apenas algumas cabanas de moradores ou feitores dos grandes rebanhos. Onde existe muito gado, também há muito abate. Os pastos têm que ser grandes e extensos, já que aqui não se planta forragem (gramíneas), e os rebanhos são deixados ao ar livre durante muito tempo. Por isso, aqui as fazendas têm 3 léguas de comprimento e de 4 a 5 léguas de largura, às vezes até mais do que isso. Nesta região, faz-se também muito curtimento de peles, particularmente couro para solado; a natureza é tão pródiga que já fornece todo o tanino necessário. A angelina e o barbatimão crescem em todos os campos do sertão[127]. Um curtidor habilidoso faria fortuna aqui.

Freqüentemente é preciso reduzir o número de cabeças de gado vacum e de cavalos, porque, no período da seca, os rebanhos não têm pasto suficiente.

Naturalmente falta tudo neste sertão; instituições policiais então, muito menos.

Casas e cabanas ficam abertas: há poucos casos de roubo por aqui. Mas, se por acaso alguém invade e rouba uma casa, ele é perseguido e fuzilado pelo proprietário. Todos se reservam esse direito.

Hoje à tarde, pela primeira vez, começou a chover forte, com ventos do norte. Estava bem mais fresco. Aqui ventos do sul normalmente trazem chuva, mas eles ocorrem raramente. Os ventos do norte estão definitivamente associados a chuvas, embora não contínuas.

Hoje à noite ainda choveu muito. De manhã, tão logo rompeu o

dia, trouxeram-me um cesto cheio de peixes recolhidos no pari ou armadilha de pesca. Eram mandis (um peixe cartilaginoso com barba de fios longos e com manchas coloridas) e dourados, uma espécie de *Salmo* que se distingue principalmente pelo prolongamento das espinhas centrais em forma de seta que formam o rabo.

Trouxeram-se também, hoje de manhã, uma cobra cascavel com cerca de dois pés de comprimento. Sua picada é muito perigosa e temida; dizem que não há remédio para ela. O homem comum conhece vários medicamentos infalíveis contra isso; mas deve-se observar também que mesmo agricultores conscientes e instruídos consideram venenosas todas as cobras, sem exceção.

Algumas vezes fui chamado às pressas para atender pessoas que tinham sido picadas por cobra venenosa. Eu corria para o local e encontrava a pessoa quase em convulsão de tanto pavor, com o braço inchado, gemendo e gritando: "Eu vou morrer, Deus fique comigo!" Eu chegava a ficar assustado. Minha primeira pergunta era: "Não mataram a cobra? Onde ela está?" Eu não encontrava qualquer sinal de sangue ou de penetração de dentes. Então, traziam a cobra: uma espécie absolutamente inofensiva por natureza, sem qualquer veneno - uma cobra-coral.

Isso me deixava, de certa forma, até tranqüilo. Eu tratava logo de consolar o doente: "Essa cobra não é venenosa. Não foi outra que o mordeu?", perguntava eu ainda, pois não conseguia uma explicação para o abcesso e o braço inchado e cheio de sangue. Ao examinar mais de perto, vi que a parte superior do braço, escondida sob camisa, tinha sido amarrada ou garroteada de uma forma terrível, com a intenção de impedir que o veneno entrasse na corrente sangüínea e se espalhasse pelo resto do corpo.

O abscesso estava tão grande que tive muita dificuldade em cortar a faixa sem ferir o braço. Além disso, o doente estava apavorado e reclamava muito de dor, embora o ferimento fosse tão pequeno que mal dava para ver.

06/11

Para lhe dar a impressão de que eu estava lhe prescrevendo um medicamento, mandei que lhe dessem pólvora inativa dissolvida em água, já que não achei nada mais conveniente. Ele bebeu e ficou curado da picada de cobra - pretensamente mortal.

Pergunto-me se, em circunstâncias semelhantes, os remédios amargos e raízes tidos como infalíveis não teriam ajudado. Em dois casos a que assisti de picada de cobra realmente venenosa, ou melhor, de jararaca, o uso contínuo, interno e externo, de álcali volátil ajudou. Não posso afirmar que o remédio seja infalível. Os acidentes com jararacas pequenas e jovens são terríveis.

A benção que se dá a pessoas mordidas por cobra tida como venenosa ajuda certamente, mas apenas quando a cobra não é venenosa.

A maior e mais venenosa de todas as cobras da região é provavelmente a surucucu, que vive mais nos canaviais e se alimenta dos ratos que ali se aninham - em geral, em Mato Dentro e no litoral.

A cascavel só é vista em Minas e nas províncias do interior, nunca no litoral.

Na verdade, as cobras venenosas são poucas; as não venenosas e inofensivas são mais numerosas: caninana, cobra-cipó, cobra-coral, cobra-verde, jibóia e sucuriú[128].

Cascavel: dizem que a mordida é mortal, mas o padre contou-me o caso de uma pessoa que tomou álcali e flor-de-enxofre e não morreu. O macho tem o chocalho ereto; a fêmea pode ser reconhecida por seu chocalho transversal. Dizem que sua idade corresponde ao número de anéis do chocalho. Consegui aqui o chocalho de uma fêmea com 11 anéis; a cobra capturada hoje tinha oito.

É difícil entender como cobras de tamanho mediano conseguem engolir animais três ou quatro vezes mais largos do que elas. A cascavel de hoje tinha 8 palmos de comprimento. João Marques garantiu-me já ter visto uma bem menor engolir um coelho. Uma jararaca de 1½ palmo tinha uma gata inteira em seu ventre.

As cobras besuntam suas presas com sua baba e as engolem com pele e pelos. É assim que a sucuriú come um boi; os chifres ficam fora da boca e se separam do resto do animal devorado.

O curimatá, um peixe pescado hoje em Jequitibá, é também uma espécie de *Salmo*, mas menos saboroso, pois ele come muito barro. As *primae anales* são laranjas; as outras, cor de chumbo.

Aqui há uma pequena criação de carneiro. Ainda não vi, em nenhum lugar, grandes rebanhos de carneiros. Assim como na Europa, aqui também eles estão sujeitos a muitas doenças e mortandade. Mesmo assim, o proprietário disse que, em cada 150 carneiros, ele tira 100.000 de lucro. Os carneiros são tosquiados, a lã é lavada, batida e fiada, sendo que, com a metade, fazem-se cobertores para os escravos. Aqui e ali, sobretudo perto de Registro Velho (perto de Barbacena), já se via uma produção incipiente de artigos de lã. Mas o governo não quis dar ao proprietário o apoio financeiro que ele requeria, pois seus recursos já haviam se exaurido. A fábrica acabou indo à falência.

A terra é seca e bem apropriada para a criação de carneiros, mas

certamente não compensa a dedicação exclusiva a esse ramo de atividade, uma vez que o investimento necessário para se montar uma fábrica supera as possibilidades da iniciativa privada desta região.

A receita anual da fazenda de Jequitibá situa-se normalmente entre 8 e 12 contos de réis, ou seja, de 20.000 a 30.000 cruzados, descontadas todos os custos e gastos.

07/11

Na parte chamada Água Limpa, da propriedade da Srª D. Ignácia, existem barreiros, onde, em determinadas épocas, a terra fica branca de tanto sal acumulado. Provavelmente, esses seriam os locais onde se poderia encontrar sal mais facilmente.

É necessário verificar, com cuidado, se valeria a pena separar o sal de cozinha do salitre. Quantas partes de sal de cozinha estão contidas em determinada quantidade de salitre?

Idade avançada, dentes bons.

Provas tão evidentes da longevidade dos habitantes desta região - inegavelmente aqui se vive mais do que em qualquer outro lugar - levam-nos à necessidade de estudar seu estilo de vida.

Para começar, deve-se observar que aqui normalmente se toma o café da manhã algumas horas depois de se levantar. É uma refeição substancial, composta de feijão com carne de porco, derretida ou com um pouco de toucinho, e farinha de milho. Almoça-se por volta das 12h, quando, geralmente, não se toma sopa, mas feijão com toucinho, um pouco de carne bovina, couve e arroz.

A mandioca é menos usada do que a farinha de milho. O vinho

raramente vem para a mesa e, embora as grandes fazendas tenham grandes cubas cheias de aguardente, ela é pouco consumida. Água é a única bebida, mais precisamente, água de rio, que é armazenada em vasilhas de barro, onde fica um ou dois dias parada e se mantém fresca.

À noite, duas horas antes de dormir, serve-se um jantar leve à base de vegetais, normalmente canjica (milho) com ou sem açúcar, um pouco de couve, às vezes com um pouco de carne.

Antes de dormir, tomam um banho quente de pés. A cama ou leito é dura; usam uma coberta leve - um mero lençol de chita fina - normalmente sem forro. O travesseiro é um rolo, mas geralmente dormem sem travesseiro, portanto, com a cabeça baixa.

Em geral, os brasileiros comem muito chocolate, bombons, geléias, e sempre bebem água depois. Quando se pede um copo d'água, sempre se traz primeiro algum doce, porque, assim, dizem que a água mata mais a sede.

Não podemos deixar de falar do repouso após o almoço, a sesta.

Uma vida ativa.

Choveu forte a noite inteira e hoje durante todo o dia. Nesse meio tempo, finalmente aprontaram-se as caixas para despachar o material coletado. Fizemos as malas para partir amanhã, se o tempo permitir.

08/11

Hoje fizemos sabão, mas sem muito sucesso, devido à falta de cal. Construir bons fornos de cal nos arredores dos grandes povoados não seria um mau negócio, principalmente caso se construísse a capital no interior do Reino.

Embora cercados por pedra calcária, precisa-se mandar buscar cal a 12 léguas; mesmo assim, só se consegue cal extinta em lugar de cal virgem.

Pesca abundante durante a chuva. De ontem para hoje, pescaram-se 18 dúzias. Em anos anteriores, chegou-se a pescar cerca de 120 dúzias num período de 24 horas. Aqui a pesca é comercializada. Os peixes são salgados e destripados; às vezes, até as cabeças são cortadas. Depois são abertos por fora com cortes transversais e novamente salgados, isto é, friccionados com sal. No dia seguinte, são lavados e pendurados à sombra e ao ar quente. À noite, são embalados, com menos sal, em tonéis e despachados.

Cada tonel contém mais ou menos 6 dúzias e custa 6.000 réis.

Talvez para alguns seja interessante ter uma idéia dos custos de uma viagem como esta. Trata-se de um quadro geral feito com escrúpulos. Talvez outro possa consegui-lo por menos; a mim não foi possível.

Ménétriès recebe anualmente	1.800 francos
Riedel (deveria receber 2.000)	1.000
Rubtsov	1.500
Rugendas	1.000
Tropeiro	576
Tocador ou camarada	300
Aluguel de 4 escravos	1.200
Alimentação para 11 pessoas	7.000 (aproximadamente)
Manutenção de 14 mulas e ferraduras	5.000
Despesas imprevisíveis, compras, gorjetas, algodão, caixas e caixotes, transporte de caixas para o Rio	3.000
TOTAL	23.376

Alguns animais e insetos nocivos aos animais, à agricultura e ao homem são:

- a formiga, principalmente a carregadeira (N.B: A correição é útil).

- a mosca-varejeira, que provoca a bicheira.

- o morcego.

- o berne e a mutuca, uma espécie de tavão.

- o cupim - *Termes*, formiga branca.

- o vira-bosta, um *Oriolus*, que se alimenta de arroz e de todos os tipos de cereais em grande quantidade.

- a pulga-da-areia (*Pulex penetrans*)[129].

- mosquitos.

09/11

Acerto de contas com Constantin, que não nos acompanhará mais. Ele recebeu, em Santa Luzia, para o mês de outubro, nove patacas; e deixa de receber os meses de novembro e dezembro - 39 patacas.

Entreguei-lhe cartas para João Baptista Ferra de Iza Conto[130] e para o Comendador Manoel Ribeiro Vianna.

A chuva e trovoada persistem.

Vários insetos puderam ser vistos ontem: *Melolontha*, *Termes*. As formigas fêmeas voaram hoje (tanajuras). Boa comida.

Ontem tivemos sucesso com o sabão. Por causa da chuva, não pudemos viajar hoje. Os cavalos e mulas foram ferrados, as caixas embaladas; compramos todas as provisões e ajustamos um relógio solar para o padre.

Durante todo o dia de hoje, desde cedo, o pari recolheu muitos peixes. Dizem que o rio da Onça é o mais abundante em peixes.

A ponte próxima à propriedade de João Marques foi construída há 14 anos.

10/11

Hoje só se apanharam alguns timburés, piabas e pirapitingas, três pequenas espécies de salmão.

Trouxeram-me uma ema jovem. Mandei meus empalhadores preparar os peixes, já que não havia a menor condição de partir: chovia muito forte.

O tatu pentadáctilo desenterra os mortos e os devora. Diz-se que o grande tatu-canastra também é carnívoro.

Segundo o Padre João, bananas são muito estimulantes e nutritivas. Famílias que as consomem em grande quantidade são prolíficas.

Já me haviam dito várias vezes que, em épocas de chuvas constantes, as pessoas ficam obrigadas a permanecer no local, mesmo que indesejado, durante várias semanas. Nunca imaginei que iria experimentar essa dificuldade com tanta intensidade como agora. Há quatro dias estamos prontos para viajar, mas é impossível partir. Chove tanto durante a noite que, de manhã, não há quem queira ir buscar os animais. Riachos e rios se enchem, os caminhos ficam escorregadios, de forma que é muito perigoso seguir viagem e atravessar rios nesta época do ano. Conforme já nos preveniram, teremos que passar de 3 a 4 dias numa cabana miserável nas redondezas de um riacho até que as águas se tenham escoado.

11/11

Às 7h da manhã, o pessoal já tinha saído para buscar os animais, que haviam passado todo o dia de ontem no pasto e que, hoje, provavelmente estariam dispersados.

O tempo melhorou um pouco, apesar de o céu estar nublado e ameaçando chuva. Se Deus quiser, poderemos partir hoje.

Os animais chegaram por volta das 11h. Às 12h, almoçamos, como de costume, e à 1h30, partimos em direção a Onça. O Padre foi muito gentil em nos ceder um dos seus guias; sem ele não teríamos encontrado o caminho, embora este não estivesse propriamente ruim. Chegamos a Onça por volta das 4h30. Estamos a duas léguas de Barra de Jequitibá. É o início do sertão. Lá existem muitas casas e habitantes. O verdadeiro proprietário está morto, mas sua mulher ainda vive.

População/Idade

A mulher do primeiro morador desta região tem mais de 80 anos. Do seu casamento resultaram 11 filhos, todos vivos e casados, de forma que o mais velho já tem 12 filhos, e a filha mais nova, dois. Entre pais, filhos, netos e bisnetos, já são pelo menos 80 pessoas: pai e mãe, 11 filhos casados (=22), e cada casal com, no mínimo, 8 filhos, sem contar os bisnetos.

A propósito, a mãe do Comendador Vianna (50 anos) ainda vive e tem 80 anos. A mãe do Padre João Marques tem mais de 80 anos, assim como outras mães residentes em Onça.

A hospedagem é ruim, mas as pessoas são boas.

As tanajuras, machos e fêmeas, voavam à noite. Estas últimas servem de alimento. Elas aparecem depois da chuva. À tarde, elas se reú-

nem nos formigueiros, correm de lá para cá, misturadas umas às outras, para, à noite, saírem voando. Depois do acasalamento, provavelmente os machos morrem, e as fêmeas se enterram. Ambos possuem asas. Não sei se elas se acasalam enquanto estão no formigueiro ou depois. Tão logo é fecundada, a fêmea procura se livrar das asas, revolve-se na terra, as asas se enrugam e caem. Então, ela se enterra bem fundo. Observei os arredores de um formigueiro antigo, onde elas preferem formar suas colônias, e descobri que todas as formigas trabalhadoras ajudam a mãe a cavar o buraco na terra.

Já mencionei anteriormente que as formigas são comestíveis e que por isso os índios as cultivam.

12/11

De manhã cedo, de Onça para Guará - ½ légua

para Serra do Baldim - 1½ légua

de Riacho do Barro para Ponte Caída - 1½ légua

Antes de Serra do Baldim, à direita, está Abelha e Abrus o Rair [?], e uma aldeia com várias casas, Tibura [?], (...) distante quase meia légua de Ponte Caída.

O caminho de hoje foi bem variado: passamos por muitas capoeiras e vargens de campo; vários córregos que transbordam com as chuvas, mas que se escoam rapidamente, permitindo, assim, a sua travessia; muitos locais pedregosos, cobertos de quartzo e não cultiváveis - talvez apenas para o algodão. Sem guia teria sido impossível encontrar o caminho.

Tivemos novamente tempo bom. Desde que começaram as chu-

vas, é impressionante a quantidade de insetos; durante o período da seca, mal se via um.

Em Ponte Caída, encontramos uma pequena cabana utilizada para a fabricação de tijolos. Agora está desativada; talvez só se trabalhe aqui durante a estação seca. Havíamos trazido milho e alimentos. Não encontramos ninguém aqui.

13/11

Tempo bom e claro. Os animais foram levados, durante a noite, para campo aberto e só voltaram por volta de 7h. Uma hora depois deixamos a pequena cabana que nos abrigou da chuva da noite. O caminho nos levou por campos de capoeiras, onde se vêem algumas árvores aqui e ali.

Praticamente todas as árvores são atrofiadas devido às queimadas, ventos ou outros fatores eventuais; são pequenas, tortuosas e cheias de galhos retorcidos.

É estranho como todas as árvores de campos têm córtex grosso e com várias fissuras, como se a natureza quisesse protegê-las das chamas das queimadas anuais, que atingem apenas as gramíneas secas e alguns arbustos e plantas áridas do verão.

Esses campos teriam sido outrora grandes florestas? É uma pergunta difícil de se responder.

Árvores normalmente pequenas nas regiões elevadas alpinas, aqui, nesta região baixa em que nos encontramos, são grandes. Outra particularidade é que a vegetação dessas regiões quentes e baixas parece ser

mais tardia do que naquelas mais frias das cadeias de montanhas altas. Talvez o período das queimadas seja diferente e atinja a vegetação mais tarde.

Hoje percorremos 2½ léguas até o rio Cipó e passamos por locais pedregosos e secos, sem avistar sequer uma moradia. Devido às chuvas, o rio estava 16 pés mais alto do que a última vez em que o vimos.

Os animais carregados não conseguiram atravessar o rio, mesmo depois de cinco dias sem chuva. Os conhecedores do local nos garantiram que, se não chovesse durante a noite, poderíamos passar com os animais de manhã. Mas, como não podíamos nem queríamos arriscar, imediatamente mandamos buscar uma canoa nas vizinhanças, uma canoa pequena e precária (de tronco escavado), onde transportamos grande parte do efetivo para o outro lado. Em frente, havia uma cabana tão pequena e pobre que não deu para abrigar dentro dela toda a bagagem.

Os habitantes das margens esquerda e direita são pobres; eles têm permissão para cultivar um pedaço de terra, o que lhes garante uma alimentação mínima e miserável.

Um certo Machado comprou essas terras e aqui se estabeleceu. Apenas os baixios ao longo do rio Cipó, que raramente se alagam, são cultiváveis, embora ainda contenha vegetação arbustiva.

Com muito esforço e depois de várias horas, transportamos nossas caixas para a margem direita e pernoitamos em rancho aberto.

Os moradores da cabana replantaram hoje um alqueire de milho, porque a primeira semeadura de setembro estava toda seca. Se não chover mais, eles vão passar por necessidades.

14/11

Ainda de madrugada, foram buscar as mulas e trouxeram o proprietário da canoa. A água baixou muito desde ontem, de tal forma que hoje os animais poderiam passar carregados pelo rio, em caso de emergência. Mas, por precaução, decidimos utilizar a canoa para fazer o percurso, levando também o resto de nossa bagagem; os animais selados atravessaram a nado.

A construção de uma ponte aqui seria um grande fomento para o comércio. Este é um local de muitas travessias, mas as comunicações ficam obstruídas quando o rio transborda depois da chuva. Ele é impetuoso e corre sobre pedras e rochas.

Embora nos tivéssemos preparado bem cedo para partir, já eram quase 11h quando nos pusemos a caminho. Logo na saída, uma mula espantou-se, derrubou todas as caixas, e isso nos atrasou muito. Se não tivéssemos trazido ontem nossa bagagem para o lado de cá, não teríamos conseguido partir antes de 1h. Quem nunca fez uma viagem desse tipo não pode conhecer o valor que tem uma ponte.

Depois de uma boa meia légua de caminhos ruins e pedregosos e bosques ralos de campos de capoeira, onde todas as árvores exibiam sinais de queimada, alcançamos outro rio impetuoso, o rio Preto, que, felizmente, conseguimos atravessar a pé.

Caderno nº 13º - folhas 256-275
De 14 a 26 de novembro de 1824

Nos arredores do rio Preto, não há nem hospedaria, nem cabana, nem canoa; portanto, é desagradável e perigoso.

A região era bastante aberta, os campos secos e pedregosos, ligeiramente acidentada. À nossa frente estava a Serra da Lapa. A vegetação é diversificada, principalmente com muitas mangabeiras[131]. Os frutos ainda não estão maduros; elas ainda estão florescendo.

Meia légua depois de rio Preto, chegamos a outro riacho, de águas límpidas e cristalinas. Ficamos surpresos em não ver nenhuma moradia nas redondezas, afinal, é a existência de água que determina o estabelecimento das pessoas nos lugares.

O tempo estava muito quente. As duas léguas pareceram-nos mais longas. De fato, vale para este local a mesma observação feita em relação a Mato Dentro. A terra não tem valor e a sua medição é feita a olho. Por isso as fazendas e as léguas são muito maiores.

Só conseguimos percorrer as duas léguas - que, na verdade, correspondem a boas 2½ léguas - às 3h30, quando chegamos a uma grande fazenda, de José da Silva, chamado normalmente de Fechado. A última meia légua era constituída, na sua maior parte, de bosques, tendo, em alguns pontos, pastagens secas, onde avistamos muito gado.

Há 40 anos, nosso anfitrião, um homem de 64 anos, é proprietário dessas terras. Ele se queixa muito da alteração que o clima vem sofrendo, principalmente nos últimos anos. Ele diz que, desde 1814, as chuvas são cada vez menos freqüentes. A cana-de-açúcar, que antes

prosperava muito bem aqui, hoje está ressecada. Ele possui um moinho e planta cana-de-açúcar todos os anos, mas ela não vinga. A produção de cereais também não é mais tão regular e garantida como antes. Quando, por exemplo, a lavoura de milho vai bem, falta o feijão, ou vice-versa. O algodão é o único produto comercializado; a criação de gado e os cereais são suficientes apenas para o consumo mínimo de subsistência.

As tristes conseqüências da grande secura se farão sentir no futuro.

No inverno, ou seja, em julho e agosto, as matas se congelam; árvores, gramíneas e folhas mortas e secas estão prontas para serem queimadas, como preparação para futuras plantações. O fogo, no entanto, atinge proporções terríveis e acaba arrasando e destruindo matas, campos e terras.

Em setembro do ano passado, depois de forte geada, o fogo subiu a montanha e deixou em cinzas matas e terras num raio de mais de 14 léguas. Durante 22 dias, o ar ficou tão carregado de fumaça que mal se podia enxergar poucos passos à frente. Ao secar, a roupa ficava amarelada; os olhos lacrimejavam. Era até perigoso sair de casa. O fogo ardia em toda a região, espalhando-se até mesmo sobre o rio Cipó, que tem 20 braças de largura, e sobre outros menores. Não há canais, água, leis, nada que proteja a região contra as queimadas.

Neste ano também houve geada e fogo, mas só houve três dias de atmosfera carregada de fumaça.

Com o tempo, o que acontecerá com esta região, quando a chuva levar a terra cultivada e o solo estiver queimado e árido como um deserto?

Há 40 anos, as matas eram mais ou menos como agora. José da Silva diz que, graças a seus esforços e cuidados, tem agora mais matas

(capoeira) do que outrora[132]. As árvores sempre foram baixas, os galhos curvos e de casca grossa.

Com todas essas circunstâncias adversas, é de se admirar que esse proprietário rural tenha conseguido administrar com tanta eficiência a sua propriedade. Ele tem muito gado, cerca de 12 vacas leiteiras e outros.

As distâncias e os caminhos precários dificultam a produção e o comércio.

O homem tem 11 filhos ainda vivos, vários dos quais casados. Para estes ele já cedeu parte de sua terra.

Como se deve empregar o tempo aqui para garantir a subsistência? Tem-se que, sobretudo, tentar levar a água da montanha para as baixadas mais férteis, para aí poder plantar um pouco de cana-de-açúcar. Se o solo for bom, deve-se plantar, de preferência, algodão. Introduzir a criação de gado ovino. Talvez fosse conveniente investir em plantações de *Cochinilla*.

Apesar de todas as dificuldades, conseguimos aqui todo tipo de provisões.

Infelizmente nosso pequeno barril de aguardente foi atacado, durante a noite, pelas brocas (um *Bostrix*) e esvaziou-se. Conseguimos salvar aproximadamente a quantidade de uma garrafa cheia.

15/11

Tempo bom, muito vento à noite. Nos arredores da montanha é quase sempre muito ventoso.

Perto do rio Paraúna, há uma grande cachoeira, que, na época das

chuvas, pode ser ouvida a 4 léguas de distância.

Por desleixo, ontem, tarde da noite, o pessoal levou os animais para a capoeira fora da cidade, e não para o pasto bom que fica um pouco mais longe. Assim, hoje o dia foi de longa espera ociosa. Todo o pessoal, sem exceção, saiu em busca dos animais; já eram mais de 12h quando os encontraram. Como isso torna a viagem desagradável! Quando será possível conseguir aqui pastos bons e cercados ou estábulos para engorda de gado, de forma que seja possível prosseguir viagem a qualquer hora e sem entraves? Os gastos seriam menores e haveria menos reclamações.

Saí à cata de insetos. Roberto conseguiu alguns pássaros raros, dentre eles uma nova espécie de *Tinamus*.

À tarde, tivemos um pouco de chuva com trovoada e fomos obrigados a permanecer aqui, pois não quisemos arriscar subir a serra após as 2h ou 3h.

A raiz da mandioca de dois anos e meio é bem pequena e resseca dentro da terra.

O ano de 1819 foi um ano de escassez total. Como não choveu absolutamente nada, em agosto, o proprietário daqui ficou sem mantimentos. Enviou, então, sua tropa a uma distância de 22 léguas. Quando essa retornou, na noite do dia 11 de agosto, já não havia mais nada para comer. Neste ano, ele já mandou sua tropa dez vezes para buscar provisões.

16/11

Os bezerros daqui, bem numerosos, ficam sempre num grande

pátio cercado e se alimentam de palha de milho, na verdade, casca de milho. As vacas são ordenhadas de manhã; amarram-se as patas dianteiras dos bezerros e eles mamam na mãe. Depois as vacas vão para o pasto e à noite são recolhidas ou retornam por si mesmas para alimentar os bezerros. Normalmente as vacas ficam durante a noite até de manhã nas proximidades da casa. Há também porcos e galinhas em abundância - e, portanto, ovos, manteiga, queijo, toucinho, etc.

O ralador de raiz de mandioca é movido aqui por uma roda d'água simples. A água passa por baixo da roda, que corre numa correia. Uma grande roda é fixada no eixo, ou tronco de algodoeiro, e faz girar o ralador.

Choveu um pouco menos durante a noite; hoje, o céu está nublado. Às 7h, aguardávamos inquietos a chegada dos nossos animais, o que só ocorreu por volta das 9h.

Montamos ansiosamente os animais para subir a Serra da Lapa[133]. Nossa jornada até o alto da serra ou Capões é de uma légua, mas, como o caminho é bastante precário, considera-se como sendo duas. Apesar do céu estar nublado e ameaçando chuva, fomos poupados hoje. O calor estava suportável: mesmo no período entre o meio-dia e 3h, fazia pouco mais de 20°.

Inicialmente, o caminho passava pela baixada árida, no Cercado ou Fechado. Um bom quarto de légua adiante, começa-se a subir a serra, que, desde a sua base, é seca, pedregosa e rochosa. Apesar disso, a vegetação distingue-se pela quantidade de novas espécies e pela rica variedade.

O caminho, se é que se pode chamá-lo assim, tem a forma de uma escada com degraus ou níveis íngremes e altos, o que torna a subida bastante penosa para homens e gado e dá a impressão de que a distân-

cia é muito maior. De Fechado, tem-se a impressão de que a distância até a serra equivale à de uma pedrada; mas, após uma hora de escalada em linha reta, quase um quarto de légua adiante, vêem-se casas no sopé da montanha.

O caminho foi aberto por José da Silva, portanto, obra de um particular e, nesse sentido, bastante boa. Um governo que se preocupasse em atender aos interesses de seus súditos e em incrementar o comércio e as relações comerciais certamente voltaria sua atenção para esse caminho, que encurta a jornada de viagem em dois dias e meio ou em 6 a 8 léguas, e mandaria construir pontes sobre o rio Cipó e Rio Preto e uma estrada nessa serra. Isso facilitaria enormemente a comunicação entre Santa Luzia, Sabará, Ouro Preto e São João. Também seria razoável contruir aqui uma agência postal.

O Sr. Riedel encontrou, logo no início da subida da serra, um cáctus *Melocactus* maravilhoso: arredondado em cima e achatado e espinhoso embaixo, com o formato de um melão ou de uma abóbora, chamado feixe turco[134].

Percorrida uma légua, o caminho começa a melhorar. Já perto do alto da serra, chegamos a um vale relvado plano e úmido, banhado por um pequeno riacho. A vegetação é completamente diferente. Teríamos que trabalhar bastante para recolher todas aquelas espécies novas que se ofereciam; *Rhexia*, *Eriocaulon*, *Sauvagesia*[135], *Gramineae* apresentam novas formas; o vale parece ser muito fértil.

Daqui subimos por outra encosta e chegamos a outro vale, este banhado por um riacho bem maior. Encontramos *Vello*[136], *Barbacenia*, *Eriocaulon*, *Cassia*, *Rhexia*, *Banuister*[?], espécies de *Ribes*, numa variedade magnífica[137].

O Sr. Riedel já havia completado sua carga e apressou-se para

alcançar o destino da nossa jornada de hoje, onde chegamos por volta das 2h da tarde, depois de percorrer duas pequenas léguas. A nova variedade de espécies vegetais foi além das nossas expectativas.

Em um vale cercado, por todos os lados, por rochas elevadas, quase no topo da serra, encontramos uma velha cabana miserável, construída por seu proprietário há mais de 30 anos.

Um pequeno rancho, uma sala e um quarto já atenderiam às nossas necessidades de alojamento. Já estávamos preparados para não encontrar nada por aqui. Por isso lamentamos mais ainda a perda irrecuperável da nossa aguardente que vazou do barril há dois dias.

Pareceu-nos estranho uma pessoa de 40 anos escolher este local para se estabelecer, embora, no alto da serra, seja menos frio; quase não há geadas, e o clima é temperado.

Nos vales diversos, aparecem terras de vários tipos e matizes. A chuva depositou, em um local, areia e rochas; em outro, barro de diversas cores; em outros, marga; em outros ainda, pura terra vegetal ou terra de jardim. Com tanta diversidade de solo, não é de se admirar que a altura das árvores e o tipo de vegetação também sejam variados. Vimos pessegueiros e laranjeiras de 10 anos com tamanhos nunca vistos na Europa. O solo é altamente propício ao cultivo, mas o que se vê é pobreza, miséria e carestia.

O proprietário tem mais de 56 anos. Sustenta um irmão doente, além de sua esposa, três irmãs e não sei quantas parentes pobres, que vivem da fiação de algodão comprado por atacado, sendo que cada uma ganha, com muito esforço, 20 réis por dia. Além delas, há também dois negros livres, que vivem da esmola do proprietário e que trabalham quando lhes convém.

Com uma rápida olhada, percebe-se logo que é impossível para um homem de 54 a 56 anos administrar uma propriedade tão grande, nem trabalhando com muito afinco.

Com muito esforço, ele conseguiu plantar uma roça de 1½ alqueire[138] de milho. Antes o milho dava 200 por alqueire; hoje, com bons períodos de tempo, dá apenas 100. Dois alqueires de feijão dão, quando muito, de 12 a 15 por alqueire.

Há um pouco de arroz, tabaco e cana-de-açúcar. Para quê, se dizem que o algodão definitivamente não prospera aqui - não cresce muito e não dá nada? Dizem que é muito frio, mas cana-de-açúcar, banana e café prosperam muito bem.

Os cavalos, vacas e bezerros, bastante numerosos, fornecem leite e queijo; aqui não conhecem a manteiga. As vacas pastam no campo; de manhã e à noite, vêm para casa para alimentar os bezerros. Estes ficam com as patas dianteiras amarradas durante o dia. Enquanto pequenos, são mantidos no curral ou em cercados especiais. As vacas são pouco ordenhadas para poderem alimentar melhor seus bezerros.

Os prados crescem depois da chuva, a vaca dá mais leite, o bezerro come gramíneas, e, aproximadamente depois de um mês, faz-se queijo.

Em 40 anos, o proprietário não conseguiu comprar nenhum escravo. A doença e o sustento de seu irmão e de sua esposa são despesas sem retorno. As mulheres não trabalham no campo; mal conseguem manter uma pequena horta. Árvores frutíferas há poucas; porcos não há por aqui, pois os moradores não têm milho nem para sua própria subsistência.

Se ele plantasse milho ao invés de comprá-lo e passasse a comprar, isto sim, açúcar, rapadura[139], tabaco, teria fartura de farinha de

milho, canjica, galinhas, toucinho e outras coisas, não passaria por necessidade.

Mas, há vestígios de que aqui já se trabalhou muito: é o que revelam os moinhos, a canalização de água e a casa. A propósito, fomos alojados conforme desejávamos e com toda liberdade. Aproveitamos o resto do dia para coletar alguns insetos e flores, que, a cada dia, eram mais numerosos. Voltamos todos bem carregados.

À noite, dei ordens para irem, no dia seguinte, caçar tamanduás, pois fiquei sabendo que havia alguns nas redondezas.

17/11

Durante a noite choveu até nas camas; de manhã, não me senti nada bem. Ontem, mal se ouviam os rios nas matas, mas hoje eles roncavam forte. Aproveitamos os poucos momentos de sol para visitar a flora riquíssima.

Entre outras plantas, existe aqui grande quantidade de cainca, muito conhecida aqui; há também chá-de-pedestre[140], um arbusto pequeno, cheiroso e agradável, semelhante à hortelã-pimenta e que parece uma *Lantana*[141]. Também uma *Hydrocotyle*[142] sem flores, aromática, com perfume muito agradável. Seria um *ginseng*? Não.

O proprietário chama-se José Teixeira.

Uma forma muito simples de se proteger carne, toucinho e outros mantimentos contra ratos e gatos é colocar, na parte de cima de uma corda onde se penduram coisas, a metade de uma abóbora grande (abóbora-d'água, cuieira). Sua superfície lisa e mobilidade impedem o acesso à carne.

18/11

A falta total de provisões, o tempo úmido persistente e a riqueza da região vizinha levaram-me a enviar algumas mulas para o arraial de Congonhas para buscar mantimentos. Até galinhas mandei buscar.

Todas as mulheres e meninas de 9/10 anos, desta casa, têm bócio. De onde? Água de montanha. Mas é difícil saber qual é o elemento causador da doença. Disseram-me que alguns dos parentes que antes moravam ao pé da montanha (próximo a Congonhas) e que vieram para cá, com bócio, ficaram curados; ou pelo menos o bócio diminuiu aqui.

Percebem-se também vestígios de uma epidemia de doença venérea - nesta região tão desolada!

Hoje tivemos alternadamente chuva e sol: pela manhã de 14° a 15°; ao meio-dia, 18° a 20°; e à noite, 16° a 18°.

Comprei, hoje, um bezerro de 3 a 4 anos por 6 patacas.

Os insetos aparecem cada vez mais. Aproveita-se cada momento de sol para vasculhar as redondezas. As borboletas ainda são poucas.

Nesta serra, aparece mais quartzo e arenito; aqui e ali, ferro. Existem diamantes em todos os rios que nascem nessa serra - Cipó, Paraúna e outros. O Governo chegou a realizar alguma atividade de exploração, mas o trabalho não foi compensador e a Guarda foi retirada da região.

19/11

À noite, chuva forte, que persistiu o dia todo. Foi uma chuva fortíssima que deu à cachoeira, próxima da casa, um aspecto terrível e belo, ao mesmo tempo; o estrondo e a quantidade de espuma que ela

produzia eram indescritíveis. A água do riacho que vem de uma montanha bem próxima transborda e escoa praticamente ao mesmo tempo: em menos de meia hora depois de uma chuva forte, o riacho sobe 5 a 6 pés e, após algumas horas, reduz-se tanto que se pode atravessá-lo num salto. Um pintor que veja a massa de rochas e a cachoeira com pouca água não consegue conceber ou imaginar um quadro retratando o efeito do rio transbordando.

Ficamos praticamente todo o dia trancados em casa. A chuva, a umidade, o céu nublado, o vento, a tempestade, às vezes a trovoada ecoando nas montanhas e o ribombar dos trovões deixaram-nos desanimados e tristes. Com esse tempo, não esperávamos receber hoje o pessoal e os animais que havíamos mandado para buscar provisões - açúcar, aguardente, milho. Era impossível sair.

À tarde, a chuva cedeu um pouco, e aproveitamos os poucos momentos claros para caçar alguns insetos.

20/11

O céu desanuviou-se um pouco, pelo menos a chuva forte parou. Assim, pudemos arriscar uma excursão maior com céu nublado, cada um por si.

Subi o morro mais alto ao sul, em frente à casa. Segundo o barômetro, ela fica a 4.700 pés; com mais os 500 pés que subi, cheguei a 5.200 pés de altura.

A vegetação fica cada vez mais baixa e de uma variedade sem precedentes. A natureza se mantém fiel às suas leis, ao seu regime e tendências. Aqui ela assume novas formas, com novas e raras espécies e gêneros.

As espécies de *Melastoma, Vellozia, Barbacenia*, especialmente *Eriocaulon* e *Malpighia*, reproduzem-se aqui de forma fantástica, inacreditável, que deixa as pessoas enfeitiçadas, sem querer acreditar no que seus olhos vêem. Seriam realmente novas formas de *Vellozia, Rhexia, Melastoma*?

A montanha oferece muito material novo. Cada um de nós, independentemente do caminho seguido, voltou para casa com espécies novas e diversas.

O lugar chama-se, na verdade, Bom Retiro e faz jus ao nome. Mais acima, referi-me à diversidade do subsolo e do solo, ao volume da água, rochas, pântanos, charcos, areia, clima, elevações e baixadas. Tudo isso torna esse local um dos mais interessantes já visitados até agora.

Após suportarmos dois dias de tempo úmido, sem vinho, aguardente nem açúcar, vimos, com muito prazer, o nosso tropeiro chegar à noite, com o carregamento tão esperado. Isso, aliado à melhora do tempo, elevou nosso estado de ânimo.

Trouxeram-se plantas e insetos de todos os lados. As espingardas descansavam.

Para onde fôssemos, encontrávamos novas espécies; não podíamos nem pensar em ir embora.

21/11

O céu, mesmo nublado, estava convidativo para excursões. Riedel está muito ocupado em acondicionar e guardar seus insetos.

Neste ano, por problemas de doença do pessoal da casa, não se plantou no tempo devido (em setembro). Até nossa chegada, só havi-

am plantado 1½ alqueire de milho; ontem ocuparam-se um pouco com a plantação de feijão.

Muitos habitantes desta região plantaram mais cedo, mas toda a semeada secou. É por isso que muitos esperam o período das chuvas para cultivar a terra, que já deixam previamente preparada, quando então trabalham com afinco, dia e noite, domingos e feriados.

As pessoas daqui aceitam tudo com paciência.

Após muitos dias de chuva, hoje fez um dia muito bonito; mas não houve atividades, pois é domingo.

22/11

Pela manhã, 14°.

Choveu um pouco à noite; durante todo o dia, fez tempo bom.

Não posso deixar de registrar a história do irmão doente do nosso anfitrião. Há mais de dois anos, seu irmão teve um princípio de hidropisia. Depois de tomar muitos remédios que lhe receitaram, ele tomou ferro com vinho, sem antes tomar algum purgante ou coisa parecida. Em seguida, apareceu a febre com erupções em forma de bolhas por todo o corpo. As bolhas romperam-se ou foram abertas. Apareceu uma linfa mal cheirosa, e pouco a pouco todo o corpo estava coberto por uma crosta parecendo escamas. Sob essa crosta, formava-se constantemente uma linfa, que aumenta especialmente em lua cheia, provoca dores e coceiras insuportáveis por todo o corpo e que cheira muito mal. Cabeça, pescoço, braços, barriga, ombros, todas as partes do corpo estão cobertas por essa erupção. Na lua nova, o doente fica mais aliviado.

Eu lhe prescrevi, antes de tudo, a cainca em doses moderadas para limpar o corpo. Dieta vegetariana, ingerir muito líquido, tabletes de sal e outras ervas e raízes, arroz e água de milho, muito caldo de cereais e banhos, sobretudo banhos sulfurosos - futuramente, quando o enxofre chegar (pois aqui não existe). Depois pretendo dar-lhe pó de *Plernersch*, ópio [?] com extrato de cicuta ou algo semelhante.

Trata-se de uma doença em que o médico pode demonstrar sua habilidade e conhecimentos da mesma forma que um cirurgião ao realizar uma operação.

23/11

De manhã, +18°; chuva, nublado.

Os pés estão muito menos inchados e secos; até o rosto está melhor.

Não há, na casa, nenhuma gamela comprida onde o doente possa se deitar de corpo inteiro. Por isso, ele toma os banhos numa grande bacia de madeira.

24/11

De manhã, +15°; ao meio-dia, +22°; à noite, +18°.

Durante a noite começou a chover forte, com ventos e tempestade, e assim continuou durante o dia. O céu estava totalmente coberto. Chuva em toda parte.

Novamente ficamos restritos à nossa casa apertada e úmida; não se podia nem pensar em sair. Felizmente o tropeiro aprisionou ontem

alguns *Tirannus*: hoje tive que empalhá-los. O tempo está tão úmido que não posso nem me atrever a sair para observar insetos.

Café. Os brasileiros só se acostumaram a tomar café nos últimos 10 a 12 anos. Antes disso, eles tomavam normalmente chá chinês. Nessa época, não conheciam plantações de café, nem conseguiam imaginar que na Europa pudesse haver grandes lavouras. Muitos me perguntaram se o café, além de bebida, era usado para mais alguma coisa; se, na Europa, ele não servia como corante.

Freqüentemente, o sabor era muito diferente e não sabíamos explicar por quê, até que descobrimos que eles tostavam o café, ou seja, os grãos de café com toucinho na frigideira.

No país do café, é raro beber-se um bom café.

Agora se consome muito café aqui. Antes, ele era enviado de Minas para o Rio de Janeiro. Ele é consumido pela população, que cresce diariamente, em alguns pontos das cidades e nas aldeias; agora é mais caro aqui do que no Rio de Janeiro. Hoje, nenhum tropeiro viaja sem ter bebido uma xícara de café.

À tarde, tempo bom e seco, convidativo para uma excursão.

25/11

Tempo bom. Pela manhã, +15,5°.

O Sr. Riedel já havia encontrado nos campos, em vários pontos, diversas espécies de *Jatropha*, algumas, embora muito pequenas, tão parecidas com a *Jatropha manihot*, que se poderia tomá-las pela planta original. Mas foi nesta montanha que o Sr. Riedel encontrou a verdadeira *Jatropha manihot* selvagem. Não havia mais dúvida de que essa

planta é originária da América do Sul. A *Manihot*, o milho e a banana-da-terra são naturais da América do Sul[143].

A vegetação modificou-se. Desde Santa Luzia, temos visto campos diferentes dos anteriores: uma palmeira alpina pequena e como que atrofiada, várias plantas novas de campo, mangabas.

Os fetos praticamente desapareceram, fora alguns vestígios nos capões aqui e ali. Não se vêem mais campos cobertos de *Pteris*; esses fetos isolados são raros nos capões. Numa serra com uma flora tão rica, não se vêem nem fetos; somente uma nova *Aromia*[144] pequena, fina e talhada[145].

Assim como em toda parte, há muita formiga na fazenda de José Teixeira. Elas impedem o crescimento de plantas e árvores, como, por exemplo, as laranjeiras.

Outrora havia muito tamanduá nestas redondezas. Tenho tentado conseguir um. Os caçadores saem quase todos os dias, mas até agora não tiveram sucesso.

O Governo deveria instituir multa para o abate do tamanduá, e os fazendeiros deveriam incentivar sua procriação. Aqui esse animal se alimenta principalmente de formigas brancas, as *Termes*, que são tão nocivas às plantações quanto as grandes carregadeiras, com uma diferença: estas últimas destróem as folhas, e aquelas, as raízes das plantas.

Dois negros livres que moram aqui trabalham como carpinteiros. Fazem rodas de fiar para a fiação do algodão e outros objetos, como violas, um tipo de cítara. O artista compra caixas velhas de pinheiro vindas da Europa e usam a madeira para fazer esses instrumentos. Uma viola comum ele vende por 5 a 8 patacas.

Medidas do tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga inbata L.*):

Do focinho à orelha - 1'2"3'".

Da orelha à raiz do rabo - 3'1"6"'.

Comprimento do rabo - 3'.

Altura dos ombros à pata dianteira - 2'2".

Altura das patas traseiras ao quadril - 2'1".

Circunferência do corpo - 2'8".

Comprimento das patas dianteiras no peito até a raiz do rabo - 2'1".

Circunferência e largura do rabo no meio - 1'10".

Língua - 3' de comprimento.

Língua fora da boca - 1'3".

26/11

O tempo estava tão bom que decidi ir caçar tamanduá com o carpinteiro Thomé; resolvi testar minha sorte, depois de já haver mandado os caçadores três vezes e em vão. Meu guia levou-me do caminho para Paraúna até cerca de uma légua do lado esquerdo de um vale deserto e cercado por elevações rochosas, em cujas baixadas só havia uma relva bela e, no centro, um riacho pantanoso.

Amarramos nossos cavalos numa árvore; meu guia percorreu a encosta esquerda e eu, a direita dos morros que formavam o vale.

Cerca de uma hora depois, retornei e encontrei meu guia voltando. Ele me garantiu que a relva alta pisada que vimos à nossa volta seriam rastros de tamanduá, que certamente teria estado aqui há 2 ou 3 dias. Com nova esperança, montamos os cavalos e cavalgamos mais para dentro do vale deserto, estreito e fechado, de onde se avista, a grande distância, morros nus e rochosos e montanhas.

Já havíamos cavalgado uma pequena meia légua, quando, de repente, meu acompanhante gritou: "- Senhor, veja, lá está ele!" Voltei os olhos para a esquerda, do outro lado do pântano, e vi um grande animal comprido, preto, andando solene e pausadamente para a frente. Mal podia acreditar nos meus olhos. A distância, eu só podia distinguir um grande animal, mais baixo e mais comprido que um boi.

"Ele não vai nos escapar", disse o guia, "mas temos que tentar atravessar o alagado." "Você tem medo de molhar os pés?" perguntei-lhe. "Eu não."

Amarraram rapidamente o cavalo, e, com a espingarda nas costas, nos ombros ou embaixo do braço, tentei imediatamente cortar o caminho até o tamanduá, que ainda estava bem longe. Devido às dificuldades que tive para atravessar o alagado, ora afundando na lama, ora tendo que desviar das poças mais fundas, os cães que me acompanhavam chegaram um pouco mais rápido na parte seca.

Logo que atravessei a parte alagada, subi uma pequena elevação para ver o tamanduá, que já estava bem perto de mim. Então, os cães começaram a latir a 30 passos atrás de mim, por detrás de um pequeno bosque de capoeira. Saltei como um raio e assisti a um espetáculo que compensou plenamente todos os dissabores e incômodos de viagem que tive até hoje: vi um grande animal acuado, desajeitado, de constituição estranha, desdentado, cuja única defesa está nas duas garras das patas dianteiras, lutando com dois cães. Foi uma cena realmente singular!

O tamanduá virava o corpo todo várias vezes, pulando com rapidez para se defender do ataque dos cães. Por mim, eu teria ficado observando por mais tempo as evoluções do animal, mas eu temia que ele se aproximasse demais do alagado, o que tornaria ainda mais difícil para mim abordá-lo. Apontei a arma numa distância de 5 a 6 passos,

aproveitei o momento em que os dois cães ficaram fora da mira e atirei na cabeça do animal, perto das orelhas. Como ele se movimentasse sem parar, o tiro atingiu-o atrás das orelhas, entre o olho e a orelha. Ele caiu, mas levantou-se de novo e recomeçou a lutar, apesar de cansado, com dores e menos ágil. O guia quis dar um segundo tiro, mas eu temia estragar o pêlo e mandei que ele lhe batesse com um porrete. Após algumas pequenas pancadas no focinho comprido ou nariz, ele caiu esticado no chão. E assim consegui satisfazer meu desejo de abater um tamanduá.

O guia agarrou-o pelo seu rabo grosso e arrastou-o para a parte seca, do outro lado do alagado onde o cavalo ficara amarrado. O tamanduá foi levado para casa pendurado atrás da sela, e lá chegamos triunfantes e contentes por volta de 2h.

Começaram imediatamente os preparativos para a empalhação, tarefa que o Sr. Ménétriès fez com bastante habilidade e esmero. Na mesma noite, ele besuntou a cabeça do animal, por dentro e por fora, com alume, para garantir uma conservação perfeita dessa parte delicada do corpo. A pele é grossa e curtida, couro dos mais fortes, especialmente na região da nuca.

O tamanduá costuma sair em busca de comida por volta do meio-dia, quando o tempo está quente e sol forte. A área que ele habita aqui não parece ter muita formiga, mas ele a prefere certamente por ser desabitada. Não obstante, seu estômago estava cheio delas: havia consumido cerca de 3 libras.

Ele anda devagar, dobrando as duas garras grandes das patas dianteiras. As pontas dessas garras ficam encaixadas numa cavidade da sola do pé, o que lhe permite caminhar com leveza, tocando o chão apenas com a parte lateral do pé. As grandes garras servem para quebrar a

crosta dura dos ninhos das formigas brancas e raspar a terra.

A fêmea tem duas mamas entre ou logo abaixo das patas dianteiras e só pode ter um filhote, que ela carrega em suas costas durante algum tempo após o nascimento.

Em tempos antigos e atuais, em todos os países civilizados, tem sido costume proteger a vida de alguns animais úteis para a sociedade, seja através de leis, da religião, da origem e da tradição e costumes. É o caso do íbis, no Egito, e agora da cegonha, em nosso país. Também a andorinha não é mais abatida ao bel-prazer.

Aqui no Brasil, o homem comum não gosta que se matem os urubus (*Falco aura*), pois eles comem mulas em decomposição e todo tipo de carniça. Portanto, é de se estranhar que os habitantes locais matem por simples diversão - isso eu posso atestar - o tamanduá, o mais útil de todos os animais, criado por Deus Amado para livrar o homem da fome, uma vez que ele come as formigas devastadoras e destrutivas. Em Barra do Jequitibá, um vizinho, no caminho para a missa, numa manhã de domingo, pegou a espingarda do negro que o acompanhava, atirou num pequeno tamanduá e o deixou lá. Como eu lhe oferecesse alguma quantia pelo tamanduá, ele resolveu mandar buscá-lo a uma légua de distância e recebeu meia pataca.

O Governo deveria, e teria todo direito em fazê-lo, instituir multa pesada pelo abate do tamanduá e incentivar os moradores das regiões onde ainda houvesse alguns a tentar, de toda forma, promover sua reprodução. Com isso, muitas terras poderiam ser recuperadas, terras que se tornaram incultiváveis pela ação das formigas, como, por exemplo, nas Províncias do Espírito Santo e de São Paulo. Se o Governo não tomar providências nesse sentido, o tamanduá será totalmente extinto.

Caderno nº 14 - folhas 276-294
27 de novembro a 21 de dezembro de 1824

27/11

Durante a noite, choveu novamente muito forte. O rio roncava sobre as rochas; tudo estava alagado. Assim, pudemos nos ocupar tranqüilamente com a preparação do pêlo do tamanduá, sem ser assaltados pela vontade de sair para caçar insetos. Por volta do meio-dia, o tamanduá estava pronto para ser acondicionado.

O tempo abriu, e cada um arranjou uma ocupação.

A carne do tamanduá é muito saborosa, apenas um pouco dura. As fibras dos músculos são bastante firmes.

28/11

Pela manhã, +15°. Chuva novamente, que só cedeu por volta do meio-dia. O tempo clareou e tivemos um belo luar - a primeira noite clara depois de longo tempo.

A tarde foi aproveitada para excursões; todos voltaram com insetos e plantas.

Nas vizinhanças da casa, havia duas grandes mandioqueiras, que só percebi depois que o Sr. Riedel me chamou a atenção. Informaramme que essa variedade é plantada próxima a Congonhas, chama-se "mandioca usa"[146], e que sua raiz, em solo bom, cresce tanto que, com uma só, se pode fazer ¼ alqueire de farinha de mandioca. No entanto,

é preciso saber que a raiz deve ficar dentro da terra durante sete anos antes de ser colhida.

Existem várias espécies de mandioqueiras. Ao plantar uma, é preciso saber se ela dá boas raízes, pois algumas se transformam em árvores com ramos e dão poucas raízes e pequenas.

29/11

Hoje o tempo permaneceu como sempre: choveu durante a noite e, de manhã, bem forte. Riachos e cachoeiras encheram-se e roncavam forte.

À tarde, o tempo clareou e nos permitiu sair novamente para caçar. Tão logo a chuva pára, os caminhos ficam secos, arenosos e rochosos. Mesmo depois de chuvas fortes, a água permanece cristalina.

O tropeiro chegou à noite com meia dúzia de codornas, ou seja, os menores *Tinamus*.

Alexandre matou uma raposa jovem.

NB: Utilizamos um cão de caça ou perdigueiro que estava na casa; sem ele não teríamos abatido tantos animais.

À noite, o tempo estava instável, mas claro o suficiente para se observar a lua e as estrelas. Por conseguinte, estamos no 18°50' - latitude sul. O termômetro revela temperatura moderada. De manhã, normalmente +15°; ao meio-dia, +20°; e à noite, +18° a +19°.

O modo de vida extremamente regular, geralmente vegetariano, temperaturas moderadas, alimentos o mais simples possível, a abstenção de toda e qualquer bebida alcoólica, tudo isso, sem dúvida, é benéfico para a saúde.

30/11

Finalmente choveu menos durante a noite; a manhã prometia um belo dia. O Sr. Riedel resolveu fazer uma grande excursão à montanha mais alta. Rubtsov, que até agora não havia feito uma observação perfeita por causa do tempo nublado, resolveu aproveitar o tempo aberto para fazê-la. Mas, também hoje, as nuvens o acabaram atrapalhando: de novo, uma observação incompleta.

Ménétriès e eu fomos à cata de insetos. Algumas vezes, fomos obrigados a retornar para casa por causa da chuva. Quando ela acabava, retomávamos nossa excursão.

Roberto, nosso tropeiro, foi caçar e abateu várias codornas.

Encontrei, nas redondezas, em cima das rochas, algumas iguanas (*Eydechsen lacerta Lina*) raras ou desconhecidas e pererecas. O proprietário nos informara que não havia peixes no riacho íngreme da mata, mas vi um *Alcedo* em suas proximidades. A quantidade e diversidade de insetos aumenta a cada dia, mas há poucas borboletas.

Ontem mandei meu escravo Antônio a Congonhas para buscar aguardente e cera para as lanternas. Ele retornou hoje.

A noite estava clara, e Rubtsov pôde fazer suas observações.

1/12

De madrugada, logo que a lua se pôs, começou a chover. Observamos que, toda noite, quando a lua desaparece, começa a chover, normalmente tempestades com ventos fortes.

O tempo ficou nublado e chuvoso até por volta das 9h. A cachoei-

ra roncava. O rio se enchera tanto, que nem as mulas podiam passar por perto.

Finalmente, perto do meio-dia, o tempo se abriu. Rubtsov subiu, com o barômetro, até o pico mais alto, que, segundo ele, fica a 4.500 pés de altura. Acompanhei-o até lá, de onde pudemos avistar, a norte e sudeste, outros picos altos.

A vegetação não apresenta nada de especial ou diferente das plantas observadas nos capões, embora haja algumas espécies de *Melastoma*, *Rhexia* e *Eriocaulon*, *Vellozia* e *Barbacenia*, sobretudo nas áreas mais elevadas. Também hoje fiquei satisfeito com a coleta de insetos.

O tropeiro abateu uma nova espécie de *Trochilus* - na minha opinião, um *Picus* - com uma faixa branca acima dos olhos.

Lavoura:

Não sei se já mencionei que o proprietário chegou a plantar algodão. A terra é viçosa e úmida, mas ele nos disse que o algodão não vingava, por aqui ser muito frio (no entanto, a cana-de-açúcar, a banana e o café dão bem). Fui me informar a respeito e aconselhei-o a plantar em terra arenosa, pedregosa e seca. Estou convencido de que ele terá uma boa colheita de algodão.

De modo geral, o fazendeiro daqui é igual ao nosso: ele adota os costumes correntes; quando os resultados contrariam suas expectativas, ele atribui as causas a outros fatores. É difícil ele aceitar inovações. O trigo prosperaria muito bem aqui. O Governo deveria adotar o exemplo de países europeus e instituir prêmios anuais, por exemplo, para o melhor arado, melhorias na agricultura, na destilação, etc.

2/12

Ontem o tropeiro abateu uma nova espécie bela de *Trochilus* (colibri): cabeça e dorso de um dourado pálido; pescoço e barriga azuis; uma coleira branca e bem dourada abaixo do queixo; também a testa com uma estreita faixa dourada.

A captura de insetos fica cada dia mais abundante, e a flora, cada dia mais rica em espécies novas, sobretudo de *Eriocaulon*, *Vellozia* e *Barbacenia*.

Hoje abatemos outra raposa pequena e vários *Tinamus* (codornas) pequenos. Nossa preferência era capturar um belo colibri: conseguimos três.

Já havíamos vasculhado bem toda a redondeza, apesar do tempo chuvoso. Como ele finalmente pareceu melhorar - hoje, pela primeira vez após longo tempo, não tivemos chuva -, decidimos que seguiríamos viagem depois de amanhã (se o tempo estiver bom). Amanhã temos que providenciar o acondicionamento do farto material coletado, para prosseguirmos viagem.

Acreditamos ter conseguido espécimes de toda a flora que prospera em novembro na região - o Sr. Riedel informará mais a respeito. Lamentamos apenas ter que deixar muitas plantinhas que ainda não floresceram. Elas ainda oferecerão, ao próximo pesquisador naturalista, uma rica coleta, como *Cassia*, *Rhexia*, *Aloe*[147] e espécies de *Mimosa*, uma planta alpina, bem pequena, de algumas polegadas, o chá-de-pedestre.

Fizemos hoje algumas observações do *inclinatorii*.

Hoje à noite, mataram uma espécie nova de *Caprimulgus*, que, há vários dias, acreditamos ser um morcego. Durante toda a nossa estada

aqui, não vimos nem morcegos nem ratos na casa ou arredores. Nossos animais também nunca foram mordidos durante a noite pelos morcegos.

Um dia, o proprietário trouxe-nos, como sendo uma raridade, um rato do campo, com rabo encaracolado e bastante peludo. Como o pêlo fora danificado, examinei a fundo pelo menos sua cabeça para poder compará-lo com a dos ratos europeus.

3/12

O Sr. Riedel organizou, completou, descreveu as plantas coletadas em viagem desde maio e chegou ao número de 1.060. Isso mostra como ele trabalha com zelo e dedicação para a ciência. A quantidade de pássaros novos coletados nesta viagem não chega a 70.

Hoje cedo o tempo estava novamente chuvoso. Uma neblina úmida cobriu a região até quase 11h, quando, então, o céu clareou e tivemos um belíssimo dia (depois de muitos dias nublados).

A boa gente que nos hospedou em sua casa prestou-nos alguns pequenos serviços, como lavar roupa, e nos deu couve, ovos, galinhas, mas não queria receber pagamento. Ficaram radiantes quando lhes dei 8 patacas. Neste lugar minúsculo da Terra, há homens civilizados, íntegros e de bons costumes. Quando aqui cheguei, pensei que fosse encontrar desleixo. É com prazer que retiro o meu julgamento precipitado.

As mulheres brancas trabalham no campo. O velho proprietário, que dispõe apenas de um voluntário (o caçador Pedro) para ajudá-lo, não tem realmente condições de manter uma roça para uma família tão numerosa.

O clima e o solo poderiam possibilitar ainda muitas vantagens, se as pessoas conhecessem mais sobre agricultura. Poderiam plantar centeio, batata, cevada e muitos outros produtos com um bom retorno. A boa gente daqui chegou a plantar algodão em solo úmido e viçoso e se queixou por não ter conseguido nada. Atribuíram o fracasso ao frio, e, no entanto, a banana, a cana-de-açúcar e o café prosperam bem aqui.

Aqui não se conhece nada a respeito de tinturaria. Acho que prestei um grande favor ao proprietário ensinando-lhe algumas receitas para tintura.

Nossas provisões estão praticamente no fim. O bezerro, as galinhas, ovos e couve já foram consumidos, a aguardente está quase no fim, de forma que é necessário ou continuar viagem ou mandar buscar provisões.

A coleta de insetos foi menos rica hoje do que nos outros dias.

4/12

Hoje finalmente pudemos partir com tempo bom. Quando nossa estada em um lugar é mais prolongada, o trabalho de carregar e preparar as mulas é mais lento.

Os animais foram trazidos mais cedo. Às 10h30, começamos nossa viagem até Soares, três léguas de caminho ruim, ora pedregoso, ora alagado, ora subindo, ora descendo rochas.

Logo que deixamos Capão, tivemos que subir morro e, cerca de ¾ légua adiante, chegamos a um ponto bastante alto, mais alto do que aquele que subimos há alguns dias.

O vale de prados e a colina rochosa mostraram-nos logo outras

plantas. Lamentamos não ter visitado antes essa região (por causa do tempo chuvoso). Duas léguas adiante, após subir alguns morros e passar por alguns vales, alcançamos um vale belíssimo e aberto, que parecia oferecer excelente pasto. Lá havia uma cabana pequena e pobre, que pertenceu a uma tal Srª Maria Francisca e que agora pertence a um tal Teodósio.

A terra é boa e fértil, mas seus habitantes são pobres; apesar do pasto excelente, não possuem sequer gado e vivem na maior pobreza.

A vegetação é rica; notamos uma série de plantas e flores nunca vistas antes. Logo após passar por um riacho, avistamos, num belo campo de prados, o fruto maduro de um *Psidium*[148] com folhas branco-esverdeadas e frutos branco-amarelados, que, com exceção da cor, se assemelham a cerejas e são muito saborosos. São chamados aqui de guabirobas.

Saindo de Maria Francisca, o caminho é ainda mais pedregoso e pior do que o já percorrido, de modo que só chegamos às 3h30 à pequena e paupérrima fazenda de Soares. Lá não encontramos nem milho para nossos animais cansados. Como nosso suprimento de açúcar e aguardente também tinha terminado, tivemos de nos contentar com uma refeição frugal e simples: toucinho com feijão.

O arraial de Congonhas fica a cerca de 2½ a 3 léguas daqui, na grande Estrada Real. Na verdade, teríamos ido por ela, se não tivéssemos trazido um guia de Capão, Pedro Francisco, que nos levará amanhã, por um caminho secundário, daqui até Capitão Felizardo e de lá até a ponte do Paraúna. São 3 léguas no total. Teremos, então, chegado à grande Estrada Real, onde poderemos conseguir, praticamente em todo lugar, hospedagem razoável e alimentos - a preços altos.

Nossa incômoda estada atual ainda tem outros grandes transtor-

nos. Durante toda a nossa viagem (e que representa muito), em nenhum outro lugar encontramos mais carrapatos do que hoje e aqui; e isso porque nosso anfitrião disse que só agora eles começaram a aparecer. Além dos carrapatos, naturalmente também muito mosquito.

O local fica num vale elevado e pantanoso, próximo a um poço, alagado e ribeirão de mata, sobre o qual existe uma ponte precária. Tivemos que dar uma volta de meia légua em torno da casa para chegar a essa ponte, pois a outra, que se alcança em linha reta, está inutilizada.

Quase não achamos hospedagem. Há muita vaca, alguns cavalos e ovelhas, que certamente cresceriam muito bem aqui. Há várias cepas plantadas, carregadas de frutas. Elas amadurecem no final de dezembro e janeiro.

A viticultura prosperaria em outros lugares se se repetissem a experiência daqui - por exemplo, em Santa Luzia.

5/12

De manhã e durante a noite, choveu tão forte que não sabíamos o que fazer. Finalmente decidimos ir a Congonhas, a 2 léguas daqui, para tomar lá a grande Estrada Real. Com isso, perderemos um dia, mas pelo menos estamos certos de encontrar lá milho para os animais e provisões para nós mesmos.

Como a distância não era muito grande, partimos tarde de Soares, cuja fazenda, desde tempos antigos, aqui se chama Contente-se. O caminho, no geral, era muito bom, com exceção de alguns pontos alagados e de difícil acesso.

A região é diversificada. O caminho percorre geralmente um vale, à esquerda do rio Congonhas. Acima, os morros são escalvados, escarpados, rochosos. Por isso, é difícil imaginar que a lama que se acumula embaixo tenha descido desses morros.

Vimos belos vales de campos nunca vistos antes. Hoje deixamos a serra para retornar aos campos. Embora andássemos rio acima, pareceu-nos que Congonhas estivesse na mesma altura ou um pouco mais alto do que Contente-se. Isso será verificado por Rubtsov, que diariamente faz suas observações com o barômetro.

Novamente, o Sr. Riedel teve a felicidade de encontrar plantas novas; Rubtsov e eu encontramos belos insetos.

Há três dias começamos a avistar alguns exemplares da espécie *Hercules*. Lamento imensamente ter que dizer que Ménétriès não está colhendo material como eu desejaria.

Chegamos às 4h da tarde ao pequeno arraial de Congonhas, onde há uma capela, ligada a Nossa Senhora da Conceição.

A fazenda da Lagoa já foi rica, mas agora está totalmente arruinada, a meia légua de Congonhas.

Nas redondezas de Contente-se, dizem que existe um tal rio das Pedras, a Sudeste, que desemboca no rio Preto e onde, dizem, foram encontrados belos diamantes.

As montanhas elevadas dessa região se parecem com aquelas serras ricas em ouro próximas a Vila Rica. São, sem dúvida, resíduos de uma grande inundação vinda do Sul. A localidade estende-se de Sul para Norte.

O lado sul é normalmente íngreme e escarpado e forma montanhas inacessíveis. O lado norte, ao contrário, tem uma leve inclinação,

permitindo acesso fácil aos morros mais altos. São geralmente morros de arenito e de quartzo, este último em fragmentos de todos os tamanhos. Todos contêm jazidas de diamantes, grandes e pequenas.[149]

6/12

Ontem à noite e hoje de manhã estava um pouco frio: +15° e +13°. Algumas *Araucaria* que se vêem próximas à capela de Congonhas - há algum tempo não as vemos mais - são a prova do clima mais frio.

A não ser um bom rancho, o lugar não oferecia qualquer conforto para hospedagem. Segui o conselho de uma pessoa que encontrei na estrada e pedi abrigo numa grande casa abandonada, onde dormi sozinho, pois meus companheiros preferiram ficar no rancho.

A explicação para a forma incompreensível com que se administra aqui um arraial ou aldeia é a total inexistência de governo e de assistência jurídica ou policial.

Na acolhedora vila de Santana dos Ferros, infelizmente só encontramos uma ponte em péssimas condições e perigosa. Aqui, o mesmo. Dentro da aldeia, existe uma ponte extremamente perigosa, e ninguém se preocupa em consertá-la, embora isso não custasse mais do que algumas horas.

Aqui existe pasto fechado. Assim, os animais apareceram logo cedo. Durante a noite choveu novamente muito forte e hoje de manhã ainda chovia. Mesmo assim, achei aconselhável prosseguir viagem, já que aqui não havia o mínimo de conforto e de mantimentos.

Apesar da chuva, partimos e chegamos à noite, após percorrer 3 léguas, ao arraial Paraúna, na confluência do ribeirão Jacaré com o grande rio Paraúna, onde há grande atividade de cata de diamantes,

como acontece com o ouro em outros lugares.

Próximo ao arraial, existe um quartel, onde fica um cabo, que controla os passaportes. Aqui começa o Distrito Diamantino.

Como não havia acomodações, a guarda gentilmente colocou à nossa disposição toda a parte vazia do quartel.

Tivemos o desgosto de ter que deixar no caminho uma de nossas melhores mulas, pois ela ficara doente. Isso vai nos acarretar mais despesas e perda de tempo.

A criação de ovelhas aqui certamente seria lucrativa se bem-administrada e com bom conhecimento das técnicas. Mas o dízimo que as pessoas ou proprietários têm que pagar por cada cabeça de gado é um imposto impagável e injusto.

Aqui, todo animal: cavalos, mulas e o gado vacum, tem que receber doses de sal de tempos em tempos, e isso representa sempre uma despesa considerável para os proprietários.

Em Soares-Contente-se, as vacas eram tão ávidas de sal que seguiam as pessoas e ficavam na espreita, esperando que elas urinassem para então lamber a terra salgada.

Aqui de novo: serra, água de serra, bócio.

Ipecacuanha

O cabo comandante que encontramos aqui serviu por muito tempo em Presídio de São João Batista e lá colheu muita ipecacuanha.

Já mencionei acima (veja São João Baptista) que a ipecacuanha tem dois tipos de raízes: a medicinal e uma raiz de fibras finas que alimenta a planta. Foi um alívio para mim ouvir dele que os índios colhem essa planta, mas só retiram dela as raízes medicinais, voltando, em seguida, a

fincá-la na terra. Com isso, ela volta a produzir nova raiz medicinal no ano seguinte. Mas, dizem, os índios também a plantam na época do amadurecimento da semente.

Aqui em Paraúna, vimos muita criação de gado e lavação de diamantes.

7/12

Hoje cedo, tempo bom com pouco sol. À tarde, 3h30, um forte aguaceiro sem raios e trovões, tal como ontem.

Ofereceram-me muito diamante para compra, alguns de 8 a 10 vinténs[150], ou seja, 20 quilates.

NB: Hoje cedo chegou o tropeiro com a mula doente de ontem, só que ela não tinha condições de ser carregada e seguir viagem. Por isso, aproveitei logo a oportunidade que surgiu para despachar hoje cedo para Tijuco, a 10 léguas, a carga que ela transportava (uma mala cheia de plantas secas e a roupa do Sr. Ménétriès), em troca de 3 patacas.

Mas fomos obrigados a permanecer aqui hoje, em parte por causa do animal, em parte por causa das plantas colhidas pelo Sr. Riedel, que tinham que ser acondicionadas para não se estragarem.

Choveu durante todo o dia. De repente, os riachos transbordaram.

Encontramos vinho bom e aguardente, inclusive mantimentos de vários tipos, em algumas vendas que existem aqui. Na aldeia, encontramos galinha e leite à vontade.

8/12

A chuva persistiu ontem à noite e hoje cedo. Às 9h30, eu ainda estava indeciso se deveríamos partir ou não, pois seria inútil selar e carregar os animais nesse tempo chuvoso.

NB: Escrevi a nº 31, *sub dato* 7/12/1824 para Mandioca, ainda não enviada.

Os diamantes falsos, iguais aos verdadeiros apenas na aparência, são feitos de resina de jatobá[151]. Mesmo os conhecedores não sabem diferenciá-los, antes de mordê-los.

Em Paraúna, a criação de gado e a cata de diamantes são as principais fontes de subsistência. O dono de uma venda aqui começou há cerca de 20 anos, comprando uma vaca com um bezerro. Seu gado foi crescendo até chegar a 300 ou 400 cabeças. Ele vendeu 80 ou 90; de 10 a 20 morreram ou foram roubadas; agora ele tem, aproximadamente, 300 cabeças, ao todo, 400, todas geradas a partir de uma só vaca.

Recebemos muitas ofertas de diamantes. Tempos atrás, todos os negros eram levados para Tijuco, para serem alugados e eram pagos regularmente pelo seu trabalho; agora não, todos foram buscar de volta seus escravos, inclusive os próprios donos e as mulheres, trabalham na cata de diamantes dos rios.

A chuva persistiu o dia inteiro. Por isso, ficamos aqui hoje. O cabo chama-se João Antônio da Silva.

9/12

As mulas chegaram bem cedo. Estavam prontas para a viagem.

Partimos por volta das 10h com tempo nublado, mas relativamente bom.

Até Cachoeira, eram 4 boas léguas, que levamos 7½ horas para percorrer, ou seja, chegamos ao nosso destino de hoje só às 5h. Três quartos de légua após Paraúna, chega-se a Ponte, um local que deve seu nome à ponte que passa sobre o rio Paraúna. Estranho terem construído uma ponte logo abaixo e perto de uma cachoeira tão barulhenta e espumosa. É possível que as mulas se assustem ao atravessá-la. A cachoeira oferece uma bela vista. Suas águas correm por entre as rochas e caem de uma altura de 20 pés, formando belos saltos.

De lá, chegamos, quase uma légua adiante, a outro curso d'água de mata, melhor dizendo, de campo (rio da Serra dos Campos), chamado Andrequicé.

Após um rápido passeio pelo lugar, ocorreu-me que se poderia ter economizado uma ponte, se se tivesse construído aquela sobre o Paraúna um pouco mais abaixo do rio, uma vez que o Andrequicé desemboca no Paraúna logo abaixo do ponto onde está a sua ponte.

Pouco depois dessa ponte, no espaço entre ¾ légua e 1 légua do Paraúna, vêem-se alguns ranchos nos campos férteis, onde o viajante pode encontrar abrigo. Daí até Cachoeira, não se vê uma mísera cabana; apenas uma, distante cerca de 1½ légua.

Por volta de 4h30, finalmente chegamos ao ribeirão Cachoeira, que cai de repente de um morro alto. É a maior e mais bela cachoeira que já vimos até hoje.

Antes de se chegar ao ribeirão propriamente dito, passa-se por 8 cabanas e um rancho pobre, que serve de abrigo aos viajantes. Nesta época do ano (tempo de chuvas), todo viajante que passa por aqui procura esse abrigo, quer esteja indo para o outro lado do rio, quer esteja vindo, quer esteja na margem direita, quer esteja na esquerda.

Isso porque, caso chova à noite, ele garante a chance de prosseguir viagem no dia seguinte, pois, com chuva torrencial, é impossível atravessar o ribeirão.

É de se estranhar que ainda não tenham construído uma ponte aqui no Distrito Diamantino!

A ¼ légua de Cachoeira (da margem direita), chega-se a uma guarda, onde se pode encontrar hospedagem e um rancho muito pobre. Fomos obrigados a pousar aqui. Não havia mantimentos. Foi com muito esforço e por uma deferência muito especial, porque éramos nós, que acabaram nos cedendo, em troca de um bom pagamento, meia ração de milho para nossos animais.

Vimos várias cabanas cobertas de palha e desabitadas. Fomos informados de que já se garimpou aqui muito diamante para a Coroa, que o local estava interditado para particulares e que, desde o descobrimento do Distrito Diamantino, já se encontraram aqui exemplares belíssimos e enormes de diamantes.

Na mesma noite, ofereceram-nos diamantes para comprar. Diamantes valem como dinheiro aqui e em outras partes de Minas. Vi um escravo ou negro miserável, com a camisa rasgada, praticamente despido e com aspecto repugnante, oferecendo belos diamantes.

10/12

Choveu durante toda a noite; pela manhã fazia +12°. Acreditamos que Cachoeira fica praticamente na mesma altura de Capão.

A região é muito rica em diamantes e ouro.

Por volta das 10h, já estávamos a caminho. O caminho percorrido

ontem foi muito interessante. Vimos plantas maravilhosas e raras, algumas das espécies *Vellozia* e *Cassia*.

Hoje o caminho foi praticamente todo de subida. Até Bandeirinha, são 2½ léguas. Ficamos muito bem alojados. A região é bem interessante e muito mais alta do que Paraúna e Cachoeira.

Ontem e hoje encontramos vários insetos.

Consegui hoje permissão para ir ao Distrito Diamantino, a convite do Intendente. Altura do lugar: 4.300 pés.

11/12

De madrugada, houve forte neblina, mas que se dissipou logo, clareando bastante o tempo.

Restavam-nos 2½ léguas até Tijuco. Pouco depois de 8h, retomamos nosso caminho. Cavalgando na frente, cheguei a Tijuco uma hora e meia depois de Bandeirinha.

Fui recebido com muita amizade pelo intendente, Sr. Caetano de Albuquerque, que nos cedeu o andar inferior de sua casa enorme.

NB: Nº 31 enviada para Mandioca.

Todos os funcionários do Governo, um por um, vieram visitar-nos. Pessoas muito gentis. O intendente ofereceu um grande jantar. Jogaram *l'hombre*. Tempo bom.

Tive que retribuir as várias visitas de ontem e fiz algumas anotações. (Veja Anexo Distrito Diamantino) Estive, por exemplo, na sede da Administração, onde são guardados os diamantes. O intendente e o tesoureiro têm, cada um, uma chave. Sem permissão e sem a chave do intendente, não é possível ver os diamantes. Mostraram-me os diaman-

tes encontrados nos últimos três meses em Descoberta do Pagão. Fiquei impressionado, pois não vi nenhum com menos de um quilate, sendo que o maior tinha 14.

O tesoureiro mostrou-me alguns diamantes falsos que são vendidos no comércio. Eles são feitos de fundos de garrafas ou de outro vidro esverdeado, uma imitação que engana muito bem. Confere-se a esse vidro um brilho metálico forte através de fricção sobre uma chapa ou um prato de estanho. Os falsificadores normalmente aproveitam a noite para vender sua mercadoria escondidos. Como é costume aqui vender lotes com pedras grandes misturadas com as pequenas, isso acaba elevando o preço das pequenas. Eles misturam, então, os falsos no meio dos lotes grandes de diamantes verdadeiros. Dessa forma, conseguiam enganar até os grandes *experts*.

O tesoureiro cedeu-me gentilmente todos os seus diamantes falsos, já que, obviamente, eles não têm valor algum.

13 e 14/12

Tempo bom. Abateram-se alguns colibris.

De manhã, tempo bom; depois, chuva; e, à tarde, novamente tempo bom.

Recebi hoje uma dissertação do Sr. Couto sobre a Província de Minas Gerais, muito bem escrita.[152] (Veja Anexo Viagem a Pagão, lavação de diamantes.)

15, 16 e 17/12

Dias chuvosos, que aproveitei para escrever cartas e relatórios.

18 e 19/12

Não posso deixar de falar da palmeira buriti[153]. Ela cresce muito nos sertões. O talo da folha produz um tipo de fibra fina e excelente, que poderia servir para fazer cabanas e trabalhos de tricô, o que poderia ser muito lucrativo.

20/12

Não existem mapas do Distrito Diamantino. Sua população é de cerca de 20.000 almas; a do arraial, em torno de 5.000. Dizem que, perto do arraial, encontraram pedra elástica.

21/12

Nesses dias, levaram-me à casa vazia do Dr. Couto[154], um erudito brasileiro que viajou pela Europa e que possui conhecimentos incontestes de História Natural. Em 1798, a serviço do Governo, ele viajou pela província e escreveu sobre ela uma bela dissertação. É uma pena que não tenha sido impressa. O autor possui uma bela coleção de minerais, apesar da desorganização. Ele mora retirado em suas terras, tem 72 anos de idade e é surdo. Possui uma biblioteca bastante selecionada, especialmente com obras raras sobre química, mineralogia e mineração.

Esse homem poderia ter prestado grandes serviços ao Estado, mas caiu no esquecimento sem ter sido aproveitado. Vi sua coleção de minerais, alguns extraordinários, entre outros um aglomerado de argila de minério de ferro com cristais e fragmentos de uma pedra transparente que, à primeira vista, se parece com o cristal de rocha, mas, na realidade, é bem diferente. Chama-se esse tipo de pedra de ganga do diamante, que não quer dizer filão. Dizem que, às vezes, essa pedra é salpicada de diamantes, sem que por isso seja a pedra-mãe.

NB: Escrevi hoje a nº 32, sem número, para Mandioca.

Todos os empregados daqui são extremamente amáveis e solícitos. Atualmente acabou aquele mistério que se fazia em torno de apontamentos estatísticos, geográficos e outros. Mal demonstrei vontade de obter dados precisos a respeito dos diamantes extraídos pelo Governo ou descobertos até então, logo um dos secretários da Administração, na presença do intendente, se ofereceu para me dá-los. Realmente, no dia seguinte, trouxe-me a lista, que vou anexar aqui. (Veja Anexo Distrito Diamantino.)

Escrevi hoje para São Petersburgo um longo relatório com data de 17 e 20 de dezembro.

Próximo a Candonga, nas cercanias de Vila do Príncipe, onde existe uma próspera lavação de ouro, encontra-se uma bela pedra-sabão bem branca e de granulação fina, que difere muito pouco em qualidade daquela que é trabalhada em Santa Luzia. Dizem que ela aparece em grande quantidade e é bastante pura.

Caderno nº 15 - folhas 295-315
22 de dezembro de 1824 a 4 de janeiro de 1825

22/12

A Província de Minas é calma, em parte porque seus habitantes têm ocupação, em parte porque o Governo ainda não tomou ou não pôde tomar medidas rígidas contra eles. O Governo precisa da Província, e seus habitantes estão satisfeitos por poder explorar livremente ouro e diamante. Se se tomassem medidas rígidas, um milhão de pessoas passariam a se comportar como inimigas.

Em outra oportunidade, gostaria de falar sobre a necessidade de a Administração ter seus próprios escravos. A vantagem é que a Fazenda Pública pode mandar buscar seus escravos, pois não precisa pagar alfândega ou direitos ao Governo, de forma que estes talvez nem chegassem a 100.000. A desvantagem que o aluguel de negros traz para o Governo é que o dono de escravos os aluga por uma diária mínima, que mal chega a meia pataca, pretendendo, com isso, encontrar uma forma mais fácil de obter diamante. Isso facilita as fraudes, da mesma forma que os escravos próprios procurariam obter a posse dos diamantes[155].

A população de toda a Comarca de Serro do Frio está estimada em 130.000 a 140.000 almas. Uma parte dessa Comarca pertence, na esfera eclesiástica, ao Bispado da Bahia, por exemplo, toda Minas Novas.

A população da Demarcação Diamantina consiste aproximadamente de 20.000 pessoas, e a deTijuco (Arraial) de 6.000 a 8.000 pessoas. (Limites e extensão da freguesia e sua ascensão a essa categoria, veja Anexo.)

Há mais ou menos dois meses, abriu-se ao público a venda de algumas centenas de oitavas de diamante do Banco do Rio de Janeiro. Inicialmente, pretendia-se fazer lotes selecionados de pedras grandes, médias e pequenas, vendendo-os livremente. Como não houve compradores, resolveu-se, vendê-los num lote só. Samuel & Philips, uma casa inglesa, comprou tudo e pagou 125.000 réis por quilate. A condição era pagar, em dois dias, o valor de 300.000 cruzados. Ninguém pôde, nem quis, sujeitar-se a essas condições. Os diamantes valiam pelo menos o dobro. O Governo havia comprado, em Tijuco, 200 oitavas de pedras grandes de ¾ quilate ao preço fixado em tabela.

A expectativa era de que, com a produção nas minas liberada e grande oferta do produto no mercado, o preço dos diamantes cairia; mas, não foi o que aconteceu. Ao contrário, eles ficaram ainda mais caros. Aqui em Tijuco, ao invés de 4.000 e 4.200 por oitava de diamante, os particulares estão pagando até 5.000 réis, e, assim por diante, nesta proporção.

23/12

Tem chovido quase todos os dias, desde que chegamos a Tijuco. Normalmente, por volta do meio-dia, forma-se uma tempestade, depois trovoadas, acompanhadas de chuva forte.

O intendente, querendo nos proporcionar distração, levou-nos pessoalmente para visitar a região, rica em diamantes, do famoso rio Jequitinhonha.

A manhã estava clara e bonita; ao meio-dia, como sempre, formou-se um temporal, que não nos deteve contudo. Partimos de Tijuco a cavalo por volta das 12h, em seguida alcançamos um ribeirão, o rio Grande, e subimos a serra que leva a Minas Novas.

O antigo intendente da Comarca mandou fazer aqui uma estrada de cascalho, no verdadeiro estilo europeu, a qual facilitou bastante a comunicação entre este distrito e outras regiões distantes. Uma obra dessas dignifica o Presidente da Câmara tanto quanto a Nação que possibilitou a sua construção.

A propósito, disseram que o Presidente da Câmara tem investido principalmente no Distrito Diamantino e na região de Tijuco, fazendo caminhos, estradas, pontes e ferrarias.

Subimos a serra e nos deparamos com um grande campo aberto. Após percorrer 1½ légua, chegamos a uma casa isolada. No caminho, vimos muitas escavações, indicando a presença de uma antiga mineração. Passamos por uma casa e um pequeno riacho com uma ponte inutilizada, que tanto pode ter sido útil como desnecessária.

Logo adiante, sobe-se a serra, onde existe outra estrada calçada, esta, porém, apenas parcialmente. Percorridas 3 léguas e por volta das 4h, atingimos a rancharia de Medanha. Dizem que esse é o nome de um francês que, anos atrás, quando mal se conheciam os diamantes, extraiu aqui ouro e diamante. A região ganhou seu nome.

Depois de passar pelas casas dos antigos empregados dos garimpos de diamante, alcançamos o famoso rio Jequitinhonha, rico em diamantes, sobre o qual passa uma ponte maciça de madeira e bem construída.

Do outro lado do rio, na margem direita, fomos recebidos na casa de um administrador, Manuel José - o intendente informara-lhe, de manhã, a respeito da nossa chegada. A região por onde passamos hoje ofereceu-nos muitas novidades botânicas, mas poucos insetos.

Utilizamos a tarde para fazer uma excursão ao antigo garimpo, onde pude verificar o cascalho e compará-lo com a ganga. Minhas expectativas se frustraram, pois encontrei apenas puro seixo rolado, formado de alguns tipos de pedra, principalmente quartzo, cristal de rocha, minério de ferro e seixos deste, que aqui leva o nome de esmeril (em outras partes de Minas, chama-se marumbé). A ganga é uma indicação clara da ocorrência de diamante. Mas, além de diamante, nos morros vizinhos, quase todos íngremes em sua parte norte, também já se extraiu muito ouro, a rigor, em grandes grumos, de onde vem o nome da serra, Batatal (figurativamente, um lugar de grumos de ouro grandes como batatas).

A mesma serra também é muito rica em cristal de rocha puro, arredondado ou pontiagudo, em cuja massa às vezes aparece minério de titânio.

Também aparece com freqüência, no rio Jequitinhonha, uma pedra bem cimentada com o chamado cascalho de rio ou seixo rolado de minério de ferro, mica e argila que forma um tipo de pedra *pudding*. Apenas esporadicamente aparecem diamantes.

À noite, encontramos, na casa do Administrador, as mesmas pessoas que estão na Demarcação Diamantina e que, há dois anos e meio, não são pagas. Serviram uma mesa com louça de prata e pratos bem preparados. Ele mandara matar, às pressas, um bezerro gordo. O Intendente contribuiu com vinho e alguns assados.

24/12

À noite, chuva com trovoadas. De manhã cedo, após ter desfrutado de boa pousada e um lauto café da manhã com carne, quase um almoço, mandamos selar os cavalos. O céu ficou nublado. Chegamos a Tijuco por volta de 1h, debaixo de nuvens de chuva ameaçadoras.

Na viagem, conseguimos apenas alguns minerais e insetos. Em compensação, o Sr. Riedel voltou carregado de plantas.

25/12

A Festa de Natal. O tempo estava turvo, frio e hostil. Com exceção da missa, praticamente não houve festividade, quer dizer, para o povo. Muitos artesãos trabalharam. À tarde, vários negros dançavam nas ruas, tontos de tanta cachaça.

26/12

Choveu forte à noite e de manhã. À tarde, o tempo voltou a clarear um pouco. Devido à chuva, não pude mandar buscar minha mula nem ontem nem hoje.

O Sr. Quintiliano, um rico e jovem vendedor, mandou batizar hoje seu primeiro filho, uma menina, e fez uma grande função, quer dizer, uma festa com baile e jantar, para a qual as pessoas foram convidadas com oito dias de antecedência.

Como convidados do Intendente e estrangeiros, fomos também especialmente convidados. Já falei anteriormente (em Santa Luzia) sobre uma festa cuja motivação principal é a missa solene e os doces. Esta última

era uma festa religiosa; aquela, uma festa civil. A alguns pode interessar saber como é a vida e as festividades populares no Distrito Diamantino, quer dizer, como se festeja no lugar mais rico do globo terrestre.

O batizado foi às 4h da tarde na igreja. Cada um dos convidados segurava uma vela, que era acesa tão logo a recebiam em suas mãos, e assim permaneciam até o fim da cerimônia. Então, todos voltavam para casa e, às 7h da noite, reuniam-se novamente na casa do Sr. Quintiliano.

Antes de começar a descrever a festa, quero citar algumas das personalidades que participavam da cerimônia, vista de uma maneira geral.

Tijuco, um arraial, é a sede da administração dos diamantes e, conseqüentemente, de todo o extenso quadro de funcionários públicos, civis e militares. A eles acrescentem-se comerciantes ricos e abastados, mineiros e oficiais militares.

Neste lugar e redondezas e numa região onde rochas escalvadas e paisagens desérticas oferecem aos seus habitantes tesouros escondidos em seu subsolo, só se ouve falar de coisas como cadeias de montanhas, jazidas de ouro e de diamante (lavras) e lavações. Embora aqui e em alguns vales férteis e bem irrigados haja excelentes possibilidades de exploração da terra, não se vêem nem vestígios de atividade agrícola.

Em Tijuco, vêem-se apenas alguns belos pomares, com bananeiras, laranjeiras, jabuticabeiras e outras árvores frutíferas e algumas verduras. Fora isso, todos os mantimentos, tenham o nome que tiverem, foram trazidos da Europa, uma vez que os habitantes mais abastados queriam viver aqui ao estilo europeu.

Quase não existe pasto para os animais nas redondezas. Por isso o gado de corte caminha várias léguas do sertão até aqui.

Tudo é caro. A hospedagem de uma família é tão cara quanto no Rio de Janeiro.

É costume local (pois certamente nada se pode esperar da economia) que as mulheres dos primeiros funcionários do Estado e comerciantes fiquem em casa. Em suas visitas costumeiras, elas usam sapatos sem meias, o que é estranho aos olhos europeus. Mas, como eu já havia tido essa primeira impressão, estranhava ao ver as damas nos bailes com sapatos finos, sapatilhas de seda e meias de seda francesas finas.

Era difícil de acreditar que, numa vila a pelo menos 150 léguas da capital, pudéssemos estar vendo no mínimo 30 a 40 damas. O vestuário era muito rico, à moda francesa, com vestidos riquíssimos de seda, cetim, musselinas bordadas em prata ou ouro indiano, rendas francesas, *toques* francesas com penas de avestruz, pedras preciosas, correntes de ouro, penteados, etc. O tipo de roupa dessas senhoras poderia ser usado em qualquer baile da Corte ou nos círculos mais importantes da Europa.

Os homens vestiam, da mesma forma, calças curtas com meias de seda brancas, fivelas douradas e um pequeno sabre de visita, usado em Portugal e Rio de Janeiro, com 1½ palmo de comprimento (o mesmo que os oficiais da Marinha inglesa costumam usar).

Abriu-se a recepção da noite com chá e música, com dez músicos (melhor do que dizer musicistas) tocando uma sonata de Ignacio Pleyel, que me lembrei ter ouvido entre os anos de 1788 e 1790 e que, até poucos anos atrás, era nova por aqui. Terminada a música, dançou-se uma *Anglaise*.

Naturalmente, a maioria das senhoras dançava mal, quer dizer, sem arte ou, pelo menos, sem ter tido um verdadeiro professor de dança. Depois da contradança (*Anglaise*), que terminou por volta das 9h, os convidados foram levados para a sala ao lado, onde havia duas

mesas grandes, cada uma para cerca de 40 pessoas, servidas com pratos variadíssimos. Uma dessas mesas tinha carnes, assados, presunto, etc, e vinho do Porto e Madeira. A outra tinha geléias, conservas, tortas de passas e amêndoas, etc, e vinhos doces: Malaga, Moscatel, Carcavelos e outros vinhos para senhoras.

Como era impossível acomodar todos à mesa, serviram-se primeiro as senhoras e uma parte dos homens e, depois, os que se encontravam comodamente instalados na sala ou sentados à mesa.

Todos, em geral, estavam tão à vontade, o ambiente era tão informal, alegre e tranqüilo, que, não fosse a língua, eu poderia jurar que estava num grande piquenique na Europa.

O fato de as senhoras aqui de Tijuco serem tão diferentes das demais brasileiras, em termos de relacionamento, só pode ser atribuído à sua cultura mais elevada e à convivência contínua com europeus ou com pessoas com costumes europeus que para cá vieram como funcionários do Estado.

É o caso dos Srs. Intendente da Câmara e Albuquerque. O primeiro viajou por quase toda a Europa e mora aqui há 10 anos com sua família; o segundo morou vários anos na ilha da Madeira, onde conviveu principalmente com ingleses.

Portanto, não é de admirar que se possa encontrar, numa aldeia do interior, um pequeno grupo de pessoas mais cultas e de costumes europeus, e o mesmo não ocorra em outras cidades cujos habitantes tenham menos posses ou tenham menos contato com europeus.

Em geral, conforme antigo costume português, as senhoras de uma casa não aparecem nunca ou apenas raramente; aqui em Tijuco, cada funcionário que conheci me apresentou sua esposa logo na primeira visita.

Tijuco é a vila mais rica do mundo; merece, portanto, uma atenção especial do Governo.

Voltando à mesa do jantar, tão difícil de se descrever. O dono da casa, desejoso de demonstrar toda sua generosidade e hospitalidade, e, sendo essa a primeira vez que oferecia um grande jantar, tinha receio de que a comida não fosse suficiente para todos e mandou fazer mais do que seria necessário.

Na mesa de carnes, havia 20 grandes travessas, todas com dois assados. Assim: três travessas, cada uma com dois leitões, 2 travessas, cada uma com 2 perus; outra com 4 ou 6 galinhas assadas; vários presuntos, bezerros assados, pernil de veado, língua, etc.

Mas, disseram-me que o descrito sobre a mesa não era nem a terça parte do que haviam preparado para repor os pratos vazios. A reserva era três vezes maior. Só para dar um exemplo da fartura, havia uma provisão de 128 presuntos (4 arrobas). Também podia-se beber à vontade, pois havia vinho suficiente para todos. A provisão de doces não ficava atrás. Todos poderão achar que estou exagerando ou não acreditar em mim. A verdade é que não tenho como provar o que eu disse.

Além do mais, um amigo do proprietário me garantiu que a despensa foi abastecida com 40 arrobas, ou seja, 1.280 libras de açúcar, e que foram utilizados cerca de 1.000 ovos.

A diferença entre as duas festas: a de Santa Luzia e a de Tijuco, é considerável. Além dos motivos já citados, havia também, e principalmente, a circunstância de que o anfitrião da primeira festa não era casado e, tirante o Sr. Coronel Almeida e família, apenas homens participaram do encontro, além dos eminentes: o Bispo e padres das redondezas. Uma festa só é agradável e alegre quando dela participam convidados de ambos os sexos.

Para completar esse quadro que faço da festa, resta dizer que lá havia uma mistura de tipos humanos bem agradável. Embora fosse um grupo grande, não se viam pessoas obesas. A maioria das senhoras era esguia e alta; apenas algumas de estatura mediana e poucas baixas. Havia mais senhoras casadas do que solteiras, várias delas muito bonitas; feia propriamente não havia nenhuma.

Após o lanche da noite, os convidados se dividiram: uns foram dançar, outros dirigiram-se para a copa. Desnecessário dizer que, à medida que a noite avançava e que as pessoas, sob o efeito do vinho, ficavam mais calorosas, a festa ia ficando mais divertida e alegre.

A música não cansava os dançarinos, mas estes cansavam os músicos.

Aqui há muita *cochinilla* sobre os cactos, mas ninguém faz uso dela.

27/12

Embora estivesse tudo preparado para a partida, e a Srª D. Maria, sogra do Intendente, nos tivesse fornecido assado frio, pão e queijo bem à moda européia, tivemos que permanecer aqui mais algum tempo, pois uma de nossas mulas, que, desde de manhã, já estava preparada para a viagem, extraviou-se e não foi encontrada. Após longa procura, soubemos que uma negra livre do vizinho a tinha descoberto e levado para casa. Ela afirmou que era uma mula sua que havia fugido há algum tempo. Um modo fino de se roubar.

28/12

Depois de um longo tempo, tivemos hoje um dia quente e

bonito. Havia tanta mosca que os animais ficaram muito irrequietos, de forma que não foi possível mais carregá-los; tivemos que pernoitar de novo aqui.

Eu já havia dito ontem ao Sr. Vicente Tropa que passaria para suas mãos duas caixas cheias contendo o material de História Natural colhido desde Barra de Jequitibá; hoje de manhã eu as trouxe para ele.

Carta nº 32 para Mandioca e uma para os Srs. Comandantes do Registro do Paraíba, pedindo para deixarem as caixas passar livremente.

Como o Registro pertence à Província do Rio de Janeiro, e como eu não queria receber uma resposta negativa para o pedido de liberação das caixas, então, achei melhor, como particular, apelar para a generosidade dos srs. inspetores.

Apenas o Presidente da Província de Minas Gerais negou-se, por motivos justificados, a me dar essa permissão.

29/12

Durante a noite, deixamos os animais no pátio do Sr. Luís Félix e, de manhã bem cedo, eles já estavam em frente à nossa porta. Assim, pudemos sair mais cedo do que nos outros dias. Às 7h, os animais já tinham sido carregados e, às 7h30, depois de um bom café da manhã, iniciamos nossa viagem de volta à Mandioca.

Preferimos tomar o caminho dos campos, o de Mato Dentro. Não fomos, portanto, pela Vila do Príncipe, mas, primeiro, até Congonhas, onde havíamos deixado o caminho anterior; e depois a Carapinas, Riacho Fundo e a serra até Santa Luzia.

30/12

No primeiro dia de viagem, percorremos 2½ léguas até Bandeirinha, um quartel com algumas casas e uma boa venda.

Montanhas rochosas elevadas e escalvadas formam vales ora suaves, ora escarpados e estreitos. É nessas montanhas que se encontra a nascente da bacia do rio Jequitinhonha. As escostas rochosas e levemente inclinadas que se dirigem para os vales são ricas em diamantes.

Como já disse anteriormente, a região tem 4.300 pés de altitude e é fria. Hoje cedo, às 6h, no auge do verão, fazia 11°R. Estava frio por toda parte. O tempo estava claro.

No jardim perto da casa, onde, aliás, havia apenas feijão, milho e algumas laranjeiras, vimos duas grandes macieiras, já totalmente crescidas e carregadas de frutas, bem ao estilo europeu.

De todos os lugares que vimos, este foi talvez o melhor, onde as videiras poderiam dar muita uva. Mas quem quer saber de trabalhar na lavoura em terras boas, se estas produzem diamante?

Já passava das 7h da manhã, e os animais ainda não haviam sido encontrados.

Em Bandeirinha, o proprietário chama-se Antônio Nunes. Ele me prometeu cristais de ouro.

Tudo ficou pronto por volta de 8h, e iniciamos nossa viagem para Cachoeira, a 3 léguas. Desta vez não retornamos ao Quartel onde estivemos da última vez, mas fomos uma légua adiante. Lá, montamos acampamento em um rancho bem perto da cachoeira.

À tarde, levei mais algumas horas visitando essa região rica em diamante e lavando algumas pedrinhas do cascalho do rio. Um morador

próximo veio ajudar-me com uma bateia (uma travessa redonda de madeira escavada). O objetivo principal era encontrar alguns cativos, pedras cristalizadas, que são encontrados junto com os diamantes e dos quais eu nunca tinha ouvido falar.

Lavei várias bateias e encontrei apenas algumas pedrinhas do tamanho de uma cabeça de alfinete, que me disseram se tratar de cativos, mas que, para mim, pareciam cristais de ferro, os mesmos que chamam de pedras-de-santana[156], embora os habitantes façam diferença entre eles. Também se encontraram cubinhos chatos de pirita, o que reforçou a minha opinião.

A denominação de cativos deve se originar do fato de essas pedras, que acompanham sempre os diamantes, se comportarem como os escravos (cativos) em relação aos brancos ou seus senhores e proprietários. Ou seja, eles parecem pedras preciosas e diamantes, mas são pretos, escuros e opacos, não têm valor e são desprezados.

31/12

Hoje cedo, +12°, fresco e tempo bom. Já havíamos feito o desjejum e aguardávamos ansiosamente nossos animais, quando o proprietário e morador de uma casa próxima veio nos visitar e pediu-nos insistentemente que fôssemos visitá-lo e conhecer seu jardim. Ele se chama Domingos Rodrigues Fraga.

Nós o seguimos e chegamos à casa de um europeu. Imaginamos logo tratar-se de um rico arrendatário ou proprietário rural alemão. Com a lã de suas ovelhas ele mandava fazer, em sua casa, um tecido de boa qualidade, que ele usava como roupa quente. Com o algodão vegetal, fiado e tecido em sua casa, ele vestia toda a sua numerosa família.

A mesa estava coberta com um tecido fino e de bela estamparia, e, sobre cada prato, havia um guardanapo combinando. Nela serviam boa comida. O que nos chamou mais a atenção foi encontrarmos ali até pão caseiro e vinho feito em casa. Foi a primeira vez que nos sentamos a uma mesa, em pleno coração do Brasil, e pudemos apreciar batatas com cebola, pão, manteiga e vinho, tudo feito pelo próprio proprietário; e, além disso, toalhas de mesa, roupas, tudo fiado e tecido em casa. Estávamos na parte mais rica do país: o Distrito Diamantino.

Visitamos o jardim, onde vimos grandes alamedas de videiras, ou seja, passagens cobertas, tais como aquelas que se vêem em Portugal, Espanha e Itália. Elas estavam carregadas de uvas, que já começavam a amadurecer. Essa parece ser a melhor maneira de se cultivar uva nos países quentes; ao mesmo tempo elas fornecem sombra.

O Sr. Fraga assegurou-nos que produz duas pipas de vinho por ano. Ele tem 60 anos e é um homem robusto e saudável.

Mais adiante, encontramos belas figueiras e, plantadas em fileiras, várias macieiras carregadas, como nunca havíamos visto no Brasil. A cada passo que dávamos nessa longa faixa de terra, que de campos áridos se transformou em um próspero jardim, surgiam novas maravilhas, provas da operosidade do seu proprietário e doces lembranças do nosso clima europeu. Pés de milho com mais de 12 pés de altura, trigo e centeio tinham sido plantados (não semeados). Esses cereais dão duas vezes por ano. No período das chuvas, são plantados, para se poderem arrancar as ervas daninhas; no período da seca, são semeados, já que nessa época não há muita erva daninha. O fogo nunca atinge o centeio, mas o trigo, sim.

Adiante vimos plantações de batata, exatamente como na Europa. Elas dão todo ano. Também plantações de café, alguns pés de cana-de-

açúcar, jabuticabas, laranjas de todo tipo, coníferas americanas, *Araucaria*, plantadas há 15 anos, e *Genipa*[157]. Nem vou falar da couve, salada e cebola.

Existem também, dois poços com peixes, que oferecem uma variedade agradável aos olhos e à mesa.

Nada falta a esse bom homem, inclusive porque ele é uma pessoa moderada: diz que não trocaria de lugar nem com o imperador.

Mais uma vez comprovo aquilo que sempre disse: compensa trabalhar com operosidade e dedicação. Mas também é preciso lembrar que, como ele disse, apesar de seu esforço, hospitalidade e altruísmo para com todos, atraiu a inveja de seus concidadãos, que preferem viver com meios escassos para não ter que trabalhar muito - na verdade, como eles não estão acostumados a uma vida melhor, não carecem de nada.

01/01/1825

Ontem à noite, nosso amigo Fraga ofereceu-nos um jantar muito acolhedor, embora tarde, e, hoje, convidou-nos para o café da manhã, que aceitamos agradecidos.

Quando se está longe da pátria-mãe, qualquer recordação ligada a ela faz bem. Alegrou-me ainda mais saber que, meus amigos Spix e Martius, há alguns anos, haviam estado nesta mesma casa, onde foram recebidos com igual hospitalidade e por estas mesmas pessoas; e também, foi com pesar que se despediram desta boa gente, com a qual haviam convivido durante cerca de um mês, parte em Tijuco, parte aqui.

A meu pedido, recebi, hoje cedo, do Sr. Fraga alguns pedaços de

ganga de diamante e fui novamente convencido de que se trata da mesma massa ferruginosa, misturada com areia, quartzo e outros seixos rolados e cimentada com argila. Os diamantes estão sempre por perto, ou seja, nas montanhas com camadas de carvão exploráveis, em rios ou perto deles, em antigos e elevados leitos de rios (grupiaras), ou nos baixos (tabuleiros), ou nas encostas dos morros rochosos lavados, íngremes e altos (como em Pagão). Mas é muito estranho: em cima, terrapleno com 1½ pé; depois ganga ou algumas pedras ferruginosas isoladas, despedaçadas, esmigalhadas e como que cimentadas com um filão; embaixo dela, o cascalho ou areia misturada com fragmentos de cristais de rocha, quartzo, seixos de ferro (marumbés) e outros tipos de pedra; e, abaixo e misturado com essa massa, os diamantes. Em todas as áreas diamantíferas das mais diversas regiões, a ganga é sempre a mesma. Só raramente ela aparece salpicada de diamantes.

Ainda tive o prazer de receber, hoje cedo, alguns cativos, ou seja, cristais, provavelmente de ferro, que estão sempre perto dos diamantes e que são cristais de rocha cristalizados e puríssimos.

O Sr. Fraga falou-me de um cristal de rocha que ele encontrou aqui, que é oco no centro e cheio de cristais finos.

Como essas raridades para a História Natural não têm valor algum aqui, elas são dadas como brinquedos às crianças, que as acabam perdendo.

Por volta das 9h, deixamos Capoeira, famosa por seus diamantes e pela pureza de sua água. Chegamos a Paraúna mais ou menos às 3h, local de nosso pernoite, onde providenciamos alimentos, pois agora iríamos deixar novamente o Distrito Diamantino e tomar o caminho para Santa Luzia pela serra da Lapa.

Ainda nos ofereceram aqui alguns belos diamantes. Comprei al-

guns, porque, em Tijuco, não quiseram me vender pedras isoladas, mas só grandes lotes.

02/01

Embora os animais já estivessem bem cedo à porta, alguns pequenos imprevistos nos detiveram até quase 10h, quando, então, saímos de Paraúna. Chegamos a Congonhas, que fica a uma distância de 3 léguas, às 3h aproximadamente.

Desde nossa partida de Tijuco, temos visto, em todo lugar, lagartas, vários insetos, mas muito poucas borboletas. Aqui e acolá, *Colias* e outros.

03/01

Como aqui existe pasto fechado, às 6h30, nossos animais já tinham sido recolhidos. Ainda tínhamos que comprar alguns mantimentos, pois daqui até Rótulo não encontraríamos mais nada.

Hoje, até Meio da Serra, 4 léguas, céu nublado.

A região em torno de Congonhas tem várias casas pequenas e cabanas espalhadas. O arraial é pequeno e ruim, e, como quase todo lugar, só tem casas de proprietários rurais mais abastados e residentes em lugares afastados. Tal como aconteceu ontem, eles só vêm aqui aos domingos e feriados para assistir à missa. Durante a semana, às vezes meses a fio, as casas ficam vazias. Ficamos numa dessas casas, que o dono nos cedeu porque voltou para o campo ontem à noite.

A princípio, o caminho era razoável. As colinas suaves estavam co-

bertas de prados belíssimos e dos tipos mais variados, muito apropriados para o gado, que aqui constitui a principal fonte de subsistência. Os vales, irrigados por um ribeirão, às vezes, bem abertos, estão cobertos de bosques de capoeiras, que dão a sensação de se estar em Mato Dentro. Os *Pteris*[158], que lá cobrem campos inteiros, aparecem também aqui nos antigos roçados.

Depois de 1½ légua e mais de 2½ horas de caminhada, passamos por várias cabanas e alcançamos, meia légua adiante, o estabelecimento (fazenda) de Carapinas, cujo nome veio de dois irmãos carpinteiros que se estabeleceram aqui há cerca de 70 ou 80 anos. Um deles ainda vive, com muito mais de 100 anos.

A região se distingue pela grande extensão de bosques.

A partir daqui, subimos um morro escalvado e pedregoso, atravessamos outro bosque e chegamos a uma montanha bastante rochosa, onde começa propriamente o péssimo caminho, ou melhor, a passagem horrorosa - pois isso não pode ser chamado, de forma alguma, de caminho.

Seguimos serpenteando um morro atrás do outro, ora subindo, ora descendo. Subimos as rochas inclinadas que os cobrem de forma irregular e em várias camadas - um arenito com forte teor de quartzo, formado de camadas sobrepostas. Nas depressões, existe terra turfosa e movediça, por causa da água que escorre das montanhas e das chuvas. Foi muito difícil atravessar esses vales.

O Sr. Ménétriès e eu já havíamos cavalgado cinco horas e pensávamos chegar em breve ao nosso destino, mas alguém no caminho nos disse que ainda faltavam 2½ boas léguas. Esse mesmo viajante indicou-nos o caminho certo que deveríamos tomar, dentre os vários que surgiram de repente no alto da montanha onde estávamos.

Em toda a nossa volta, formou-se uma terrível tempestade. Às 3h, parecia noite. Uma chuva forte e repentina encharcou-nos e provocou rapidamente a acumulação de toda a água dos morros.

Finalmente, por volta das 4h, chegamos a um rancho e algumas cabanas, local chamado de Meio da Serra, depois de nossos animais terem sido obrigados a atravessar a nado um pequeno riacho, que, às vezes, nem água tem.

Passadas algumas horas, os outros animais de carga ainda não haviam chegado. Ficamos numa situação terrível: numa cabana paupérrima, onde não podíamos nem trocar de roupa, nem secá-las, nem mesmo deitar nossos corpos cansados.

Por acaso, haviam acabado de abater um boi na casa para fazer carne seca. Havia várias tropas no rancho, que nos emprestaram algumas peles de boi para podermos deitar e a quem imploramos um pouco de farinha para comer com a carne. Só dispúnhamos de um pouco de madeira para nos aquecer. Era uma região muito árida, onde mal se via uma árvore num longo raio de distância. Com isso, a lenha tem que ser trazida de uma distância de meia hora de viagem.

Não havia plantações; só um pequeno cercado, a que se dava o nome de horta, mas onde também não havia nada plantado. Como já começava a anoitecer e meus companheiros ainda não haviam chegado, pedi (e paguei) ao filho do dono da casa que fosse lá ver o que havia acontecido com eles e os animais.

04/01

Ele partiu e voltou na manhã seguinte, com a notícia de que eles haviam tomado o caminho errado e ido na direção da vila (arraial) da

Conceição, 3 léguas ao lado, e que haviam pernoitado a céu aberto. Por causa da hora, o Sr. Rubtsov cavalgou com o mesmo guia ao encontro deles. Ficamos contentes em saber que pelo menos não havia acontecido nenhum acidente.

No caminho percorrido ontem, encontramos uma bela vegetação. Infelizmente, o Sr. Riedel só pôde colher pouco material, não só por causa da precariedade do caminho e da chuva forte, mas também devido ao atraso dos animais (faltava papel).

A região é muito pobre em insetos. Seria fácil plantar bosques, milho, feijão e outras coisas aqui. Até hoje, a região só foi utilizada para a criação de gado (aliás, muito apropriada), sobretudo nas proximidades de Meio da Serra. Lá existem os mais belos e extensos pastos e pouco gado. As pessoas são muito pobres para adquirir gado vacum, cavalos e outros animais e poder montar uma criação organizada.

Assim, tivemos que permanecer aqui hoje. O céu estava nublado e chovia, de modo que não pudemos colher muito material de História Natural. O Sr. Riedel foi o que mais aproveitou a estada, pois teve oportunidade de vasculhar os arredores das cabanas (geralmente de campos e pastos, ao lado de algumas rochas escalvadas) e de acondicionar em papéis as plantas colhidas.

As rochas são formadas de camadas de areia, que aqui se inclinam abruptamente na direção sul, num ângulo de aproximadamente 40°.

A serra é bastante uniforme. Os picos isolados se sobrepõem uns aos outros de forma bastante irregular. Encontra-se, isolada, uma passagem de quartzo e muitos seixos rolados de ferro trazidos pelas chuvas. Os morros distantes uns dos outros formam, entre si, vales extensos com colinas suavemente inclinadas e planas, formadas pela acumulação da terra que escorre das montanhas. Essas colinas cobertas de relva são

os campos. Não se consegue convencer os habitantes a cultivar esses vales. Eles preferem seguir o velho costume: vão atrás das capoeiras (bosques) ralas vizinhas, destróem o pouco de mata que existe aí e a substituem por plantações. Aqui, por exemplo, há terra fértil e belos vales de prados próximos às cabanas. Os moradores chegaram a cultivar ali um jardim (nos campos), o que lhes provou que a terra é boa para plantar laranja, couve, legumes e verduras, roseiras, etc. Mesmo assim eles preferem andar meia légua (quase uma hora), destruir o bosque ralo e plantar alguns pés de milho e de feijão, sem ao menos ter feito uma tentativa de cultivar os campos. O solo ligeiramente pedregoso, pelo menos aqui, poderia ser aproveitado para plantar algodão.

05/01

Durante a noite, chuva forte e frio. Às 6h da manhã, (provavelmente) +11°; e, às 8h, +13°. Aqui são comuns os fortes ventos Oeste, que normalmente trazem chuva.[159]

Anexo dos Cadernos n°s 14 e 15
Folhas 316-335
Distrito Diamantino
Dezembro de 1824

Guardas que não fazem nada e que, há dois anos, não são pagos.

NB: Eles vigiam as regiões diamantíferas, para que não sejam exploradas.

Pedestres: mensageiros que recebem 200 réis por dia para fazer cartas e encomendas e ajudar nas inspeções.

Rios e regiões outrora sob controle de inspeção, hoje foram liberados para o público, com a condição de se entregarem os diamantes ao Governo por um determinado (baixo) preço. Mas isso não acontece, e, com isso, estimula-se o contrabando. Oferecem-se diamantes abertamente.

Os negros que são hoje propriedade particular serviram antes à Coroa, de quem recebiam semanalmente 4 patacas. Nessa época, havia cerca de 2.000 escravos trabalhando nessas condições. Hoje todo particular tem seus próprios escravos para trabalhar em sua lavação, e o Governo não emprega nem 200. Os particulares pagam 6 patacas por semana, e o Governo não paga regularmente, de modo que as lavações de diamantes da Coroa estão em decadência.

As despesas com funcionários públicos e guardas são as mesmas de então. Os diamantes extraídos e abandonados pelo Governo foram liberados aos habitantes para serem trabalhados, atividade que hoje

ocupa diariamente muitas pessoas. Mas não se acham mais diamantes como antigamente. Com poucos escravos, o Governo consegue obter mais diamantes, e os particulares ficam mais ricos. O Governo certamente reconhece que, se seus súditos estão ricos, assim também o Estado.

O ouro no Distrito Diamantino é mais barato: pode-se comprar ouro em pó até por 1.600 o *Quentchen*[160].

O local onde se encontrou, neste ano, uma das mais ricas jazidas de diamante chama-se Pagão. Antigamente procurava-se diamante sempre nas baixadas e nos rios, em meio ao cascalho lamacento. Essa nova lavação descoberta por negros e ladrões de diamantes difere totalmente do princípio que vigorava até então. Os diamantes estão nos cumes dos morros, não em seixos rolados de quartzo, mas numa espécie de areia ferruginosa. Ainda não se encontrou aqui uma verdadeira pedra-mãe de diamante. Essa pedra preciosa, assim como o ouro e outras pedras preciosas, é encontrada em areia lamacenta ou formação secundária. Em alguns casos raros, achou-se diamante isolado em um aglomerado. Não era uma pedra-mãe, mas semelhante a uma rocha de superfície[161]. Quartzo, arenito e minério de ferro vêm, às vezes, firmemente misturados com argila vermelha e hematita.

O Distrito Diamantino tem cerca de 10 léguas de diâmetro. Nele estão as principais jazidas de diamante, mas elas existem também em outras regiões, como, por exemplo, na maior parte dos rios que nascem nas montanhas vizinhas e em toda a Província de Goiás e Mato Grosso.

A exploração diamantífera envolve custos, que nunca serão poucos. Hoje em dia, é impossível manter um direito de propriedade exclusivo ou o monopólio das extrações diamantíferas. Como trabalhadores e funcionários públicos não são pagos há dois anos ou mais, eles procuram arranjar uma forma de se compensar. O Governo resolveu

abrir mão do controle rigoroso de antes, pois receava que, de uma hora para outra, a população, de cerca de 20.000 pessoas, se rebelasse e provocasse conflitos, o que acarretaria maiores despesas.

Todas as despesas de manutenção de funcionários, negros alugados e seus capatazes, da guarda e diversos soldados do Exército, cavalarianos e infantes, pedestres e outros correm por conta do Tesouro. Tendo em vista que este, já há alguns anos, atravessa um período de grandes dificuldades, o intendente anterior, o conhecido Sr. Câmara, buscando um meio de resolver esse problema, emitiu cartas de assinação ou duplicatas para o Tesouro e com isso pôde pagar funcionários, proprietários de escravos e os demais.

O Tesouro pagou com assinações bancárias. Para receber logo o dinheiro, as pessoas tinham que vender elas mesmas aqui (em Tijuco) suas ordens de pagamento, pois desconheciam esse sistema, e com isso perdiam 50% do que tinham a receber. No final, o Tesouro já não queria mais honrar suas ordens de pagamento, e, com isso, há mais de dois anos os funcionários não recebem.

Naturalmente, a conseqüência disso foi que os proprietários dos escravos os retiraram do serviço público e os estão empregando em seus próprios negócios. Alegando que iriam explorar ouro, eles receberam autorização para trabalhar nas minas de ouro do Distrito Diamantino, com a condição de devolver os diamantes encontrados à Administração, por um determinado preço fictício.

Isso realmente aconteceu, e o Governo ou a Administração recebeu uma quantidade enorme de diamantes; só que não pagou tudo o que devia, o que deu ensejo a um tipo de contrabando permitido ou tolerado. Os leitos de rios abandonados e exauridos pela Administração da lavra diamantífera foram praticamente doados ao público, natu-

ralmente sempre sob aquela condição de entregar os diamantes. Os inspetores deveriam controlar rigorosamente essas transações, mas isso não aconteceu. O que a Administração tinha em mente, na verdade, era satisfazer o povo e manter ocupadas tantas mãos à toa, até que o pagamento chegasse do Tesouro. No início, a Administração comprou os diamantes por um preço fictício, ou melhor, a crédito, pois não tinha dinheiro. A Administração ainda deve mais de 4 a 5 contos de réis pelos diamantes comprados.

Nessas condições, como é possível o Governo ter algum ganho nesse negócio?

Os diamantes encontrados em Pagão são todos grandes e com uma cor esverdeada por fora. Dizem que, depois de polidos, eles têm a mais bela água e são os mais apreciados no comércio. O maior diamante era mais branco, transparente e impecável.

Consta da lista que vi que, na semana passada, foram lavados 9 *Quentchen* de diamantes, dentre eles, sete grandes com ¾ oitava.

Um breve resumo do modo como os diamantes são comprados aqui pelo Governo:

Uma oitava (ou 2 *Quentchen*) contém 72 grãos[162], que equivalem a 18 quilates* (ingleses) ou quilates**:

Pedras de

10 réis para baixo	1.600 réis
10 réis até 3 vinténs	4.600
4 vinténs até 7	4.800
7 vinténs até 11	6.000
12 vinténs até 15	8.000
15 vinténs até 20	10.000
20 vinténs	14.000
20 vinténs até 24	20.000

* é igual a 17½ quilates.

** 18 quilates = 32¾ vinténs.

4 grãos = 1 quilate = cerca de 2 vinténs

Uma pedra de 1 *Quentchen* = 32 vinténs = 1.200.000

1 vintém = 2½ grãos

2 vinténs = 4½ grãos ou pouco mais de um quilate.

Preços que o Tesouro paga pelos diamantes:

Tamanho dos diamantes	Vinténs	Oitava
de menos de 10 réis até o vintém de peso	1.600	51.200
dtos de 10 réis até 3 vinténs	4.000	128.000
dtos de 4 até 7 vinténs	4.800	163.600
dtos de 1/4 - 1/4 3 vinténs	6.000	192.000
dtos - 1/4 4 - 1/4 7	8.000	256.000
dtos 1/2 - 1/2 3	10.000	320.000
dtos 1/2 4 - 1/2 7	12.000	384.000
dtos 3/4 0 - 3/4 3	14.400	460.800
dtos 3/4 4 - 3/4 7	20.000	640.000

"De uma oitava para cima, se quadrarão pelo seu preço e se pagará a 4.000 por quilate. Adverte-se que as de ½ para cima pelo preço dito acima, sendo de boa configuração, água e sem jaça. Não sendo perfeitos, se convencionarão os proprietários com os caixos."[163]

Para um particular, não é difícil comprar diamantes quando ele oferece apenas dinheiro.

No comércio, os diamantes de 2 a 8 vinténs são mais valorizados e proporcionalmente melhor pagos do que os grandes. Até o Governo paga melhor por eles do que os contrabandistas. Como, no entanto, as pessoas freqüentemente não conhecem o verdadeiro valor dos diamantes grandes, eles são vendidos bem abaixo do seu valor. Uma pedra com uma oitava e de 2 vinténs foi vendida, há poucos meses, para 4 escravos que custaram juntos, no máximo, 800.000 réis ou 2.000 cruzados.

Os custos anuais aumentaram para cerca de 120 contos de réis, quando, no ano anterior, foram 40 contos de réis.

Os garimpeiros ou negros livres exploram as minas de diamantes quando as descobrem.

Em geral, acredita-se que se perdem, no mínimo, dois terços dos diamantes para o Governo, isto é, vendem-se mais de dois terços dos particulares.

Os garimpeiros são, na verdade, ladrões de diamantes. Eles levam um pouco de rapadura e de farinha, e com isso vivem nas montanhas durante semanas, enquanto escavam à procura de diamantes. As maiores descobertas foram feitas por eles.

Os diamantes encontram-se sempre isolados, cristalizados e lisos, e nunca numa pedra-mãe propriamente dita.

As montanhas mais altas indicam uma formação secundária e sofreram uma alteração devido a algum tipo de mudança na Terra.

Nas regiões diamantíferas ou nas montanhas onde existem jazidas, há um mineral bem peculiar, um aglomerado de ferro, argila ferruginosa, quartzo e cristal de rocha, que se misturou com areia e argila; e o ferro com alto teor de hematita está sempre sobre os diamantes. Dá-se a esse tipo de pedra o nome de ganga. Raramente há

diamantes salpicados sobre essa pedra.

Achei estranho que o intendente da Câmara anterior, um conhecido mineralogista, não tivesse voltado sua atenção para esse material. Freqüentemente a ganga aparece marmorizada e tem a aparência de um resíduo escorregadio de fundição de ferro. Quando quebrados, descobre-se que essas pedras contêm cavidades internas, ocra e fragmentos de quartzo.

As rochas dos morros de diamantes ficam quase nuas, devido à ação do tempo e da chuva. Constituem-se basicamente de um tipo de arenito quartzífero branco e grosso. Entre essas rochas, aparecem fissuras profundas, e, dentro delas, uma mistura de várias pedras diferentes, entre outras, um tipo escuro, esverdeado e quebradiço de quartzo; minério de ferro, fragmentos de cristal de rocha, ferro. Em meio a esses minerais aparece, então, a chamada ganga dos diamantes; às vezes, também, cubos de pirita.

Os trabalhos de escavação e extração do diamante, pelo menos aqui em Pagão, consistem dos seguintes procedimentos:

Abre-se o subsolo - na garimpagem direta -, sob fiscalização, jogando-se o material escavado para o lado, dentro de bacias de madeira que os negros carregam sobre a cabeça. Essa camada de terra vegetal às vezes é mais espessa, às vezes mais fina, variando entre 1½ e 3 palmos de profundidade. Aparece, então, uma camada de areia, aqui chamada de cascalho (seixo rolado), que não é propriamente o seixo rolado de leito de rio. Essa camada arenosa misturada com fragmentos de rocha de diversos tipos é levada por outros escravos, da mesma maneira descrita acima, e empilhada, no que são rigorosamente fiscalizados pelos chamados feitores. Nesses montes de material escavado estão os diamantes; por isso, eles são guardados dia e noite.

Prossegue-se a escavação até chegar a uma base firme ou terreno argiloso endurecido, que existe tanto aqui como nas lavações de ouro e que se chama piçarra. Esses montes de areia misturada com pedras, ou cascalho diamantífero, chamam-se paiol, e são vigiados dia e noite.

Uma outra parte dos escravos ocupa-se apenas com a lavação. Eles ficam sentados sobre um tanque comprido, estreito, com água corrente e uma altura de 4 ou 5 palmos, coberto por um teto de palha e aberto nas laterais. Na frente deles, e voltados para eles, sentam-se os feitores, dentro de pequenas guaritas cobertas e um pé mais altas, de forma que eles podem vigiar tudo comodamente. Cada um dos quatro feitores que estavam nesse garimpo tinha que vigiar 6 negros. Os negros sentam-se colados um ao outro, em um banco colocado dentro do tanque, e trabalham com água até os joelhos, cada um com uma bateia nas mãos, isto é, uma bacia de madeira em forma cônica, que eles sacodem de um lado para outro. Entre os vigias e os negros, do outro lado do tanque, em frente aos negros, ficam os montes de cascalho, de onde os negros vêm retirar pequenas porções, colocam-nas em suas bateias e as lavam no tanque ou na sua superfície. O barro solta-se com a água e cai no tanque; as pedras grandes são examinadas cuidadosamente nas bateias, retiradas e jogadas para trás. Aos negros não é permitido olhar para trás nesse momento, para que eles não fiquem sabendo se entre essas pedras há diamante.

Olhos experientes podem reconhecer imediatamente os diamantes: geralmente os feitores, que se sentam em frente aos negros, descobrem o diamante ao mesmo tempo que eles, às vezes até antes. O negro segura o diamante entre o indicador e o polegar, mostra-o para seus feitores e os coloca na bacia de madeira, cheia de água, que fica entre os dois feitores. Olhos inexperientes custam a reconhecer os diamantes na água, principalmente se a sua superfície - o que geralmente

ocorre - está turva, leitosa, esverdeada ou escura. Eu certamente não reconheceria os diamantes pequenos, mas os tomaria por cristais de rocha leitosos.

Tão logo o negro coloca a pedra na bacia, ele bate as duas palmas das mãos juntas na água, separa bem os dedos de uma mão com a outra, para mostrar que não escondeu nenhum diamante, e volta para o seu lugar, para acabar de lavar o restante do seu cascalho. Se, após lavar a sua bateia, ele não encontra nada, ele bate novamente as duas mãos, mostra-as ao feitor sentado à sua frente e volta para encher novamente a sua bateia.

Dessa maneira, garimpa-se das 7h às 9h da manhã e depois toma-se o café da manhã. Quando são mandados para o café da manhã, os negros são revistados um a um, para se ter certeza de que não roubaram diamante. Primeiro, eles batem as mãos e depois soltam cada dobra da sua roupa, da calça e das mangas da blusa, arregaçadas por causa da água do tanque. Os bolsos são esvaziados e revistados; por fim, todos eles têm que cuspir, pois muitos conseguem jogar os diamantes dentro da boca de uma forma tão ágil que ninguém percebe. Após fazer tudo isso, lavar suas bateias e colocá-las à sua frente, eles podem ir para casa.

Como o aluguel desses negros é baixo e a alimentação, bastante frugal, os garimpos não precisam nem de grandes precauções, nem de gastos com mecanização. O único trabalho considerável que se fez nesse garimpo foi trazer a água de uma cova no alto de um morro vizinho para o garimpo. O cascalho lavado é levado todo dia, no início da noite, uma ou 1½ hora após o término do trabalho, para um local especial, e o tanque é lavado. O paiol onde se guarda a areia do tanque e o cascalho lavado é chamado de areias. Quando não há nenhum outro trabalho importante a ser feito, essas areias são lavadas mais uma

ou duas vezes, pois sempre é possível que apareçam ainda mais alguns diamantes; principalmente aquelas que os negros jogaram de lado e não tiveram oportunidade de voltar mais tarde para roubar.

A região chamada Mata Mata, Medanha e outras eram muito ricas em diamante. Em Medanha, encontrou-se em um lugar, em pouco tempo, 1.000 oitavas de diamante.

Quanto mais liberado fica o comércio de diamantes e quanto mais eles são procurados e comprados por atacado, mais caros eles ficam (pelo menos aqui). Essa situação deverá perdurar até que se reverta novamente a interferência desse comércio da Europa para cá (se é que posso me expressar assim). Isso vai durar até um determinado ponto; depois, com o tempo, à medida que se intensificarem o seu transporte e a sua exploração, os preços dos diamantes certamente vão cair; principalmente se o Governo não mantiver uma linha de ação e se o contrabando colocar no mercado maior quantidade de diamantes do que o Governo.

Talvez fosse mais vantajoso para o Governo comprar todo o diamante, coibir com mais rigor a saída ilegal do diamante para fora do Distrito Diamantino e manter, em Tijuco, um posto de venda público ou uma sede da Coroa para comercialização dessa pedra preciosa. Ali, os comerciantes poderiam comprar e exportar diamantes oficialmente e com certificados - mais ou menos como acontecia antigamente com as barras de ouro.

Deveria existir também, aqui em Tijuco, um posto da Coroa para lapidação de pedras. O comércio individual de pedras preciosas ficaria nas mãos do Governo, o que lhe permitiria estimar e controlar efetivamente o volume anual exportado.

Se o Governo estabelecer uma norma que mande confiscar as pedras apreendidas em contrabando e repartir a importância correspondente-

te entre ele próprio e a pessoa que descobriu o contrabando, certamente nenhum comerciante vai poder sonegar mais assim tão facilmente.

Outro recurso para inibir o contrabando ou qualquer tentativa de transação ilícita (aprendi isso no Japão - veja minhas "Observações") seria trocar constantemente guardas civis e do Exército, soldados, inspetores e oficiais, de forma a evitar possíveis amizades ou contatos estreitos entre estes e viajantes e vizinhos. Um inspetor é sempre mais rigoroso com desconhecidos do que com conhecidos, amigos e parentes. As inspeções mais rigorosas deveriam ser reservadas às pessoas menos suspeitas e mais suspeitas.

O grande diamante de 7¾ oitavas não foi encontrado no rio Abaeté, mas em um pequeno rio que desemboca nele e que se chama Arreiado.

Um administrador idoso e honrado do Distrito Diamantino, conhecido há 40 ou 50 anos por sua bravura e honestidade, garantiu-me que viu um diamante de 16 oitavas que foi entregue ao Governo e do qual nunca mais se ouviu falar.

Dizem que o comandante militar (geralmente um capitão), que pertence ao regimento de Ouro Preto, é substituído todo ano, e os soldados, a cada dois anos. Antigamente observava-se essa regra com mais rigor, mas, atualmente, não mais. O comandante atual chama-se Manoel Alves Toledo. Na minha despedida, ele me deu alguns exemplares de cristal de rocha, que para ele tinha pouco valor, mas que seria devidamente valorizada por um europeu, por ter sido encontrada no Distrito Diamantino. Ele é um homem muito instruído, com grande conhecimento de geografia.

O Sr. Justino Machado Coelho presenteou-me com alguns cristais de rocha salpicados com minério de titânio e com um pequeno cristal de uma rocha muito peculiar, com um brilho metálico-cintilante, meio

transparente e avermelhado.

Entre as raridades mineralógicas desse distrito, falaram-me de um diamante de 1½ quilate de peso, salpicado com uma gota de ouro puro, bem fixada sobre ele por fora.

Outra pessoa falou-me a respeito de um diamante negro que parecia uma chama intensa ou água, quase um carvão brilhante e puro (*carbonique cristallisé*). Meus recursos não me permitem sequer pensar em comprar tal raridade. É uma pena que elas estejam perdidas para a ciência e para os colecionadores europeus.

Suplemento

Os rios e montes ricos em diamantes e já totalmente explorados pelo Governo foram liberados já no tempo do Sr. Câmara, pois o Governo não pagava os funcionários e os negros. O motivo principal para a liberação das minas foi que o subsolo não é muito propício para a agricultura.

Em alguns locais, há criação de gado. Um dos funcionários está estudando a possibilidade de enviar um rebanho de cabras para as montanhas pedregosas, mandar curtir suas peles e comercializá-las.

Outros pensam em usar a *cochinilla*, muito comum aqui, principalmente no *Cactus ficus-indica*[164] (figueira-do-inferno), uma planta que cresce aqui entre rochas e pedras; se plantada em muros, forma uma cerca para jardins.

1. O tanque
2. O banco onde se sentam os negros, seis a seis
3. Assentos dos feitores
4. Cascalho
5. Cascalho lavado
6. A cova de água que se forma dentro do tanque
7. A bacia com água onde se separam os diamantes.

Relação dos Diamantes Extraídos das Lavras da Demarcação Diamantina[165] desde o Princípio de sua Administração por Conta da Coroa

Anos	Diamantes		Anos	Diamantes	
1772	1.915¼	2 v	1798	634¼	2
1773	2.897	"	1799	684	4
1774	2.120 - 1	"	1800	687	4
1775	2.109½	2½	1801	898¼	1
1776	2.138¾	7½	1802	1.672¼	6
1777	2.315¼	3½	1803	1.625	"
1778	2.232¾	"	1804	850	"
1779	2.255¾	7½	1805	874	6½
1780	1.825½	2	1806	1.033	3
1781	2.206	1	1807	999½	7
1782	2.929¼	3	1808	666½	6
1783	2.750¾	1	1809	855½	5½
1784	3.549½	1	1810	1.044¾	4½
1785	2.144¾	2	1811	869¼	2
1786	1.743	6	1812	1.087¼	2
1787	1.623¼	"	1813	803½	5
1788	1.635	5	1814	1.465½	3
1789	1.688¾	7	1815	1.504¾	5½
1790	1.882¼	2	1816	771½	3
1791	1.621¼	1	1817	593½	1
1792	1.496¾	7	1818	536	"
1793	1.692½	4	1819	464¼	4
1794	1.902½	6	1820	364¾	"
1795	1.477½	7	1821	416¾	7
1796	845½	7	1822	397½	1
1797	629	3	1823	550	"

Total: 73.980¾ - 3

As 73.980¾ 3 oitavas portuguesas, a 17½ quilates por oitava, dão 1.294.664 quilates e 3 grs. de peso próprio de diamantes.

Por Tenente-Coronel Manoel Vieira Couto

Areia das minas de diamantes em Papas

Os diversos tipos da chamada ganga:

Pedra-de-santana

Cristais de rocha
Ouro em pedra polida
Pedras e seixos rolados de Pagão
Uma esfera com teor interno de ferro
Talco
Ouro puro
Areia aurífera

Preços correntes de Tijuco

Milho (alqueire)	750-900	Feijão	1.500
Carne de vaca (a arroba)	800	Toucinho	2.400-3.000
Farinha de milho (o alqueire)	750-900	Farinha de mandioca (o alq.)	1.500
Arroz pilado (o alqueire)	2.400	Ovos (a dúzia)	112/1
Galinha	187/2	Frango	112/2
Carne de porco (¼)	300	1 lombo	450
Açúcar branco (arroba)	1.920-2.240	Açúcar mascavo	1.280-1.500
Azeite de mamona (barril)	1.200-1.280	Vela de sebo (dúzia)	375
Farinha de trigo, saca de 60	9.600	Ferro (arroba)	4.824
Garrafa de vinho do Porto	600-640	Garrafa de vinho de Figueira	412½-450
Garrafa de aguardente do Reino	730	Cachaça, média, barril de 8	2.240
Restilo	3.600	Sal	6.000
Algodão em caroço (arroba)	1.200-1.500	Aluguel casa grande (mês)	4.800
Pólvora	375-450	Aluguel casa pequena (mês)	2.400
Aluguel de escravo (por mês)	2.400	Aluguel de escravo (por dia)	100
Aluguel de escravo (por semana)	600	Sola	960-1.280
Salitre	2.400-3.000	Café (arroba)	3.000-3.600
Pano de algodão tecido	100-150	Ferro mineiro	2.400
Queijos (dúzia)	2.100	Oficial-carpinteiro	600-750
Azeite doce	750	Sabão 1ª sorte	1.280
Sabão ordinário	750	Vinagre (garrafa)	375
Manta de Minas Novas	600-640	Chumbo miúdo	225
Ferradura de cavalo	187/2	Cravos (o cento)	640-750
Carne seca (od)	2.400	Bacalhau (od)	7.200
Peixe fresco (att)	80	D. seco (att)	80

15, 16 e 17/12

Viagem para Pagão

Nos dias 15 e 16, foram lavadas 2 oitavas. Dia 17, 5½ - 2 vinténs. De 7h da manhã às 12h, sendo que, em menos de uma hora, uma de 18½ vinténs e uma de 11 vinténs, várias de 8-9. A maioria é de menos de 2 vinténs. No total, 49 pedras. À tarde, mais 6 vinténs, de tamanhos médios.

Pagão é uma das maiores descobertas feitas recentemente. Alguns negros livres vieram por acaso para cá, para lavar diamantes às escondidas. Dois deles trabalharam de 2 a 3 meses em silêncio e encontraram grandes tesouros. Eles admitiram mais um terceiro na sociedade e começaram a vender pedras grandes. Com isso, chamaram a atenção das pessoas, que acorreram em massa, pois o local não estava proibido. Tão logo o Governo ou a Administração teve notícia disso, mandou o Exército para cá, onde já havia cerca de 1.000 pessoas. Todas as lavações foram interditadas, e o Governo se apropriou do local.

Pagão localiza-se a noroeste de Chapada, a 1 légua, numa região isolada, totalmente desabitada. É totalmente diferente de todas as outras lavações de diamantes visitadas até agora, devido sobretudo:

1. à sua localização no alto de uma montanha;

2. à sua ocorrência em outro tipo de cascalho arenoso;

3. à uniformidade e tamanho das pedras; e

4. à facilidade do trabalho de lavação, livre de cuidados especiais e despesas.

O caminho para Chapada passa inicialmente pelo paiol de pólvora, onde existe uma bela cascata. Nas proximidades do paiol, existem

bons pastos e vários bosques, capoeiras. A cidade fica em um vale profundo, banhado por um riacho que dizem conter muitos diamantes. De lá chega-se a Quinta, banhada por um outro riacho cheio de pedras com o mesmo nome. Duas léguas adiante, chega-se a Lavra da Rainha, onde se lava ouro. A região é variada e montanhosa. Entre Lavra da Rainha e Chapada, existe um vale elevado formado de morros rochosos, todos ricos em diamantes. Finalmente, chega-se a Chapada, onde existe um posto do Exército (quartel), a 4 léguas de Tijuco. Chegamos por volta das 11h e cavalgamos uma légua até Pagão, depois de comermos alguma coisa. Durante o percurso, formou-se uma terrível tempestade com chuva forte e repentina, que nos deixou imediatamente encharcados e nos acompanhou até Pagão. Por causa da chuva, não conseguíamos ver quase nada. (Veja outras observações a respeito no Anexo Distrito Diamantino.)

É preciso registrar aqui que, nas lavações, procede-se da seguinte forma: quando o trabalho termina, os diamantes são levados na presença de todos os feitores para a casa do Administrador (que agora é Antônio José Alves), e lá mesmo as pedras são pesadas uma a uma, e o seu peso, registrado em um livro. O administrador e os feitores assinam diariamente as quantidades registradas. No final de um semana, comunica-se à Administração em Tijuco o resultado da semana, e, no final de cada mês, enviam-se os diamantes para lá. Durante esse período, o primeiro administrador carrega sempre consigo, debaixo do colete, dentro de um saquinho, os diamantes lavados, dia e noite. Ele corre perigo de vida. Certa feita, assassinaram um administrador e roubaram os diamantes.

Os crioulos que descobriram Pagão trabalharam silenciosamente durante dois meses. Dizem que eles já enviaram para o Rio de Janeiro pedras de 50 contos de réis, sem contar as muitas que eles ainda têm

em seu poder. Pelo que ouvi, Pagão já forneceu muitas arrobas de diamantes.

Os habitantes do Distrito Diamantino se distinguem principalmente por sua extraordinária cortesia, que provavelmente provém ainda dos tempos em que havia extremo despotismo e disciplina rígida. Tempos atrás, o homem comum tremia perante o poder e onipotência de um funcionário ou de um militar.

Um coronel de milícia, há muito falecido, cujas terras ficavam a meia hora de Congonhas, era, segundo relato de um morador local, tão grande e poderoso que ninguém se atrevia a ir buscar em sua fazenda um assassino que para lá tivesse fugido. Ele tinha permissão exclusiva para deixar seus negros trabalhar no Distrito Diamantino e podia levar quantos diamantes quisesse. Ninguém se opunha a ele. Foi um homem marcante.

Caderno nº 16 - folhas 1 a 28
5 a 24 de janeiro de 1825

05/01

[Continuação do Caderno 15]

O Sr. Rubtsov comprou, em Paraúna, um belo cavalo, jovem e forte, com 5 ou 6 anos, por 37.000 réis. Seu único defeito era estar acostumado à comida de estábulo. Provavelmente nosso último dia de viagem não o agradou muito: ele preferiu fazer uma tentativa de retornar ao seu antigo dono em Paraúna (distante 8 léguas). Nem os rios de montanha transbordantes, nem as rochas íngremes, de difícil acesso, o intimidaram. Ele se soltou durante a noite. Encontramos seus rastros e vimos que havia tomado o caminho de volta. Por isso, ainda tivemos que permanecer aqui mais um dia, que dedicamos sobretudo à botânica. Vento e chuvas alternadas com sol não são favoráveis à caça de insetos: não encontrei um só em algumas horas de excursão.

06/01

Choveu durante toda a noite, e assim permaneceu até aproximadamente 2h da tarde, quando, então, o céu clareou um pouco, permitindo-nos fazer uma pequena excursão às montanhas altas vizinhas a leste. Riedel encontrou várias espécies novas. Observei que a montanha consistia de pedra calcária, um calcário cinza, meio transparente nas bordas. A montanha devia estar a aproximadamente 2.000-3.000 pés mais alta que o rancho, que, segundo o barômetro, ficava a 4.200

pés de altura.

Achamos o tempo muito frio: hoje de manhã estava +12° e, ao meio-dia, +15°.

À tarde, trouxeram de volta o cavalo fujão, que o mensageiro enviado capturou 1 légua depois de Congonhas, a caminho de Paraúna.

Tempo bom durante toda a tarde. À noite choveu forte de novo. Finalmente partimos na manhã do dia 7, na direção de Lapinha, a 2½ léguas de distância. De manhã, +12°.

07/01

O caminho que devemos tomar é extremamente ruim, o pior que já percorremos até agora no Brasil. Ora ele passa por lugares alagados, onde as mulas carregadas empacam; ora ele sobe novamente os morros rochosos da serra da Lapa. Tenta-se evitar ao máximo essas elevações rochosas; freqüentemente, é preciso retornar pelo mesmo caminho ou caminhar mais meia hora para contornar os picos rochosos - não custaria muito abrir uma passagem no meio deles. Para se dar uma idéia da precariedade do caminho, nossos animais levaram 6 horas para percorrer 2½ léguas. O único bem e benefício que os proprietários de terras em Meia Serra fizeram aos viajantes foi uma ponte sobre um grande e impetuoso rio de montanha, o ribeirão da Meia Serra, que corre à frente desta. Nesse ponto, normalmente o viajante fica indeciso quanto a atravessá-lo ou não. Isso porque, uma vez o tendo atravessado, e na eventualidade de cair uma chuva forte, o viajante não pode nem ir adiante nem voltar atrás. Algumas vezes, viajantes passaram fome e perigo de vida por vários dias.

À tarde, por volta das 3h, finalmente chegamos a Lapinha, após

descermos uma serra consideravelmente íngreme. De repente, surgem novamente, nessas depressões, bosques e capoeiras com uma vegetação de Mato Dentro, permeada menos de vegetação alpina e mais de vegetação de campos.

O Sr. Riedel encontrou, na montanha, novas *Cassia* e vários exemplares de uma verdadeira *Mimosa* alpina. Curioso! As majestosas árvores que alcançam alturas de mais de 100 pés nas florestas costeiras do Brasil aqui aparecem como plantas alpinas de poucas polegadas de altura, rastejando no chão.

Lapinha: uma cabana muito pobre com rancho no meio da densa capoeira. Nem com todo o dinheiro do mundo se acharia aqui alguma coisa para comprar. Como já havíamos consumido a maior parte de nossas provisões trazidas de Congonhas, calculadas para alguns dias em função da incerteza de encontrarmos pousada, quase passamos fome.

É difícil compreender como e de que vivem as pessoas aqui. Com uma terra tão boa, por que não podem manter uma horta ou plantar um pouco de milho e feijão?

Depois de muito pesquisar, descobri que os habitantes daqui não pagam aluguel ao verdadeiro proprietário Moreira: moram de graça. São pessoas pobres, sem posses e que, por isso, não querem aproveitar a terra, seja tornando-a mais produtiva ou construindo estábulos para porcos, por exemplo. Seria muito mais racional para todos doar logo as terras, ou, pelo menos, não tolerar mais esses posseiros que não querem nem mesmo cuidar de sua própria subsistência, pois se satisfazem com o mínimo para sobreviver.

Lapinha fica a 3.700 pés de altitude, portanto, bem mais baixa do que a última região onde estivemos e bem mais quente. Hoje, às 6h da manhã, +15°. À noite não choveu, mas, por volta das 7h, o céu ficou

coberto e caiu uma chuva muito forte.

Hoje, para Riacho Fundo, duas pequenas léguas.

08/01

Partimos bem cedo e, por volta das 10h, chegamos a Escudeiro, nosso destino. No início, subimos mais uma serra, esta menos alta; chegamos a um vale de prados extenso e novamente à serra. Ao todo, foi 1½ hora de subida, até começarmos a descer de novo. O caminho era tão ruim, pedregoso e rochoso como o de ontem.

Riacho Fundo, 2.500 pés de altitude. Portanto, de ontem para hoje, descemos bastante. O dia estava nublado e choveu esporadicamente. Encontramos ainda uma tropa grande estacionada aqui, porque os rios que deveria atravessar (Riacho Fundo, rio Preto, que aqui também se chama Paraúna, e Cipó, que normalmente tem que ser atravessado de canoa) estavam muito cheios e largos.

De modo geral, não choveu muito forte hoje. Esperamos poder, amanhã, atravessar os três rios mencionados. À noite, +16°.

À noite choveu pouco, mas, de manhã, começou a chover mais forte.

Às 6h, enviei uma pessoa para verificar a situação do rio Paraúna ou Parauninho (também rio Preto). Às 8h, ela voltou com a notícia de que não poderíamos atravessar o rio sem molhar as caixas. Assim, dei ordem de pernoitarmos aqui hoje. Com isso, o Sr. Riedel teve condições de esticar suas plantas sobre papel e secá-las, o que mantém duas pessoas ocupadas secando os papéis ao fogo.

O alojamento aqui não é excelente, mas pelo menos oferece man-

timentos de todos os tipos para pessoas e animais, com exceção de aguardente.

De manhã, +15°.

Os habitantes são herdeiros - filhos e netos - do antigo e único dono dessas terras, com algumas léguas de extensão, que agora estão divididas entre quatro famílias. Todos têm sua casa e fazenda dentro de sua parcela de terra, sendo que a antiga fazenda grande de Riacho Fundo pertence a todos. Aqui há uma capela de N. Srª de Santana, à qual pertencem de 500 a 600 almas, que se reúnem aqui nas missas de domingo. Os proprietários pagam 100.000 réis por ano a um jovem capelão, que, além disso, recebe emolumentos por confissões, batizados, etc., e todos os dias reza missa para os tropeiros e outras pessoas, que lhe pagam 1½ pataca por dia. Alojamento e alimentação, ele os recebe da fazenda. É um jovem gentil, que alfabetiza, apenas por prazer, quatro crianças de uma das famílias do lugar - uma ação muito louvável. Ele me falou longamente das habilidades naturais dessas crianças, a mais velha, com 12 anos. Depois de um mês e meio de aulas, todas estão lendo e escrevendo muito bem.

Criação de gado. Em Meia Serra, o gado vacum é o que melhor prospera. Lá não se dá sal ao gado. Dizem que a terra já é salgada, isto é, tem alto teor de salitre. Já disse acima que encontrei ali pedra calcária. Os habitantes, sem saber disso, já verificaram, por sua própria experiência, que eles não precisam dar sal ao gado. É também o caso de Lapinha. Lá aparecem igualmente os barreiros, como em outros lugares que têm a mesma terra salitrosa amarelo-avermelhada. Em Riacho Fundo, também existem barreiros. O gado nunca recebe sal e está sempre gordo.

Para nós, europeus, certamente soa estranho ouvir dizer que aqui

se come manteiga européia, logo aqui onde a criação de gado é a principal atividade comercial. As pessoas têm tanto preconceito contra os produtos locais que preferem comprar, a preços altos, a manteiga européia para fazer seus bolos e tortas.

As terras de Lapinha pertencem à mesma proprietária de Riacho Fundo: a família Moreira - netos - que conhece bem a preguiça dos moradores de Lapinha.

Que medidas poderia o Governo adotar para incentivar essas pessoas a se dedicar, com afinco, à atividade agrícola? Motivar através de recompensas? Ou instituir penalidades para a total inatividade, promovendo inspeções nas terras? Criar feiras anuais de comércio de gado e distribuir prêmios certamente ajudariam muito.

Para preparar a carne seca, inicialmente, torra-se o sal numa frigideira até ficar bem pulverizado e fino. Com ele esfrega-se a carne (totalmente desossada) e leva-se para secar ao vento.

NB: A carne é cortada em fatias finas e compridas, sem separá-las umas das outras, de modo que um pedaço grosso se transforma num único bem longo. As partes ainda grossas recebem ainda cortes transversais e são esfregadas no sal.

Ultrapassamos a Serra da Lapa e, agora, estamos novamente em uma região consideravelmente mais baixa (2.500 pés de altitude), onde, no verão, é bem mais quente e (o que é curioso), no inverno, bem mais frio.

Nas regiões serranas, nunca se houve falar de estragos de geadas em plantas tropicais como a cana-de-açúcar, o café, a banana e outras. Aqui voltou-se a falar sobre isso.

Os insetos são vistos com mais freqüência, principalmente alguns

tipos de borboletas, mas a época de chuvas não nos permite sair para caçá-los. As formigas são tantas que não deixam jardins e hortas se desenvolverem. Dizem que, nas redondezas, existem também tatus-canastra, que, como os tamanduás, se alimentam de formigas brancas. Às vezes, eles cavam tanto a base dos ninhos em forma de pirâmide que estes acabam desabando por cima deles e os asfixiando.

Contam - acredito que seja uma lenda - que os tamanduás-bandeira se defendem com a língua, introduzindo-a nas narinas e na boca das pessoas!

Na maioria dos estabelecimentos daqui e do Distrito Diamantino, há uma cruz em frente à porta das casas, para lembrar os habitantes de rezar.

À tarde, quando o dono da propriedade vizinha retornava da missa, convidou-me a ir à sua casa, que fica a apenas meia légua daqui. Como não podíamos mesmo atravessar o rio, aceitei com prazer acompanhá-lo.

Cheguei, à tarde, à fazenda do Sr. Comandante Manoel Moreira, onde almoçamos entre 4h e 5h. Na casa, sempre esperam que ele chegue da missa, só que hoje ele se atrasou por nossa causa.

09/01

Era minha intenção voltar para junto dos meus companheiros de viagem hoje bem cedo, mas uma chuva fina e contínua provocou uma tal enchente no rio, que nem pude pensar em viajar; mal podia sair de casa. Foi um dia triste, que passei sozinho, sem um livro, nem mesmo o meu jornal. Tive que passar o dia todo no quarto de uma propriedade solitária.

A fazenda do Sr. Manoel Moreira fica a meia hora ao sul de Riacho Fundo, às margens do mesmo ribeirão que vem de Lapinha, numa região com muita vegetação, ao pé da serra da Lapa. Nela há uma bela cascata caindo sobre o vale, próxima à propriedade.

Manoel Moreira é um dos 14 herdeiros que repartiram entre si a fazenda de Riacho Fundo. A propriedade tem 5½ léguas de extensão por 3 de largura. É um homem muito ativo. Graças à sua operosidade, conseguiu adquirir oito lotes da terra dividida na herança e, com isso, agora tem pasto suficiente para o gado, lavoura, mata, etc. Sua terra vai até as vertentes de Lapinha, isto é, até a nascente do Riacho Fundo, onde ele tem um retiro para o seu gado vacum, constituído de 30 a 40 vacas, vários bois e cavalos - dizem que o pasto é muito bom por lá.

A principal fonte de subsistência dessa fazenda são as lavouras de milho, açúcar, feijão, arroz e outras; a criação de porcos e galinhas; e a comercialização de sua produção de curtume e de peles de boi, que são destinadas à fabricação de solados e correias. Os primeiros são feitos com a casca do barbatimão; as últimas, com a de angico.

A árvore do barbatimão aparece com mais freqüência no sertão e nos campos; o angico, nos capões ou matos, como aqui. O barbatimão produz um solado bem firme, duro e resistente à água. Com o angico, curtem-se as peles macias e alvas, próprias para correias.

Manoel Moreira tem muito angico em suas matas. Sua ocupação principal é o curtume de couro de correias. O procedimento é mais ou menos o seguinte:

As peles, que ele manda comprar (dos seus irmãos) por atacado nos arredores de sua propriedade, são cortadas ao meio no sentido do comprimento, para facilitar seu transporte em lombo de burros. São colocadas, então, primeiramente em uma lixívia de cal e cinzas, na

seguinte proporção: para cada 20 metades ou 10 peles inteiras, ¼ alqueire de cal e ½ alqueire de cinzas, dependendo da consistência desta - forte ou fraca. As peles ficam nessa lixívia por cerca de 20 dias, para facilitar a remoção de seu pêlo. Findo esse período, elas são colocadas sobre uma árvore cujos galhos caem sobre um riacho, e ali raspam-se todos os seus pêlos com uma vara curva de madeira ou com uma faca, para que fiquem não só limpas como também brancas.

Depois de bem raspadas, as peles são levadas ao tanque de curtição. Lá, entre cada duas metades (com as faces que tinham pêlos viradas uma para a outra), coloca-se uma camada de casca de curtume (de angico), até que o tanque esteja cheio. Cobre-se, então, a superfície do tanque com uma camada grossa dessa casca, enchendo-o, em seguida, com água. As peles ficam nesse tanque por quatro meses. A casca é trocada inicialmente a cada 8 dias e, depois, duas vezes por mês. A água, porém, é sempre a mesma. Quanto mais velha ela estiver, ou, em outras palavras, quanto maior a concentração de tanino, tanto melhor. Após quatro meses, as peles são retiradas do tanque, bem lavadas em água corrente e levadas ao sol para secar, onde são batidas com um socador até ficarem macias e prontas para serem vendidas.

O proprietário tem vários desses tanques, cada um com capacidade para 300 ou 400 metades de peles. Ele curte, por ano, de 800 a 1000 peles inteiras, ou seja, 2.000 metades de peles de boi. Uma pele de boi crua custa cerca de 960 réis; uma metade curtida, 1.200 réis.

Para curtir uma pele com pêlos, ela não vai para a lixívia, mas direto para o tanque de curtição, onde precisa ficar de 6 a 8 meses.

Obtém-se o tanino abatendo-se árvores inteiras de angico e retirando-se-lhes a casca, que é levada aos tanques de curtição em pedaços compridos - não é necessário cortá-la em pedaços pequenos. Se a árvo-

re brotar novamente da raiz, isso é bom; mas, se não acontecer, o proprietário não toma qualquer providência, pois, pelos seus cálculos, terá árvores para curtume, em sua mata, ainda por 30 anos; e, quando não houver mais tanino, escolherá outro ramo de atividade. Dizem que a resina do angico é tão bonita como as topas[166] e é utilizada em farmácia. Este é um dos homens mais empreendedores que conheci em Minas. É o primeiro que, de manhã cedo, dá as ordens na casa. Promove, para seus filhos, uma educação de nível elevado. Seu exemplo merece ser seguido.

Como dispõe de 30 escravos adultos e crianças, tem tudo em abundância: grandes plantações de milho, um engenho de açúcar, plantações de algodão. As mulheres fiam, tecem e fazem doces. Tem também uma grande criação de porcos. A cada 10 dias, mata-se um porco grande para ser consumido, em casa. Tem galinhas e patos com fartura, um moinho e um monjolo. As mulheres fazem índigo. Existem cerca de 30 a 40 bois, para puxar as carroças pesadas e desajeitadas; e muitas vacas, usadas apenas para alimentar bezerros e produzir bois fortes. Poucas vacas leiteiras garantem a produção do leite para consumo caseiro; as demais alimentam apenas os bezerros; o leite não é utilizado para fabricação de queijo ou manteiga. Existe ainda uma olaria e um forno de cal, para uso próprio. O proprietário pretende aprender e adotar técnicas européias para melhorar sua fazenda. Livres de preconceitos, pessoas assim podem fazer grandes empreendimentos.

Aqui conheci uma variedade diferente de milho: o milho cururuca, que dizem conter muito mais farinha e que, por isso, é empregado principalmente no moinho, para fazer fubá. Essa variedade tem grãos grandes, com uma cavidade larga na frente, justamente o contrário do milho de pipoca. Seus grãos são mais macios do que os do milho rotundo, o milho mais comum, usado sobretudo para fazer fari-

nha de milho e farinha torrada.

O dono da casa deu-me um pedacinho de resina de jatobá, com a qual se faz diamante artificial. O jatobá é uma leguminosa dos campos.

Os frutos comestíveis silvestres da região são:

Mangaba, mangabussa (uma *Myrtaceae*), aga, pequi, araticum, guabiroba, araçá, murta, pêssego-do-campo (outro tipo de aga), fruta-de-lobo, gravatá-do-campo (uma *Bromelia*), maracujá, juá, goiaba, jenipapo, jabuticaba, caju-do-campo e outros[167].

Com esse persistente tempo chuvoso e depois da estada que tivemos que suportar, procurei me informar junto às pessoas acostumadas a andar por essa região se poderíamos tomar outro caminho direto para Caeté. Ouvi, com grande satisfação, que era possível desviar de todos os rios e alagados da grande Estrada Real, com a vantagem de passarmos por grandes fazendas, uma após a outra; de encontrarmos, em todos os rios, ou uma canoa ou uma ponte; e de percorrermos um caminho muito melhor e mais curto: ao invés das 24 léguas daqui até Caeté, via Santa Luzia, o caminho sugerido tem apenas 17½ léguas. Mais precisamente:

De Riacho Fundo até fazenda do Cipó, do Guarda-Mor José dos Santos	4 léguas
De lá até a fazenda da Serra, do Cap. Joaquim da Costa	2 léguas
De lá até a fazenda das Lages, do Sargento-Mor João Pinto Moreira	4 léguas
De lá até a Capela de Taquaruçu de Cima (Arraial)	2 léguas
De lá até Padre Manoel Joaquim	1 légua
De lá até Antônio Lopes, ao pé da serra de N. S. da Pe.	2½ léguas
De lá até Caeté	2 léguas
Daqui até N. Senhora da Conceição	9 léguas
Daqui até Barra de Jequitibá	9 léguas

O outro caminho é:

De Riacho Fundo até Rótulo	3 léguas
De lá até D. Ignácia	8 léguas
De lá até Lagoa Santa	2 léguas
De lá até Santa Luzia	5 léguas
De lá até Sabará	3 léguas
De lá até Caeté	3 léguas

10/01

À noite, houve uma terrível tempestade, mas a manhã estava clara; finalmente o sol reaparecera. Logo após um desjejum com café com leite, montei o meu cavalo e cheguei, a bom tempo, a Riacho Fundo, onde, graças ao tempo ensolarado, havia muitas borboletas.

11/01

As águas do riacho baixavam rapidamente. Entretanto, e apesar do tempo quente e bonito, +15,5°, na manhã do dia 11, não tínhamos esperança de poder atravessá-lo a vau. Foi o único riacho caudaloso que tivemos que atravessar três vezes. Fomos forçados a ficar aqui.

12/01

Nossos animais, que nesses dias tiveram bom pasto, foram selados às 8h30, e às 9h30 iniciamos, na companhia de Deus, a nossa longa viagem.

O Sr. Manoel Ferreira, outro herdeiro da propriedade de Riacho Fundo, teve a bondade de nos servir de guia. Tivemos que atravessar duas vezes o Riacho Fundo para chegar à fazenda de Antônio Manoel Ferreira. Na primeira vez, o rio é relativamente largo e raso, de modo que poderíamos atravessá-lo a vau, com os animais carregados, embora com dificuldade, e sem molhar as caixas. Na segunda vez, todavia, o rio ainda estava tão alto que tivemos que descarregar os animais, colocar a bagagem sobre os ombros do pessoal, atravessar e recarregar os animais. Com isso perdemos 1½ hora. É nessas ocasiões que o viajante descobre e reconhece o valor das pontes. Aqui não se fazem pontes sobre rios pequenos, porque, nas épocas de chuvas, só raramente eles enchem a ponto de impedir a sua travessia; e mesmo quando isso acontece, as águas logo se escoam. Nós, porém, tivemos a má sorte de ter que atravessar o rio justamente no dia em que ele atingiu seu ponto mais alto no ano; e, como não havia ponte, perdemos quatro dias com isso. Ficamos esperando nossos animais até quase 12h, na casa do Comandante Antônio Moreira, onde precisaríamos atravessar mais uma vez o Riacho Fundo meia légua adiante. Felizmente a água já havia escoado o suficiente para não precisarmos descarregar novamente os animais.

Isso nos atrasou tanto que só chegamos à fazenda de Manoel Ferreira, nosso acompanhante, por volta das 3h, onde, atendendo a seu convite, decidimos passar a noite. Excluindo-se os rios, o caminho em geral é bom. Na estação seca, podem-se percorrer, sem obstáculos, de

quatro a cinco léguas por dia.

Sobre a fazenda de Manoel Ferreira (conhecida como fazenda do Mato Grosso) não há nada de especial a dizer. O dono já é de idade (54 anos) e, ao que parece, dispõe do que precisa. A fazenda fica às margens do Paraúna, que estava tão alto que nos obrigou a permanecer aqui hoje. As montanhas próximas são de calcário.

13/01

De manhã cedo, ainda não era possível atravessar o rio Paraúna; por isso precisamos fazer um grande desvio, para cruzar o rio bem mais acima. Passamos por uma cabana pobre, onde mora um negro livre. Só fomos alcançar o rio ¾ légua acima. No ponto em que o atravessamos, ele é largo e raso, de forma que os animais puderam atravessar sem molhar as caixas. Um quarto de légua adiante do rio, tomamos novamente o caminho bom e em linha reta que vem da fazenda do Mato Grosso. Seguindo por ele, chegamos, mais ou menos às 12h, ao rio Cipó, um rio grande e profundo, e o atravessamos pela ponte, próxima à fazenda do Cipó (Guarda-Mor José dos Santos).

Trata-se de uma fazenda nova, muito bonita e grande, onde logo se percebem muita organização e bem-estar. Embora tenhamos sido recebidos com delicadeza e hospitalidade e convidados a montar lá nosso acampamento, vários motivos obrigaram-nos a prosseguir mais 2 léguas em direção à fazenda do Lixo, na divisa entre as Comarcas de Sabará e de Serro do Frio. Já desde Congonhas, faltavam-nos cravos de ferraduras, que só poderíamos obter 2 léguas adiante. Às vezes, aparecem recrutas e ladrões dos dois lados da ponte do rio Cipó.

Chegamos, por volta de 4h30 da tarde, à propriedade do Sr. Capi-

tão Joaquim da Costa Vianna, a quem entregamos a carta de recomendação que seu filho, o pároco de Riacho Fundo, havia me dado.

Devo lembrar aqui que, desde a última chuva, nos dias quentes de sol, por todos os lados, vê-se grande quantidade de belas borboletas, algumas até muito raras, sobretudo *Colias*, o que me manteve bastante ocupado.

O Capitão Joaquim da Costa, 74 anos, dedicou-se muito à medicina e à farmacologia de sua terra e gosta muito de conversar sobre o assunto. Ele garante ter descoberto um remédio infalível contra o bócio, que consiste no seguinte: levar ao fogo, para calcinar[168], esponja-do-mar (*Spongia*) comum e a raiz de fedegoso (*Cassia fœtida*)[169], ambas cortadas em pedacinhos, em porções iguais, em uma vasilha de barro fechada. Dar uma pequena porção diária ao doente.

14/01

Recepção acolhedora, lugar excelente, fazenda bem administrada, prosperidade, bem-estar, ordem. De manhã, os sinos tocam para chamar os negros para o trabalho. A fazenda chama-se fazenda da Varginha de São José e fica na nascente do rio Jaboticatuba. A água brota da terra com força e, logo adiante, já movimenta diversos moinhos. Aqui existe um monjolo, moinho de cana-de-açúcar e de grãos e uma serraria. Não muito longe, há uma fonte de água quente. A água, que brota de seixos brancos e finos ou de areia de quartzo, é puríssima, clara e sem sabor. Segundo constatei hoje às 9h da manhã, a temperatura externa do ar era de +18°R, a água da fonte quente, +20°. A água de um riacho próximo, que também é chamado rio das Águas Quentes, estava a +17,5°. Em outra fonte na encosta do morro, atrás do

engenho de açúcar, a água estava a +18°, com uma temperatura externa de +19°. Falaram-me também de outra fonte de água quente que fica a 1 ou 2 léguas daqui: é a chamada Águas das Areias. Ninguém soube me dizer se suas águas são mais quentes ou mais frias do que as daqui, mas me contaram uma grande curiosidade: a fonte vem de uma cavidade ou cova totalmente coberta por um tipo de areia de quartzo muito pura, branca e fina, tão fina que se poderia usá-la para limpar estanho e prata, sem arranhá-los.

Imediatamente abaixo do solo encontrei xisto-argiloso, ferro sem aglomerado, arenito (duro, quartzífero), com o qual talvez se pudesse fazer pedra-de-moinho; argila de vermelho forte, misturada com areia de cascalho branca, aqui usada para queimar tijolo. Essa argila (*pizarra*) aparece num ponto do rio onde as águas já são menos quentes. Ela certamente seria de grande utilidade para um oleiro. Também há pedra calcária nas redondezas; não longe dali já se extraiu salitre.

Conta-se que, naquela fonte quente da serra, uma pessoa pode se afundar até o pescoço em uma areia branca e macia, mas a água da fonte a empurra sempre para cima, de forma que ela nunca afunda totalmente. Se o tempo permitir, pretendo visitar essa fonte.

O milho foi destruído há alguns anos pelas lagartas. Elas eram de dois tipos, sendo que uma delas, pela descrição, tinha um palmo de comprimento.

Dizem que o clister feito com a casca de uma árvore aqui chamada de mari teixo[170] remove a terra de "comedores de terra" e cura. Deixa-se a casca fermentando durante a noite; de manhã ela é cozida e aplicada ao doente interna e externamente.

Faz-se óleo com o coco da carnaúba[171]. Os cocos, do tamanho de uma maçã, à medida que caem da árvore, vão sendo empilhados e

cobertos com pele de boi, para que fermentem e apodreçam. Dependendo do tempo, se mais frio ou mais quente, os cocos permanecem assim durante ou 14 dias, ou 3 semanas ou 1 mês. Depois retira-se a casca externa, cobre-se o coco com polpa duas ou três vezes por 24 horas e deixa-se fermentar até que estejam quentes. Quando isso ocorre, leva-se tudo ao triturador ou monjolo (o caroço é tão duro que não se quebra) e, depois de bem moído, espreme-se o óleo numa boa prensa. Para não se perder nada, pode-se revolver a massa mais uma vez, despejar água fervente em cima e espremer tudo novamente. Por fim, coa-se o óleo que fica boiando na água. Esse óleo é excelente para fazer sabonete e, quando queimado em lâmpadas, produz boa claridade. Com a ação do fogo, no entanto, ele corrói logo o metal (em lâmpadas de metal). Por isso, é melhor utilizar lâmpadas de barro.

Os cocos que sobram, às vezes, são novamente empilhados, secados, moídos, tostados e cozidos. Resulta daí um óleo parecido com o do *Ricinus*. Dizem que é um óleo consistente e branco, quase igual à manteiga, e comestível. Mas são poucos os habitantes que acham que vale a pena preparar essa manteiga. (Veja mais acima, em Santa Luzia, Fazenda do Capitão José Nunes.)

O dia de hoje estava quente e muito apropriado para caçar borboletas. Ocupei-me com isso de manhã e, à tarde, e capturei 60 *Colias* raras, com asas amarelas nas extremidades, 22 tipos com asas recortadas, uma amarela com ponto preto e outras. Todas são espécies ainda raras nas coleções.

Na fazenda do Cipó, estávamos bem mais perto daquela fonte das Areias. Mas, partindo dali, precisaríamos de um dia inteiro para visitá-la. Assim, essa e muitas outras pesquisas que faríamos por aqui ficarão, quem sabe, para um próximo naturalista. Dizem que, nos arredores de

Riacho Fundo, também há tatus-canastra.

Nesta fazenda, como em toda fazenda bem administrada, encontram-se milho, feijão, arroz, porcos, galinhas, cana-de-açúcar, destilação de açúcar, algodão cru, fiado e tecido, azeite de mamona e de coco, frutas doces, couros, leite, café, vacas, peles, porcos para engorda, trigo e bom pão.

O que muito me agradou foi ver aqui vários cidadãos livres que, convidados para trabalhar aqui, conseguem garantir para si um nível de vida melhor do que se estivessem trabalhando numa vila pobre, por exemplo, como sapateiros, alfaiates, ferreiros, serralheiros ou carpinteiros.

15/01

Com exceção do sal, que vem de fora, aqui não falta nada. Os rios têm peixes, os maiores são os curumatãs. Seria bastante conveniente construir aqui um pari como o de Jequitibá. Próximo a Rótulo, um lugar onde não estivemos, extrai-se muito salitre.

Em Riacho Fundo, mora o Sr. Antônio Moreira, um homem de idade avançada. Seu pai, que mora em Santa Luzia, casou-se aos 60 anos com uma menina de 18 anos e teve 12 filhos com ela (Antônio Moreira é um deles) e morreu com 115 anos. Nosso anfitrião tem 74 anos, é bastante robusto e grande de corpo. Ele nunca bebeu qualquer outra coisa que não fosse água. Só tomou vinho como remédio, e, mesmo assim, apenas uma onça[172].

De manhã, às 5h30, tempo bom, +15°. Ontem meu cavalo preto perdeu-se novamente. Se ele for encontrado a tempo, seguiremos hoje mesmo até a fazenda das Lages, do Sargento-Mor João Pinto, tio de

Moreira, de quem falei acima. Por volta de 7h, todos os animais haviam sido recolhidos. Mas é estranho como o meu pessoal, na hora de partir, se movimenta sempre com lentidão; é difícil fazê-los sair do lugar. Precisei repetir várias vezes as ordens para conseguir fazer com que partissem às 9h - na verdade, eles nem tomaram café da manhã.

O caminho era, em geral, ruim. Uma pessoa saiu cavalgando na nossa frente de manhã cedo, prometendo guiar-nos, indicando os desvios com galhos de árvores (um costume que foi introduzido aqui). Os três ou quatro primeiros desvios foram realmente marcados, mas os seguintes não, de forma que, a partir dali, ficamos cavalgando a esmo por campos e matas, morros e vales. No primeiro desvio errado que tomamos, chegamos à fazenda do Ribeirão de Santa Anna, onde permanecemos por pouco tempo. Seu proprietário contou-nos sua desgraça: com a morte de vários negros seus - restaram-lhe apenas três -, ele perdeu sua lavoura, passando, assim, da vida excelente que levava então para uma situação de penúria.

Ele tentou nos explicar, da melhor maneira possível, o caminho que deveríamos seguir, mas, logo depois de partirmos, deparamo-nos com vários caminhos. Como não sabíamos qual deles tomar, escolhemos um ao acaso; mas era tão ruim, que desconfiamos não ser o correto. Cavalguei, então, meia légua para o lado, até uma casa que avistei em um vale próximo, e lá constatei, para meu consolo, que havíamos nos desviado apenas um pouco do caminho correto.

O proprietário teve a generosidade de nos emprestar um de seus escravos para nos mostrar o novo caminho, até um ponto seguro, a partir de onde não houvesse mais o risco de errarmos, nem se quiséssemos. Finalmente, às 3h30 da tarde, chegamos à fazenda do Sr. Major João Pinto Moreira, conhecido como um dos proprietários mais ricos

da região e onde fomos recebidos com generosa hospitalidade. Aqui não há só abundância: há também muito luxo.

Desde Tijuco, temos assistido, nas casas, às mais diferentes formas de recepção, usos e costumes. Na maioria delas, quase não se vêem figuras femininas. Em muitas, só se podiam ver as suas sombras atrás das frestas das portas. Mas a maioria delas não se deixava ver. Em alguns lugares, elas continuavam ocupadas com os seus afazeres e chegavam a aparecer, mas sem tomar conhecimento da nossa presença, nem mesmo para nos cumprimentar. Com exceção da casa do Intendente de Tijuco, em nenhuma outra aconteceu de comermos à mesa junto com a dona da casa.

A gurintiúba[173] é uma árvore que cresce muito rápido, dá uma madeira leve e um bom carvão para pólvora. Com essa escassez crescente de madeira, esse é um tipo de árvore que mereceria ser plantado.

16/01

A sensação de, após longo tempo, estar novamente entre pessoas altamente civilizadas foi tão agradável, que decidi passar o domingo aqui. Além do mais, vários dos meus animais ainda precisavam ser ferrados. As mulheres da casa ainda não apareceram, mas, certamente, as veremos hoje na missa.

Da fazenda das Lages até Santa Luzia, a distância é de 3 léguas. É interessante notar como os costumes de fora influenciam os de dentro. Quando estamos em locais onde há organização e bom nível de vida, meus negros se vestem decentemente, sem que eu nem precise mandar. Eles usam sua farda ou outra roupa boa e limpa. Mas nos lugares onde reinam sujeira e desordem, eles permanecem com suas roupas do

dia-a-dia mesmo nos dias de grandes festas.

O Padre Manoel Joaquim viaja 3 léguas todo domingo para celebrar a missa aqui. A missa se iniciou por volta das 11h. Apareceram mulheres e meninas de todas as idades, que ainda não havíamos conhecido. Após a missa, elas voltaram para dentro de casa, e não as vimos mais. Como parece ser comum aqui, um grupo de vizinhos ilustres chegou após a missa para almoçar. Apenas o pároco não veio, pois retornou para sua casa e suas terras antes do almoço, percorrendo as suas 3 léguas e 4½ horas de caminhada. Por volta das 2h, fomos chamados à mesa, onde serviram uma lauta refeição. De repente, todos os pratos estavam sobre a mesa, dispostos simetricamente. Havia uvas, melões, assados, salada (como acompanhamento). Apenas os homens se sentaram à mesa. As senhoras nos observavam de uma sala vizinha, através de uma porta aberta, o que já denotava elevado nível cultural, pois pelo menos não tinham se escondido, como costuma acontecer em outros lugares. Já havia uma pequena aproximação.

Na mesa também havia pão e vinho caseiros, pratos bem preparados, uma toalha de mesa fina e bonita, feita de algodão.

Após o café, cada um ficou à vontade. Alguns foram passear na grande varanda, outros conversavam sobre política, outros, de suas plantações, outros ainda foram tirar a sesta do almoço. Eu, que tinha ficado sozinho, fui passear na varanda ou galeria, e notei algumas meninas em um quarto de hóspedes. Aproximei-me delas e entabulei uma conversa. Sua timidez era mais forte do que sua cortesia, mas pelo menos elas não correram para a porta dos fundos. Responderam modestamente e sem reservas às minhas perguntas.

O dono da casa veio juntar-se a nós e obrigou-nos, a nós e às senhoras, a nos sentarmos. Fiquei sabendo, então, que elas eram vizi-

nhas. Notei, através de uma porta lateral, que outras jovens senhoras se preparavam para aparecer, pois estavam vestindo suas meias.

Não demorou muito, e a dona da casa veio junto com duas filhas crescidas e algumas convidadas. Os convidados para o almoço foram se aproximando aos poucos; quando me dei conta, percebi que estava em companhia de várias pessoas de ambos os sexos. Falava-se, brincava-se, alguns tocavam violão. Atendendo a pedido especial, o Sr. Ménétriès tocou flauta. As senhoras cantaram algumas árias, acompanhadas de violão. Por fim, acabou até havendo uma rápida dança em família.

Ja percebi algumas vezes - em Santa Luzia, na família do Coronel Almeida, em Jequitibá e aqui - que, quando um homem quer conhecer uma senhora e conversar com ela, ele precisa de uma certa ousadia e indiscrição para poder se aproximar, enquanto ela o fica esperando quase que na espreita. Em alguns locais, só pude conhecer a dona da casa depois de pedi-lo formalmente; em outros, não as vi por falta de curiosidade ou de delicadeza.

Hoje o tempo esteve muito quente. Quase não vi borboletas. Meus caçadores Alexandre e Roberto abateram, cada um, um picapau branco e alguns outros pássaros raros.

Dizem que aqui também existe o pequeno galo de Azara (*petit coq d'azara*), *Muscicapa*. Os Srs. Riedel, Rubtsov e Ménétriès querem ir amanhã até Santa Luzia, para depois reencontrar a expedição na serra da Piedade. Por isso decidi ainda permanecer aqui amanhã, para mandar caçar picapaus e o pequeno galo. Também espero conseguir alguns macacos.

Hoje escrevi a carta n° 33 e mandei para a Mandioca por intermédio do Sr. Manoel Ribeiro Vianna.

Embora a fazenda já disponha de 40 escravos braçais, de tem-

pos em tempos, compram-se mais alguns. O velho João, de 74 anos, que comprou um há oito dias, trata-os, no início, como às crianças da casa. "É porque", disse ele, "primeiro eles precisam criar amor por seus senhores, pois, assim, nunca fogem, o que, de resto, é comum acontecer."

Em Kamchatka, quem quer ter um bom cachorro deve fazer o mesmo. Deve ele mesmo alimentá-lo e chamá-lo sempre pelo nome, principalmente enquanto ele está comendo, e ficar ao seu lado até que ele termine de comer, para que o cão fique conhecendo bem o seu senhor e benfeitor, isto é, aquele que lhe dá de comer para que trabalhe.

17/01

Hoje, novamente sol forte. Os Srs. Riedel e Ménétriès cavalgaram cedo com o Sr. Antônio Pinto para Santa Luzia.

Criação de porcos

Em toda grande fazenda bem administrada, é absolutamente necessário dar-se alguma atenção à criação de porcos, senão para a venda, pelo menos para garantir uma vida com fartura. Onde há milho, há abundância em tudo. Antigamente os porcos, que chegavam a ficar em 100 no pátio, davam prejuízo, faziam muita desordem e sujeira. Por isso, o proprietário mandou cercar uma área, com muros fortes, na capoeira perto de casa, ao lado do pátio. Nela, os porcos (com exceção dos porcos de engorda) ficam reunidos e livres para caminhar de um lado para outro. O local tem um poço e um alagado, ou melhor, um lamaçal formado pela água que transborda do poço, onde os porcos de

vez em quando vêm chafurdar. Ligada ao pátio ou cercado dos porcos, há uma casa para onde eles vão nos dias de chuva ou à noite. A área tem aproximadamente uma jugada[174]. Gostei muito dessa maneira de criar porcos. Só que eles comem mais milho, por ele ter menos raízes para remexer. Mas milho, numa fazenda como esta, é o que não falta: havia um paiol (um depósito de milho) grande e bem espaçoso, que estava cheio até a metade. Em cada depósito de milho, há vigas, ou barras fortes, dispostas uma ao lado da outra, com uma certa distância entre elas. Sobre essas barras bate-se o milho (bater o milho a bateira). Elas têm 12 a 15 de comprimento, 8 de largura e 4 de altura).

Em toda grande fazenda, existem amantes de caça, cada um com seus perdigueiros e outros cães de caça. Além destes, ainda há os cães domésticos, de forma que, quando uma pessoa chega nesses lugares, é comum ver-se logo rodeada de cães de todos os tipos.

Eles costumam se alimentar de milho em forma de angu, ou seja, fubá cozido com água até virar uma papa grossa ou *pudding*.

Aqui há muita mata e grande quantidade de pássaros e animais de caça. Os papagaios e macacos aqui procuram as plantações de milho e as destroem. Em Ribeirão de Santa Anna, o dono da casa disse-me que, no ano passado, sua plantação de milho foi destruída devido ao grande número de armadilhas (tatus). Pássaros pequenos e aves canoras procuram as jabuticabas quando elas estão maduras. Essas frutas amadurecem três vezes ao ano.

Hoje cedo, um negro da fazenda, que é bom atirador, foi caçar junto com Alexandre e Roberto. Eu esperava que eles trouxessem bastante material, mas, entre 1h e 2h, voltaram frustrados. O mais interessante que conseguimos hoje foi uma jibóia jovem; uma *Boa* ou sucuri; um crocodilo; um caimão e um *Anas crecca* que ainda não tínhamos

visto. A jibóia é uma cobra peculiar: tem a cabeça achatada, o pescoço fino e o rabo bem curto e grosso quando sai do ânus, como todas as cobras venenosas, e, no entanto, ela não é venenosa. Dizem que ela é muito voraz.

Palmeiras-macaúba[175]. Elas voltaram a aparecer na fazenda do Capitão Joaquim da Costa; aqui vêem-se grandes grupos delas. É uma palmeira muito bonita e útil. Seu óleo é usado para fazer sabão.

Aqui, o óleo é extraído de forma melhor do que aquela descrita acima. Depois de empilhados, os cocos são cobertos com uma espécie de grama, e esta, com ripas ou madeiras. Quando não chove, eles são regados, de tempos em tempos e mantidos cobertos, até apodrecerem. Retiram-se-lhes, então, as cascas externas finas e colocam-se os cocos, novamente, uns sobre os outros, até que fiquem bem fermentados e aquecidos. Quando isso ocorre, eles vão para o pilão, onde são triturados até que toda a parte oleosa desgrude do caroço. Em seguida, são levados à prensa. Caso se queira aproveitar tudo, então repete-se o procedimento anterior, juntando-se tudo pela segunda vez e jogando-se água fervente em cima. (Comparar essa descrição com a outra, mais acima.)

Apanhei várias sementes maduras para plantá-las na Mandioca. O óleo é aqui um item importante no comércio interior. Um barril = 8 medidas[176], custa hoje 1.800 réis.

É preciso saber que se pode utilizar tudo de uma plantação de milho: as folhas servem de ração; o sabugo da espiga de milho enrijece bem e pode ser usado como lenha; o milho jovem é posto em conserva (picles); o milho adulto é cozido em água e sal ou assado no fogo; é um ótimo alimento.

18/01

Partida da fazenda das Lages, uma das melhores e mais bonitas que já visitamos até hoje. Seu proprietário é um homem idoso, honrado, culto e instruído. É também muito hospitaleiro. Como cada pessoa tem um traço marcante em sua personalidade, pode-se dizer que, nesse homem, esse traço é a generosidade e a hospitalidade.

Ele tem um oratório ou capela em sua casa. Todo domingo manda vir um padre para rezar a missa, à qual comparecem vários vizinhos, quase todos parentes, a quem ele, sendo o mais rico, ajuda de todas as formas. Ele fica satisfeito quando recebe tantos parentes para a missa e quando ficam para almoçar. Quanto mais generoso ele é, mais o bom Deus faz prosperar sua lavoura.

Quando há grandes festas ou comemorações, ele convida pessoas de todos os lugares, manda buscar músicos de Sabará, 8 léguas daqui, que ficam hospedados em sua casa por quatro ou cinco dias. Nessas ocasiões, abnegado e generoso que é, ele gasta entre 3.000 e 4.000 para divertir também outras pessoas: conforme um hábito daqui de Minas, em diferentes horas do dia, ele manda encher um tanque com vinho, do qual qualquer pessoa pode se servir à vontade.

A mesa fica servida com alimentos o dia inteiro. Dança-se, canta-se, assiste-se à missa, que é celebrada com música. Os músicos se alternam, de forma que o coro fica tocando dia e noite.

Da minha parte, aprendi muito nesses dois dias de convívio com esse homem digno. Despeço-me dele com os sentimentos mais sinceros de amizade.

Sua família inteira (feminina) apareceu para a despedida. Seus

dois filhos, Manoel e Antônio Pinto, acompanharam-me - este último, por 1 légua, e o primeiro, até o arraial Taquaruçu, a 2 léguas daqui.

A capela, pertencente a Sabará, tem 2.000 almas. O caminho era, em geral, muito bom. Sobre o grande rio Tucuarapura passa uma ponte, nos arredores da primeira fazenda, que fica ¾ légua distante de Lages. A maior parte do caminho passa por matas, capoeiras, que se alternam com campos. Estes, entretanto, pareciam artificiais, resultado de desmatamentos ou queimadas, pois, em quase toda parte, havia capim-gordura ou capim-melado, que se estendia até vários pontos na margem do rio Tucuarapura.

Após percorrermos 2 léguas, alcançamos o arraial Tamaraçu, que tem uma capela com 200 almas. O lugar é agradável; está rodeado por numerosos coqueiros. Faz-se muito óleo e sabão. Muita criação de gado e boas casas dos ricos proprietários da vizinhança, como, por exemplo, o Major Joaquim Pinto Moreira, que tem a melhor casa.

O Padre Manoel Joaquim, o pároco que reza a missa na propriedade do Major João Pinto Moreira e que mora a uma légua daqui, esperou-me para levar-me à sua fazenda. O caminho é mal conservado; campos e morros estão todos cobertos com capim-gordura; há muitas palmeiras-macaúba, todas amareladas e ressecadas, dando má impressão. Elas parecem sufocadas pelas ervas daninhas; suas raízes não recebem nem ar nem alimento.

Por volta das 3h, chegamos à casa do padre. Ele nos tratou com muita franqueza e amizade. Há dois anos, ele tem uma fazenda nova, onde as ocupações prioritárias são a criação de gado e lavoura de milho. Ele tem também uma grande horta e pomar e uma plantação de café. É um homem muito dinâmico. Na horta, vi uma árvore com mais de 5 pés de altura e muito saudável: a mais bonita que já vi. O clima daqui parece ser bastante benéfico.

19/01

Quando se pretende ter animais de tração (bois), o consumo caseiro de leite e de queijo, então, é menor. O leite, disse o proprietário, pertence aos bezerros. O padre já conseguiu mais de 100 cabeças de gado em menos de dois anos e está muito satisfeito por ter tido mais bezerros fêmeas.

Decidi tomar um pequeno atalho até a fazenda do Coronel Motta, sogro do Presidente José Teixeira, a 4 léguas daqui. A tropa vai para Antônio Lopes, onde Riedel e Ménétriès vão se encontrar com Rubtsov.

O Padre Manoel Joaquim fez-me o favor de me ceder um guia; sem ele teria sido muito difícil encontrar o caminho, já que ele passa por campos e já está um pouco trilhado e cortado, de todos os lados, por atalhos feitos por bois, vacas e cavalos. Era difícil distinguir o caminho verdadeiro. Atravessei colinas ora mais baixas, ora mais altas, todas cobertas com capim-gordura ou capim-melado e cortadas por pequenas fontes de água e por vales ora estreitos ora extensos; às vezes, havia desfiladeiros onde aparecem palmeiras com folhas amarelas e sufocadas pelo capim-gordura. Uma légua adiante, passei por um riacho maior, rio Vermelho, sobre o qual passa uma ponte, e por vários ribeirões. Durante o percurso, quase a cada meia légua, encontram-se fazendas ou pequenas cabanas e casas espalhadas, geralmente às margens de um pequeno riacho e nas proximidades da mata, que aqui se torna mais freqüente. Após 2½ léguas, cheguei à fazenda de uma viúva, D. Francisca, onde mandei de volta o guia do padre e contratei outro daqui mesmo. Passei por grandes milharais e campos incultos, todos cobertos por fetos - uma visão desagradável e árida, principalmente porque se sabe que isso é conseqüência das contínuas queimadas de antigas matas e florestas e que esses campos estão arruinados

para sempre.

A partir da fazenda de D. Francisca, subimos e ultrapassamos novamente, a grande cadeia de montanhas, que aqui consiste apenas de uma única montanha, cujas encostas são cobertas por matas (grande floresta tropical), até os pontos mais altos. Depois de atravessar essa montanha, eu tinha somente ¼ légua a percorrer, até o meu destino. Ao deixar a mata, deparei-me com a maior plantação de milho que já vi no Brasil, até hoje. Todos os morros, colinas e vales estavam plantados. Esses campos de milho, estendiam-se até as proximidades de um estabelecimento cujos campos estão cobertos por plantações de cana-de-açúcar.

Por volta de 1h30, cheguei à grande fazenda do Coronel João da Mota, a maior fazenda, ou melhor, a mais produtiva que já vi. As construções, os métodos de trabalho, a comercialização e as plantações são iguais às que se vêem em outras fazendas. A produção de milho é a atividade principal. Plantam-se, anualmente, entre 30 e 40 alqueires de milho. A colheita é usada para consumo caseiro, para a venda de farinha, para a criação de porcos e outros fins. Os campos de palmeiras-macaúba acabam neste lado do morro; em seu lugar, há plantações de *Ricinus*, feijão, inhame, mandioca, café, algodão, milho, bem como criação de gado, destilação de açúcar, serrarias, etc. Tudo isso se vê em outros lugares, mas aqui, em proporções muito maiores. Entra ano e sai ano, os animais de carga estão sempre no campo, levando e trazendo, no lombo, o produto de tanta fartura.

Duas particularidades desta fazenda são: um grande lago de peixes e a fiação mecânica de algodão, que, neste momento, infelizmente está parada, por falta de pessoas que saibam operá-la. O Coronel Motta pretende reformar suas carroças e carretas.

Devo registrar ainda mais uma particularidade dessa propriedade: é a terceira casa em Minas e a única fazenda onde as senhoras sentam-se à mesa do almoço juntamente com o proprietário e convidados. As outras duas casas eram a do Presidente em Vila Rica e do Intendente em Tijuco.

Uma tarde inteira foi suficiente para observar o estabelecimento. O tamanho dos paióis é proporcional às plantações e estão cheios só até a metade. Os monjolos nos moinhos estão em constante atividade, para atender ao comércio da farinha.

20/01

Viajei de manhã cedo, na companhia dos dois filhos mais velhos, até Cocais para visitar meu velho amigo Dr. Gomide, a 3½ léguas. Trata-se de um médico instruído, agora, um grande político, possuidor de uma excelente biblioteca.

21/01

Fomos para Gongo Soco, 4 léguas, passando por São João do Morro Grande, onde cheguei ao mesmo caminho percorrido há vários meses. Aqui existe muito ferro e ouro - portanto, pobreza - e uma fundição de sinos. Nos arredores do arraial, vêem-se novamente ruínas de antigos garimpos de ouro. Como em muitos outros locais, encontra-se aqui, tanto no rio como nas terras vizinhas alagadas, muito seixo rolado de ferro, isto é, pedras grandes e pequenas de metal rico de ferro, arredondadas e finamente polidas pelo desgaste, melhor do que se o tivessem sido artificialmente. Normalmente, essas pedras são encontradas em fileiras, mesmo em regiões altas que não são leitos de rios,

(Ver observações do Dr. Couto.)

O dia estava desfavorável para a caça: os três caçadores que despachei não abateram nada. O céu estava todo coberto por nuvens de chuva (tempo fechado). Certamente não haveria grande coleta de insetos.

Escrevi a nº 35 para a Mandioca.

Caderno nº 17 - folhas 29-45
25 de janeiro a 17 de fevereiro de 1825

Escrevi para o Sr. P. Kielchen e para Emil Lutherot, em Mühlhausen, a respeito de uma dívida de cinco anos, no valor de 1.000 réis, além dos juros de 12%.

Enviei a nº 36 para a Mandioca.

25/01

Aqui ainda se trabalha no garimpo de ouro, mas de uma maneira inacreditável. Escava-se o morro inteiro; os negros descem carregando a terra dentro de pequenas bacias de madeira que eles põem sobre sua cabeça; e vão escavando e levando a terra para outro lugar, até chegar à formação.

É impossível convencer essas pessoas a usarem os métodos normais de mineração, pois elas não querem perder um único dia abrindo galerias ou poços; praticamente não conhecem máquinas ou outros meios para desviar ou fazer escoar a água.

Em várias oportunidades, dei exemplos de longevidade e de crescimento da população. Já falei, por exemplo, que a sogra do Capitão e Guarda-Mor João Baptista, Srª D. Mariana, tem 13 filhos, doze dos quais casados, e 80 netos ao todo. Exemplos semelhantes não são raros.

No entanto, tenho me esquecido de mencionar uma outra circunstância e uma curiosidade psíquica que contradiz totalmente uma

afirmação amplamente aceita.

As meninas, em geral, estão prontas para o casamento antes das nossas: freqüentemente elas se casam aos 13 ou 14 anos. Elas costumam menstruar muito cedo e são muito férteis. As mulheres, pelo menos na região de Minas que visitei, envelhecem (rio das Velhas), têm filhos e menstruam às vezes até perto dos 60 anos. A ética me proíbe de citar nomes. Várias vezes vi - ou ouvi falar - pessoas casadas, com 30 ou 35 anos, já com famílias constituídas, convivendo com irmãos ou irmãs de um ano de idade, filhos da mesma mãe. Em outras palavras: mulheres com 40 anos de casadas que ainda são férteis.

27/01

Desde ontem à noite, finalmente o tempo mudou um pouco. O céu está encoberto, mas com sol; parece que teremos tempo bom.

Fiz uma excursão a um arraial perto daqui, chamado Socorro, que dá nome ao riacho que passa por ali. Mas não valeu a pena em termos de pequisa entomológica.

Todos os morros são verdadeiras formações de ferro. Aqui e ali aparecem algumas rochas calcárias. Às margens dos riachos, encontram-se grandes amontoados de areia de ferro; nas encostas, misturado com essa mesma areia de ferro e com um mineral da família da hematita, vêem-se seixos rolados de ferro, que se poderia perfeitamente chamar de "minério de feijão" ou "minério de ervilha". Às vezes são maiores, às vezes menores, mas sempre em forma esférica. Justamente em meio a esses seixos rolados de ferro, encontrei cristais de quartzo e cristais de pirita, além de fragmentos de cristais de ferro.

Seria muito interessante se eu pudesse ter uma carta geognóstica

do país. Mas quando vão pensar em fazê-la? Não é estranho que o Imperador da Rússia se interesse mais pelas riquezas naturais do Brasil do que o próprio Imperador do Brasil?

28/01

Partida de Gongo Soco. Tempo bonito. Meu cavalo fugiu novamente. Tudo estava pronto para a viagem, mas teve que ser adiada por causa disto, outra vez.

O Sr. Riedel partiu na frente para a serra da Caraça. Voltaremos a nos encontrar em Ouro Preto. Hoje cedo, o Sr. João Baptista Ferreira emprestou-nos 439, sem juros, para pagar em quatro meses. Também conseguimos outros minerais, para mandá-los para a Rússia.

29/01

Como tive que ficar aqui hoje, pois, meu cavalo de montaria não foi encontrado, utilizei o dia, sob um sol muito quente, para procurar algumas pedras-de-santana, ou seja, cubos de ferro ou de pirita, iguais aos que encontrei na excursão de ontem. Percorrendo os caminhos trilhados por carretas e os atalhos feitos por pedestres na direção de São João, em poucas horas encontrei entre 50 e 60 cristais de ferro e, no meio deles, outros cristais de rochas que, me parece, contêm mais ferro do que outros, o que lhes confere um brilho mais metálico. É possível que, entre Brumado e Catas Altas, principalmente em Brumadinho, se encontre grande quantidade de cubos de pirita.

Vi poucos insetos e borboletas.

O pesquisador e colecionador naturalista deve se guiar sempre

pelas circunstâncias e voltar sua atenção para tudo que a natureza lhe oferece. Em termos de botânica, ornitologia e entomologia, há muito pouco a ser feito, pelo menos nesta época do ano.

30/01

Disseram-me que, se quisesse encontrar logo o meu cavalo, deveria falar com o vaqueiro (isto é, o homem que recolhe vacas e bois do pasto). Fiz isso hoje cedo, e, duas horas mais tarde, já haviam encontrado o meu cavalo. Todo meu pessoal tinha ido para outras regiões distantes, de forma que eu ainda não poderia partir hoje. Partiremos, se Deus quiser, amanhã.

Daqui a poucos dias, no dia 4 de fevereiro, será a festa de aniversário da Srª D. Mariana, a sogra do Sr. João Baptista. Diariamente chegam pessoas de todos os confins para participar da festa, entre elas, vários parentes e os músicos de Sabará.

Algumas palavras a respeito do pássaro joão-de-barro. Ele faz um ninho novo, todo ano, protegido contra a chuva, com abertura para o Leste ou Nordeste, por onde não entra chuva. Os tucanos comem os filhotes.

31/01

Depois de tomar todas as providências e de mandar levar os animais para um pasto cercado, tive o desgosto de saber que meu cavalo de montaria tinha fugido, de novo, e não conseguiam encontrá-lo.

Às 5h da manhã, eu estava pronto para partir, mas tive que mandar todo o meu pessoal, novamente, à procura do cavalo. Como era

domingo, foi com muito custo e depois de muitas promessas que consegui convencer o vaqueiro a me socorrer.

Nesse meio tempo, tive que brigar também com o proprietário para não pagar pelo pasto, pois era sua obrigação mantê-lo bem cercado. Quem vai me pagar o tempo perdido e o transtorno que foi ter que ficar esperando, com meus animais de carga, sob o sol escaldante do meio-dia, quando eu já poderia estar chegando a Brumado entre 10h e 11h, ou até mais longe?

Já são 8h30, e meus animais ainda não foram selados. O cavalo ainda não foi encontrado. Como são diferentes as viagens na Europa! Quando poderemos viajar aqui como na América do Norte?

Finalmente, por volta de 2h da tarde, trouxeram o meu cavalo. Depois de distribuir recompensas para todos que saíram à procura do cavalo, deixei Gongo e cavalguei para Brumado, a 2½ léguas daqui, para a fazenda do Sr. Manoel Mariano, onde encontrei a tropa e pernoitamos. Os animais ficaram em pasto fechado e recolhidos de madrugada. O cavalo estava no estábulo. Hoje vamos ainda a Inficionado com Antônio Pereira. Recepção ruim. Casa de Rochus Schück e para Ouro Preto.

1, 2 e 3/02

A fábrica de ferro de um certo Lucas, nas redondezas de Caeté e Sabará, produz ferro de boa qualidade e flexível. Ele tem sua própria marca. Se o ferro estiver duro mas quebradiço, o proprietário o devolve.

De *Plantes usuelles du Brésil*: Auguste de Saint-Hilaire. 2de. livraison *Cephaelis ipecacuanha*. *Ipecacuanha officinalis ar*.; *Cophaelis emetica Pers*;

Callicocca Ipecacuanha Brot., Ipecacuanha Mare. Piso Poaya[179].

Exportam-se, anualmente, entre 300 e 400 raízes.

O dia de hoje foi utilizado para acondicionar, nas caixas compradas ontem, o material colhido desde Tijuco:

1) 13 caixas grandes com plantas secas;

2) 29 com minerais e 5 com outros materiais diversos;

3) Minerais, pássaros e outros materiais deixados anteriormente aqui em Vila Pereira;

Lençóis caros de damasco e outros tecidos de seda chinesa; alguns panos de cetim com rico debrum ou sedas bordadas em ouro e coloridas; tecidos finos de algodão enfeitados com rendas.

Preparação para a partida.

Teatro em Ouro Preto: início às 8h da noite.

Até agora tivemos tempo bom em Ouro Preto, mas hoje choveu. O Sr. Luís Maria prometeu-me um mapa do Distrito Diamantino e das Termas de Caeté. Eu ainda quis copiá-lo rapidamente, mas o tempo não permitiu. Ele me fez a gentileza, então, de permitir que eu levasse comigo não só esse mapa como outros do rio Doce, para eu poder copiá-los depois com mais tranqüilidade.

08/02

Há vários dias, avisei meus companheiros que iríamos partir, mas, para surpresa minha, soube hoje que nem o Sr. Riedel (sob o pretexto de que suas botas ainda não estavam prontas), nem Ménétriès (porque não queria) estavam pensando em viajar. Ambos estavam na casa de

seu amigo Rugendas e deixaram-me partir sozinho com Rubtsov. Devo dizer a respeito de Rubtsov que ele é um homem muito civilizado, modesto e trabalhador, e tem se comportado tão bem durante todo esse tempo que merece uma atenção especial do Governo.

É realmente uma grande falta de sorte minha: estou sempre envolvido com pessoas que, no início, enquanto acham que precisam de mim, são modestas e civilizadas, mas que, depois, acabam se degenerando. Más companhias pervertem bons costumes: Rugendas estragou Ménétriès e Riedel.

Parti hoje, ao meio-dia, levando comigo um sentimento profundo de gratidão pelo Sr. José Teixeira da Fonseca Vasconcelos. D. Teresa e D. Francisca foram muito amáveis, e essa amizade permanecerá para sempre na minha lembrança.

Acompanhei a tropa até Capão. No caminho, vi algumas minas de topázio. Topázios de má qualidade são vendidos a 5.000 réis a libra; os de boa qualidade, entre 70.000 e 80.000 réis.

Os proprietários das minas só trabalham nelas esporadicamente, quando não têm mais nada para fazer. Capão fica a 4 léguas de Ouro Preto. Chegamos lá ao cair da noite. No caminho, meu pessoal deixou um cavalo (preto) fugir. Alexandre ainda não tinha chegado à noite, e mandei o João Moçambique ir procurá-lo.

09/02

De manhã cedo, nem o cavalo nem o pessoal haviam voltado. Despachei o Constantin para procurar o cavalo perdido. Tudo é conseqüência da falta de organização. Cinco a seis pessoas tomando conta de 11 animais, e ninguém viu para onde o animal fugiu. O tropeiro com-

pra ferraduras nas redondezas. A estalagem em Capão é bem suprida.

Após ter distribuído todas as tarefas - eram mais ou menos 8h -, decidi deixar a tropa è cavalgar totalmente sozinho, sem nem mesmo um negro. Três horas e meia mais tarde, cheguei a Ouro Branco. O caminho não é ruim. Ele passa pela serra do Oeste Livre, que hoje em dia está em melhores condições. Aqui vi novamente as *Vellozia* alpinas e outras plantas do campo. Mas há muitos bosques, capoeiras e campos que, embora não estejam cobertos pelo capim-gordura, parecem artificiais[180].

Dizem que o capim-gordura é originário de Goiás, mas ele já é visto com freqüência no litoral, inclusive no Rio de Janeiro.

Deixei meu cavalo descansar, e, depois de um almoço caro, pusme novamente a caminho e ainda cavalguei até a vila de Queluz, uma cidadezinha bonita, mas atualmente pobre. Aqui não encontrei nem açúcar e nem café, de forma que, no dia seguinte, manhã do dia 10, tive que partir com o estômago vazio.

10/02

Aqui também não havia leite. Minha programação para hoje era percorrer 6½ léguas até Ventania, um lugar com apenas uma casa e uma venda, onde fui muito bem recebido. No caminho, via-se pobreza por todo lado. Foi difícil conseguir que me dessem café da manhã em Ribeirão; na venda não havia nem mesmo farinha de milho. Um vizinho deu-me quiabo com um pouco de carne e angu (fubá com água fervente); com muito sacrifício, consegui um pouco de capim para a minha mula.

Deixei Queluz às 6h e cheguei à venda às 2h.

Na caminhada de hoje, vi ainda muita mata e poucas lavouras. Vêem-se muitas vendas e ranchos, quase que de meia em meia hora.

Achei estranho não ter visto nenhuma tropa hoje. Cheguei a pensar algumas vezes que tivesse me perdido, pois a chuva estava tão forte, que era difícil distinguir os caminhos trilhados dos atalhos de pedestres.

11/02

Bem cedo para Barbacena, 6 léguas. Após percorrer 1 légua, perdi o caminho. Choveu muito, e não se via o mínimo sinal de mulas. Segui o caminho trilhado (por carretas) e soube, com muito pesar, que eu havia desviado para a esquerda do caminho pelo menos a ½ légua atrás. Eu estava na fazenda de Moreira. Mato Dentro. O proprietário teve a bondade de me emprestar um negro como guia, que me acompanhou até Ribeirão, 2 léguas adiante, pelo grande caminho que acompanha a estrada. Cheguei por volta de 11h.

Nessas redondezas, em Mato Dentro, existem muitas fazendas, de forma que se pode facilmente errar o caminho. São, na maioria, fazendas de subsistência, com criação de gado, mas sem engenhos, pois a cana-de-açúcar deve sofrer muito com as geadas daqui. O algodão também não vinga. Não me detive em Ribeirão e, por volta de 1h, cheguei a Barbacena, onde almocei e mandei dar um pouco de capim para a minha mula. Pouco depois das 2h30, retomei a caminhada e, perto de 6h, cheguei a Confisco, onde hoje se recebe boa acolhida.

É preciso perguntar sempre onde se pode encontrar um bom albergue; vale a pena andar uma légua para frente ou para trás para se encontrar um bom pouso. Antigamente (J. Mawe[181]) havia um em Gama.

12/02

Como passei por lá em torno de 7h da manhã, pude ver, com pesar, como tudo é transitório neste mundo. A casa estava velha e decadente, o jardim, com ervas daninhas, e as laranjeiras, cobertas de erva-de-passarinho. O rancho estava vazio. Todos ainda dormiam, apesar de já ser dia claro. Viam-se sinais de negligência por toda parte.

Com tanto pasto bonito (campos), não se vê uma vaca , assim como na maioria dos ranchos. Em Confisco, que atualmente é a divisa entre mata e campos, fui bem acolhido. Parece que, antigamente, daqui até Bordo do Campo, havia mata. Mas, pouco a pouco, com os desmatamentos e queimadas, ela foi desaparecendo e dando lugar aos campos. Ainda se vêem alguns bosques e árvores de mata, pouco ou quase nenhuma árvore de campos; nenhum capim-gordura, nenhuma gramínea de campo, propriamente dita. Era uma vegetação meio-termo entre mata e campos.

Os campos já haviam causado em nós forte impressão há 9 meses, de forma que, agora, os olhávamos com relativa indiferença.

O céu tem estado nublado e o tempo, inconstante, desde a minha partida de Ouro Preto. Chove diariamente, normalmente à tarde. Um temporal.

À noite, choveu muito e sem parar. Devo agora deixar os campos e entrar em Mato Dentro, onde, dizem, os caminhos estão sempre alagados e ruins.

Às 6h30, eu estava pronto para partir, mas chovia tanto que achei melhor permanecer aqui até que o tempo melhorasse um pouco. Parti às 9h. De novo, não encontrei nenhuma tropa no caminho, mas, nos diversos r anchos, havia várias delas. É que, hoje, elas não trabalharam.

O tempo estava nublado, com chuvas esparsas.

Vilas principais por onde passei: Engenho (embora não seja um), Pinho Novo, Pinho Velho e outras. Às 3h, cheguei a João Gomes, onde há uma capela. O caminho percorrido hoje era péssimo. Aqui há uma venda relativamente boa. Prometeram-me cuidar bem da minha mula. Mandei dar-lhe ração e milho e a deixei sob os cuidados de um negro, em troca de promessas e bom pagamento. Ele se comprometeu a levá-la para um estábulo. Qual não foi a minha surpresa quando, às 4h da manhã, tendo ido ver se a mula havia comido capim, eu soube que ela havia fugido! Fiquei profundamente preocupado; cheguei até a suspeitar que ele a tivesse roubado. Mandaram vários negros para procurá-la; não demorou muito, e a trouxeram de volta do campo onde ela estava pastando durante esse tempo. É que, à noite, enquanto estava amarrada, ela foi atacada pelos porcos e vacas. Conseguiu se soltar e escapar.

À noite choveu ininterruptamente e assim continuou até esta manhã; por isso, não me atrevi a retomar a caminhada. Eram mais ou menos 8h30 quando a chuva diminuiu. Decidi selar meu cavalo e partir. Minha cadela Frugalla, que me acompanha fielmente desde a Mandioca, não quis sair daqui. "Se o cão não quer me acompanhar", pensei, "pois então que fique; não vou perder nada com isso." E parti absolutamente sozinho. Logo em seguida, caiu de novo uma chuva forte e curta. Os caminhos estavam horríveis. Encontrei apenas um ou dois tropeiros, que xingavam, muito zangados, as autoridades por elas não tomarem qualquer providência em relação às estradas.

Continuei avançando vagarosamente. Às 2h da tarde, descobri, para minha alegria, que eu havia percorrido 4 léguas. Fiz uma parada na fazenda dos Coqueiros, na casa do Sr. Antônio da Silva. Choveu forte novamente. Ali encontrei um quarto limpo, grama para o meu

cavalo e algo para comer e beber. Era uma boa venda.

Existe um outro tipo de coco: o coco-de-indaiá[182], cuja semente se usa para fazer doces. Os cocos são tão pequenos, que não compensa extrair o seu óleo. A árvore é muito elegante.

14/02

Choveu durante todo o dia e à noite. De manhã, o tempo melhorou um pouco. Após o café da manhã, continuei a viagem. Chovia pouco. Havia um rancho praticamente a cada meia légua. Assim, quando a chuva piorou, abriguei-me em Estiva e em outros lugares. Cheguei a Antônio Moreira (uma boa fazenda) lá pelas 9h30, onde começou a chover muito forte. Por causa do péssimo estado dos caminhos, minha mula perdia uma ou duas ferraduras por dia. Tive que parar em Antônio Moreira, para mandar ferrar novamente o animal.

A chuva estava tão forte que só pude partir por volta de 12h. Cheguei a Boiadeiro às 4h da tarde. Como lá não encontrei nem pasto para o meu cavalo e nem alojamento, tive que prosseguir viagem. Quinze minutos depois, cheguei, por um caminho paralelo, à fazenda (retiro) do Sr. Antônio Dias, que me recebeu com hospitalidade. Lá minha mula pôde receber sua ração.

O caminho de Coqueiros ou Luís Antônio, que fiz hoje, estava realmente terrível, principalmente devido à chuva. Qualquer europeu acharia inconcebível transportar bens e mercadorias por esse caminho. É estranho, mas os caminhos que passam perto das propriedade de pessoas ricas são piores do que em outros locais. O percurso pior e mais perigoso que encontrei foi nas proximidades das propriedades do Alcaide-Mor e do Juiz de Fora. Esses proprietários, que, acredito, são

capitães, acham que não têm obrigação de fazer melhorias nas suas estradas. As autoridades temem pedir a essas figuras eminentes que as façam, mas, em compensação, obrigam, com todo rigor, um homem pobre, que mal tem um escravo, a fazer essas melhorias.

15/02

Retomei viagem de manhã cedo. Todos os caminhos eram péssimos, mas o pior de todos era o que passa por Matias Barbosa, onde há o Registro (controle de alfândega).

As mais perigosas são as pontes de estacas toscas de madeira que atravessam alagados. Elas são tão mal feitas que, o tempo todo, dão a impressão de que vão cair e quebrar a perna de um animal.

Como este país está atrasado em termos culturais e técnicos! Dentro das matas, onde seria muito fácil fazer uma boa ponte de toras de madeira, é preciso, no entanto, percorrer milhas de chão lamacento. Os animais se afundam nos buracos literalmente até o peito. É impressionante a capacidade e a força com que eles enfrentam todas essas dificuldades.

Em Matias Barbosa, precisei mandar fazer outra ferradura (no Brasil todo usa-se ferradura fria). À 1h, cheguei a Varginha, onde mandei que alimentassem o cavalo com palha de milho (as folhas dos milhos novos). Comi algo também e retomei viagem, se Deus quiser, até Paraibuna ou talvez mais longe.

De fato, cheguei ainda em tempo a uma ponte do Paraibuna e prossegui até Olaria (½ légua), onde encontrei excelente acolhida.

Agora encontro-me na nova estrada, onde ainda não há instala-

ções e ranchos para os viajantes. Mas, mesmo assim, o dono da olaria fez a gentileza de me arranjar uma cama e um lugar, para minha mula.

É raro encontrar hospitalidade na grande Estrada Real, mas aqui encontrei. Na manhã seguinte (16 de fevereiro), quando pedi minha conta, o proprietário disse para pagar apenas pelo vinho que eu havia bebido e pela aguardente que mandei servir às pessoas que me serviram; não cobrou nada pelo jantar delicioso.

NB: O proprietário lamentou, com muitas desculpas, não ter açúcar e café para o café da manhã. Tive que me contentar (como um militar) com um pedaço de queijo, um pouco de farinha de milho e cachaça.

Entrei, novamente, naquele caminho terrível e repugnante, onde às vezes eu tinha a impressão de estar afundando numa poça de lama. Volta e meia, os pobres tropeiros tinham que descarregar e carregar seus animais. Posso dizer, sem exagero, que vi animais recarregados darem três ou quatro passos e caírem novamente no lamaçal.

Meu pobre animal de sela afundou, várias vezes, nos buracos de lama, que chegavam a cobri-lo até o peito ou os quadris. Fiquei admirado em ver como ele ainda arranjava forças para sair daquele atoleiro.

Cheguei ao Paraíba por volta de 11h30, onde tentei alugar um animal, pois o meu parecia cansado. Ofereci todo o dinheiro que tinha pelo aluguel de um cavalo, mas, foi em vão. Felizmente, pude cavalgar mais quatro horas com o meu animal e chegar, às 6h da noite, ao rancho de Governo. Na última vez em que lá estive, fui muito mal recebido; por isso, desta vez, pedi, meio impaciente e mal-humorado, pousada para mim e abrigo para o meu cavalo, além de mantimentos, para poder seguir viagem na manhã seguinte, bem cedo. Pedi também, entre outras coi-

sas, uma mula: imediatamente, e de boa vontade, me arranjaram uma. Sim! E não quiseram receber qualquer pagamento pelo bom jantar e outras coisas!

17/02

Às 5h da manhã, parti em jejum, na companhia de um negro, que guiava a minha mula (até a Mandioca são 13 léguas).

Pela primeira vez, fiz uso da minha portaria[183] e, em três locais diferentes, troquei de cavalo. Depois de algumas horas de permanência em Sumidouro, Magé e Córrego Seco, cheguei são e salvo à Mandioca, por volta das 6h30 da noite.

Suplemento: Em vários pontos do caminho de hoje, ouvi dizerem que ventos fortes derrubaram várias plantações de milho.

Suplemento: Em Caeté, Mato Dentro, ouvi o relato de uma pessoa que, por ciúme, havia castigado e matado, de uma maneira muito estranha, dois homens que ele suspeitava estarem envolvidos com sua amada. Ele confessou, em seu leito de morte, que, num jardim perto dali, há um árvore cuja semente tem forma de feijão (*leguminosae*)[184]. Por ciúme, essa pessoa colocou 3 ou 4 gramas do pó desse feijão na comida de cada um daqueles homens. Disse também que esses feijões têm o poder de secar totalmente os órgãos sexuais e destruir a visão. O padre soube disso em confissão e deu parte na polícia.

Antigamente, conhecia-se a doença mas não as suas causas. Desde que se tomou conhecimento do fato e o comprovaram, toda a magistratura, publicamente, saiu, em comitiva solene, à procura da árvore, mandou derrubá-la, destruir e queimar. Ninguém conhece a árvore, e dizem que, nas redondezas, não existe outra igual.

Como teria sido interessante conhecer essa árvore tão importante para a História Natural, Ciência e Botânica! Se os padres católicos tomassem uma dose mínima, de talvez meio grama, poderiam assim se preservar dos pecados carnais e da cobiça.

Como neste país há muitas *Mimosa* (uma ervilha), suponho que a árvore procurada seja da mesma família. Existe uma raiz ou casca de árvore ou arbusto nos campos que é vendida secretamente por algumas pessoas. Soube disso através de testemunha ocular das mais confiáveis.

O Presidente, Sr. José Teixeira, presenciou a ação dessa substância em um de seus criados. Em uma única noite, após ter tomado 1 ou 2 doses como purgante, ela fez desaparecer os maiores bubões[185].

Mudança profunda do tempo: calor insuportável.

Roteiro da vila de Tijuco até Ouro Preto:

De Congonhas a Conceição	8 léguas
De lá até Morro do Pilar	5 léguas
De lá a Itambé	6 léguas
De lá a Onça	3 léguas
De lá até José Antônio Mendes	2½ léguas
De lá até Bucette [?]	3 léguas
De lá até Cocais	3 léguas
De lá até Santa Bárbara	2½ léguas
De lá até Brumado	½ légua

TRECHO LITERARIAMENTE ELABORADO DO DIÁRIO INÍCIO DAS VIAGENS PELAS PROVÍNCIAS DO RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS FEVEREIRO - AGOSTO DE 1825

Depois de haver organizado as anotações e o material trazido da minha excursão anterior à Serra dos Órgãos e a Nova Friburgo, de ter passado a limpo a descrição dessa viagem e de ter despachado tudo para São Petersburgo em abril de 1824, lancei-me numa viagem maior à Província de Minas Gerais.

Os preparativos levaram muito tempo e foram muito mais cansativos do que eu havia imaginado. As dificuldades decorreram do fato de não se tratar de um empreendimento particular, mas sim de uma expedição composta por várias pessoas, por mim chefiada, por honrosa delegação que recebi do Sr. Imperador de todas as Rússias, e em cujo sucesso muito me empenhei.

Às pessoas que me acompanharam na viagem anterior - N. Rubtsov, E. Ménétriès e M. Rugendas - juntou-se o botânico Sr. L. Riedel.

Quando tudo ficou pronto, demos início à nossa viagem no dia 8 de maio de 1824, com tempo bom, início da estação seca. Partimos por volta do meio-dia, da Fazenda da Mandioca, ao pé da serra da Estrela.

Achamos melhor percorrer hoje apenas uma boa meia légua, mais precisamente, até a metade da citada serra, porque algumas de nossas mulas eram novas e não estavam acostumadas ao trabalho. Além disso, na hora da partida, apesar de todo cuidado e planejamento, sempre há alguns detalhes a acertar.

Tarde da noite, despacharam para mim, para dar maior comodidade à viagem, uma mula excelente, que, num empreendimento dessa natureza, nunca é demais. Um de meus negros, anteriormente confirmado para viajar comigo, fugira pouco antes por causa de um roubo que cometera, deixando-me numa situação difícil. Já era tarde da noite quando ele chegou com uma carta de padrinho, que, segundo o costume local, em casos comuns, por consideração para com seu protetor, livra o negro da merecida pena. Uma dessas cartas está vazada nos seguintes termos: "O portador desta, escravo E.N.N., suplicou a minha proteção. Por isso escrevo-lhe esta carta, para solicitar indulgência e perdão para o seu procedimento, no que espero ter a honra de ser atendido." Se, mesmo assim, o proprietário quiser castigar seu escravo, ou se este merecer castigo, por exemplo, por causa de um roubo grave, então, por uma questão de cortesia, ele deve notificar o padrinho. O escravo é, então, perdoado por ter fugido, mas, por causa do roubo, ele é castigado, com o consentimento do padrinho.

9/05

Na manhã seguinte àquela em que o escravo me trouxe a carta do padrinho, havia muita coisa para fazer. Todos estavam com as mãos ocupadas, de forma que ele acabou escapando do castigo. O trabalho maior era embalar as caixas de viagem e repartir bem a carga entre os animais. Como, ontem, ela estava muito pesada e mal distribuída, várias alças de ferro das malas (de fabricação inglesa) se partiram no caminho e tiveram que ser substituídas, nesse meio tempo, por correias de couro. Só pudemos retomar nossa caminhada à 1h da tarde. Levávamos 9 animais de carga e 6 de montaria.

Seguindo pela Estrada Real, já conhecida por nós, que, nesta épo-

10/05

Ao nascer do dia (+10°R), mandamos buscar nossos animais, que, felizmente, logo estavam disponíveis. Para não ter que esperar muito pelo café da manhã hospitaleiro, lançamos mão dos alimentos que havíamos trazido e partimos, a bom tempo, para Sumidouro, sem parar em Ponte, Olaria, Magé ou outros estabelecimentos pequenos que apareciam aqui e ali durante o percurso. Chegamos à pousada totalmente cobertos de carrapatos miúdos (um *Acaru* ou *Ricinus linn*). É um inseto bastante incômodo para o viajante e principalmente para o pesquisador naturalista que percorre prados, brenhas e bosques. Ainda terei várias oportunidades de falar sobre ele. É um tipo de bicho-carpinteiro ou percevejo, os mesmos que, na Alemanha, os cães de caça trazem às vezes para casa. Hospedamo-nos novamente na casa do nosso conhecido Sr. Francisco Caetano, onde, no ano passado, descobrimos os ratos-de-barriga-branca. Mas, desde essa época, ele soube que seria bom adquirir alguns gatos, de forma que, desta vez, não conseguimos ver essa raridade zoológica, nem adquirir alguns exemplares dela.

Para chamar a atenção dos próximos viajantes para alguns problemas e transtornos a que está sujeito o observador científico, devo lembrar aqui que, desde que partimos, há poucos dias, já tive que mandar de volta, por estarem totalmente inutilizados, três barômetros ingleses de viagem muito caros, chamados *Englefielsche Gefäß*, feitos por J. Bancks London. Os negros os carregaram, com todo cuidado, sobre os ombros, mas, já na primeira légua, na primeira observação no alto da Serra da Estrela, vazou parte do mercúrio de um deles, aqui em Sumidouro; do segundo e do terceiro, no Paraíba. No entanto, por precaução, conhecendo muito bem a leviandade de muitos fabricantes de instrumentos e os defeitos que um instrumento desse tipo pode apresen-

ca do ano, fica toda enfeitada de flores de *Cassia* e *Rhexia* lilazes[186], chegamos à fazenda do Padre Antonio Tomás de Aquino Correia[187], que estava coberta de frutos europeus (pêssego e marmelo).

O prédio principal fica num lugar plano e aberto. No centro, há duas figueiras americanas (*Ficus americana*)[188], com 40 a 50 pés de altura, cujos galhos extensos e espalhados, sob o sol do meio-dia (sol a pino), produzem uma sombra de 40 passos de diâmetro. O curioso nessas duas árvores, que acabaram se juntando e formando um único tronco, é que ela foram plantadas na terra há cerca de 50 anos, para servirem de ombreiras de um portão de jardim. Logo elas deitaram raízes, formaram galhos e hoje constituem a glória desse estabelecimento.

A vegetação estava praticamente morta. Além de *Phlomis*[189], *Datura stramonium*, que se vêem nos arredores de quase todas as casas, *Cassia* e *Rhexia*, quase não se vêem flores.

A hospitalidade desse proprietário religioso é famosa. Embora ele próprio não estivesse em casa, fomos recebidos amigavelmente na hospedaria (casa destinada à recepção de viajantes). Por volta das 7h30, trouxeram-nos um bom jantar, com carne, arroz e couve, bem temperados com páprica ou pimenta-de-caiena (*Capsicum*) e alho. No lugar de pão recebemos, conforme costume local, farinha de milho, ou seja, farinha de milho preparada de modo especial (veja acima).

Por motivos políticos - sobretudo para não dar aos seus escravos negros a oportunidade de se embebedarem -, não existe aqui nem vinho nem aguardente. Como ele havia levado consigo a chave da adega, foi impossível conseguir uma garrafa de vinho, nem oferecendo dinheiro nem com uma boa conversa. No dormitório havia bons colchões de palha e lençóis de algodão.

tar, consegui, em São Petersburgo, três barômetros de sifão *Panznerschen*, mais baratos e melhores em todos os sentidos. Eu os havia deixado na Mandioca, mas mandei buscar dois deles, que prestaram os melhores serviços durante toda a viagem.

11/05

Como em Sumidouro os pastos são péssimos, nossos animais se espalharam durante a noite e só foram recolhidos já perto do meio-dia, depois de muitas buscas. Com isso, não pudemos partir antes das 2h da tarde e só percorremos 2½ léguas. O caminho margeia florestas montanhosas, passando pelo ruidoso rio Piabanha. De meia em meia hora, passa-se por vários estabelecimentos e ranchos, entre os quais os maiores são o do Padre Secretário e o do Capitão Fagundes.

A fazenda do primeiro é conhecida, num raio de milhas, graças à fertilidade do solo; a do último tem uma localização belíssima, no sopé de um morro elevado, não muito longe de um ribeirão de mata que corre sobre rochas escarpadas e nuas.

Alcançamos a fazenda e o rancho de Pampulha pouco antes do anoitecer. Lá não encontramos um mínimo de conforto e nos venderam alimentos comuns como feijão, toucinho e milho por preços absurdos. Algumas peles cruas de boi espalhadas pelo rancho nos serviram de cama; nossos casacos, de coberta.

12/05

Por precaução, nossos animais foram vigiados durante a noite, para não fugirem; trouxeram-nos logo cedo, alimentados e já carrega-

cia e com uma grande criadagem, diretamente à sede de um estabelecimento para pedir hospedagem por uma noite, esse é mais bem recebido do que aquele que age com o acanhamento e discrição europeus.

Na taberna, encontramos banana, vinho e milho em abundância; pedimos ovos, leite, toucinho, arroz e outros mantimentos, mas em vão.

Estranhei o fato de o milho plantado em setembro e outubro do ano passado, que, nesta estação do ano, está mais barato em todos os lugares, ainda não ter sido colhido aqui. Fui pesquisar e descobri que, embora o milho esteja totalmente maduro, tanto aqui como em outros lugares, ele é deixado no campo até que o feijão (outro produto importante da cultura de subsistência), que foi plantado em março entre os pés de milho já quase secos, esteja igualmente maduro. A colheita é feita só em maio ou junho, quando ambos são levados para o celeiro ou paiol. Com esse procedimento, ganha-se um pouco de tempo. Além disso, o milho que se deixa secar no caule ao longo de meses pode ficar armazenado durante anos nas despensas. Mas, em regiões onde existem muitos macacos, papagaios, porcos-selvagens, capivaras e outros animais selvagens comedores de grãos, o proprietário rural freqüentemente perde grande parte de seu produto.

À medida que nos aproximávamos do vale fértil do rio Paraíba, a menos de 2½ léguas, observávamos que a região era consideravelmente mais baixa e a temperatura, muito mais quente.

13/05

Partimos de manhã bem cedo e, por volta do meio-dia, chegamos à margem direita do rio Paraíba, o maior da Província do Rio de Janeiro, que deságua no grande oceano, ao norte de Cabo Frio, nos arredo-

res de Campo dos Goitacases. Aqui fica a passagem imperial e, na margem esquerda, um registro ou alfândega.

Todo viajante, não importa se vem de Minas ou do Rio de Janeiro, tem que mostrar seu passaporte e pagar o pedágio de estradas, pontes e travessias, mais precisamente, para a estrada calçada da serra da Estrela, para a ponte nova sobre o Paraíbuna e para esta passagem imperial, pelo registro. Pagam-se, por cada mula ou cavalo, 370 réis, e, por cada pessoa, 250 réis. Asseguraram-me que por aqui passam, por mês, 4.000 mulas e 2.000 pessoas. Todas as pessoas e mercadorias vindas de Minas são inspecionadas aqui, para prevenir o contrabando de ouro em pó e de diamantes. No entanto, todas essas medidas parecem ser meramente formais e inócuas, na medida em que só se vistoriam com mais cuidado as pessoas suspeitas. De outra forma, como seria possível controlar o carregamento de centenas de mulas que por aqui passam diariamente, sem prejudicar o comércio?

Os funcionários que trabalham nesse posto alfandegário são: um comandante, que é um capitão militar inválido, com 20 a 24 homens, dentre os quais vários suboficiais inválidos, destacados para inspecionar a bagagem dos viajantes; um provedor, que revista os passes de viagem das barras de ouro vindas de Minas Gerais. Cada barra de ouro é acompanhada de uma ficha impressa pela Intendência do Ouro ou pela fundição de ouro, onde constam o peso, a qualidade do ouro, o local da descoberta e o nome do proprietário da mina. Na verdade, essas barras de ouro precisam ser exibidas no posto alfandegário daqui e então entregues ao Tesouro Imperial do Rio de Janeiro, onde o portador deve receber, em moedas cunhadas de ouro fino, o valor correspondente à quantidade entregue ao Governo. Entretanto, uma vez que o Governo começou a pagar as barras de ouro em prata e em cobre e, no fim, até em cédulas bancárias, os mineiros, ou seja, os habitantes da

Província de Minas Gerais acharam mais conveniente enviar para o Rio de Janeiro, por contrabando, as barras de ouro, ou melhor ainda, o ouro em pó ou a areia aurífera, e lá vendê-las com um ágio elevado. Desse modo, as fundições oficiais se tornaram quase que supérfluas.

O posto alfandegário do Paraíba é um dos maiores, pois é principalmente através desse caminho que a maior parte de Minas Gerais e das províncias mais distantes de Goiás e Mato Grosso suprem suas necessidades de artigos manufaturados e de luxo, como, por exemplo, roupas finas de lã e de algodão, chapéus, ferro, vinho, sobretudo sal e escravos. Por outro lado, o Rio de Janeiro recebe algodão, açúcar, café, roupas rústicas de algodão, couro, bois, vacas, porcos, toucinho, ouro, diamantes e praticamente todos os tipos de pedras preciosas.

Achei conveniente permanecer aqui, principalmente porque o último barômetro *Banchschen* também ficou inutilizado, e eu precisava enviá-lo para a Mandioca e mandar buscar o *Panznerschen*.

Graças à interferência amiga de um jovem alemão de Frankfurt, de nome J. F. Credé, recém-casado e recém estabelecido aqui, conseguimos alojamento, o que, no momento, está muito difícil não só porque nesta terra não há pousadas, mas também porque todos os funcionários de um segundo registro ou posto alfandegário que antigamente funcionava a 4 ou 5 léguas, na passagem do rio Paraibuna, hoje moram aqui. Isso porque foi construída, há pouco, uma ponte sobre esse rio, e a estrada, a travessia e o registro serão transferidos para lá.

Aproveitamos nossa estada aqui para algumas atividades de interesse da História Natural. As baixadas quentes e férteis do vale do Paraíba oferecem uma quantidade e variedade enormes de plantas e insetos. Sobre as rochas planas e bancos de areia do rio, abatemos uma espécie nova de andorinha-pequena-d'água de barriga branca.

15/05

Ficamos aqui dois dias e meio. Pretendíamos partir no dia 15, mas as mulas não colaboraram em nada para isso. Duas delas ficaram muito agitadas e derrubaram a bagagem. Com isso, uma caixa de insetos ficou destruída, e o material coletado, espalhado e destroçado; outras três fugiram em diferentes direções para dentro do mato fechado e só foram encontradas depois de muitas horas de busca. Uma delas havia afundado com o carregamento num alagado e não conseguia sair, de forma que todas as roupas, roupa de cama, papéis e livros ficaram encharcados.

Às 2h, finalmente, conseguiram reunir toda nossa tropa (ou seja, todos os nossos animais). Só pudemos chegar ao nosso destino de hoje, Farinha, pouco antes do anoitecer, após percorrer 2 léguas e depois de um dia de trabalho árduo. Mas não foram só os transtornos causados pelas mulas que nos retardaram: o caminho era penoso, pois subia um morro de 1.600 pés de altura. Mas fomos recompensados, primeiro, pela bela vista panorâmica que tivemos da encosta desse morro, onde montes e vales se alternavam; e depois pela descoberta de muitas plantas novas, como, por exemplo, belas *Lobelia*, *Polypodium*, *Malpighia* e *Oxalis folus pinnatis*[189].

Em Farinha, onde nos encontramos agora, só existem cabanas pobres, geralmente cobertas de palha; um rancho ruim e uma venda proporcionalmente muito pior, ou seja, uma taberna. Nossos cavalos e mulas não estavam numa situação melhor do que a nossa, isto é, eles também não tinham o que comer. Já na noite de lua cheia, alguns correram para o rancho - pois o pasto era ruim - onde normalmente são alimentados com milho.

16/05

De manhã cedo, nossos negros saíram para procurar três mulas que faltavam. Tivemos que colocar ao sol, para secar, os documentos que ficaram encharcados ontem. Além disso, ainda havia uma mula perdida; por isso tivemos que permanecer aqui.

17/05

De manhã cedo, os negros foram novamente despachados para a mata úmida para procurar a mula perdida. Mandou-se também o tropeiro para o Paraíba, pois sabe-se que as mulas têm o hábito de percorrer o mesmo caminho de onde vieram. Mas foi tudo em vão: os negros voltaram à noite sem terem cumprido a sua tarefa.

18/05

Na manhã seguinte, apesar de o tropeiro ainda não ter voltado do Paraíba, dei ordens para selarem e carregarem os animais, para partirmos, ainda hoje, para o Paraibuna e Vargem, a 3 boas léguas daqui.

Por volta das 9h, estávamos todos prontos. Todavia, mal havíamos deixado o rancho, novamente os animais causaram confusão e tumulto. Alguns galoparam na frente, dando coices para trás e para frente; outros se embrenharam na mata; alguns correram para frente, outros, para trás. Mesmo com todo o pessoal da tropa (cerca de 5 negros), sem o tropeiro, não tínhamos mãos suficientes para controlar os animais.

Conseguiram juntar, às pressas, as caixas quebradas e a bagagem

espalhada. Os animais foram recapturados e recarregados; os mais selvagens foram conduzidos com rédeas; e assim prosseguimos viagem.

Neste ponto, alguns de meus leitores certamente me diriam que eu não tinha necessidade de vir para o Brasil para presenciar essas cenas no dia-a-dia. A eles eu responderia que, na pátria européia, seria possível evitar cenas desse tipo. Mas quero, com ênfase e insistência, alertar os futuros viajantes para as inúmeras dificuldades a que, inevitavelmente, terão que se sujeitar no Brasil.

A propósito, é bem mais fácil e muito menos cansativo para um leitor, sentado em sua poltrona, ler superficialmente algumas observações, que, quem sabe, até lhe pareçam supérfluas, do que para um viajante no Brasil ter que esperar dias a fio a volta de animais perdidos e fujões, passar por todo tipo de incômodo, ficar sob um sol escaldante, transpirando constantemente e se desidratando, e ainda sujeito a passar fome e sede. Muitas vezes, na melhor das hipóteses, o que se consegue é uma refeição fibrosa, composta de feijão seco, toucinho e farinha de pão - diferente da farinha de mandioca, na medida em que esta é produzida a partir da tapioca ou amido que se obtém espremendo-se fortemente a raiz da mandioca. Freqüentemente, nem por todo dinheiro do mundo se consegue a mais ordinária das cachaças. Não é raro o viajante ter que deitar seu corpo cansado sobre peles de boi duras, ao invés de sofás macios, sempre correndo o risco de ver destruída, dispersada ou perdida toda a sua bagagem, instrumentos valiosos e material de História Natural colhido.

É impossível fazer uma viagem confortável neste país.

NOTAS

[1] A partir de 1808, quando foi nomeado adjunto em Botânica, na Academia de Ciências de São Petersburgo, Langsdorff passou a ser chamado, na Rússia, por Grigori Ivanovitch Langsdorff. (N.T.)

[2] Guarda-livros de Langsdorff; veio com ele em 1822 no navio *Doris*. (N.T.)

[3] A respeito dessa estrada, os cientistas alemães von Spix e von Martius escrevem, no relato que fizeram de sua viagem à Fazenda Mandioca, o seguinte: "De Mandioca, a estrada utilizada pelas caravanas com destino a Minas Gerais, margeada por escapos grotescos de agaves [...] e moitas de flores coloridas, segue através da mata virgem, passando rente a precipícios e por escuros e estreitos desfiladeiros, até quase o alto da serra, que é então atingido por uma estrada dispendiosa e até hoje a única calçada no Brasil, com uma extensão de quase uma milha." [Milha é uma antiga medida itinerária brasileira, equivalente a 1.000 braças, ou seja, 2.200m]. Ainda hoje existem partes dessa estrada como nos mostra a fotografia tirada pelo etnólogo Hans Becher, em 1980. [Hans Becher, *O Barão Georg Heinrich von Langsdorff. Pesquisas de um cientista alemão no século XIX*, pgs. 32, 33 e 46]. (N.T.)

[4] Hoje, cidade de Correias, RJ. (N.T.)

[5] Gênero pertencente à familia *Leguminosae*, com flores em geral amarelas, muito vistosas. É difícil precisar qual a espécie em questão pois à época o gênero era composto por numerosas espécies, muitas das quais atualmente incluídas nos gêneros *Senna* e *Chamaeorista*. (J.R.S.)

[6] Gênero da família *Melastomataceae* no qual diversas espécies brasileiras foram descritas no século passado, mas que atualmente compreende apenas espécies da América do Norte. A espécie em questão pode pertencer ao gênero *Tibouchina*, ao qual fazem parte a Quaresmeira e o Manacá-da-Serra, espécies bastante comuns nas florestas do Sudeste brasileiro e que possuem grandes flores lilases. (J.R.S.)

[7] Refere-se à espécie do gênero *Ficus (Moraceae)*. Diversas espécies ocorrem no Brasil, muitas delas atingindo grande porte, sendo difícil identificar qual a espécie em questão. O autor enfatiza a origem americana da espécie, provavelmente para distingui-la das espécies asiáticas conhecidas na Europa. (J.R.S.)

[8] Gênero da família *Lamiaceae (Labiatae)* no qual diversas espécies brasileiras foram descritas, mas que atualmente estão incluídas em outros gêneros. (J.R.S.)

[9] Espécie da família *Solanaceae*, conhecida popularmente como Estramônio, Figueira-do-Inferno ou Zabumba, usada como medicinal pela presença de alcalóides escopolamina e hiosciamina. Apesar da sua origem provavelmente mexicana, esta espécie ruderal já estava espalhada, naquela época, em diversas regiões do mundo, inclusive o Brasil. (J.R.S.)

[10] Corresponde a *Capsicum Frutescens (Solanaceae)*, uma espécie de pimenta amplamente cultivada em toda a América. Alguns cultivares produzem frutos muito picantes e são bastantes apreciados, especialmente no Nordeste do Brasil. (J.R.S.)

[11] O termômetro Reaumur compreende uma escala de apenas 80 graus. Para se convertê-los em centígrados, deve-se dividi-los por 4 e multiplicá-los por 5. (N.T.)

[12] Neste trecho até o Rio Paraíba, os viajantes atravessam a região da Mata Atlântica, muitas vezes denominada "floresta virgem" devido ao seu aspecto denso e impenetrável, muito embora no seu interior haja bastante espaço livre nas camadas inferiores. (G.C.C.)

[13] Guarda-mor era o fiscal de alfândega. (N.T.)

[14] Em tupi-guarani, significa mato bravo e espinhoso. (N.T.)

[15] Pataca é uma moeda antiga de prata, equivalente a 320 réis; alqueire é uma antiga unidade de medida de capacidade para secos, equivalente a 36,27 litros. (N.T.)

[16] Bangüê é o conjunto da fornalha com três tachos de cozinhamento, onde se prepara o caldo de cana ou a garapa para a fabricação da cachaça e do açúcar. (N.T.)

[17] Dentre outras medidas para controlar os "descaminhos do ouro" - ou seja, o contrabando de ouro e também de pedras preciosas (particularmente o diamante) - o governo instituiu ainda nos tempos da colônia o controle e as inspeções nas fronteiras de Minas Gerais. Esse controle era mais intenso nos limites do Distrito Diamantino (atual região de Diamantina-MG), como se pode perceber na referência à **permissão** para visita que Langsdorff teve que obter (em 11/12/1824). (S.F.M.F.)

[18] Nas proximidades do rio Paraíba, os viajantes encontram os primeiros sinais de mudança de vegetação, ou seja, a passagem da Mata Atlântica, que também ocorre na Serra dos Órgãos, para Floresta Estacional, assim denominada por apresentar muitas espécies arbóreas que perdem as folhas na estação seca. (G.C.C.)

[19] Gênero da família *Lobeliaceae*, cujas espécies são em geral herbáceas, possuindo folhas reunidas em rosetas basais e inflorescências terminais muito compridas, em geral com mais de 1m de comprimento. (J.R.S.)

[20] Gênero de Samambaia (*Pteridophyta*) com diversas espécies na região Sudeste do Brasil. (J.R.S.)

[21] Família com muitos representantes no Brasil, caracterizados pelas flores em geral amarelas ou rosadas com glândulas junto ao cálice. O Murici (*Byrsonima*), pelos seus frutos comestíveis, é uma das espécies mais conhecidas no Sudeste e Nordeste do Brasil. (J.R.S.)

[22] Na verdade Langsdorff refere-se a cupins (térmitas). (G.C.C.)

[23] Deve-se ressaltar aqui, que sob esta observação, parece encontrar-se subentendido o processo de sucessão vegetal, ou seja, depois da derrubada da mata, a vegetação natural regenera-se através de espécies arbustivas que formam a capoeira, onde, sem ocorrer nova perturbação, observa-se a volta da formação vegetal semelhante à original. (G.C.C.)

[24] Antiga moeda portuguesa, de ouro ou de prata. (N.T.)

[25] Medicamento à base de cantaridina, secreção das moscas espanholas, que provoca irritação local para fazer cessar um estado inflamatório existente noutra parte do corpo. (N.T.)

[26] Entre 1803 e 1828, moeda francesa de ouro equivalente a 20 francos. (N.T.)

[27] A esse respeito, G. G. Manizer relata-nos, em seu livro *A Expedição do Acadêmico G. I. Langsdorff ao Brasil*: "Em Minas Gerais, até hoje, não acabou o hábito de colocar cruzes de madeira em todas as colinas, encruzilhadas ou em outros lugares salientes."[Companhia Editora Nacional, edição de 1967, pg. 69.] (N.T.)

[28] Refere-se a uma das etapas do processo de secagem de plantas. As amostras coletadas são prensadas entre papéis absorventes que retiram a umidade. Quando estes papéis estão muito úmidos, eles são substituídos por outros secos, para evitar que as amostras mofem e se estraguem. Os papéis úmidos, por sua vez, devem ser secos para poderem ser reutilizados durante a viagem. Este processo era repetido tantas vezes quanto necessário durante a viagem. (J.R.S.)

[29] Gênero da família *Acanthaceae*, com flores em geral rosadas ou arroxeadas. (J.R.S.)

[30] [*Solanum*]. Gênero da família *Solanaceae*, cujas espécies crescem em geral em capoeiras e na borda da mata. A este gênero pertencem diversas espécies usadas na alimentação, como a batata e a beringela, entre outros. (J.R.S.)

[31] [*Compositae*]. Refere-se ao nome da família botânica *Asteraceae*, cujas espécies possuem uma inflorescência típica denominada capítulo, "composta" de numerosas pequenas flores que juntas assemelham-se a uma única flor, como ocorre na margarida ou no girassol. (J.R.S.)

[32] Gênero da família *Cecropiaceae*, cujas espécies são conhecidas propriamente como "Embaúba" e crescem em locais perturbados, borda e clareiras na mata; algumas espécies têm interessantes associações com formigas. (J.R.S.)

[33] Nome popular de diversas espécies do Gênero *Inga* (*Leguminosae*), árvores que crescem em geral na beira de rios e cujo fruto, uma vagem, possui sementes envoltas por uma polpa branca, adocicada e comestível. (J.R.S.)

[34] Gênero da família *Asteraceae (Compositae)*. (J.R.S.)

[35] Refere-se a uma das poucas espécies de gimnospermas nativas do Brasil, o Pinheiro-do-Paraná, ***Araucaria angustifolia*** (*Araucariaceae*) que tem seu limite norte de distribuição natural em Minas Gerais. A semente da Araucária, conhecida como pinhão, é muito apreciada na alimentação. (J.R.S.)

[36] Nome popular de diversas espécies da família *Anacardiaceae*, especialmente dos gêneros *Lithraea, Sohinus, Astronium* e *Myracrodruon*. (J.R.S.)

[37] [*Hyptis*]. Gênero da família *Lamiaceae* (*Labiatae*), em geral representado por arbustos com folhas aromáticas que liberam bastante óleo essencial. Mesma família a qual pertence a Hortelã. (J.R.S.)

[38] Gênero da família *Melastomataceae* no qual diversas espécies brasileiras foram descritas no passado. Em seu conceito atual, *Melastoma* não ocorre no Brasil, e as espécies brasileiras pertencem a outros gêneros como *Tibouchina*. (J.R.S.)

[39] Aqui, e em páginas à frente, Langsdorff se refere a um tipo de material muito comum na região (talco), popularmente conhecido como "pedra-sabão" devido à sua baixíssima dureza - pode ser facilmente riscado pela unha. Essa propriedade faz com que seja muito fácil entalhá-lo, sendo esse artesanato extremamente comum e característico da região até os dias de hoje. Referências a outros minerais também comuns (e até abundantes, como o ferro) aparecem nas páginas seguintes. (S.F.M.F.)

[40] Antiga moeda alemã, de prata. (N.T.)

[41] Ou arrátel: antiga unidade de medida de peso, equivalente a 459 g ou 16 onças. (N.T.)

[42] Antiga unidade de medida de peso, equivalente a 32 arráteis ou libras, ou seja, 14,7 kg aproximadamente. (N.T.)

[43] Hermann Burmeister, em seu livro *Viagem ao Brasil*, pg. 206, descreve o que ele chama de "lâmpada brasileira de cobre". Ela "tinha forma medieval, redonda e de quatro orifícios com os respectivos pavios; o corpo, repousando numa haste central coberta com uma tampa, assemelhava-se muito aos recipientes de incenso que se usam nas igrejas católicas. Tal lâmpada não falta em nenhum lar mineiro. Queimam nelas óleo de rícino, que chamam de óleo de mamona, visto que as folhas de rícino e as da cárica têm formas idênticas." (N.T.)

[44] =52.000.000 réis. (N.T.)

[45] O apogeu da extração aurífera em Minas Gerais e no Brasil ocorreu no século XVIII. As primeiras notícias sobre descobertas de ouro feitas por paulistas por volta de 1693-95 provocaram uma corrida exploradora às Minas Geraes. Nos primeiros 70 anos do século XVIII o Brasil chegou a produzir o equivalente ao resto da América Espanhola no período de 1493 a 1850 - ou seja, 50% do total da produção mundial entre os séculos XV e XVIII. A mineração entrou então em decadência: após ter atingido uma produção de mais de 15 ton/ano por volta de 1750. essa caiu a menos de 5 ton/ano em 1785. As análises e a própria Coroa portuguesa reconheciam que um dos problemas essenciais residia na precariedade das técnicas extrativas, e providências visando a melhor preparação dos mineiros e dos administradores das minas foram tomadas, como a viagem mineralógica empreendida durante 10 anos por Manuel Ferreira da Câmara (o Intendente Câmara que será mencionado mais à frente) e José Bonifácio de Andrada e Silva através de importantes centros de mineração europeus. No entanto. os limites da introdução de novas técnicas exploratórias foram enormes, se não esquecermos a situação prolongada de crise que o Império português atravessou até perder sua maior e mais importante colônia em 1822. Com isso, a precariedade permaneceu por longo tempo, notada por Langsdorff bem como por outros naturalistas que o antecederam (Eschwege e Mawe) ou sucederam (Burton), sistematicamente associada à miséria das populações que sobreviveram nas regiões. (S.F.M.F.)

[46] Gênero da família *Rosaceae*; em geral arbustos apoiantes, espinhentos, com frutos comestíveis e muito apreciados, conhecidos como "Amora-do-mato" ou "Framboesa-do-mato". (J.R.S.)

[47] Difícil saber com precisão a identidade desta espécie. Pode tratar-se do Cedro, *Cedrella fissilis* (*Meliaceae*), uma espécie comum das matas do Sudeste brasileiro que atinge grande porte, cuja madeira é muito apreciada e usada para diversos fins. (J.R.S.)

[48] O cânhamo é uma planta do mesmo gênero da maconha, Cannabis, de origem asiática, que é muito utilizada por suas fibras. Não é portanto, nem o linho (Linum, Linaceae) nem o algodão (Gossypium, Malvaceae), mas uma terceira planta. (G.C.C.)

[49] Antiga unidade de medida de peso correspondente a 3,586 gramas. (N.T.)

[50] Inhame ou taiova ou ainda taioba são nomes dados à plantas do gênero *Alocasia*, *Colocasia* e *Xanthosoma*, monocotiledôneas da família das Aráceas, de grandes folhas sagitadas, que crescem em áreas alagadas. As folhas apresentam toxicidade aos humanos, embora possam ser ingeridas após cozimento, mas o caule rizomatoso é muito apreciado como alimento. (G.C.C.)

[51] nome dado a diversas plantas do gênero *Dioscorea* (Dioscoreaceae). (G.C.C.)

[52] Restilo é o produto da restilação, ou segunda destilação, resultando numa cachaça de primeira qualidade. (N.T.)

[53] Cachaça de cabeça é a que se destila em primeiro lugar, de teor alcoólico mais elevado. (N.T.)

[54] Refere-se a *Euterpe edulis*, palmeira comum nas florestas úmidas litorâneas do Sul e Sudeste brasileiros, cujo meristema encontrado no ápice do caule é comestível e muito apreciado. (J.R.S.)

[55] Em Minas Gerais, o nome Sapé (sapé-de-cobrir-rancho) é atribuído a *Imperata brasiliensis*, uma genuína invasora muito freqüente em solos ácidos e secos. (J.R.S.)

[56] Ou goiabas. (N.T.)

[57] Gênero americano de *Solanaceae*, com algumas espécies cultivadas como ornamentais pelas suas flores muito perfumadas, como *Cestrum nocturnum*, a conhecida Dama-da-noite. (J.R.S.)

[58] [*Acacia mimosa*]. Refere-se a alguma espécie do gênero *Acacia* (*Mimosaceae* ou *Leguminosae*), um arbusto apoiante ou trepadeira com acúleos (um tipo de espinho) recurvos, comum nas capoeiras e locais perturbados. (J.R.S.)

[59] [*Bauhinia*]. Gênero da família *Leguminosae*, comum nas matas do Sudeste brasileiro, com espécies popularmente conhecidas como "Pata-de-vaca" devido à forma de suas folhas. (J.R.S.)

[60] Cidade Imperial de Ouro Preto. (N.T.)

[61] Hermann Burmeister, em sua *Viagem ao Brasil*, faz referência ao "Capitão Guido Thomás de Marlière, que, em sua fazenda de Guidovalle, tão relevantes serviços prestou aos índios." Ele era tido como grande benfeitor. (N.T.)

[62] São os chamados "faiscadores", que realizam o trabalho de "faiscação", que é a mineração rudimentar, feita sem aparelhagem mecânica. (N.T.)

[63] Ou grupiara, que é o depósito de cascalho existente nos sopés das montanhas e de onde se extrai o ouro. (N.T.)

[64] A "canoa" é uma escavação em forma de canal, que conduz a água até um fosso normalmente retangular. O fundo é inclinado no sentido da correnteza, terminando numa bica. Debaixo desta é colocado um couro curtido com os pelos voltados para cima, contra o sentido da água, a fim de reter o ouro. Lançado o cascalho ou a areia aurífera na entrada, solta-se a água contida no pequeno reservatório e remexe-se o material a ser lavado. Os detritos e impurezas são assim postos fora da "canoa", levados pela força da correnteza. O ouro mais pesado permanece agarrado aos pelos do couro, os quais, de vez em quando, são retirados e lavados em água limpa, colhendo-se o ouro. É o chamado processo de "canoa e bica", ainda hoje utilizado em algumas regiões auríferas. (N.T.)

[65] Nome popular de algumas espécies pertencentes ao gênero *Miconia* (*Melastomataceae*). Em geral, as espécies deste gênero habitam a floresta secundária e não atingem grande porte. (J.R.S.)

[66] Refere-se a *Caephaelis ipecacuanha* (*Rubiaceae*), uma espécie que habita o sub-bosque das mastas do Sudeste brasileiro; possui um alcalóide, a emetina, usada como forte vomitivo (quando da ingestão de substâncias tóxicas), contra tosse, como expectorante e como amebicida. (J.R.S.)

[67] Posto militar entre cabo e sargento. (N.T.)

[68] Trata-se de *Joannesia princeps* (*Euphorbiaceae*), árvore encontrada na região das florestas semideciduais do Sudeste brasileiro. (J.R.S.)

[69] Refere-se a *Ricinus communis* (Mamona, Carrapateiro) e *Jatropha urens* (Cansação), também pertencentes à família *Euphorbiaceae*. (J.R.S.)

[70] Tanto *Jatropha* como *Joannesia*, são utilizados medicinalmente, podendo em alguns casos causar violentas desinterias.(G.C.C.)

[71] Refere-se a *Bixa arborea* (*Bixaceae*), árvore nativa das matas do Sudeste brasileiro, cujas sementes possuem os mesmos pigmentos encontrados na espécie amazônica, *Bixa orellana*, amplamente cultivada e explorada comercialmente. (J.R.S.)

[72] Pagamento por um dia de trabalho. (N.T.)

[73] Feto é a designação comum a todos os pteridófitos da ordem *Filicales* ou Filicíneas; abrange também as samambaias e as avencas. (N.T.)

[74] Refere-se a *Pteridium aquilinum*, *Polypodiaceae*, uma espécie de samambaia que cresce em solos degradados, ácidos e de baixa fertilidade. (J.R.S.)

[75]Antiga unidade de medida de comprimento equivalente a cinco palmos, ou seja, 1,10m; ou porção de

tecido com o comprimento dessa medida. (N.T.)

[76] Refere-se à *Chiococca alba* (*Rubiaceae*), também conhecida popularmente como "Cainca", "Cipó-cruz" ou "Raiz-fedorenta", uma espécie medicinal usada em quase todo o Brasil. (J.R.S.)

[77]A tradução literal da expressão correspondente em alemão é "febre fria". (N.T.)

[78] Essa palavra não foi encontrada em nenhum dos dicionários de Língua Portuguesa consultados. As expressões encontradas que mais se aproximam dela são: **saracotinga**, que é uma cobra não-venenosa, e **caratinga**, nome dado a um tipo de trepadeira e também a um tipo de sagüi encontrado em Minas Gerais e Espírito Santo. (N.T.)

[79] Provavelmente trata-se de uma espécie de *Chamaecrista* (*Leguminosae*); muitas espécies deste gênero são conhecidas como "fedegosos" e são utilizadas como laxante. (J.R.S.)

[80] Diversas espécies do gênero *Aristolochia* (*Aristolochiaceae*) ocorrem no Sudeste brasileiro e são utilizadas na medicina popular. (J.R.S.)

[81] Em geral, espécies do gênero *Smilax* (*Smilacaceae*) são conhecidas popularmente como Japecanga ou Salsaparrilha e utilizadas como anti-sifilíticas. *Piper* (*Piperaceae*), também é um gênero utilizado como medicina no Sudeste de Brasil, mas normalmente é conhecido por "jaborandi" ou "pariparoba" e utilizado como anti-inflamatório e diurético. (J.R.S.)

[82] Refere-se a *Solanum cernuum* (*Solanaceae*). O nome popular é uma alusão à semelhança das inflorescências pêndulas, densamente vestida de longos pelos castanhos, com o braço da preguiça ou mono, dois animais nativos da região. (J.R.S.)

[83] [*Mikania*]. Solidônia é o nome popular de *Trixis divaricata*, que assim como *Mikania*, também pertence à família *Asteraceae* (*Compositae*). (J.R.S.)

[84] Provavelmente trata-se de uma espécie do gênero *Cayaponia*; em geral a raiz é utilizada como purgativa e não os frutos. (J.R.S.)

[85] Refere-se provavelmente a *Eichhornia crassipes* ou *Eichhornia azurea* (*Pontederiaceae*), espécies aquáticas amplamente dispersas nas regiões tropicais brasileiras. (J.R.S.)

[86] Ele deve estar se referindo à vila chamada Catas Altas da Noruega. (N.T.)

[87]Uma Euphorbiaceae de folhas avermelhadas, muito utilizada atualmente como ornamental. (G.C.C.)

[88] O Capim-melado ou Capim-gordura (*Melenis minutiflora*), originário da África, foi introduzido no Brasil há mais de dois séculos e, por muito tempo, foi considerado nativo do nosso país. É uma espécie invasora, de crescimento muito rápido, mas considerada também uma ótima forradeira. (J.R.S.)

[89] O mencionado "Rochus Schuck" é certamente "Roque Schüch", bibliotecário da Arquiduquesa Leopoldina da Áustria que a acompanhou ao Brasil, juntamente com outros naturalistas como Spix,

Martius, Pohl e Radi, quando de seu casamento com o príncipe D. Pedro (I). Schüch estabeleceu-se no Brasil e um de seus filhos, o engenheiro Guilherme Schüch de Capanema, foi figura de destaque da elite intelectual brasileira do século XIX. Nova referência a desconhecimento e uso de técnicas mais adequadas de mineração é feita na descrição do passado da extração. (S.F.M.F.)

90 Langsdorff começa a destacar a partir dessa página as imensas jazidas de ferro da região, que serão intensamente exploradas até a atualidade. (S.F.M.F.)

91 É fundamental situar todas as proibições e controles da Coroa portuguesa mencionados por Langsdorff no contexto do mercantilismo então em vigor e sua noção de "exclusivo colonial", isto é, a posse e o total controle do comércio de produtos naturais das colônias pela metrópole, posto que não era prática exclusiva de Portugal, mas sim comum aos outros impérios coloniais contemporâneos. A "abertura dos portos"decretada em 1808 significou a suspensão desse controle em virtude da metrópole e sede do império haver-se transferido para o Brasil.. (S.F.M.F.)

92 Não legível no original (N.T.)

93 Ou loureiro. (N.T.). [*Laurus*]. Gênero da família *Lauraceae*, no qual algumas espécies brasileiras conhecidas popularmente como "canelas" foram descritas. Atualmente este gênero está restrito ao velho continente e as espécies brasileiras incluídas em diversos outros gênero. (J.R.S.)

94 No período entre 1824 e 1889, o capital britânico investido nas atividades de mineração, essencialmente em Minas Gerais, representou pouco mais de 4% do total investido no país. Um balanço final desses empreendimentos dão um saldo de um caso de grande sucesso (a St. John d'El Rey Mining Co.), um de performance medíocre e 14 fracassos (cf. Libby, 1991). E o caso de sucesso , absoluta excessão, deveu-se à conjugação de três fatores - riqueza da jazida de Morro Velho, excelente administração, com introdução de inovações tecnológicas, e estabelecimento de uma poderosa articulação política no país, o que garantiu os interesses da companhia (cf. Eakim, 1986) (S.F.M.F.)

95 Jaborandi, em quase todo o Brasil é o nome popular de espécies do gênero *Pilocarpus* (*Rutaceae*). Em algumas regiões de Minas Gerais, contudo, este nome é dado a algumas espécies de *Piper*, especialmente *Piper aduncum* (*Piperaceae*). (J.R.S.)

96 O gênero *Fragaria* (*Rosaceae*) não é nativo do Brasil, devendo a espécie pertencer a outro gênero e talvez até outra família. (J.R.S.)

97 Expressão francesa que quer dizer: "com garfo". Langsdorff chama a atenção para o fato, talvez porque, no almoço, se comia com os dedos. (N.T.)

98 Seriam os Coleóforas, que são pequenas mariposas? (N.T.)

99 Orquidea. (G.C.C.)

100 Onagraceae trepadeira, de belas flores com coloração mesclada de rosa e vermelho. (G.C.C.)

101 *Malva* não é um gênero americano, de forma que as espécies referidas devam pertencer atualmente a

outros gêneros da Família *Malvaceae*. (J.R.S.)

102 *Lycopodium* (*Lycopodiaceae*) é conhecido popularmente com pinheirinho é utilizado como ornamental e medicinal; diversas espécies crescem nas serras de Minas Gerais. (J.R.S.)

103 Não há registro deste binômio nos *index* de nomes científicos botânicos. (J.R.S.)

104 A palmeira referida no texto é *Acrocomia aculeata* (*Aprecaceae*), uma espécie muito comum na região do Planalto Central brasileiro (floresta semidecidual); seu caule e suas folhas são revestidos por espinhos compridos e escuros. (J.R.S.)

105 Ervas aromáticas de origem européia, cultivada no Brasil, entre as quais a hortelã-pimenta. (G.C.C.)

106 Trata-se de uma espécie de *Zanthoxylum* (*Rutaceae*), que pelos espinhos espessos que possui no caule é também chamada "Mamica-de-porca". O gênero *Fragaria* (*Rosaceae*) não ocorre no Brasil. (J.R.S.)

107 *Chiococca alba*.(J.R.S.)

108 Futura Belo Horizonte. (N.T.)

109 Hans Becher ignorou esse trecho sobre a água; realmente, ele não está muito claro no original. (N.T.)

110 Diversas espécies de árvores da família *Leguminosae* são conhecidas como Barbatimão ou Angico. Nesta região de Minas Gerais, a espécie mais comum de Barbatimão é *Stryphnodendron adstringens* é a de Angico, *Anandenanthera macrocarpa*. (J.R.S.)

111 Desde 1808 o Brasil contava com instituições de ensino superior, como as Academias Médico-cirúrgicas da Bahia e do Rio de Janeiro (ambas de 1808) e a Academia Real Militar (1810). A criação de uma universidade foi tentada, dentre outras vezes, durante a Assembléia Constituinte de 1824, e é seguramente a esse projeto que Langsdorff se refere. (S.F.M.F.)

112 Provavelmente se refira a alguma espécie da família *Lauraceae*, popularmente conhecidas como "canelas". (J.R.S.)

113 Espécies do gênero *Opuntia* (*Cactaceaea*), são conhecidas como "Palma" ou "Figueira-da-índia", sendo cultivadas também como forrageiras. Antes do descobrimento dos corantes sintéticos, cultivava-se a cochonilha (um homóptero) sobre *O. cochinillifera* para a obtenção do pigmento vermelho-carmim, um corante de alimentos. (J.R.S.)

114 *Hancornia speciosa*, Apocynaceae, arvoreta do cerrado cujos frutos são utilizados em ampla escala em doces, sucos e sorvetes. (G.C.C.)

115 Refere-se a *Myrciaria trunciflora* (*Myrtaceae*), uma espécie nativa das matas do Sudeste e Sul do Brasil; os frutos atropurpúreos, quase negros, são produzidos no tronco e não no ápice de ramos foliosos, como é comum na maioria das plantas. (J.R.S.)

116 Passo: antiga unidade de medida de comprimento equvalente a uma distância de 0,70m/0,90m (220 passos=176m). (N.T.)

117 Refere-se provavelmente a *Myracrodruon urundeuva* (*Anacardiaceae*), uma espécie de ampla distribuição, mas que habita preferencialmente formações vegetais mais secas, como a caatinga e florestas estacionais. (J.R.S.)

118 O termo campo de capoeiras deve referir-se ao "cerrado", formação vegetal típica da região. Sabe-se atualmente que o aspecto atrofiado das espécies desta formação deve-se principalmente a problemas edáficos (ausência de nutrientes e toxicidade de certas substâncias como o alumínio) e não por problemas hídricos, ou mesmo, pela ação do vento. (J.R.S.)

119 Calumba ou calunga é o nome popular de *Simaba* (*Simaroubaceae*) em Minas Gerais, um sub arbusto do Cerrado, cujas raízes são amargas e tônicas. (J.R.S.)

120 Cabra é o mestiço de mulato e negro. (N.T.)

121 No original, essa frase está confusa. (N.T.)

122 Provavelmente, um pilão. (N.T.)

123 O autor deve estar se referindo ao tamanduá-bandeira. (N.T.)

124 Úlcera venérea. (N.T.)

125 Diversas espécies do Gênero *Mikania*, *Asteraceae* (*Compositae*) ocorrem no Brasil. Algumas delas, conhecidas como "guaco" possuem folhas muito aromáticas e são utilizadas na medicina popular contra a tosse e como expectorantes. (J.R.S.)

126 Taboca é o nome popular de algumas espécies de bambus nativos do Brasil, sendo difícil se saber qual a espécie em questão. (J.R.S.)

127 Angelina, também angelim, é o nome popular das espécies do gênero *Andira* (*Leguminosae*). Das espécies do gênero ocorrentes na região, *Andira humilis*, é a mais comum. (J.R.S.)

128 Ou sucuri. (N.T.)

129 Ou bicho-do-pé. (N.T.)

130 Seria Ferreira Couto? (N.T.)

131 A mangabeira, *Hancornia speciosa* (*Apocynaceae*), é uma árvore nativa do Cerrado e da Caatinga brasileira, cujos frutos são comestíveis e muito apreciados, principalmente na Região Nordeste do Brasil. (J.R.S.)

132 Interessante verificar a percepção de Langsdorff sobre a fragilidade do ecossistema do Cerrado, assim

como o de alguns habitantes do lugar, que demonstravam a capacidade de diferenciar formas possíveis de manejo da região, especialmente os possíveis efeitos do fogo. (G.C.C.)

133 Serra da Lapa faz parte do conjunto de montanhas da Cadeia do Espinhaço denominada "Serra do Cipó". A vegetação encontrada na Serra é denominada "Campo Rupestre", com espécies crescendo sobre floramentos rochosos (quartzo) ou sobre solos arenosos, pouco profundos, bem drenados. As temperaturas são, em geral, elevadas durante o dia e relativamente baixas à noite. Muitas espécies endêmicas são encontradas neste tipo de formação. (J.R.S.)

134 A espécie encontrada por Riedel trata-se provavelmente de *Discocactus placentiformis*, um cacto arredondado que ocorre na região da Cadeia do Espinhaço entre Diamantina, Serro e Conceição do Mato Dentro. (J.R.S.)

135 O termo mais aproximado que os dicionários registram é *Sauroglossum*, um gênero de orquídeas da América do Sul. (N.T.)

136 Os dicionários registram *Vellozia*, gênero de plantas brasileiras, muito freqüentes nas serras do Planalto Central. (N.T.)

137 A flora dos campos rupestres é muito rica, especialmente em espécies das Famílias *Velloziaceae* (*Vellozia*, *Barbacenia*, etc.), conhecidas como "Canela-de-ema", *Melastomataceae* (diversos gêneros como *Microlicia*, *Lavoisiera*, cujas espécies foram muitas vezes, descritas como *Rhexia*), *Eriocamaceae* (*Eriocaulon*)e *Xyrioaceae* (*Xyris*), estás duas últimas conhecidas como "Sempre-vivas". (J.R.S.)

138 Como unidade de medida para secos, hoje corresponde a 20 l; como unidade de medida de superfície brasileira, cerca de 2½ a 5 hectares. (H. B.)

139Açúcar-cande. (H. B.)

140 Chá-de-pedestre é o nome popular de *Lippia corymbosa*, (*Verbenaceae*). (J.R.S.)

141 No original está "tana"; Hans Becher releu como "lautaxa". Os dicionários não registram nenhum dos dois vocábulos. Os que mais se aproximam e que se encaixam no contexto são: *Lantana*, gênero de ervas tropicais da família das Verbenáceas, e *Tanacetum*, erva da família das Compostas. (N.T.)

142 *Hydrocopyle* (*Apiaceae*) é uma espécie rasteira, que cresce nos campos arenosos. Pouca ou nenhuma semelhança parece existir entre ela e o *ginseng*, *Panax ginseng* (*Araliaceae*), a não ser o parentesco entre as Famílias a que pertencem. (J.R.S.)

143 A mandioca, Manihot esculenta (= *Jatropha manihot*) *Euphorbiaceae*, é uma espécie neotropical amplamente cultivada pelos índios americanos antes do Descobrimento da América, sendo sua origem difícil precisar. A Região Central Leste do Brasil, principalmente nos Estados de Goiás, Minas Gerais e Bahia, é uma das mais ricas em espécies do gênero. Os materiais coletados por Riedel durante esta expedição são tipos nomenclaturais de algumas espécies e subspécies do gênero. (J.R.S.)

144A palavra *Aromia* não foi encontrada nos dicionários. Hans Becher reescreveu como "anemia", que

não parece se enquadrar no contexto. As espécies botânicas que mais se aproximam graficamente são *Arenaria* e *Anona*. (N.T.)

145 [Pteris] provavelmente *Pteridium aquilinum*. (J.R.S.)

146 Talvez ele esteja se referindo à Mandiocaçu, ou à Mandioca-mansa. (N.T.)

147 Espécies do gênero *Aloe* (*Lilaceae*) são as conhecidas "Babosas", originárias da África e não ocorrentes na América. É difícil saber, neste caso, a identidade do gênero. (J.R.S.)

148 Diversas espécies do gênero *Campomanesia* (*Myrtaceae*) são em geral conhecidas como Guariroba e possuem frutos comestíveis, muito apreciados. *Campomanesia adamantium*, é uma espécies comum nesta região e, pela pequena descrição apresentada, pode ser a espécie em questão. (J.R.S.)

149 A partir dessa página Langsdorff passa a descrever aspectos geológicos, econômicos e sociais de outro importante recurso mineral de Minas Gerais, o diamante, que teve seu ciclo de intensa exploração e produção de riqueza mais curto do que o do ouro iniciado em fins do século XVIII. O modo de ocorrência aluvial, i.é., misturado a areias e cascalhos que, por sua vez, não são a rocha-matriz, favorece a exploração superficial como garimpo e a cata mencionados por Langsdorff. (S.F.M.F.)

150 O vintém, antiga moeda de cobre em Portugal e no Brasil, equivalia a 20 réis. (N.T.)

151 O Jatobá, *Hymenaea courbaril* ou *H. stigonocarpa* (*Leguminosae*), é uma árvore que cresce no cerrado e florestas semidecíduas, cujos frutos produzem uma polpa farinácea comestível, apreciada pela população das regiões onde ocorre e pela fauna. (J.R.S.)

152 Certamente trata-se do texto *"Memória sobre as Minas da capitania de Minas Gerais suas descripções, ensaios e domicílio próprio; à maneira de itinerário, com 1 appendice sobre a Nova Lorena diamantina, sua descripção, suas producções mineralogicas e utilidades que d'este paiz possam resultar ao Estado."* (escrita em 1801). Rio de Janeiro, E. & H. Laemmert, 1842. (S.F.M.F.)

153 O Buriti, *Mauritia flexuosa* (*Arecaceae*) é uma palmeira com folhas em leque, que habita áreas brejosas ou inundáveis das Regiões Nordeste, Centro-Oeste e parte do Sudeste. (J.R.S.)

154 José Vieira Couto (1752-1827) formou-se em Filosofia e Matemática em Coimbra, onde também lecionou. Couto compartilhava uma visão da história do planeta que mesclava as concepções catastrofistas [(cujos principais expoentes foram Buffon (1707-1778) e Cuvier (1769-1832)], com a "*Terra em Decadência*" das *Teorias da Terra* correntes ao longo do século XVIII - nas quais teólogos e deístas em geral procuravam estabelecer o plano da criação na Natureza. (S.F.M.F.)

155 O parágrafo está truncado e sem sentido. Tentamos fazer uma tradução literal. (N.T.)

156 Pirita decomposta, satélite do diamante. (N.T.)

157 *Genipa americana* (*Rubiaceae*) é popularmente conhecida como Genipapo. Seus frutos são comestíveis e utilizados para fabricação de doces e licores. Os indígenas brasileiros utilizavam-nos como corante,

extraindo uma tintura escura dos frutos, com a qual pintavam a pele. (J.R.S.)

158 [*Pteris*]. Provavelmente ***Pteridium aquilinum***.

159 Continuação no Caderno 16. (N.T.)

160 Ou *Quent*, antiga medida alemã, equivalente a 1,67g. (N.T.)

161 A palavra original é "*Mantelgestein*", que não existe nos dicionários consultados. Uma tradução literal poderia resultar: "rocha de superfície", "rocha de manta", "rocha de cobertura", "rocha de capa", "rocha envoltória". (N.T.)

162 Antiga unidade de medida de peso, equivalente a ¼ quilate ou 49,8 miligramas. (N.T.)

163 Trecho transcrito em português por Langsdorff. (N.T.)

164 Cactus do Gênero *Opuntia*.

165 Seria interessante comparar esta relação com os dados substanciais fornecidos por W.L. von Eschewegw, que viveu e estudou por alguns anos essa região a serviço do governo português. (S.F.M.F.)

166 Também chamada Pau-de-balsa. (N.T.)

167 Os frutos silvestres correspondem às seguintes espécies: ***Anacardiaceae***: ***Anacardium humile*** (caju-do-campo); ***Annonaceae***: Rollinia *sp* (Araticum); ***Apocynaceae***: ***Hancornia speciosa*** (Mangaba); ***Bromeliaceae***: ***Bromelia sp*** (Gravatá-do-campo); ***Caryocariaceae***: ***Caryocar brasiliensis*** (Pequi), ***Myrtaceae***: ***Psidium guajava*** (Goiaba), ***Camponanesia sp*** (Guabiroba), ***Myrciaria trunciflora*** (Jaboticaba), Aea, Pêssego-do-campo, Murta(?); ***Passifloraceae***: ***Passiflora sp*** (Maracujá); ***Rubiaceae***: ***Genipa americana*** (Genipapo); ***Solanaceae***: ***Solanum lycocarpum*** (Fruta-de-lobo), ***Solanum sp*** (Joá). (J.R.S.)

168 Calcinar = decompor um composto químico por aquecimento; transformar para se obter cal. (H.B.)

169 Provavelmente *Chamaecrista sp* (*Leguminosae*). (J.R.S.)

170 Os vocábulos que mais se aproximam são: marizeira, uma planta da família das leguminosas; mari, planta icacinácea; teixo, árvore conífera. (N.T.)

171 A Carnaúba, *Copernicea prunifera* (*Arecaceae*), é uma espécie característica do Nordeste brasileiro, de cujas folhas se extrai uma cera empregada para diversos fins. É possível que a planta em questão não se trate da verdadeira carnaúba, mas de outra espécie de palmeira, pois os frutos descritos, do tamanho de uma maçã, são muito maiores do que aqueles encontrados na carnaúba, que em geral não passam de 2 cm de diâmetro. Além disso, a distribuição da carnaúba limita-se à Região Nordeste, não sendo encontrada no Estado de Minas Gerais. (J.R.S.)

172 Medida de peso inglesa equivalente a 28,349 gramas. (N.T.)

[173] A palavra encontrada que mais se aproxima é Corindiúba (ou crindiúva ou quatindiba), uma árvore da família das ulmáceas, que fornecem madeira alva, fibrosa e flexível. (N.T.) A Gurintiúba, conhecida também como Grandiúva, Pau-pólvora ou Crindiúva, *Trema micrantha* (*Ulmaceae*), é uma espécie pioneira, de crescimento muito rápido, encontrada em todo o Brasil e América tropical. (J.R.S.)

[174] Originalmente, terreno que uma junta de bois podia lavrar em um dia. Antiga medida agrária, que variava conforme o país, equivalente aproximadamente a 3 Km^2. (N.T.)

[175] A Palmeira-macaúba é outro nome popular do Coco-de-catarro, *Acrocomia aculeata* (*Arecaceae*). (J.R.S.)

[176] Uma medida = medida para secos de 10 a 20 l. (H. B.)

[177] Poderia ser também a ilmenita ou titanato ferroso. (N.T.)

[178] Deve-se registrar aqui o seguinte: em sua transcrição, o tradutor russo escreveu apenas a inicial A da palavra; H. Becher registrou, primeiramente, a palavra "*Allotrien*", que, em alemão, quer dizer "tolices, besteiras", mas a corrigiu a mão, alterando para "*Allotropien*", que pode significar alotropia ou alótropos. Sendo Ménétriès um zoólogo, certamente seria de se esperar que ele estivesse se ocupando com os "alótropos". Todavia, conhecendo-os a antipatia mútua entre Ménétriès e Langsdorff, pode-se perfeitamente aceitar que este estivesse querendo mesmo dizer "tolices", inclusive contrapondo-o ao Riedel, "que trabalhava com afinco". Seria um trocadilho de Langdorff? (N.T.)

[179] Esta obra, publicada em 1824, descreve e ilustra diversas espécies vegetais, muitas delas medicinais, observadas pelo botânico Auguste St. Hilaire durante suas viagens pelo Brasil (1816-1822). A listagem compilada corresponde aos diversos nomes científicos dados à Ipeca por diferentes botânicos, sendo o primeiro, *Cephaelis ipecacuanha*, o nome correto e os restantes considerados como sinônimos. (J.R.S.)

[180] Esta Região de Minas Gerais corresponde a um dos limites austrais da Cadeia do Espinhaço e os campos nela encontrados são naturais, floristicamente semelhantes aos campos rupestres encontrados para o Norte, mas com uma menor riqueza de espécies. (J.R.S.)

[181] Langsdorff pode estar se referindo ao pesquisador europeu J. Mawe, que visitou Minas Gerais no início do século XIX e escreveu um livro relatando essa viagem, publicado em 1816. (N.T.)

[182] *Attalea dubia* (*Arecaceae*) é a palmeira conhecida como Indaiá nesta região, e cujos frutos são utilizadas na alimentação pela população e pela fauna em geral. (J.R.S.)

[183] Permissão ministerial (H. B.).

[184] É difícil se saber a que espécie da família *Leguminosae* se refere. Diversas espécies são consideradas tóxicas, especialmente por possuirem aminoácidos não proteicos nas sementes, uma proteção contra a predação. (J.R.S.)

[185] Inchação inflamatória dos nódulos linfáticos na região inguinal (H. B.).

[186] Provavelmente refira-se à espécie do Gênero *Tibouchina* (*Melastonataceae*), que possui flores lilazes e são conhecidos popularmente como Manacás-da-serra ou Cevarisutiras.(J.R.S.)

[187] Esse bravo homem morreu poucos meses depois de nossa passagem. (Langsdorff)

[188] Na língua portuguesa, é chamada de gameleira, porque se fazem gamelas e vasos com o seu tronco grosso. (Langsdorff).

[189] Espécies do Gênero *Oxalis* (*Oxalidaceae*) são conhecidas popularmente como "Azedinha" ou "Trevo". A presença de folhas pinadas nesta espécie, ao invés das folhas digitadas normalmente encontradas no gênero, é enfatizada através da expressão latina "*folus pinnatis*". (J.R.S.)

Índice

A

C

F

H

I

M

N

O

Índice Geográfico

B

C

D

E

F

G

Q

R

S

T

U

V